

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLITICA**

**A BEBIDA DE CIRCE: ENSAIOS SOBRE O CETICISMO, O CONSERVADORISMO  
E O PENSAMENTO CONSERVADOR EM MICHEL DE MONTAIGNE**

**DALTON FRANCO**

**NITERÓI**

**2013**

**DALTON RODRIGUES FRANCO**

**A BEBIDA DE CIRCE: ENSAIOS SOBRE O CETICISMO, O CONSERVADORISMO  
E O PENSAMENTO CONSERVADOR EM MICHEL DE MONTAIGNE**

Tese apresentada ao Departamento de  
Ciência Política da Universidade Federal  
Fluminense como requisito parcial para a  
obtenção de Grau de Doutor em Ciência  
Política na Área de Concentração de Teoria  
Política.

Orientador: Professor Dr. Renato Lessa

**NITERÓI**

**2013**

**A bebida de Circe: ensaios sobre o ceticismo, o conservadorismo e o pensamento conservador em Michel de Montaigne**

**APROVAÇÃO**

Tese apresentada ao Departamento de Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção de grau de Doutor em Ciência Política na Área de Concentração de Teoria Política.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Danilo Marcondes (UFF/PUC-RJ)

Prof. Dr. Cesar Kiraly (UFF)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mayra Goulart (IUPERJ)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachel Herdy (UFRJ)

Prof. Dr. Renato Lessa (Biblioteca Nacional/UFF)  
(Orientador)

Prof. Dr. José Eisenberg (UERJ) - suplente

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celia Kerstenetzky (UFF) - suplente

Saci-Pererê no redemoinho  
Se caipora me enrola  
Fumo de corda ensina o caminho  
(*Tempo Menino – Dominginhos*)

Para Yan S. Franco,  
Wendel Rodrigues da Silva e  
Isadora E. B. Franco

## **Agradecimentos**

Aos professores Eurico de Lima Figueiredo, Renato Lessa e Maria Antonieta Leopoldi da Universidade Federal Fluminense. Sou grato pelo que representam para a minha formação. Eurico, pela sua capacidade de empreender, surpreender e superar. Renato, pela sua habilidade de criar, inovar e redigir. Antonieta, pela aplicação, método e disciplina. Subtraio nomes importantes, mas penso que os três representam o meu sentimento em relação ao mestrado e ao doutorado que essa universidade me ofereceu. Penso que as características e o caráter de cada um deles, se não me tornaram um indivíduo melhor, ao menos serviram e servem como um patrimônio intelectual valioso para os anos que me aguardam no mercado de trabalho.

Minha família: Leni Maria Rodrigues Franco, Elton Rodrigues Franco, Ilton Rodrigues Franco, Yan Santiago Franco, Isadora Emmer Beltrão Franco, Léia da Silva Boechat e Rogéria Emmer. À minha segunda família: Richard Derby, Karen Walker e Anna Derby; e Marcos Brandão. Por representarem uma gigantesca matriz de sentimentos como amor, cumplicidade e solidariedade.

Daniele Grimião, Janaína Valle e Élide Fernandes. As três lêem comigo, direta ou indiretamente, o ceticismo e Michel de Montaigne há vários anos. Não é demais afirmar que várias das mudanças e revisões que realizei ao longo dos anos, e também durante a redação, aconteceram baseadas em algumas das suas avaliações. Os eventuais erros e os defeitos que persistem são de minha inteira

autoria. Em particular, Janaína Valle, a leitora mais crítica e ácida dessas linhas, conseguiu produzir e adicionar mais polidez gramatical ao texto do que as quantias módicas que teria conseguido sozinho. Na pior das hipóteses, ela reduziu os danos que causei à norma culta e retirou algumas boas cascas e grosserias da minha rusticidade gramatical.

Aos amigos João Ricardo Brandão e Giovanni Harvey, e à Incubadora Afro Brasileira. Pelo apoio incondicional durante os últimos dois anos desse trabalho.

Ao professor Nader Asgary – Bentley University.

Ao município de Belford Roxo.

Hercília Santiago Brilhante de Albuquerque, artista plástica, Eliane Santiago Brilhante de Albuquerque, ex-namorada, professora e amiga eterna. A segunda, uma das maiores incentivadoras do meu trabalho, aquela, além de apoiadora, transmitiu-me um cheque em branco para que custeasse as despesas do curso preparatório ao vestibular num momento de angústia, de completa inexistência de meios e de dúvidas. Depois de duas tentativas de ingresso absolutamente fracassadas, posso asseverar a suspensão da suspensão do juízo, pois afirmo, como quem professa alguma fé e a filosofia, que o apoio das duas foi decisivo na minha vida. Além disso, D. Hercília despertou-me o interesse pela arte e Eliane emprestou-me um livro de Gabo, nos idos de dois mil, que pairam sobre alguns dos fragmentos dessa tese.

Ao orientador, Renato Lessa, pela liberdade, paciência e pelo estímulo que gentilmente me forneceu durante os últimos anos. Os eventuais defeitos desse trabalho são monopólio da minha teimosia. Os eventuais acertos são inspirados na sua carreira.

À agência de fomento Capes.

Na cultura eu aprendi na realidade o que sou  
Um animal racional que a muito se deformou  
No vago destino que a natureza criou  
Mas que já fui habitante de um mundo superior  
*(A luz do saber – Jackson do Pandeiro)*



## **RESUMO**

Esta tese tem por finalidade procurar estabelecer a contribuição do ceticismo para o conservadorismo. Procuo demonstrar que alguns argumentos específicos do ceticismo atravessam as principais imagens recentes conhecidas como pensamento conservador. Argumento que o ceticismo antecipa e poliniza vários conservadorismos presentes na teoria política. Demonstro que alguns autores recentes que se dedicaram a definir os contornos do pensamento conservador ignoram a contribuição dos cétricos. Além disso, os autores que se dedicam ao ceticismo desprezam a contribuição específica dos cétricos para o pensamento conservador. Sugiro uma imagem final composta pela combinação de Sexto Empírico e Michel de Montaigne que qualifica a definição de um pensamento cétrico conservador.

Palavras-chave: ceticismo, conservadorismo, inovação, conservação, disputa.

## **ABSTRACT**

The goal of this thesis is to establish the contribution of skepticism to conservative thought. I attempt to demonstrate that some specific arguments of skepticism intersect the major recent models known as conservative thought. I argue that skepticism anticipates and propagates diverse forms of conservatism in political theory. I show that several recent authors who dedicate themselves to defining conservative lines of thought ignore the contributions of the skeptics. Besides this, the authors whose work is dedicated to skepticism dismiss the specific contribution of the skeptics to conservatism. I proffer a final model composed of the synthesis of Sexto Empirico and Michel de Montaigne that characterizes the definition of skeptical conservative thinking.

Keywords: skepticism, conservatism, innovation, conservation, dispute.

## **RÉSUMÉ**

L'objectif de cette thèse est d'établir la participation du scepticisme au conservatisme. Je vais montrer que certains arguments, spécifiques au scepticisme ont un rapport avec les principales images récentes comme la pensée conservatrice. Selon moi, le scepticisme anticipe et transmet beaucoup de conservatisme présent, dans la théorie politique. Je vais chercher à montrer que certains auteurs récents - qui se sont consacrés à la définition des contours de la pensée conservatrice- ignoraient la contribution des sceptiques dans leurs ouvrages. En outre, les auteurs qui se consacrent au scepticisme méprisent généralement la contribution particulière des sceptiques à la pensée conservatrice. Je ferai enfin référence à une image finale -composée d'un mélange entre Sexto Empirico et Michel de Montaigne- qui définit la pensée sceptique conservatrice.

Mots-clés: le scepticisme, le conservatisme, l'innovation, la conservation, dispute.

## **RESUMEN**

Esta tesis tiene como finalidad tratar de establecer la contribución del escepticismo hacia el conservadurismo. Busco demostrar que algunos argumentos específicos del escepticismo atraviesan las principales imágenes recientes conocidas como el pensamiento conservador. Argumento que el escepticismo anticipa y poliniza varios conservadurismos presentes en la teoría política. Demuestro que algunos autores recientes que se dedicaron a definir los contornos del pensamiento conservador ignoran la contribución de los escépticos. Además, los autores que se dedican al escepticismo desprecian la contribución específica de los escépticos al pensamiento conservador. Sugiero una imagen final compuesta por la combinación de Sexto Empírico y de Michel de Montaigne que califica la definición de un pensamiento escéptico conservador.

Palabras claves: escepticismo, conservadurismo, innovación, disputa.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro A:** pesquisa dogmática sobre a coerência e consistência do cético. Hipótese de ato inqualificável – comando do tirano contra a vontade do cético – 34.

**Quadro B:** resposta de Sexto Empírico contra a pesquisa dogmática. Hipótese de ato ilegal – comando do tirano contra a vontade do cético – 36.

**Quadro C:** percepção de categorias internas aos esquemas conservadores em Mannheim e no Ceticismo – 124.

**Quadro D:** representação do tempo pirrônico – 238.

## SUMÁRIO

### **Capítulo 1 - O pensamento conservador: as afinidades entre o ceticismo e a teoria da conservação política**

- Os cétricos e por que são conservadores – 1
- A representação conservadora – 12
- Da solução moderada – 29
- Do ceticismo nas algibeiras – 50

### **Capítulo 2 - Os personagens, a personalidade e a natureza da atividade cética**

- O ceticismo existe – 69
- A crença e a atividade cética – 83
- O argumento da relatividade cética e o conservador de Mannheim – 95
- O nascimento do conservador: o magismo contra o homem rudimentar – 110
- A fabulosa fábrica de tempos curtos e o tempo difuso – 126
- As características comuns: a solução Oakeshott – 143
- Discussão sobre a solução Oakeshott – 154

### **Capítulo 3 - A bebida de Circe: a invenção do pensamento conservador em Montaigne**

- Carta ao leitor avisado – 165
- A consistência conservadora – 169
- A inconsistência conservadora – 185
- A primeira e a segunda pele – 202

### **Capítulo 4 - A grande escola de buscas em Montaigne**

- O mundo é uma escola – 217
- O conservador que se move – 218
- A imaginação do tempo – 231
- As corridas mais belas – 244
- A fórmula cética: o edifício de cinco pavimentos – 256

### **Bibliografia**

- Lista - 271

## **Apresentação**

Este ensaio tem por objetivo investigar a contribuição do ceticismo para a teoria política e para o segmento conhecido como pensamento conservador. Procuo definir quais aspectos da tradição cética podem antecipar e conduzir argumentos que atravessam várias abordagens nas quais estão em discussão as imagens antagônicas da inovação e da conservação. Argumento que os cétricos habilitam, antecipam e fundamentam uma atomização de pensamentos conservadores e conservadorismos. Procuo demonstrar que o padrão de reflexão estabelecido por Sexto Empírico encobre, soberbamente, as investidas recentes do pensamento conservador e que Michel de Montaigne qualifica e organiza propriamente a tradição legada pelos antigos no que pode ser chamado de pensamento cético conservador.

O texto está dividido em quatro capítulos. O primeiro traz uma apresentação sumária do núcleo da atividade cética. A partir dessa exposição, sugiro cinco pontos que fornecem a base do argumento geral dessa tese segundo a qual os cétricos fixam subsídios para a reflexão conservadora. O segundo capítulo traz uma discussão baseada em autores recentes que se dedicaram ao conservadorismo e que, de algum modo, o relacionam ao ceticismo. Com esses trabalhos, verifico a capacidade de o legado cético fundamentar e se distinguir de alguns modelos de interpretação baseados em eventos específicos da teoria política. O terceiro capítulo será dedicado a Michel de Montaigne. Com este, penso que os pontos dispersos no

ceticismo se materializam no que poderá ser chamado de pensamento cético conservador. O quarto capítulo também será dedicado a Montaigne. Com este capítulo final, imagino fechar o desenho da contribuição dos céticos para uma parcela da reflexão política. Não forneci uma conclusão para o trabalho, contudo procurei demonstrar no capítulo final, com alguma clareza, a relação dos pontos de entrada, os insumos que me sugeriram o conservadorismo no ceticismo com a aplicação e a sistematização realizadas por Montaigne. Esses dois capítulos finais conformam uma unidade em torno do centro da tese, na qual os céticos polinizam a teoria política e as suas áreas internas como a do pensamento conservador.

## Introdução

O ceticismo e o cético são conservadores. Se considerarmos a obra dos seus principais autores, por certo teremos uma contribuição maior do que uma pequena assertiva que aparentemente carece de contexto. O alcance do substantivo é maior do que a capacidade de um cético. Em um ambiente de disputa entre lados antagônicos, o indivíduo que convida a dúvida para o diálogo, com um sentido negativo, recebe o desígnio fácil e mágico de cético. Essa solução recorrente não sofre a surpresa de uma palavra repetida em ambientes intelectuais, como aquela que conhecemos pelo objeto fora do tempo, que chamamos de imagem ou de desenho *anacrônico*. Em outras palavras, a contribuição do ceticismo e a sua sistematização, através dos textos de autores como Sexto Empírico, habitam em vasta medida a disputa intelectual em torno do adjetivo *cético*. Essa evidência provável imprime danos contra a necessidade de contextos que expliquem aquela assertiva de abertura. O ceticismo e o cético pesquisam incessantemente. O espaço de disputa sobre a natureza de um fenômeno perpassa uma grande variedade de ambientes de conflitos, nos quais a conservação ou o conservadorismo consistem em apenas uma de suas manifestações.

A mesma assertiva de abertura traz uma divisão anterior aos conservadores. Ela divide os céticos do *ceticismo* e dos *ceticismos*. Pois, implicitamente, o cético, nessa versão, não é necessariamente um autor do ceticismo, ele apenas o manifesta.

Obviamente eles podem andar juntos, mas não são ocorrências concomitantes e necessárias, conforme sugiro. O ceticismo duvida e se mantém na pesquisa sobre a qualidade das nossas certezas, das nossas produções de verdades e das nossas definições da natureza e da essência das coisas que aparecem ao entendimento humano. O uso do ceticismo num ponto de uma disputa hipotética configura um *episódio cético* – o que se poderia chamar de ceticismo *vulgar*, ou de *senso comum*, o que não seria uma designação objetivamente negativa para um cético como Porchat Pereira. O uso sistemático do ceticismo como chave de interpretação da experiência social constitui a característica principal de um cético profissional. O cético aplica o expediente da pesquisa e da dúvida sistemática ao longo de sua convivência social, ele manifesta a dúvida sobre uma investida hipotética da razão sobre o que as coisas são num referido momento da nossa experiência. Essa operação, quando imposta sobre a conduta e a prática da convivência comum, premia a conservação desse mesmo espaço, ou seja, os céticos conservam o espaço de interação comum, eles conservam a política. A razão pode ser simplificada. O ambiente de disputa sobre a certeza dogmática, a certeza fiada pelo caminho aparência-essência, com certa regularidade na história, estabelece um convite à imoderação, à conflagração, à luta corporal, à guerra contra a certeza adversária. Por outro lado, o ambiente no qual as certezas rivais são permeadas pela dúvida sobre as suas próprias fabricações de certezas pode resultar, segundo creio, num clima domesticado e moderado. Em outros termos, a conservação do agregado, a conservação da convivência e a da experiência humana flui com mais facilidade quando assolados pelas dúvidas disparadas pelo ceticismo. Por um ponto de vista bastante otimista, a convivência sob os marcadores da dúvida pode auxiliar a reprodução de um sistema amigável que podemos chamar de humanitário.



Essa imagem do ceticismo e da sua aplicação conservadora, ao meu juízo, inflige constrangimento contra qualquer hipótese que requeira um contexto específico da vida política. O centro do meu argumento caminha no sentido contrário a um suposto anacronismo no conservadorismo cético. Sustento que o ceticismo e a sua conservação habilitam imagens ficcionais de conservadores e de conservadorismos que dispensam aplicações temporais necessárias e nítidas, como levantes, revoluções ou eventos datados pelas cronologias históricas e pela linha contínua da história das ideias políticas. Portanto, diante da questão sobre qual conservadorismo resulta do ceticismo, sugiro que ele habilita, antecipa e fundamenta uma atomização de pensamentos conservadores e conservadorismos. Como caminho subsidiário, emprego três grupos de fontes distintas no tempo e em fabulações de imagens conservadoras. Em primeiro lugar, procuro mostrar quais pontos da trajetória do ceticismo redigido por Sexto Empírico podem promover respostas conservadoras para problemas e questões práticas da convivência humana no contexto de disputas em torno de comandos simples de apoio ou reprovação contra alguma decisão prática. Em segundo lugar, investigo alguns procedimentos comuns aos cétricos empregados e apropriados por alguns pensadores modernos consagrados por seus conservadorismos, bem como demonstro alguns dos seus exercícios recorrentes para fixar e promover uma espécie de atavismo estrábico, segundo o qual o conservadorismo aparece como uma experiência exclusivamente recente na trajetória da reflexão política. Nesse ponto, especialmente, discuto autores recorrentes no tema como Karl Mannheim, Michael Oakeshott, Edmund Burke e Karl Marx. Em terceiro lugar, trabalho em grande medida o ceticismo do ensaísta moderno Michel de Montaigne. Com este último, será possível definir algo que

poderemos chamar de *pensamento conservador cético*. Montaigne articula pelo conto, pela crônica e pela filosofia um conjunto de recursos descritos por Sexto Empírico, a partir de grupos em conflito e conflagrados, a despeito de não assumir nenhuma narrativa que o fixe necessariamente ao seu próprio mundo contíguo.

Essa tese terá por finalidade investigar o ceticismo como um condutor de conservadorismos atomizados em favor da convivência política. As leituras que realizei me sugerem que os expedientes empregados, através das narrativas conservadoras, socorrem-se sobremaneira de algum argumento específico do ceticismo antigo e moderno. Observo nessas descrições de fabulações conservadoras as composições e estratégias de argumentações presentes no ceticismo. O anacronismo, tal como apresentei pela assertiva de abertura, goza de uma espécie de prestígio de um só sentido quando tratamos de ceticismos e conservadorismos. O pensamento conservador, para alguns autores recentes, aparece apenas com as experiências modernas. Os argumentos que sugerem a suspensão do julgamento ou a manutenção dos costumes são úteis para introduzir o conservador, mas são inúteis para consagrar um conservadorismo cético na maior parte dos trabalhos que analisei. A visão geral dos autores que li sugere que o cético e o ceticismo são suficientes para sustar a opinião, mas não são argumentos que consagrem o pensamento conservador. Não tenho a intenção de ligar o ceticismo ao nascimento do conservadorismo, desejo apenas estudar e testar uma demonstração da capacidade que o arsenal legado pelos cétricos pode representar para o pensamento conservador. Edmund Burke, uma espécie de lugar comum das narrativas conservadoras, misteriosamente começa o seu trabalho mais conhecido no tema pela suspensão do julgamento, ou seja, começa por uma das peças e

expedientes mais marcados na literatura cética. A conservação, o conservadorismo, o pensamento conservador, numa tal ordem, estão presentes sobre a terra, posso supor, há muitos séculos, mas insistimos que a sua datação e nascimento começam junto ao que convencionamos chamar de progresso.

Na maior parte do trabalho evitei esse caminho repetido e essa relação fácil entre o conservadorismo oposto a qualquer concepção de progresso ou avanço. Pelo contrário, trabalho com autores distantes no tempo, distantes em ceticismos e em pensamentos conservadores. Procuo ligar três grupos de reflexões em torno de uma interpretação que não se compromete com um evento ou com uma ocorrência histórica: Sexto Empírico, alguns pensadores recentes e o pensador moderno Michel de Montaigne. A ordem de entrada do exame desses autores não obedece a uma cronologia e, da mesma maneira, não tenho compromissos metodológicos com o contexto de nenhum desses grupos. Trato os três como *grupos* baseado em registros bastante conhecidos. Sexto Empírico organiza os argumentos de vários céticos que lhe antecederam na história do ceticismo e realiza os acréscimos de suas próprias interpretações sobre eles. Quanto a Mannheim, Oakeshott, Burke, Marx creio ser um grupo heterogêneo, mas essencial para o tema na ordem que proponho. Em relação a Michel de Montaigne, a razão para tratá-lo debaixo desse rótulo é simples: há vários autores e vários ceticismos extraíveis dos seus ensaios. A partir do exame dessa literatura, desses três grupos de autores, verifiquei que o ceticismo pode representar um pensamento conservador que atravessa todas essas narrativas. Ao mesmo tempo, não observei o crédito e a descrição clara dos pontos do ceticismo que abastecem o conservadorismo. Há associações entre ambos, mas não há associação entre argumentos dentro do legado cético e uma definição de

conservadorismo. A visão geral que percebi, entre esses autores recentes, informa que o conservadorismo aparece, sobre a política, ativado por eventos extremos como as grandes transformações sociais. Essa estratégia de interpretação impõe uma data de nascimento ao conservadorismo e um evento icônico como uma revolução. Entendo que o pensamento conservador pode emergir com o ceticismo em tempos variados que acolhem esse ícone e em tempos onde eles são prescindíveis, de modo que sugiro que o cético está habilitado a participar com o seu conservadorismo em tempos de agito social, em tempos de calma e em tempos de agito e calma.

Ao invés de ligá-los através de eventos segundo a história do pensamento político, penso em associá-los através de argumentos concomitantes na narrativa conservadora e nos argumentos presentes no ceticismo. Procuo sair do caminho habitual, no qual aparece essa associação parcimoniosa e difusa entre ambos. Entre os autores que trabalham uma relação pouco nítida entre céticos e conservadores, como Jean Starobinski, o ceticismo é uma ferramenta que apenas inicia o conservadorismo, a sua parcela é apenas preliminar, ela remove os argumentos dogmáticos. A partir disso, surge a adesão de um cético ao curso ordinário da organização social, ao conservadorismo, por razões práticas e não por razões céticas. Penso que a razão continua sendo cética. Entendo que a falta de compreensão e a carestia de estudos sobre essa associação entre os céticos e os conservadorismos configuram as justificativas que preenchem esse trabalho. Os principais autores consagrados no ceticismo, como Hugo Friedrich e a sua dedicação a Montaigne, realizam associações bastante gerais entre os argumentos céticos e as narrativas conservadoras. Segundo vejo, é oportuno descrever quais

pontos constituem estratégias comuns e quais constituem o terreno propriamente da reflexão conservadora originada do legado cético.

Esse trabalho está dividido em quatro capítulos, quatro ensaios que comportam certa unidade entre si a partir do primeiro deles. No primeiro capítulo, “O pensamento conservador: as afinidades entre o ceticismo e a conservação política” apresento brevemente o que me parece ser o ceticismo e a sua contribuição sumária para a vida intelectual. Não me alonguei na apresentação do ceticismo, o sentido que forneci foi o de definir, conforme me parece, e aplicar uma leitura mais adequada ao que considero ser a conservação da convivência humana. A razão é clara: o ceticismo está muito bem apresentado em vários autores antigos e recentes. A preocupação nessa etapa do trabalho é mostrar o núcleo da atividade cética. Em seguida, ocupei-me em mostrar uma interpretação de alguns pontos importantes e que me parecem conexos à animosidade cética em relação à mudança social mediada pela razão dogmática. Procuo representar os cétricos em torno de cinco pontos centrais e comuns ao que procuro definir como o desenho do pensamento conservador ou meta-conservador: a) a opção temporal; b) a causalidade; c) a suspensão do julgamento; d) a tradição; e) o propósito humanitário. No primeiro caso, os cétricos participam do conflito sobre a certeza e manifestam a sua decisão no curso de uma discussão como qualquer outro indivíduo que pense, fale e se mova. A dúvida sobre a certeza dogmática, o ataque sistemático ao caminho de interpretação apressada sugerem uma preferência cética pela interpretação baseada num corte temporal maior do que o corte dogmático, temerário e estanque no tempo. No segundo deles, o dispositivo da explicação da certeza nova contra a certeza habitual, baseado numa interpretação estranha e radical originada de um

procedimento de causalidade desconhecida, aparece como uma inovação radical e perturbadora. A causalidade nova é uma operação que atenta contra o padrão de apelo à tradição estabelecido pelos cétricos. No terceiro ponto, a suspensão do julgamento, um atributo recorrente e preliminar entre os autores cétricos, consiste num adiamento, na sustação liminar da investida dogmática. Segundo esse instrumento, a inovação não é boa ou ruim, apenas requer mais tempo para ser apreciada; o exercício de suspensão arremessa a decisão sobre a discussão para o futuro, para um tempo difuso e longe do tempo presente. O quarto ponto, o guia de ação, o parâmetro prático de atuação na vida em comum, aparece através do elogio reiterado à tradição, à obediência às leis, ao hábito, ao costume, aos mitos e à religião conhecidos. Considero essa pluralidade de guias pelo primeiro deles, de modo que uso a tradição como o parâmetro regular e oposto à investida das inovações dogmáticas. O quinto e último aspecto organiza um sentido aos quatro pontos anteriores. O amor cétrico à humanidade, uma frase dita por Sexto Empírico, aparece-me como um propósito, além de constituir uma meta expressa de cura da doença dogmática por meio das palavras. Argumento que essa meta se materializa na ação prática da atividade política pelo conservadorismo. Procuro produzir inteligibilidade a partir da figura de uma cidade hipotética, a cidade cétrica de Sexto Empírico, também trabalhada posteriormente por outros autores, a partir da qual ensaio a investida dogmática contra a tranquilidade cétrica.

No segundo capítulo, “Os personagens, a personalidade e a natureza da atividade cétrica”, procurei constituir uma interpretação dos mesmos pontos anteriores, dessa vez com uma aplicação ainda mais contundente. Argumento que o cétrico nasce dentro de um domínio específico, caracterizado por uma reflexão preconcebida em

torno da paixão pela tranquilidade, pela aderência tácita ao juízo vigente, pela noção alongada do tempo intelectual e compreensão do mundo. Que o sistema de causalidades sugere um defeito privado temerário, que a tradição imprime inteligibilidade por meio das instituições, que os cétricos montam um sistema de detecção e defesa contra os dogmas e que a diafonia é sedutora e eficaz para imprimir a visão cética de mundo conservado. Em seguida, abro a discussão com autores que se dedicaram ao tema da relação entre o ceticismo e a política. Fiz uso da interpretação de Renato Lessa, segundo a qual o cético sustenta um estoque de crenças, e de Petr Lom, segundo a qual o cético não consegue sustentar crenças. Diante dessa bifurcação, defendo que a ataraxia, a noção de vida tranquila para os cétricos, pode constituir, por si, um princípio e uma crença sustentada pelo ceticismo. Karl Mannheim argumenta que o exercício de desmascarar as crenças é um fenômeno recente, esse ato traz à superfície o sentido ideológico de uma ideia associada a uma classe social. Devolvi uma réplica a esse ponto de vista, pois o cético, tal como Michel de Montaigne, usa ordinariamente esse exercício. A partir desse desmascaramento é possível trabalhar várias perspectivas diferentes dessa noção atávica de demonstrar a motivação ideológica por traz da máscara, pois, com base em Montaigne, é possível falar em temas variados como desfaçatez e verdade, público e privado, e aparência e essência. Estabeleci um quadro de comparação entre os cétricos e Karl Mannheim. Em seguida, dediquei espaço para discutir as noções de reacionarismo, de conservadorismo, de revolução burguesa e de revolução proletária, em Karl Marx e Edmund Burke. Tratei a interpretação de ambos num bloco que chamei de sistema Marx-Burke. Ambos se fundamentam no fenômeno das revoluções e no entendimento de que o conservadorismo necessariamente aparece a partir da literatura recente, a partir dos seus próprios

mundos alojados no século dezanove. Ao contrário, argumento que essas soluções figuram o conservadorismo apenas a partir de imagens temporais que foram estabelecidas pelo curto prazo, diferente da chave cética, que opera no médio e no longo prazo. Finalmente, ainda com relação ao ceticismo e à política, tratei de apresentar a solução de Michael Oakeshott a partir de três dos seus trabalhos. O filósofo organiza a inteligibilidade da política em torno da atividade de governo. Ele atribui ao ceticismo um papel de arrefecer os dogmas que afirmam crenças exageradas sobre a capacidade dos governos corrigirem os erros e as falhas humanas. Embora seja de sua autoria um trabalho exaustivo sobre a conduta conservadora, não fica clara a parcela do ceticismo que ocupa a conduta do seu conservador. Abri uma discussão apontando onde e em quais aspectos daquele perfil conservador podem receber consistência para produzir um pensamento cético conservador.

O terceiro capítulo, “A bebida de Circe: a invenção do pensamento conservador em Michel de Montaigne”, como o título sugere, será dedicado ao ensaísta francês. Faço uma discussão com alguns estudiosos dos ensaios, considerados montaignistas, e abro o diálogo especialmente com aqueles que relacionam o ceticismo, a política e o conservadorismo, como Hugo Friedrich e David Schaefer. O primeiro deles faz uma associação remota entre o ceticismo de Montaigne e o seu conservadorismo. Schaefer, por sua vez, realiza o caminho inverso, ou seja, entrevê um Montaigne revolucionário em política. Descrevo, em seguida, a insuficiência das duas abordagens. O Montaigne conservador de Friedrich não traz nenhum traço de ceticismo, o revolucionário de Schaefer é completamente inconsistente e contrário aos principais leitores dos Ensaaios. Diferente de ambos, argumento que o ceticismo



fornece consistência ao conservadorismo de Montaigne e o estabelece, em definitivo, como o autor que qualifica o que chamo de pensamento conservador entre os cétricos. Ao fazer exames e avaliações recorrentes nos ensaios sobre a capacidade do hábito para guiar a vida, Montaigne faz uma remissão, entre várias, a Homero e a uma de suas histórias e, mais exatamente, em relação à Circe e à bebida que esta fornece a Odisseu. A bebida mágica, na interpretação de Montaigne do texto clássico de Homero, transforma a diferença em semelhança, regula e rotiniza num único sentido todas as ações humanas. Na história original, todos se transformam em monstros e, segundo a vontade de Circe, viram porcos. Segundo Montaigne, esse é o poder do hábito, ele é a bebida mágica capaz de regular, ele confere uma rotina e ao mesmo tempo estabiliza as idiossincrasias dogmáticas. Ele dá curso à vida política, ele conserva a vida em comum hipoteticamente a salvo da inovação. Montaigne vai além dessa analogia, pois percebo que o hábito é uma representação idiossincrática, ele é alvo de sucessivas imagens normativas, ele aparece como uma solução para o conflito teológico, para o conflito bélico e para a curiosidade. As sucessões dessas representações abrem espaço, segundo descrevi, para consagrar alguns pontos aparentemente desconexos em Sexto Empírico, seja a ataraxia como meta ou a capacidade de o cétrico sustentar opiniões.

No quarto e último capítulo, “A grande escola de buscas em Montaigne”, procuro mostrar, ao contrário das versões que transformam o ceticismo em inação ou inatividade, que o pensamento conservador do ensaísta é constituído de movimento. Além de mero equipamento reativo à inovação, o pensamento conservador em Montaigne acomoda a mudança tutelada pelo tempo coletivo, pela experiência comum e pela tolerância com relação às versões dogmáticas. Argumento que

Montaigne articula a defesa conservadora e a sua projeção, de modo que é possível observar a montagem do pensamento conservador em torno de pontos comuns: a articulação de passado, presente e futuro; a predileção por tempos longos ou escopos ampliados de observação; a abordagem da experiência humana caminhando em círculos, ao invés da preferência recente, segundo a qual o progresso está baseado e está organizado em linhas retas e necessariamente suscetíveis à ciência; a prescrição de um mundo conservado em torno de valores ancestrais; a tutela do tempo sobre a política, a tutela da política sobre o hábito e a tutela deste sobre a inovação e sobre as versões correlatas de soluções dogmáticas. O mundo, segundo Montaigne, é uma escola de buscas, o que pode ser traduzido por narrativas, contos, crônicas, filosofias que desenham o que de fato seja a experiência humana. Ainda segundo ele, vencerá a competição aquele que realizar a melhor busca, materializada pela corrida mais bela, aquela que apresentar a tese mais convincente, a despeito do dano contra as versões mais coerentes com a experiência comum. Ao invés de privilegiar uma conclusão, procurei produzir coerência entre o primeiro e o último capítulo na última seção do trabalho. Demonstro, nessa etapa final, os mesmos cinco pontos que demarqueei como opção metodológica, com a distinção de serem encobertos por Montaigne, ao invés da base original descrita a partir de Sexto Empírico. Reconheço que a contribuição dos céticos para a política é maior do que essa proposta, em torno de poucos pontos, diante de uma tradição que nos legou vários aspectos importantes para a atividade intelectual. Entretanto, entendo que a decisão de trabalhar com considerações assimétricas sobre a política impôs alguma coordenação em torno de parâmetros claros que me guiassem, de certa forma, de Pirro a Montaigne, ou de Pirro a Oakeshott. Dessa forma, na seção final do trabalho, faço uma breve e objetiva

demonstração da aplicação da suspensão do julgamento, da causalidade, da tradição, da conduta prática dos cétricos e da razão humanitária presentes no ceticismo de Montaigne.

### *Verbetes*

Inspirado em Sexto Empírico e numa imagem que pode ser chamada de método, gostaria de repassar algumas definições e modos através dos quais empregarei alguns vocábulos que podem constituir algo como as balizas de pesquisa ou que simplesmente podem constituir os verbetes mestres desse trabalho. Acredito que uma linguagem de entrada, um roteiro comum pode melhorar a leitura da proposta de mostrar os cétricos como conservadores e produzir mais clareza em relação a um dos objetos centrais deste trabalho que chamo de pensamento conservador cético. Da mesma forma, com isso penso ser possível aclarar como a vida comum, a vida pública, ou o domínio público, em última análise, como a política será observada em comparação à sua imagem antagônica, estou me referindo à vida privada e aos dogmas públicos e privados que procuro associar aos cétricos que trato como profissionais. Faço, a seguir, essa exposição de maneira breve e direta.

Os cétricos são conservadores quando o assunto é política. Essa afirmação remove o ceticismo da esfera habitual e eminentemente epistemológica, ao mesmo tempo, ela aproxima a tradição cética do pensamento político e mais claramente do pensamento conservador. Além de, simplesmente, conciliar a tradição filosófica do ceticismo e a tradição moderna do pensamento conservador, por um lado, ela procura instalar o pensamento cético no debate mais recente sobre a observação da

vida política e, por outro lado, situa ao mesmo tempo, especificamente, o ceticismo num dos lados de uma suposta disputa política entre inovação e conservação. Essa disputa pode assumir representações bastante variadas. Mas, sumariamente, penso que ela pode ser descrita como a discussão infundável entre dois lados: autores e intérpretes sociais, por um lado, que desejam uma vida política flexível e sujeita a transformações súbitas e profundas na vida cotidiana pela inovação e, por outro lado, por aqueles que desejam uma vida política inflexível, de maneira a evitar transformações súbitas, que não transigem com a inovação, e que apenas toleram as alterações lentas, inevitáveis e superficiais. Este último lado é o posto ocupado pelos cétricos, em matéria e em questão inevitável como a política.

O ceticismo é conhecido de muitas maneiras e por uma variada exposição de autores e de correntes diferentes que o defendem ou o repelem, mas pode ser introduzido como uma maneira peculiar de filosofar e também como um *jeito de pensar*. Estou aproximando um jeito peculiar de se postar na vida e na atividade filosófica a um pedaço bastante particular da vida política. O pensamento conservador representa uma parcela específica da atividade ordinária da política e do pensamento político. Para ser um pouco mais preciso, este trabalho procura aproximar duas tradições de pensamento: a tradição cética, antiga e moderna, por um lado, e a tradição moderna do pensamento político conservador, por outro. Demonstro que há elementos do ceticismo empregados pela rotina intelectual conservadora no contexto das discussões sobre a atividade política. A tradição antiga colabora com a segunda, a atividade intelectual dos conservadores pode ser preenchida por itens da atividade cética.

Para apresentá-los em panoramas autorais, para nomear esses grupos de tradições, no primeiro caso, por tradição antiga do ceticismo, entendo os autores em torno de Sexto Empírico, uma figura central desse pensamento, sejam aqueles que o antecedam, seus contemporâneos ou sucessores próximos. Portanto considero Sexto como um aglutinador de ceticismos. E, no segundo caso, compreendo como tradição moderna do ceticismo apenas Michel de Montaigne. Com relação à tradição moderna do pensamento político conservador, entendo apenas alguns trabalhos específicos de Edmund Burke, Karl Mannheim e Michael Oakeshott. Por conseguinte, ainda que a afirmação preliminar, segundo a qual os céticos sejam conservadores, imponha contra a tradição cética alguns atributos da tradição do pensamento conservador, num desenho anacrônico, pelo qual o cético é antecedido pelo conservador, este ensaio procura demonstrar o contrário. A hipótese inversa e direta é a que motiva este trabalho: a tradição conservadora é legatária do ceticismo e não é anacrônico dizer que há afinidades notáveis entre os céticos e os pensadores conservadores. Logo é propício procurar e apontar qual pode ser a contribuição da tradição cética para os autores que trabalham com o conservadorismo. Portanto é conveniente perguntar e responder como e de quais aspectos do pensamento cético resultam em alguns dos traços do pensamento conservador. E, uma vez vencida essa tarefa, ao mesmo tempo, é importante procurar definir algumas afinidades existentes entre ambos. Em primeiro lugar, para produzir uma resposta coerente que induza adequação à solução dessa questão de trabalho, penso que é necessário descrever quem estou considerando como cético e apresentar alguns de seus pontos de vista mais relevantes. Uma vez vencida essa etapa, em segundo lugar, trato de apresentar o pensamento conservador à luz de alguns autores recentes na literatura conservadora. Nesse momento do trabalho,

procuro construir coerência entre essa parcela da atividade política conservadora e o legado cético.

Antes de prosseguir com este ensaio, e já inspirado em Sexto Empírico, imagino ser adequado apresentar um breviário de definições que, em conjunto, pode constituir um navegador importante. Ao longo do trabalho, empregarei os termos e expressões preservação, conservação, pensamento conservador e conservador de maneiras muito próximas e semelhantes. A primeira delas, a preservação, será usada como um atributo e uma atividade meramente reativa em favor de um suposto acúmulo de organização social passada e presente, ela designará a defesa desse mesmo patrimônio adquirido. A segunda delas, a conservação, será entendida como a construção e a atualização de ideias em defesa desse mesmo patrimônio social e político recolhido pela sociedade. Em terceiro, o pensamento conservador será entendido como uma categoria com dupla inscrição: uma ideia, um conceito, uma definição, uma reflexão e uma alternativa intelectual que represente o pensamento daquele modo de organização social adquirido e, ao mesmo tempo, uma categoria geral, agregada e que represente a todos os traços dos vários pensamentos conservadores. O quarto deles, o conservador, essa figura preliminar dedutível das três definições anteriores, atua na vida intelectual e na vida prática, no cotidiano da política, de modo a interferir nas discussões sobre a melhor maneira de organizar a vida social com vistas a fazer valer o seu ponto de vista, notadamente defensivo ou propositivo, mobilizado pela crença na qual o patrimônio pretérito é melhor do que as apostas em desenhos políticos diferentes; ele não transige e é contrário às imagens que destoam do que considera serem hipoteticamente as conquistas passadas.

Ao mesmo tempo, empregarei as palavras novidade, mudança, alteração, inovação e inovador de maneira similar. A primeira delas, a novidade, será utilizada como uma alternativa normativa apta a corrigir, pela razão, o equívoco do acúmulo social e do patrimônio social organizativo adquirido até o presente. Ela é a contra opinião ao quadro normativo vigente e procura alterar o panorama de organização da vida social, da vida política: a constituição, os estatutos, a religião, os hábitos, as leis, a mobilidade social, as instituições e as crenças. Empregarei os termos mudança e alteração com o mesmo sentido de novidade. A quarta delas, a inovação, será utilizada de maneira parecida. Ela constitui uma alternativa específica, um ensaio apresentado num dado momento contra o curso social da vida em comum. Ela será uma aposta diferente, senão contrária, uma aposta desafiadora e concorrente ao quadro normativo e, finalmente, ela será também uma alternativa tópica ao sistema de organização social vigente numa cidade. Os inovadores e o inovador serão compreendidos como os operadores intelectuais e práticos das alternativas organizadas pela novidade e pela inovação.

E, finalmente, usarei as expressões vida em comum, vida social, organização social, a política, vida política e disputa política de maneiras semelhantes. Pela primeira delas, por uma vida em comum, compreendo a vida de um indivíduo num grupo social de maneira interativa, colaborativa e coerente com este mesmo grupo de indivíduos. A vida social, por sua vez, será empregada como sinônimo desta última. Ambas são categorias sinônimas de agrupamentos ou de agregados sociais humanos. A expressão organização social será empregada para referir as duas categorias anteriores num arranjo social em torno de indicadores definidos como as instituições, as constituições, as leis, os hábitos, as normas de conduta social

comum, a representação política e as ideias políticas. A palavra política será empregada referindo dois sentidos. No primeiro deles, como o espaço intelectual, cognitivo, filosófico e normativo sob o qual serão definidas as alternativas, as soluções intelectuais e ideias em defesa de interesses de grupos de indivíduos ou de um e apenas um indivíduo. No segundo deles, ela designará uma atividade, uma prática de convencimento e persuasão das virtudes daquelas ideias sobre um agregado de indivíduos. E, finalmente, pelas expressões vida política e disputa política compreendo a aplicação simultânea dos dois sentidos dados à política com o acréscimo de ocorrerem num ambiente de competição social pela prevalência de ideias sobre ideias rivais.



Chega um tempo na vida  
Em que a gente presta atenção  
Vê que nem tudo no mundo  
Carece de explicação  
*(Carece de explicação – Dominginhos)*

## Capítulo 1

### O pensamento conservador: as afinidades entre o ceticismo e a conservação política

Se quer rojão, então lá vai  
Sustenta o piso se não cai  
Se quer baião, também eu dou  
Eu sempre saio vencedor  
(Mentira)  
(4 x 1 – Jackson do Pandeiro)

#### Os céticos e por que são conservadores

O ceticismo e os céticos formam um grupo bastante heterogêneo. Existem muitos ceticismos e muitos céticos. Outra condição notável sobre ambos diz respeito às suas origens: os céticos mais antigos sequer possuem registros seguros sobre suas trajetórias intelectuais e detalhes biográficos. Os registros que aparecem são por fragmentos, através de poucos personagens e sistematicamente por muito poucos autores. Apesar desse ponto de partida, em comum a todos eles, ao ceticismo e aos diversos céticos na história, destacam-se duas constatações importantes: uma rotina de problemas lançados sobre o que chamamos de conhecimento e sobre a qualidade da sua produção; além disso, eles fixam um conjunto de repercussões variadas sobre a atividade intelectual e também sobre o desenho agregado da política.<sup>1</sup> Do período histórico, que chamamos de helenismo, até os dias atuais esses exercícios de dúvida sistemática e não sistemática sobre a produção filosófica dogmática persistem e estes empreendimentos, quando realizados por céticos

---

<sup>1</sup> POPKIN, Richard H. **História do ceticismo: de Erasmo a Spinoza**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

*profissionais*, são chamados de ceticismo. O ceticismo é um desafio intelectual organizado contra múltiplas tentativas efetuadas pela compreensão humana para descobrir a essência dos objetos que se dão a conhecer ou das coisas que se apresentam ao entendimento, ou ainda, simplesmente, dos objetos de entendimento. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de dúvidas organizadas contra afirmações sobre a natureza, sobre a verdadeira extensão e sobre a real possibilidade de se conhecer essencialmente as coisas.

Através de um dos expoentes da pesquisa sobre o ceticismo, Porchat Pereira, nós somos lembrados que os filósofos clássicos faziam a distinção entre aparecer e ser. Aqueles produtores de certezas estavam afirmando uma distinção entre a falsidade da aparência e a verdade da essência das coisas.<sup>2</sup> Esse tipo de percurso que começa pela aparência e termina na essência, na natureza de algo é chamado de dogmático pelo ceticismo. Os céticos vivem de acordo com a primeira, limitam-se à aparência e trabalham contra a segunda, contra as pesquisas que apontam e asseveram o que as coisas são em essência. *Essência e natureza* são aqui empregadas como sinônimas e afirmam a *verdade em última instância*, sob a qual não há nenhuma dúvida, sob a qual não há a mais remota chance de erro. E por *nenhuma chance de erro* numa afirmação sobre um objeto, entendo como sinônimas a *certeza*, a *verdade*, a *apreensão* e o *conhecimento*. Por sua vez, o emprego da expressão ceticismo dispensa uma variada exposição e interpretação de escolas, de ênfases e de momentos cronológicos. A razão desta decisão é bastante simples:

---

<sup>2</sup> PORCHAT PEREIRA, Oswaldo. Sobre o que aparece. In: \_\_\_\_\_. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Unesp, 2006. cap. 6, p. 117-145. p. 125.

-SÁ PEREIRA, Roberto Horácio. Naturalismo e ceticismo. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 69-97, 2007.

Pereira lembra a contribuição do ceticismo para a teoria moderna da representação e produz uma definição em torno dessa ideia. p. 70.

isso está muito bem relatado em outros lugares. A aplicação que se faz aqui tem uso mais geral e tem curso por uma perspectiva menos ligada às classificações mais detalhadas das correntes do ceticismo e mais próxima da desistência de alguns autores de uma exegese do ceticismo, como é o caso de Popkin e Maia Neto.<sup>3</sup>

Estes autores dividem a variedade de significados da expressão ceticismo em dois tempos distintos. No primeiro deles, a versão original da tradição cética é definida por eles como tendo uma orientação datada, histórica e com uma tarefa bem demarcada na qual os seus representantes estavam organizados numa escola filosófica contra *um único conjunto rival*, que eram algumas escolas dogmáticas. Mais claramente, os seus cétricos estavam estruturados intelectualmente contra as escolas estoica, epicurista e aristotélica por serem as responsáveis pela introdução da verdade sobre os objetos de entendimento. Este movimento era considerado por eles como a precipitação de certezas indemonstráveis. A verdade precipitada ou a essência das coisas definidas por essas escolas era alvo das interrogações e dúvidas sistemáticas da escola cética. Por outro lado, ainda segundo Maia Neto e Popkin, em segundo lugar, à medida que perdura a doutrina e a prática cética, eles se veem compelidos a considerá-la por meio de uma abordagem diferente, epistêmica, através da qual assume uma posição filosófica ainda desafiadora, mas desta vez orientada contra *toda sorte de tentativas* que afirmem o que as coisas são por natureza, em qualquer campo da vida intelectual e não apenas contra algumas escolas dogmáticas, como a filosofia do pórtico, para citar uma delas<sup>4</sup>, mas desta vez, contra todas elas. Nessa versão ele é um desafio à nossa capacidade de

---

<sup>3</sup> POPKIN, Richard H.; MAIA NETO, José R. **Skepticism: an anthology**. New York: Prometheus Books, 2007.

<sup>4</sup> DUHOT, Jean Joël. **Epicteto e a sabedoria estoica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

conhecer coisas específicas ou gerais. A isso chamam de ceticismo universal.<sup>5</sup> Ambos conhecem as limitações de se definir dois ceticismos, um histórico e outro epistemológico.<sup>6</sup> Eles reconhecem a sua concomitância, pois este não é mais que a mera extensão daquele, ou a sua simples aparição contínua ou descontínua no tempo e nas disputas filosóficas. Esse é mais um dos esforços organizativos que deseja demonstrar um jeito peculiar de se pensar filosoficamente. Popkin é uma referência importante para a historiografia do ceticismo. Toma-se conhecimento por meio do trabalho editado com Maia Neto de um dos principais expoentes da tradição antiga do ceticismo, de Sexto Empírico, no qual nos fixaremos, a despeito de vários outros nomes importantes como Pirro, Carnéades, Enesidemo e Arcesilau.<sup>7</sup>

Antes de seguir com essa exposição sobre o ceticismo é necessário afirmar ao menos um par de obviedades. Há uma notória, variada e qualificada apresentação do ceticismo herdado de Sexto Empírico e de outras referências do legado antigo e moderno. E que, independente desta constatação, sigo com uma pequena exposição de uma parcela do trabalho escrito por Sexto Empírico a fim de imprimir uma tentativa de demonstração e de interpretação específica que, se não constituir uma dissertação peculiar pelo todo, ou que não seja inteiramente nova pelo

---

<sup>5</sup> POPKIN, Richard H.; MAIA NETO (2007, p. 20).

-POPKIN, Richard. **Ceticismo**. Organizador: Emílio M. Eigenheer. Niterói: Eduff, 1996. p. 20.

<sup>6</sup> SMITH, Plínio Junqueira. Terapia e vida comum. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 69-95, 2007. Originalmente publicado na revista *Discurso*, Departamento de Filosofia da USP, São Paulo: Discurso Editorial, 1995.

Smith usa um expediente parecido, ao qual chama de *analítico*, dividindo os céticos *terapêuticos* e os *fenomenistas* para designar respectivamente o que deseja curar o dogmático e o que deseja apenas descrever fenômenos, prescindindo de validade ou assentimento dogmático, sem produzir algum discurso tético. Ele reconhece a dificuldade e a precariedade da divisão. p. 43-44.

<sup>7</sup> Para conhecer a fundo o registro organizado dessas referências históricas da tradição antiga, a leitura do trabalho clássico de Brochard é indispensável.

-BROCHARD, Victor. **Os Céticos Gregos**. Tradução Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.

-SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Scepticism**. New York: Cambridge University Press, 2000. Ed. ANNAS, Julia and BARNES, J.

Ainda sobre a variação do significado dos ceticismos, segundo Annas e Barnes, ainda na introdução desta edição, assume-se que Sexto Empírico copia fontes e estilos de distintas ênfases e períodos do ceticismo. p. xv.

parcelamento da apresentação, procura ser uma tese focada no que considero poder constituir vínculos claros entre o ceticismo e a vida política. Ou seja, este ensaio trabalha com a pretensão de organizar parte de uma vasta, árida e complexa contribuição do ceticismo para a teoria política. Essa apresentação sumária, portanto, será orientada para aspectos relacionados ao que considero elementos específicos e que, em última análise, sejam coerentes com a produção de nexos entre o ceticismo e o pensamento conservador. Além de Victor Brochard<sup>8</sup>, Renato Lessa<sup>9</sup> e Richard Popkin<sup>10</sup> e, considerada a importância do ceticismo para a vida intelectual, por oportuno, não é demasiado passar os textos do próprio Sexto Empírico à vista da tentativa de interpretação em curso. A exposição que segue se concentrará em Sexto Empírico e sobre alguns pontos chave bastante conhecidos no ceticismo: a tranquilidade, a equivalência e a suspensão do julgamento.

Sexto Empírico é um autor fundamental para a tradição do ceticismo, ele foi um médico que é frequentemente associado pela literatura à corrente de pensamento empirista e à escola metódica. Além disso, conhecemos por meio de alguns trabalhos escritos por ele o material mais sistemático da escola antiga.<sup>11</sup> Através dele tomamos conhecimento das principais características do pensamento cético.<sup>12</sup> No livro *Outlines of Pyrrhonism*, o médico empirista faz uma apresentação geral e peculiar da sua escola. Ao dividir e tratar da distinção entre todos os diferentes sistemas filosóficos e o sistema cético, ele os define tal como segue: aqueles que

---

<sup>8</sup> BROCHARD, 2009, *passim*.

<sup>9</sup> LESSA, Renato. **Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

<sup>10</sup> POPKIN, Richard H. **História do Ceticismo: de Erasmo a Spinoza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

\_\_\_\_\_. **The History of Scepticism: from Savonarola to Bayle**. New York: Oxford University Press, 2003.

<sup>11</sup> BROCHARD (2009, p. 318)

<sup>12</sup> POPKIN; MAIA NETO (2007, p. 57)

pesquisam e afirmam, ao final da trajetória do trabalho, como resultado a) ter descoberto a verdade ou b) a negativa de que ela exista e que adicionalmente, portanto, rejeitam categoricamente que ela possa ser apreendida; além desses dois trajetos gerais e comuns a todos os sistemas dogmáticos, há um terceiro, o trajeto c) daqueles que não afirmam ou negam a apreensão de algo e que duvidam da sua própria opinião, aqueles que persistem na pesquisa. Esses são os céticos.<sup>13</sup> De agora em diante usarei Sexto Empírico para fazer referência aos céticos antigos, ao ceticismo e a si mesmo, como autor, de maneira indistinta, quando não anotada informação específica.

Ainda no livro *Outlines of Pyrrhonism*, de Sexto Empírico, vemos apresentada sistematicamente a canônica geral do ceticismo *praticado* e *escrito* até então. Além disso, vemos que ele acrescenta elementos próprios, distingue a sua doutrina e estende a crítica cética a bastiões específicos de algumas filosofias dogmáticas: as doutrinas de Heráclito, de Demócrito, a Cirenáica e a Protagórica.<sup>14</sup> No entanto, persiste o debate e a dúvida sobre a qualidade da contribuição sextiana sobre o ceticismo, conforme apresentado por Popkin e Maia Neto.<sup>15</sup> Algumas leituras o apontam como mero relator de ideias de outros autores e práticos do ceticismo, e

---

<sup>13</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Pyrrhonism**. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1933. Loeb Classical Library.

Sexto Empírico legou três grandes trabalhos. Além de *Outlines of Pyrrhonism* (*HP*), ele deixou dois outros com documentos com o mesmo nome: *Adversus Mathematicos*. *Outlines of Pyrrhonism* é dividido em três livros. Por sua vez, a primeira parte de *Adversus* é geralmente reconhecida pelos livros enumerados de I a VI e também é chamada de *Against Professors*. Os livros de VII a XI do *Adversus Mathematicos* (*M*) completam a obra de Sexto Empírico. *Outlines of Pyrrhonism* é abreviado por *HP* e *Adversus* por *M* nas citações, ambos em itálico.

Da coleção Loeb, sigo com a (1) *abreviação* consagrada, seguida de (2) *livro*, número do (3) *capítulo do fragmento* e, finalmente, indico a (4) *página da edição*. Da obra de Sexto Empírico, disponível por esta coleção, este trabalho se concentra nos Volumes I (dividido de I a III, *Outlines of Pyrrhonism*), ou Sextus Empiricus I; e Volume IV (dividido de I a VI, *Against Professors*), ou Sextus Empiricus IV.

<sup>14</sup> [*HP* I, 29, 210-212, p. 125-127]; [*HP* I, 30, 213-214, p. 129]; [*HP* I, 31, 215-219, p. 129]; [*HP* I, 32, 216-219, p. 133], respectivamente.

<sup>15</sup> POPKIN, Richard H.; MAIA NETO, José R, 2007, passim.

este é o caso de Jonathan Barnes, em *The Toils of Scepticism*, por exemplo, um trabalho de 1990 em que é descrito como *prolífico, mas não exatamente um pensador original*.<sup>16</sup> Apesar dessas leituras, este trabalho segue observando Sexto Empírico como um autor que apresenta uma contribuição variada e valiosa para a tradição antiga. Seja porque referencia o nome de vários autores com registros perdidos pela história; seja porque referencia o nome de *práticos* como foi o caso de Pirro de Élis, que não deixou trabalho escrito – este era um devoto praticante da doutrina cética e um dos expoentes mais conhecidos da doutrina antiga, de modo que deriva dele a vertente conhecida como *pirrônica*<sup>17</sup>; seja porque sistematiza o conjunto dos céticos e, finalmente, porque acrescenta algumas interpretações inovadoras. A obra de Sexto Empírico é valiosa. *Outlines of Pyrrhonism* é um trabalho composto por três livros. Através do primeiro deles conhecemos por uma passagem bastante famosa, que o ceticismo é definido como:

[...] an ability, or mental attitude, which opposes appearances to judgements in any way whatsoever, with the result that, owing to the equipollence of the objects and reasons thus opposed, we are brought firstly to a state of mental suspense and next to a state of ‘unperturbedness’ or quietude.<sup>18</sup> [sublinhado acrescentado]

É uma habilidade e uma atitude mental que contrasta as *aparências* dos objetos que se apresentam aos *sentidos* àqueles oriundos do *pensamento*. Por *aparência*, ou objetos que aparecem, ele se refere àqueles que se apresentam aos sentidos

---

<sup>16</sup> BARNES, Jonathan. **The Toils of Scepticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. Este autor também possui uma edição em parceria com ANNAS de *Outlines of Pyrrhonism*. Eles acrescentam um índice de temas antes da divisão de livros e isso melhora o manuseio do trabalho. -SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Scepticism**. New York: Cambridge University Press, 2000. Ed. ANNAS, Julia and BARNES, J.

<sup>17</sup> GAZZINELLI, Gabriela G. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009. Pirro de Élis foi um cético conhecido pela sua aplicação prática do ceticismo e por não deixar nenhum registro escrito. A sua contribuição ao ceticismo é notória e funda uma corrente conhecida como *pirronismo*. Uma reunião de informações biográficas e sua contribuição ao ceticismo pode ser conhecida pelo trabalho de Gazzinelli.

<sup>18</sup> [HPI, 4, 8, p. 7]



humanos. E, por aqueles objetos que surgem pelo pensamento, ele se refere àqueles que surgem dos pensamentos por julgamentos apenas.<sup>19</sup> Ambos os caminhos geram uma avaliação sobre um objeto, um julgamento sobre a sua natureza. Neste caso, Sexto Empírico opõe ambos. Ele opõe ambos de todas as maneiras possíveis. Aparência contra aparência, julgamento contra julgamento, aparência contra julgamento, julgamento contra aparência, faz isso com a intenção de produzir equipolência.<sup>20</sup> Portanto, uma vez diante da precipitação de uma certeza qualquer sobre a natureza de *algo* (um objeto) e, ao mesmo tempo, diante da precipitação da certeza contrária, a negativa, dizendo que *algo não é*, o cético tem o que chama de equivalência, diafonia – desacordo infindo –, ou equipolência.<sup>21</sup> Ele trata a equipolência também pela ideia de *conflito* e *oposição*. De outra forma, diante das afirmativas ou do conflito: (i) isto é, (ii) isto não é, advém o que chamam de (a) equivalência ou *equipolência*. Em síntese, o médico usa as palavras *conflito*, *oposição*, *equivalência* e *equipolência* como sinônimas. O cético tem razões iguais para crer e não crer na primeira ou na segunda assertiva sobre a natureza de um objeto, sobre a natureza desse fenômeno ou sobre a sua essência, pois ele as entende como sinônimas que expressam o mesmo sintoma do dogmatismo.<sup>22</sup> Os dois lados da disputa concorrem para perturbar a vida, a tranquilidade e, sendo assim, diante do infortúnio, do incômodo, o cético (b) suspende o julgamento. Esse momento prefigura um sintoma de repouso mental ou um momento no qual *nem afirma* e *nem nega* algo, posto que ele não se vê em condições de decidir sobre uma

---

<sup>19</sup> [HPI, 4, 9, p. 7]

<sup>20</sup> [HPI, 4, 9, p. 7]; [HPI, 27, 202-205, p. 119-121]

<sup>21</sup> [HPI, 4, 10, p. 7]

-DUMONT, Jean-Paul. Ceticismo. Tradução: Jaimir Conte. **Encyclopædia Universalis**, Paris, s.d., vol: 14, pp. 719-723. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/dumont.htm>>. Acessado em: 2006.

Dumont destaca que este contra-senso, desacordo, tem em certa medida mais notoriedade que a própria pesquisa e verdade histórica cética *a ponto de se impor contra a letra dos textos*. p. 8.

<sup>22</sup> [HPI, 27, 202-203, p. 119-121]; [HPI, 4, 10, p. 7]

ou outra assertiva.<sup>23</sup> Finalmente, após suspenso o julgamento sobre a questão em curso advém, como por *acidente*, o estado de (c) quietude d'alma (*ataraxia*), a tranquilidade e a imperturbabilidade.<sup>24</sup> Aqui é importante anotar que, ao menos para este trabalho, as palavras *ataraxia*, *taraqué*, *tranquilidade*, *imperturbabilidade* e *quietude* denotam o mesmo estado mental originado pela suspensão do julgamento.

Ao observar a definição de Sexto Empírico sobre quem são os céticos é possível notar por movimento inverso, ao notar quem os céticos não são, e aduzir quem são afinal os dogmáticos. É possível orientar-se, inclusive, pela sua própria pergunta sobre se os céticos dogmatizam.<sup>25</sup> Na versão sextiana, eles são indivíduos que precipitam sobre a vida uma certeza da qual não conseguem demonstrar, formulam explicações que não conseguem provar e estão constantemente atormentados com a sustentação de certezas privadas sobre vida coletiva, sobre as certezas comuns e sobre o entendimento geral dos homens. Em última análise, aplicam a certeza privada sobre a certeza coletiva.<sup>26</sup> O desenho intelectual mais amplo de um indivíduo dogmático é visto pelo cético da seguinte forma: um sujeito que impõe uma explicação sobre *o que as coisas são por natureza*, tendo como base a *aparência* das coisas.<sup>27</sup> Das coisas que aparecem a todos, um fenômeno qualquer com feição *x*, os dogmáticos se veem habilitados a asseverar algo, pois apresentam o vício e a atitude intelectual de explicar o que aparece, o evidente, pelo que *não aparece*, o *não-evidente*.<sup>28</sup> O dogmático se credencia a apontar o que origina um determinado

---

<sup>23</sup> [HPI, 4, 8-9, p. 7]

<sup>24</sup> [HPI, 12, 25-30, p. 19-21]

<sup>25</sup> [HPI, 7, 13-15, p. 9-11]

<sup>26</sup> [HPI, 12, 27, p. 19]

<sup>27</sup> [HPI, 11, 21-23, p. 17]

<sup>28</sup> [HPI, 7, 14, p. 11]

fenômeno  $x$ .<sup>29</sup> O cético não afirma nem nega a existência de  $x$ , ele apenas consente que ele *aparece*  $x$ , ele vive guiado pela aparência das coisas.<sup>30</sup> A atitude cética, o cético, dispensa-se a tomar parte no debate sobre a essência. O dogmático vai adiante e impõe uma explicação sobre a natureza de sua ocorrência e sobre o que  $x$  essencialmente é.<sup>31</sup> Os céticos concordam que  $x$  aparece, mas não podem concordar que seja  $y$  que o cause, ou seja, que o não-evidente (uma causa inobservável) cause o evidente (um fenômeno observável), essa causalidade é arbitrada pelo dogmático.<sup>32</sup> Esta última fórmula, o chamado argumento da causalidade, representa uma das estratégias céticas para conter ou refrear a certeza dogmática e será retomado em seguida.<sup>33</sup> O *argumento da causalidade* é parte de um conjunto estruturado de argumentos que são chamados de *tropos* de suspensão do julgamento. Os argumentos de suspensão do julgamento podem ter uma *representação geral*, aqui demonstrado conforme segue.<sup>34</sup>

[1] O *rei* aparece como *tirano* a  $M$

[2] O *rei* aparece como *magnânimo* a  $M'$

[3] Equivalência, pois é possível crer ou descrever em  $M$  e  $M'$  (*equipolência*)

[4] Não temos razões para decidir por  $M$  ou  $M'$  (*indecidível, não-asserção*)

[5] Do qual seguem a suspensão do juízo (*epoché*) e a tranquilidade (*taraqué, quietude, ataraxia*)<sup>35</sup>

Se a natureza do rei é magnânima ou tirânica é impossível afirmar, apenas é possível concordar que ele é rei, ou melhor, de acordo com a gramática cética, ele

---

<sup>29</sup> [HP III, 5, 17-29, p. 337-343]

<sup>30</sup> [HP I, 20, 192-193, p. 111-113]; [HP I, 26, 201, p. 119]

<sup>31</sup> [HP I, 7, 13-15, p. 9-11]

<sup>32</sup> [HP III, 5, 17-22, p. 337-339]

<sup>33</sup> [HP I, 17, 180-186, p. 103-107]

<sup>34</sup> [HP I, 13, 31-35, p. 21-23]

<sup>35</sup> Essa representação é inspirada na opção feita por Renato Lessa em 1994 e 1995.

-LESSA, Renato. **Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. Relativismo e Universais: *um argumento não Gellneriano*. In: **Banco Nacional de Ideias: o relativismo enquanto visão do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

*aparece rei*, e que nada é naturalmente bom (magnânimo) ou naturalmente ruim (tirano).<sup>36</sup> Com esse esquema ampliado, essa representação geral, e com uma grande quantidade de ataques similares, o cético quer *erradicar a doença dogmática*, deseja curar o mundo pela palavra, portanto, figura um *mundo livre da sintomática intranquilidade oriunda do esquema conceitual dos sistemas filosóficos dogmáticos*.<sup>37</sup> O seu propósito é atingir a quietude, afirmar sem convicção, cessar o dogma, agir tendo apenas as aparências como critério de decisão.<sup>38</sup> Sexto Empírico opera esta diligência organizada contra o dogma por amor à humanidade, ele introduz o conflito e adia a decisão.<sup>39</sup>

Nesta etapa apresentei brevemente os céticos por meio de Sexto Empírico. Ela é uma apresentação sumária do centro das operações dos céticos. Da mesma maneira, introduzi alguns elementos ou conceitos chave no ceticismo para compor, a partir deles, o que considero uma parcela que procuro demonstrar serem os itens mais suscetíveis para configurar os céticos como os antecipadores da reflexão conservadora. Conforme percebo, a equipolência, a suspensão do julgamento e a ataraxia produzem, em movimento contínuo, as condições intelectuais e o nexo incontornável da ativação do cético na vida política a partir da conservação e do conservadorismo na política. A apresentação da equipolência, da suspensão do

---

<sup>36</sup> [HP III, 24, 190, p. 455]

<sup>37</sup> [HP III, 32, 280, p. 511]

<sup>38</sup> [HP I, 6, 12, p. 9]

<sup>39</sup> [HP III, 32, 280, p. 511];  
-BROCHARD (2009, p. 325)

-SINNOTT-ARMSTRONG, Walter. Moral Skepticism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/skepticism-moral/>>. Acessado em: 2008 e 2011.

As asserções morais, segundo Sinnott-Armstrong, não são matéria de conhecimento, elas são objeto de crença. Se essa distinção é correta, qualquer juízo sobre o rei deverá ser alvo de uma divisão sobre verdade moral e verdade de conhecimento. Pelo que se perguntará *qual o peso da afirmação* sobre a natureza do monarca, se originária de crenças ou originada do conhecimento. Argumentos morais não são, segundo ele, carregados de verdade.

juízo e a da ataraxia constituem, até aqui, o principal item de composição introdutória das ideias contrárias às inovações dogmáticas. A equivalência e a suspensão do juízo com relação ao monarca deixam em isolamento uma avaliação que pode resultar em ações importantes na política de qualquer cidade ou país. O primado da ataraxia sobre a geração e a manutenção do conflito produzido pelos cétricos auxilia na manutenção da cidade tal como se organiza há tempos. Na seção seguinte, discutirei as relações existentes entre a tranquilidade, a suspensão do juízo e o conflito. A partir desses elementos e das interações entre eles, penso ser possível representar os cétricos *como* conservadores aferrados ao tempo passado e ao seu sistema de organização social familiar antagônica à inovação.

### **A representação conservadora**

Nesta seção do trabalho discuto cinco aspectos importantes extraídos da finalidade cétrica, estou me referindo à tranquilidade. Procuo demonstrar que a adesão ao caminho de suspensão do juízo que leva até aquela noção de tranquilidade tem implicações sobre decisões com relação ao tempo e também sobre a preferência política do cétrico. Esse caminho cria o conservador cétrico. A *tranquilidade* enseja uma *(a) opção temporal*, uma noção de tempo que terá implicações na atividade política. Um item caro aos cétricos, a *(b) causalidade*, parece-me o elemento mais conexo ao movimento, o principal elemento gerador de consequências na vida política. Por essa razão, trabalho alguns pontos de vista sobre o bloqueio cétrico aos argumentos baseados em etiologias e o considero uma defesa intransigente a ataques dogmáticos na vida política. Por sua vez, a *(c) suspensão do juízo* ajuda a introduzir um conceito ampliado de conservação.

Ao mesmo tempo em que ela suspende e adia o debate, a decisão, ela o conserva em níveis razoáveis de civilidade para a manutenção do diálogo. Sugiro que a organização da vida em torno de *(d) tradições* e de *costumes* configura os cétricos como aferrados ao sistema de relações sociais pretéritas e que, ao mesmo tempo, os apresenta como avessos aos sistemas vindouros. O último aspecto é o elemento motivador da atividade cética, o móvel pelo qual vemos a crença disparar a convicção militante do cético. O *(e) amor à humanidade* e a *tranquilidade* ocupam o começo da ação e o fim. Segundo procuro mostrar, o inverso também se aplica, o diagnóstico da tranquilidade pode manifestar o amor cético à humanidade. A despeito de premissas e fins, sugiro que entre essas traves circulam os argumentos contra os dogmas na política. Com isso penso *apresentá-los conservadoramente*.

A vida tranquila e sem perturbações evitáveis (M e M') representa a trilha escolhida pelo cético e esta lhe aparece através da convivência sem a intransigência dos dogmas. Ainda em *Outlines of Pyrrhonism* é possível ver antecipadamente o tipo de implicação política contida na estratégia da vida sem dogmas. O sistema de atitudes mentais céticas faz parte da vida em comum. Inevitavelmente o ceticismo está na vida, da mesma forma estará na vida pública. A tentativa descritiva e didática de dividir os cétricos como históricos e epistêmicos é tão frágil quanto uma suposta separação entre a filosofia e a política e a política sem dogmas, e creio que aqui se iniciam alguns traços gerais do que pode ser chamado de *representação conservadora do ceticismo* e um dos seus derivados mais evidentes, algo que sugiro poder ser chamado de pensamento conservador. O primeiro alvo a ser considerado reside no centro da doutrina cética. Como toda decisão inteligível, o movimento intelectual que apoia a vida sem dogmas possui implicação pública e a principal

delas, segundo meu julgamento, será uma *tranquilidade* postada contra a atividade dogmática, uma *vida tranquila* regulada pela supervisão e pelo combate à intransigência da novidade. É importante começar a explorar o sistema de relações entre a tranquilidade (quietude), a suspensão do julgamento (*epoché*, a não asserção) e a equipolência (equivalência) e, ao mesmo tempo, examinar como a conjunção dos três movimentos, esses três conceitos, podem introduzir uma representação temporal no pensamento cético e que implicação pode ser espelhada por essa imagem. Finalmente, será possível observar se essa noção temporal significa uma adesão específica a ideias e opiniões no tempo.

Em primeiro lugar, creio ser razoável procurar imprimir uma ficção ou imagem temporal que pode resultar da suspensão do julgamento. Do ponto de vista prático, com relação à operação das opiniões na vida ordinária – como o que vestir, o que comer, o que é um bom ou mau governo –, se as decisões dogmáticas são indemonstráveis e implausíveis como referências seguras para a vida tranquila ao estilo cético, resulta que a *quietude como meta* implica em decisões apenas com base em *experiências coletivas*, com base em *registro precário*<sup>40</sup>, que por sua vez isolam o conflito dogmático num tempo e espaço pela *suspensão* do julgamento *aqui e agora*; a *epoché* se aplica num curso, num fluxo e num momento específico da disputa política, ela é aplicada num tempo definido e *por referência conhecida*; *coisas conhecidas são coisas passadas*, logo, o cético orienta a tranquilidade no passado, em imagens de experiências passadas, familiares. A suspensão introduz uma dimensão de tempo, ela exprime e requer uma imagem de tempo, ela o afixa. Da mesma forma, inevitavelmente, a tranquilidade será expressa num tempo e lugar.

---

<sup>40</sup> SANTOS. Wanderley Guilherme dos. **Discurso sobre o objeto**: *uma poética do social*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

Isso consagra a imagem da experiência passada e isola a experiência dogmática presente em desacordo com a pretérita. A suspensão do julgamento é uma decisão intelectual prática sobre *preservar hoje e agora* o curso regular da organização social, o curso regular das opiniões e o curso regular das discussões em nome de um resultado *accidental* importante chamado ataraxia ou tranquilidade.<sup>41</sup>

A ataraxia precede a opinião. As suas decisões são tomadas olhando o totem da tranquilidade. O cético decide a sua opinião olhando para o seu acidente favorito, a ataraxia, ao [...] *to procure the happy life*.<sup>42</sup> É importante afirmar duas coisas para que pareçam ululantes. Por um lado, a suspensão representa uma escolha e uma decisão no tempo, ela tem conexão com a vida num lugar e numa época. E quando o cético é chamado a opinar em matéria inevitável, sobre assuntos públicos, pois obviamente ele não é um ermitão, ele decide e opina aqui, nesta vida, neste local e não noutra dimensão da vida que não seja a dimensão do comum dos homens.<sup>43</sup> E, por outro lado, e ainda sobre a origem do tempo, uma conclusão extraída da *epoché*, é possível afirmar de modo auxiliar que essa conclusão resulta também da observação dos ataques sistemáticos contra a ansiedade, a temeridade, o açodamento, contra a precipitação inoportuna produzida pelo dogmático.<sup>44</sup>

---

<sup>41</sup> SUBER, Peter. **Classical Skepticism: issues and problems**. Site pessoal, Indiana, 1996. Disponível em: <<http://www.earlham.edu/~peters/writing/skept.htm>>. Acessado em: 2008.

Suber define a *epoché* como isenta de direção. Ele a distingue da dúvida, que teria uma posição clara contra algo, ao passo que a *epoché* seria neutra do ponto de vista da aquisição da verdade. Segundo vejo, ela tem posição, ela olha para o passado.

<sup>42</sup> [M XI, 140, p. 26];

<sup>43</sup> BARNES (1990, p. 12)

Barnes prefere a expressão *leigo* (*laymen*), extraída do repertório de Sexto Empírico.

-PORCHAT PEREIRA (2007, p. 45)

Porchat usa expressões variadas com alguns significados semelhantes, entre os quais destaco *homem comum*. Da mesma forma, as variações de expressões análogas presentes nesse trabalho são inspiradas em Porchat.

<sup>44</sup> EVA, Luiz. Filosofia da visão comum do mundo e neopirronismo: *Pascal ou Montaigne?* In: **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat**. São Paulo: Fapesp, 2003. Michael B. Wrigley e Plínio J. Smith (org.). Coleção CLE-volume 36.

Eva considera as proposições como *candidatas possíveis* aos olhos do cético.



A ficção do tempo pela premissa da equipolência auxilia afirmações com o seguinte aspecto: o sujeito cético está dizendo *agora não vejo* ou *agora não há razões para crer* numa ou noutra proposição sobre o que *seja* algo. Ainda pela equivalência persuasiva entre dois argumentos aparentemente corretos e pela suspensão convergindo sobre a ficção do tempo, lê-se que as pesquisas dogmáticas são precipitadas, ao passo que os céuticos querem *paz e calma*.<sup>45</sup> A imagem agregada do tempo dogmático, resultante da conjunção da equipolência, da suspensão e da tranquilidade, habilita uma diagnose temporal com alguns sintomas enumeráveis: o esforço de pesquisa está no (a) *tempo errado*, ela é anacrônica; as pesquisas tomaram (b) *tempo excessivamente reduzido*, no qual o esforço de pesquisa foi muito curto, rápido, breve demais para concluir sobre coisas tão importantes; ou ainda, elas tomaram o (c) *tempo inadequado*, o corte temporal de análise é equivocados; ou, finalmente, ela resulta (d) no *momento inoportuno*, ainda que tenham raciocinado e trabalhado a pesquisa com a análise temporal correta, mesmo que não tenha incorrido nos três erros anteriores, ela resulta na hora errada para a resposta do que de fato seja a natureza de algo.<sup>46</sup> Esses quatro pontos perfazem uma diagnose com uma bifurcação, pois definir o equívoco temporal alheio implica uma imposição ou criação concomitante de um contrário, o inequívoco temporal. O cético conhece a correção temporal, o tempo adequado à pesquisa, o corte temporal justo e o momento oportuno para o resultado. E diante da hipótese de infortúnio dogmático no presente, insiste-se que a *meta é a tranquilidade*, que, por sua vez, resulta da suspensão do julgamento.<sup>47</sup> Ele segue pesquisando. Onde ele está?<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> [M XI, 141, p. 24];

<sup>46</sup> [M XI, 153-155, p. 26]; Não há mal naturalmente contínuo e infinito, segundo Sexto Empírico.

<sup>47</sup> [M XI, 140, p. 24];

<sup>48</sup> SUBER (1996)

Segue para onde?<sup>49</sup> Qual a direção do raciocínio? A decisão da querela será no futuro e, portanto, do ponto de vista prático, a adesão cética é ao passado. O passado representa a experiência coletiva. A suspensão do julgamento submete-se e promove o passado, ela o conserva. *O primado do passado sobre a discussão a respeito da natureza do presente é o principal resultado da suspensão do julgamento (epoché)*. A experiência fenomênica coletiva ou simplesmente a opinião coletiva introduz a seguinte constatação: é inegável que *há um rei*, e que todos assim o reconhecem. Isso é ao mesmo tempo, para o cético, um obstáculo epistêmico coerente com a sua doutrina e que o impossibilita de assentir sobre qualidades que vão além, sobre qualidades que excedem o assentimento de reconhecê-lo rei. É impossível consentir e sucumbir à inovação, é impossível assentir que ele é de fato um tirano. Isso é tão persuasivo quanto ser magnânimo. Como corolário importante nós temos que: a despeito de controvérsias que podem ter resultados imprevisíveis, esteja *rei agora, como sempre rei o esteve*.<sup>50</sup>

---

Suber assume que ele vive num contexto e que ele tem um presente. Essa lembrança parece razoável para afirmar a não-neutralidade política da epoché, ela apóia o julgamento presente.

<sup>49</sup> PERIN, Casey. Pyrrhonian Scepticism and the search for truth. **University of Massachusetts**, [S.l.], 2006.

Disponível em: <<http://www.umass.edu/philosophy/PDF/Perin/Pyrrhonian%20Scepticism.pdf>>. Acessado em: 2007.

Perin aposta na verdade e na tranquilidade juntas.

<sup>50</sup> SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo Filosófico**. São Paulo: EPU, Curitiba: Editora UFPR, 2000. p. 23.

Smith acha estranho que a suspensão seja ela mesma um julgamento. Em política, penso que sim, é uma escolha, um julgamento *prático*. De maneira alguma ignoro o pano de fundo das discussões sobre a viabilidade e inviabilidade filosófica do ceticismo. Os partidários de inviabilizá-lo afirmam que a epoché é um tipo de *teoria da inação*, por outro lado, o partido rival replica uma *teoria da ação*, e afirma o ceticismo como ferramenta filosófica viável e ativa. A teoria da inação, segundo Marcondes, diria que a suspensão ataca o juízo, que por sua vez inviabiliza a crença, que por sua vez leva à inação. Segundo vejo, na disputa política, as duas alternativas são importantes por razões práticas. Sendo assim, se é originário da epoché uma teoria da ação ou uma teoria da inação, ambas reproduzem uma visão conservadora do estatuto social. Portanto estou propondo uma avaliação prática e mais simples sobre aprovar ou reprovar uma qualidade moral sobre uma instituição ou pessoa apresentada ao cético. O lado da vida sem crença (life without belief) pode ser representado por Burnyeat (1980). Com algum esforço, o partidário mais próximo do meu entendimento seria Porchat Pereira que afirma que: *nossa epoché concerne apenas a teorias, doutrinas e dogmatismos e também que o fenômeno não diz menos à esfera moral*. p. 29. Segundo vejo, a política abraça ambos os mundos: o mundo sem dogmas, com dogmas e um terceiro entrecortado por ambos.

Em segundo lugar, outro ponto importante a considerar no ceticismo são os argumentos contrários às etiologias. Em conjunto, eles consistem uma defesa radical contra a inovação. Se os dogmáticos imprimem uma certeza com o caminho *isto causa aquilo*, as implicações ameaçam a organização cética da tranquilidade, elas introduzem decisões, movimento, mudança, por isso é importante freá-las. Uma vez tendo procurado demonstrar como a suspensão do julgamento pode representar uma dimensão e escolha temporal pelo cético, torna-se importante retomar outro argumento suspensivo importante introduzido junto ao movimento ou trilha intelectual que começa com a disputa dogmática, que passa pela indecibilidade e que termina com a tranquilidade. Farei referência específica ao argumento da causalidade. Este argumento, ou *modo* da causalidade, relação causal, ou os modos contrários a argumentos baseados em *etiologias*, constituem-se de um conjunto de 8 *tropos* desenvolvidos por um cético chamado Enesidemo, figura importante da qual também não se possuem muitos detalhes biográficos, e que são apresentados por Sexto Empírico também em *Outlines of Pyrrhonism*.<sup>51</sup>

O primeiro deles é chamado de (i) *não-confirmação*, segundo o qual uma coisa não-aparente (uma causa não-evidente) não pode causar algo aparente (um fenômeno), isto não é confirmado por nenhum acordo entre causas derivadas da aparência. (ii) Da *seleção causal*, pela qual o dogmático seleciona, de um universo de causas

---

-MARCONDES, Danilo. Juízo, suspensão do juízo e filosofia cética. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 69-82, 2007. Originalmente publicado em *Kriterion*, volume XXXV, 93, Belo Horizonte: UFMG, junho de 1996, p. 9-21.

-BURNYEAT, M. F. Can the sceptic live his scepticism? In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in Hellenistic Epistemology**. Oxford: Clarendon Press, 1980. p. 20-53.

- PORCHAT PEREIRA, O. Sobre o que aparece. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 195-229, 2007. Originalmente em *Revista Latinoamericana de Filosofia*, vol. XVII, 2, Buenos Aires, 1991.

<sup>51</sup> [HPI, 17, 180-186, p. 103-107];

possíveis, apenas aquelas mais afeitas aos seus interesses. (iii) Do *ordenamento de causas*, pelo qual se afirma que, de um universo de eventos sem nenhuma organização, os dogmáticos os ordenam num sistema arbitrário de causas. (iv) Das *analogias*, segundo o qual se afirma que o dogmático observa como uma única sequência de *causa* e *evento* ocorre e dela retém o entendimento de que é igualmente possível que este evento ocorra em circunstâncias diferentes daquela circunstância original. (v) Da *idiosincrasia*, ou da seleção de causas, de um universo de causas possíveis, os dogmáticos selecionam aquelas (causas) que confirmam as suas próprias hipóteses, sem nenhum tipo de acordo em torno de método comum de entendimento. (vi) Da *seleção de fatos*, os dogmáticos selecionam e admitem apenas fatos relacionados com as suas próprias teorias e desprezam aqueles (fatos) que conflitam com as mesmas. (vii) Da *inconsistência*, no qual o dogmático seleciona causas que conflitam não apenas com a aparência dos fenômenos, mas também com a sua própria teoria ou hipótese. (viii) Da *dúvida reiterada*, segundo o qual ainda quando há dúvidas sobre coisas aparentes e causas ainda em investigação, eles baseiam as suas doutrinas sobre coisas dúbias em coisas igualmente dúbias.<sup>52</sup>

Os Oito Modos são um manancial robusto pela defesa da vida e da organização da sociedade segundo a experiência passada, segundo a opinião coletiva e expressam a aversão cética às falhas argumentativas comuns nas doutrinas dogmáticas. A imagem agregada dos modos produz ainda um conjunto de argumentos muito

---

<sup>52</sup> [HPI, 17, 180-186, p. 103-107];

- LESSA (1995, p. 71-88)

Brochard trabalha em cima de um resumo dos modos de Enesidemo. Lessa trata todos esses tropos em separado. Trata cada um deles por *princípios* e assim os nomeia: *princípio da não-confirmação*, *monocausalidade arbitrária*, *incompatibilidade formal*, *falácia analógica*, *idiosincrasia*, *inconsistência* e *incerteza hiperbólica*.

ajustados com o que chamo de disputa política, pela qual o cético combate a pressa de fazer vencer uma ideia, uma vez que o procedimento dogmático implica em ansiedade, em aceleração de soluções intelectuais defeituosas. Ao menos um aspecto adicional é possível destacar dessa reunião de oito argumentos: ao bloquear os procedimentos, inviabilizando o caminho causa e efeito, é possível preservar a *tranquilidade atual* de consequências imprevisíveis. A causalidade é um movimento, ela expressa uma definição de uma coisa rebatendo sobre outra, ela introduz a mudança a partir da relação de um corpo sobre outro.<sup>53</sup> A crer em argumentos singulares ou idiossincráticos sobre a melhor organização social vindos das doutrinas dogmáticas, as consequências são coletivas. A conjunção dos modos de causalidade faz a defesa cética do ataque dogmático à tranquilidade: a causalidade, em política, expressa movimento, o ceticismo não, expressa bloqueio.

Ainda a partir da figura do rei e das suas qualidades, será possível incluí-la, aplicá-la exhaustivamente nos oito argumentos, entretanto dispense a obviedade que segue da colocação desse exemplo em cada um dos argumentos e trato apenas os seguintes: (v) da idiossincrasia, (vii) da inconsistência e (viii) da dúvida reiterada. Cada um dos oito tropos expressa dramas cotidianos da vida e da disputa política, entretanto, esses três podem expressar uma síntese do desespero cético com relação ao partido da inovação. No primeiro caso (v), é possível imaginar o empenho cético, para desqualificar a afirmação de que o rei é tirano, acusando o adversário de produzir conclusões baseado em uma interpretação eminentemente privada e que, a

---

<sup>53</sup> SORABJI, Richard. Causation, Laws, and Necessity. In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in Hellenistic Epistemology**. Oxford: Claredon Press, 1980. p. 250-282.

Segundo Sorabji, os estóicos estão introduzindo uma inovação em matéria de causação. Ela conforma a regularidade de eventos e a formação de leis necessárias em torno de experimentos semelhantes.

crer em sua opinião, sobre a opinião coletiva, o rei deveria ser deposto; já na hipótese da opinião dogmática expressar algo como: tirania enseja mudança – se o diagnóstico é do tipo T (*tirania*), logo, façamos D (*deposição ou democracia*). O segundo, (vii) da inconsistência, é mais dramático e espelharia o desespero dogmático com o objetivo claro de fazer, de operar, de realizar, de colocar em prática a opinião na vida política, a ponto de descuidadamente negligenciar técnicas rudimentares de pesquisa. O terceiro e último argumento selecionado, (viii) da dúvida reiterada, aponta o adversário (dogmático) fora do acidente da imperícia contido no ponto anterior (vii – da inconsistência) e desfere a mais completa desqualificação do dogmático como sendo mais que um imperito acidental. Ele aparece nesse argumento como completamente incapaz de opinar sobre assuntos públicos e, portanto, como inapto a produzir a mais diminuta interpretação qualificada, ordenada ou embasada sobre a tirania do monarca ou qualquer outro assunto concernente à política. Desta vez não foi acidente, o adversário da quietude simplesmente não sabe o que fala. Os três argumentos (v, vii, e viii) em uníssono afirmam que a tradição intelectual cética baseada em experiências comuns afasta categoricamente a experiência intelectual dogmática sobre a vida coletiva. A razão é simples: o experimento dogmático baseado em causa e efeito não define ou demonstra valor ou coerência interna que supere o valor intelectual da experiência pretérita e que supere a conquista representada pelo curso atual da tranquilidade.

Em terceiro lugar, outro ponto chave na doutrina cética, a *epoché* denota uma espécie de vantagem humanitária, ao organizar cognitivamente a disputa e manter a política e as suas instituições mediadas por dogmas sutis do ceticismo. Por esse ponto de vista, a suspensão será observada como um atributo humanitário, como

uma função estratégica civilizadora e como sendo dogmaticamente otimista. Se a defesa intransigente da experiência passada não é dogmática, ela representa ao menos uma operação institucional peculiar. Entre as poucas transformações aceitas por eles, de ideias a atos, está o conjunto de atitudes objeto de crônicas, de descrições comuns, consensuais da vida ordinária de que resultam as imagens das instituições. O rei, o monarca empregado até aqui como títere, é uma dessas instituições. Elas representam a opinião consagrada, o fenômeno comum, elas são o antídoto contra a idiosincrasia dogmática, portanto elas figuram e materializam as ideias que resultam de métodos públicos. A isso Sexto Empírico considera como um experimento ou *acordo comum em torno de método* ou simplesmente *método compartilhado (commonly agreed methods)*.<sup>54</sup> A inserção da *experiência* e do *tempo* para as decisões qualificam a quietude cética. A primeira opera como uma memória *contra a inovação* na vida social, o segundo *contra a sua precipitação* extemporânea. Num esquema ainda simplificado e resultado desta interpretação, é possível afirmar preliminarmente que *os cétricos olham para trás*, de onde recolhem as certezas baseadas na experiência que fomos capazes de materializar ao longo do tempo, *os dogmáticos olham para frente*, para onde apontam quais *novas certezas* podemos introduzir de agora em diante. O primeiro conserva, o seguinte vaticina.

O *experimento coletivo* e o *tempo* não são uma medida objetiva e tratada abertamente por Sexto Empírico, contudo, para esta tentativa de interpretação em curso, eles são uma imposição que decorre da suspensão do julgamento, da

---

<sup>54</sup> [HPI, 17, 183, p. 105]

ansiedade dogmática e do desejo reiterado de calma e paz.<sup>55</sup> Devidamente compreendida, ela mantém, conserva a civilidade<sup>56</sup> do debate, ela modera o conflito. A epoché, a suspensão, conserva a disputa entre os antagonistas (M e M') na competição pela transformação social das ideias. O cético pode produzir ou mesmo toma emprestado um argumento que rivaliza e demonstra que o antagonista imediato pode estar errado. Disso, segue que ele não afirma, nem nega, não vê razões para uma ou para outra, não precipita sobre a vida a certeza fundada na idiossincrasia e, por extensão, continua na pesquisa. O cético afirma que a experiência social em marcha é preferível às soluções em disputa. A experiência em curso pode aparecer de várias maneiras, mas aqui ela é materializada pela instituição conhecida e representa o contra ponto às investidas inovadoras. Em outras palavras, este ainda não é o momento para resolvermos a querela e que continuemos a pesquisa, pois no tempo seguinte colheremos a resposta.<sup>57</sup> Da mesma forma, o movimento intelectual geral de considerar os dogmáticos como os pensadores que precipitam infortúnios possui três sentidos pouco elogiosos: (a) o de pôr sobre a vida a certeza indemonstrável de algo e, ao mesmo tempo, (b) o de ser um açodado em matéria de pesquisa, o imperito produtor de incertezas. Um terceiro sentido pode ser muito bem fixado pela tentativa sistemática de ridicularizá-los. A terapêutica empírica dos céticos opera os três sentidos enfatizados aqui e em todo o

---

<sup>55</sup> [M XI, 141, p. 24];

<sup>56</sup> ARAÚJO, Cícero Romão de. Política e ceticismo. In: SMITH, Plínio Junqueira; SILVA FILHO, Waldomiro (Org.). **Ensaio sobre o ceticismo**. São Paulo: Alameda, 2007.

Araújo fala em *qualidade e intensidade aceitáveis*.

<sup>57</sup> BERNARDO, Gustavo. **A ficção cética**. São Paulo: Annablume, 2004.

Bernardo fala em *aceitar o juízo vigente*. p. 43.

- POPKIN, Richard. **Ceticismo**. Organizador: Emílio M. Eigenheer. Niterói: Eduff, 1996. p. 20. Popkin fala em *aceitar as convenções de sua sociedade*.



seu trabalho, com maior destaque para *Against the Professors*<sup>58</sup> e *Against the Ethicists*.<sup>59</sup>

Em quarto, outro aspecto memorável da atitude mental cética é a sua trilha básica de orientação prática na vida comum erguida sobre quatro referências simples, das quais destaco a tradição. Ainda em *Outlines of Pyrrhonism*, os critérios narrados e adotados por Sexto Empírico dispensam as tentativas transformadoras do pensamento dogmático. Os céticos se guiam na vida por meio de quatro referências: i. Eles tomam orientações da natureza; ii. São constrangidos pelas paixões; iii. Aderem às regras normais baseadas na tradição, nas leis e nos costumes; iv. Aderem à instrução das artes.<sup>60</sup> Pela primeira referência, *(i)* operamos por princípios naturais, e neste ponto ele se refere aos sentidos; pela segunda, *(ii)* operamos em função das paixões, como quando somos guiados pela sede e a fome para a comida e a água; com a terceira, pela tradição, pelas leis e costumes, *(iii)* como quando estes dizem que a piedade é um bem e a impiedade um mal; e finalmente, pelo domínio das artes, *(iv)* os céticos não são inativos intelectualmente.<sup>61</sup> Nem mesmo esta última salva o ceticismo de inaugurar uma das pedras honoráveis do pensamento conservador. *A ênfase na natureza, na tradição e na obediência aos costumes instala o ceticismo num sistema refratário a mudanças e a transformações no sentido de todas as demais filosofias conhecidas pelos traços do self-conceit and*

---

<sup>58</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Against Professors**. Cambridge: Harvard University Press, 1949. Translated by R. G. Bury. Loeb Classical Library.

Esse trabalho também conhecido por *Adversus Mathematicos (M)*.

<sup>59</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Against the Ethicists**. Oxford: Clarendon Press, 1997. Translation, Commentary, and Introduction by Richard Bett.

Bett publicou esta edição comentada de *Adversus Mathematicos XI*. Abreviarei esta edição como segue: (1) *MXI*, sem o itálico sobre o título (*M*), seguida do (2) livro em itálico (*XI*), por sua vez seguida de (3) capítulo, (4) fragmento e, finalmente, (5) número de página.

<sup>60</sup> [*HPI*, 11, 21-24, p. 17]

<sup>61</sup> [*HPI*, 11, 24, p. 17]; [*M XI*, 163, p. 27]

rashness.<sup>62</sup> Nenhum dos argumentos que arremessem novidades sobre a tradição, as leis e os costumes passará incólume ao constrangimento oferecido pela perspicácia do ceticismo.<sup>63</sup> Em matéria de opinião sobre assuntos inevitáveis, o cético terá os sentimentos mais moderados, com representação não-dogmática, pois a quietude é um primado a ser seguido.<sup>64</sup>

Não importune com dogmas, não arrisque dogmas que substituam os dogmas da experiência social em curso, não interrompa a tranquilidade. Desta maneira me aparece o aspecto geral das mensagens de Sexto Empírico e a sua observação dos dogmáticos de seu tempo ao dissertarem sobre a melhor *maneira de viver*, o *soberano bem*, ou de *como se atingir a virtude*, ou da *arte de viver*.<sup>65</sup> Por certo, entre as quatro referências citadas, aquela que possui o contorno assumidamente político é a relatada no terceiro tópico, pelo qual sabemos do abraço dos céticos às leis e costumes. Entretanto, a despeito dessa conexão forte e direta entre a suspensão do julgamento e da aderência tranquila ao curso da vida política, como quer que essa se apresente, ela configura uma inserção rebaixada, defensiva e cujo alvo é a inovação. O disparador dessa tentativa de vinculá-los a demiurgos da reflexão conservadora é uma constatação epistêmica da suspensão do julgamento e por essa mesma constatação também seleciono o modo (tropo) de causalidades: ele

---

<sup>62</sup> [HP III, 32, 280, p. 511]

<sup>63</sup> Nos critérios de ação prática do ceticismo, Sexto Empírico menciona a tradição de leis e costumes. Por outro lado, no Décimo Modo de suspensão do julgamento ele também define: as regras de conduta, os hábitos e costumes, as leis, as crenças em lendas e, finalmente, as concepções dogmáticas. Todos possuem o sentido que lhes atribuímos atualmente. Os únicos destaques são o trato de hábitos e costumes como sinônimos e das lendas como elementos ficcionais originários de experiências não-históricas. Sexto Empírico opõe todos entre si para produzir a suspensão do julgamento. Tratarei a tradição como uma categoria capaz de encobrir a todos, o Critério (HPI, 11, 24, p. 17) e o Décimo Modo (HPI, 14, 145, p. 85), quando não anotar informação em contrário. Creio que essa estratégia pode habilitar afirmações como *a tradição de lendas e mitos*.

<sup>64</sup> [HPI, 12, 25, p. 19]

<sup>65</sup> [HP III, 21, 168, p. 441]; [HP III, 21, 179, p. 447]; [HP III, 24, p. 455-485]; [HP III, 23, 239-249, p. 485-493]

relata causas e consequências no sistema dogmático como uma *abstração incosequente* e perigosa.<sup>66</sup>

Mais um aspecto relevante, o quinto e último, que também resulta da razão humanística civilizadora, procura inviabilizar o percurso incosequente do tipo causa e efeito. A decisão de afirmar a verdadeira qualidade do rei como magnânima ou tirânica implica numa discussão com consequências inesperadas para o cético, o defenestrável e incontrolável caminho intelectual de tipo causal. E, segundo creio, decorre daí um dos seus principais estímulos à escrita pela qual demonstra sua porção substantiva de amor à humanidade e uma atitude retraída, moderada e ordenada epistemicamente. Não estou afirmando linearmente que eles escrevem em função da causação, mas que no que se refere à disputa pública, penso que ela é um veículo prático, perigoso, crível e incontrolável na pesquisa e nos resultados ficcionais de tipo dogmático. De qualquer forma, para ser coerente com a sua própria doutrina, o ideal seria não escrevê-la, apenas praticá-la. Entretanto o cético fala, rememora, discorre e discute ao seu modo.<sup>67</sup> Afinal, por que escrever a doutrina? Por que investir num sistema tão detalhado senão para disputar a interpretação da melhor maneira de guiar a vida? A terapia cética disputa a interpretação, a leitura do mundo, uma visão de mundo.<sup>68</sup> Está aqui a sua parte humanística, o seu modo de praticar a benevolência, a sua maneira de praticar o amor à humanidade.<sup>69</sup> A porção humanitária e altruísta dos céticos está conexas ao

---

<sup>66</sup> [HP I, 17, 180-186, p. 103-107]; [HP III, 5, 17-29, p. 337-345]

<sup>67</sup> [HP I, 20, 192, p. 111]; [M I, 2, 44-53, p. 27-33]

<sup>68</sup> WOLFF, Francis. **Dizer o mundo**. São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

Estou procurando o que Wolff classifica como *o quê e por quê?* p. 75, 79.

<sup>69</sup> OLASO, Ezequiel. Zétesis. Tradução Waldomiro José da Silva Filho. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 7-35, 2007.

Para Olaso, Sexto Empírico participa de uma doutrina geral segundo a qual inevitavelmente uma pesquisa implica em extrair consequências. p. 18

pensamento conservador, aqui ele o antecipa e sua *tarefa* é transmitir a sua doutrina tanto quanto possível, a fim de preservar e conservar a convivência ante a ameaça da inovação.<sup>70</sup> Sexto Empírico disputa uma visão da política, e entre outras aplicações, a isto se presta a suspensão do julgamento: ela é um convite à moderação, diante do macro diagnóstico da impossibilidade de se afirmar o que as coisas são realmente.<sup>71</sup>

As consequências das discussões imoderadas são os conflitos físicos.<sup>72</sup> Portanto, a qualidade do pensamento conservador antecipada pelos céticos tem um sentido mais fluido, humanitário e constantemente orientado por razões epistêmicas, do que uma qualidade mais partidária, ante as concepções de inovação, manutenção, reação e progresso presentes séculos à frente do legado antigo. Sexto Empírico quer fazer crer que não há ferramentas intelectuais estáveis disponíveis para decidir sobre o que é a principal característica do monarca, a única coisa que ele concorda com segurança é que ele é rei.<sup>73</sup> Ele é traduzido como uma instituição que deve ser vista como a melhor experiência decantada para a vida em comum. A permanência do monarca representa, portanto, um valor e um domínio comum à experiência coletiva, ela representa a conservação da convivência sob marcas coletivas de entendimento do que são experimentalmente as melhores ideias. O cético tem uma espécie de vocação intelectual para a convivência pacífica em torno de referências

---

-THORSRUD, Harold. Ancient Greek Skepticism. **The internet encyclopedia of philosophy**, [S.l.], [2010?]. Disponível em: <<http://philpapers.org/rec/THOAGS>>. Acessado em: 2010.

O autor marca a atenção dada por Photius à mensagem da doutrina de Pirro: *Who follow the philosophy of Pyrrho will be happy*.

<sup>70</sup> [HP I, 14, 145, p. 85]

<sup>71</sup> [HP I, 22, 196, p. 115]

<sup>72</sup> [M II\*, 31-32, p. 205] (\*) O Livro II de *Adversus Mathematicos*, ou seja, o livro *Against Professors*, no Livro 2 de título *Against the Rhetoricians* não está organizado em capítulos na edição Loeb. Portanto, sigo com uma marcação diferente das demais também para este mesmo livro, passo apenas a omitir a mesma informação, o capítulo dentro do Livro II. Ver nota de número 13. Conforme citação/ nota de número 59.

<sup>73</sup> [M II, 33, p. 205]

cognitivas conhecidas. O seu texto promove o seu registro formal de amor à humanidade e de uma aplicação que pode ser chamada de pacifismo.

Os tópicos que trato como *nexos políticos* introduzem o que considero uma porção militante da atividade intelectual sextiana. O ceticismo possui um conjunto grande e variado de argumentos e creio que a avaliação da quietude, da equipolência, da suspensão do julgamento e algumas interpretações variadas a partir delas, como a sua organização da disputa entre teses rivais em níveis civilizados, podem ser um referencial preliminar importante para a política. Sugiro também uma noção temporal calma, uma interpretação negativa da causação, a vantagem cognitiva representada pelas instituições, a sua opção pela tradição, e o amor à humanidade codificado textualmente como predicados importantes do núcleo da atitude mental cética para a vida pública. É verdadeiro que eles vão além quando considerados no conjunto da atividade filosófica pela qual fica clara a sua contribuição para a vida intelectual. Mas a partir desses elementos, sugiro que eles podem ser interpretados como bastiões do pensamento conservador, quando analisados em momentos importantes da vida em comum, onde e quando somos requisitados a exprimir comandos evidentes de apoio ou repreensão a alguma decisão na vida pública. A visão agregada desses itens do ceticismo está aquém e longe de esgotar a contribuição da tradição cética para a política, mas me parecem suficientes para um trabalho exploratório. Em seguida, considero que é possível mostrar algumas partes e aplicações mais agudas pelas quais procuro pintar as armas e desdobramentos mais nitidamente políticos no trabalho de Sexto Empírico. Procuro organizar alguns argumentos que o lançam à disputa, postado pelo lado conservador, organizado contra o pensamento e as

intransigências da inovação. Farei ainda uma breve discussão com os trabalhos de Brochard e Lessa.

### **Da solução moderada**

A experiência social coletiva ou, simplesmente, a política, se não aparece distribuída em categorias analíticas organizadas, como no caso do apelo claro à tradição, por outro lado aparece fragmentada em vários dos argumentos de Sexto Empírico. É possível capturar entre eles algumas palavras do vocabulário corrente de sua época e também presente na vida contemporânea como maioria e país<sup>74</sup>, pobreza<sup>75</sup>, agregação<sup>76</sup>, atos públicos<sup>77</sup>, nobreza<sup>78</sup>, tribo<sup>79</sup>, ética<sup>80</sup>, regras de conduta<sup>81</sup> e que sugerem a atenção dada ao tema. Esta é uma das razões segundo as quais me aparece importante vinculá-lo à disputa política. No contexto do conflito sobre a melhor maneira de orientar a vida, o cético não está bem seguro sobre o trabalho dos competidores presentes no pregão das certezas de sistemas dogmáticos. Ainda versando sobre a chamada arte de viver dos estoicos e o seu interesse em definir o que as coisas são por natureza, ele é implacável. A passagem a seguir, breve, pode explicitar melhor esse ponto no qual se procura pintá-lo como tendo vocação política e entendimento conservador do agregado social e como chega a um resultado moderado e institucional.

---

<sup>74</sup> [HP III, 24, 193, p. 459]

<sup>75</sup> [HP III, 24, 191, p. 457]

<sup>76</sup> [HP III, 24, 188, p. 455]

<sup>77</sup> [HP III, 24, 200, p. 463]

<sup>78</sup> [HP III, 24, 203, p. 463]

<sup>79</sup> [HP III, 24, 207, p. 465]

<sup>80</sup> [HP I, 14, 145, p. 85]

<sup>81</sup> [HP I, 14, 145, p. 85]

For things which seem to some to be evil are pursued as goods by other – for instance, incontinence, injustice, avarice, intemperance, and the like. Hence, if it is the nature of things naturally existent to move all men like, whereas the things said to be evil do not move all alike, nothing is naturally evil.<sup>82</sup> [sublinhado acrescentado]

Da passagem, podemos depreender que há uma multiplicidade de interpretações em curso sobre os mais variados pontos ligados à ética e aos assuntos morais. O que *aqui* aparece como o mal, *ali* não aparece como sendo o mal. Como conclusão, não há unidade em torno de um tema que consiga mobilizar todos os indivíduos, segundo apenas um entendimento. De volta ao títere do monarca e à suspensão do julgamento, e influenciado pelo tropo de causalidades, uma aplicação combinada por ambos poderia ter a seguinte feição: o monarca não é naturalmente tirano, ou o monarca é naturalmente tirano, logo, é impossível validar uma ou outra das proposições, já que o conceito de tirania não seja um fenômeno ou, de acordo com a passagem, não é uma qualidade ubíqua e, por conseguinte, é impossível dizer que ela exista, e, uma vez existindo, é impossível dizer se ela é um mal ou não. Com relação à aplicação da causalidade, o títere poderia ter a seguinte feição: a tirania do monarca *é a causa* da pobreza e miséria, a tirania *não é a causa* da pobreza e da miséria.<sup>83</sup> Segundo o cético, a definição é tomada por métodos compartilhados de compreensão, pela experiência pública. Uma vez forçado a uma resposta intelectual, o cético só assere sobre a existência do monarca porque é cedo para decidir sobre as qualidades atribuíveis a ele e, por isso, simplesmente segue pesquisando. O

---

<sup>82</sup> [HP III, 24, 190, p. 455]

<sup>83</sup> [M XI, 146-147, p. 25]

A partir de uma má atualização da aplicação da ataraxia sobre mobilidade social, ou simplesmente a atualizar-se a suspensão do julgamento sobre a definição de riqueza como um bem e a pobreza um mal, de Sexto Empírico, seria perfeitamente possível afirmar que ele seria contra a mobilidade social. A razão é a seguinte: o médico nos relata dois prejuízos (perturbações) para aqueles que desejam a riqueza e três prejuízos para os que passam a detê-la. Os estóicos, por seu turno, embora não reconheçam a virtude e a felicidade na riqueza, ao menos possuem critérios pelos quais atribuem *valor* e dizem que ela deve ser preferida, ao invés de recusada.

-BALTZLY, Dirk. Stoicism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/stoicism/>>. Acessado em: 2010 e 2012. First published Mon Apr 15, 1996; substantive revision Mon Oct 4, 2010

monarca é reconhecido pelo tempo, pela experiência e representa o que será conservado e intocado pela suspensão do julgamento.<sup>84</sup> A continuidade da pesquisa ou a perpetuação da reflexão sobre as coisas e da operação dogmática fazem do cético um atleta ou um ativista da vida intelectual, num contexto de disputa contínua sobre assuntos morais, sobre assuntos públicos.

O quadro de conflito organizado sobre a imagem do monarca tirano ou magnânimo impõe uma descrição sobre qual é a *posição do cético* com relação à atuação de *monarcas* notoriamente *tiranos*. Ou seja, ele impõe a questão sobre a sua posição naqueles casos nos quais o senso comum e as filosofias convergem para o mesmo diagnóstico do monarca tirano. O cético é indiferente ao tirano? Em passagem famosa, Sexto Empírico responde sobre esse ponto no qual o dilema é tal como segue: uma vez recebendo uma ordem a praticar um ato contra a sua vontade, ou um ato reconhecidamente vil, ele poderá negá-la?<sup>85</sup> Responde que sim.<sup>86</sup> Contudo, a resposta tem caráter menos epistêmico e de fato mais prático, segundo o que os próprios céticos chamam de prática, o que na verdade representa a culminância de uma série de esforços intelectuais.<sup>87</sup>

Com esse tipo de questão, o médico empirista quer demonstrar que os céticos não são amorais e que tomam decisões dentro de sua própria compreensão da vida. O confronto com o tirano tem ao menos duas disposições: a primeira consiste em demonstrar claramente que os céticos opinam de acordo com suas próprias vontades e sua própria coerência como todos os indivíduos; a segunda, segundo o

---

<sup>84</sup> [HPI, 11, 21-24, p. 17]

<sup>85</sup> [M XI, 162-167, p. 27]

<sup>86</sup> [M XI, 166, p. 27]

<sup>87</sup> [M XI, 164, p. 27]



meu entendimento, acusa a sua preferência pela conservação do estatuto político em vigor, conforme detalho a seguir. O dilema do conflito entre o cético e o tirano produz uma solução discursiva cujo resultado é politicamente consistente, moderado e conservador. O cético afirma reiteradamente a tradição e a conformidade com as decisões sobre temas costumeiros, e o dilema expressa mais um dos casos em que fica evidente que não estamos tratando de uma doutrina que de maneira alguma deseja ser coerente pelo todo e que procura, em política, se lançar no conflito das mais variadas opiniões, que procura se inserir na diafonia pelo lado da conservação.<sup>88</sup>

Essa escolha, a meu juízo, reflete uma opinião, mas ao mesmo tempo não é uma atividade intelectual de senso comum e também não é uma decisão filosófica, ela combina as duas, do que resulta uma visão politicamente preconcebida. A descrição filosófica e de senso comum abraçada pelos cétricos, essa narrativa híbrida, resulta numa construção coerente e preconcebida em favor da conservação da organização pública conhecida, em favor de um pensamento conservador inaugural ou primevo. A armadilha dogmática montada por Sexto Empírico contra os cétricos pode ilustrar melhor a força dessa ideia. Diante do dilema dogmático, e o comando do tirano, a provocação ao cético pela sua hipotética falta de consistência o forçaria a uma *decisão parcial em política*. A provocação própria, sugiro, seria indagar a sua opinião e índole subversiva: a) pela ficção ou hipótese de enquadramento dogmático, ele *desprezaria* as regras comuns, as leis, os hábitos e a tradição nos casos em que a exigência do tirano fosse legal; e b) ainda pelo mesmo enquadramento, ele se negaria, sem prejuízo de sua própria vida, pois a morte é uma medida extrema

---

<sup>88</sup> [M XI, 164, p. 27]

demais. Com efeito, essa segunda hipótese estabelece um princípio de conservação do indivíduo, a conservação da vida e o seu primado sobre a opinião, uma solução moderada.<sup>89</sup> Pela primeira hipótese, ele é possivelmente um *subversivo morto*, na segunda, ele é um *covarde vivo*. As duas alternativas estão abertas, mas, ainda segundo o *filósofo*, a solução cética não se encaixa nesse tipo de dilema. Segundo leio, ainda que ele queira demonstrar que o cético pode realmente ser um dos dois bravos militantes, o subversivo ou o covarde, ele conclui o raciocínio afirmando a inutilidade desse tipo de quadro. A coerência cética não acomoda a covardia ou a subversão por esse dilema rápido. A tirania é um evento e que pode perfeitamente ser considerado como efêmero e que aviva a *inserção coerente* do cético na disputa pública pelo *lado conservador* em defesa da instituição, da tradição e dos hábitos. Com essa premissa, segue-se a leitura de que a tirania não é habitual, *ela apenas projeta sobre o mundo mais um dos exageros do dogmatismo* e requer uma solução prática moderada.

Com os dois quadros abaixo, Quadros A e B, procuro detalhar o tipo de solução cética para o *dilema dogmático* aventado por Sexto Empírico em defesa dos céticos de um suposto ataque à sua coerência. Ele quer afirmar que os céticos têm opinião e, segundo a interpretação que sugiro, ela é consistente, moderada e conservadora. Pela hipótese sextiana, os dogmáticos investem em busca da existência de opinião<sup>90</sup> e, uma vez existindo, investem contra a existência de correção moral, para o caso em que os céticos se deparam com o tirano. Neste caso, pelo campo dogmático,

---

<sup>89</sup> [M XI, 164, p. 27]

<sup>90</sup> BURNYEAT, Myles. Can the sceptic live his scepticism? In: \_\_\_\_\_ & FREDE, Michael (Ed.). **The Original Sceptic: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing company, Inc., 1998. Burnyeat põe sob suspeição a capacidade pirrônica de sustentar opinião. p. 25

procura-se demonstrar inexistência de opinião ou inconsistência no ceticismo e na decisão cética.

**Quadro A:** pesquisa dogmática sobre a coerência e consistência da decisão do cético. Hipótese de ato inqualificável (unspeakable deed)<sup>91</sup>  
*-Comando do tirano contra a vontade do cético*

	A ordem é Legal	A ordem é <i>llegal</i>	Resultado
(i) he will not endure what has been commanded, but will choose a voluntary death – <i>primeira hipótese dogmática apontada por Sexto Empírico.</i>	(i.i) Não aceita		Em i.i ele morre em desobediência.
	<i>Sob essa hipótese (i.i) o cético tem opinião formada e anterior à lei. O ato legal contra a vontade do cético é improvável.</i>	(i.ii) Não aceita	Em i.ii ele morre em obediência à lei.
	Inconsistência: premissa de que ele teria uma opinião anterior à lei. Isto é uma <i>coisa impensada para um cético</i> . Ressalvado o caso, razoável, no qual o tirano as altera radicalmente.	Como corolário, a reduzir por absurdo a primeira hipótese (i.i) ele respeita as leis. O fundo dessa decisão é a ancestralidade da lei.	
(ii) or to avoid torture he will do what has been ordered - <i>segunda hipótese dogmática apontada por Sexto Empírico.</i>	(ii.i) Aceita		Vive de acordo com a lei (ii.i)
	<i>Ele aceita porque é lei. Por outro lado, ele pode estar sugerindo que o cético tem opiniões sem base em leis ou anteriores ao tirano, o que é razoável supor.</i>	(ii.ii) Aceita	Vive sob desacordo com a lei (ii.ii).

<sup>91</sup> [M XI, 164, p. 27]

Pelo Quadro A, vemos Sexto Empírico fazer a defesa do ceticismo diante de um ataque dogmático que afirma a inconsistência do ceticismo. Essa defesa acontece logo após defender os céticos da acusação de inatividade pelo que conclui que os céticos não são vegetais, eles são ativos intelectualmente. O Quadro A cruza hipóteses verticais e horizontais. De onde sabemos que o ato é *contra a vontade do cético*, hipótese aventada por ele, entretanto um *ato inqualificável* não é o mesmo que um *ato ilegal*.<sup>92</sup> Por essa razão, abri duas colunas considerando as duas possibilidades: a primeira, segunda coluna, expressa a hipótese pela qual o ato é *legal e contra a vontade do cético*. Na segunda, terceira coluna, o ato é *ilegal e contra a vontade do cético*. Segundo o *médico filósofo*, a procurar-se a vontade do cético num tal quadro lógico e coerente configura-se uma atividade investigativa daqueles que não conhecem o que é o ceticismo, pois ele não se pauta pela retidão filosófica. Portanto a pesquisa só mostra padrões dogmáticos de observação de decisões políticas. A expressão *contra a sua vontade* é a chave de entrada coerente e dogmática no ceticismo, mas ela não orienta a sua vontade em desacordo com a vida coletiva, pois a chave dogmática não gira ou organiza a fenda cética. A sua vontade é uma vontade regulada pelas leis. Portanto, o quadro não reflete coerência dogmática, mas reflete coerência e consistência cética. O tirano e a tirania são dois fenômenos efêmeros. A consistência do ceticismo, portanto, não está no quadro de referência dogmática do tipo *o que faria ele se*, mas sim que: em meio a ambientes de hostilidades recíprocas e de radicalismos, ele optaria pelo menor, pelo mais tênue dos extremos, ou pelo lado da decisão mais intermédia.<sup>93</sup> Pelo que entendo, do ponto de vista prático desse falso dilema, a solução seria uma que mantivesse a

---

<sup>92</sup> PORCHAT PEREIRA (2007, p. 29)

Porchat dispensa a dúvida sobre o ato ser legal ou não, ele se concentra na questão moral.

<sup>93</sup> PORCHAT PEREIRA (2007, p. 29).

Diz ainda que *oxalá o consigamos – agir conforme nossa formação e educação*.

vida do cético, ante o prejuízo de ferir a petição de princípio em torno do seu amor à humanidade.<sup>94</sup> Do ponto de vista teórico, a solução é pela tradição contra a inovação que a tirania representa.

**Quadro B:** resposta de Sexto Empírico contra a pesquisa dogmática. Hipótese de ato ilegal (forbidden act)<sup>95</sup>

*-Comando do tirano contra a vontade do cético*

	Aceita	Não aceita	Resultado
		X	
(iii) Tirania/ Inovação		Fundamento: ancestralidade da lei e dos costumes	?

Pelo Quadro B, desta vez não há espaço para o dilema legal ou ilegal que restava na pesquisa e na afirmação anterior, aqui, na conclusão do argumento, a mensagem é objetiva: o comando do tirano é ilegal. A pergunta agora seria do tipo: uma vez diante de um comando ilegal de um tirano, o que faria o cético? Sexto Empírico está tentando fazer crer que os cétricos escolhem algumas coisas e evitam outras, neste caso ele deseja afirmar que ele escolhe e que ele opina em política. A defesa desse ponto usa um fundamento conhecido e também um vocabulário novo: o cético atua de acordo com uma agenda *preconcebida (by the preconception)* cuja primeira

<sup>94</sup> A análise de contexto dos cétricos antigos poderia ser uma solução razoável para explicar a conservação cética que proponho. Contudo isso envolveria outro tipo de premissa duvidosa, sob a qual *apenas* o contexto convulsivo criaria as condições adequadas para o ceticismo. Pirro, por exemplo, teria acompanhado as investidas beligerantes de Alexandre, o Grande, viajado à Índia, experimentado os problemas relacionados à expedição, conhecido a filosofia local e tomado a sua influência (Bett: 2002); viveu ainda as convulsões que ocorreram durante e depois de suas conquistas. Groake faz uma breve menção ao contexto e reconhece também a dificuldade de relacionar ambos. De qualquer forma, brevemente, ele cita que a dúvida à evidência cética pode caracterizar ou aparecer com mais nitidez em períodos de convulsão social nas quais são *mais vivas* as demandas por asserções sobre o que é certo e errado, verdadeiro e falso. p. 4. De qualquer forma, segundo vejo, o ceticismo aparece em tempos de crise e em tempos de paz.

-GROAK, Leo. Ancient Skepticism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/skepticism-ancient/>>. Acessado em: 2008 e 2010.

-BETT, Richard. Pyrrho. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2002. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/pyrrho/>>. Acessado em: 2008 e 2010.

<sup>95</sup> [M XI, 166, p. 27]

atitude corre em linha com a *ancestralidade de leis e costumes*. Isto abre a possibilidade de afirmar com mais certeza que o tirano representa um evento episódico e que neste caso ele pode perfeitamente ser o líder partidário da inovação. Por esta interpretação é possível responder à interrogação do Quadro B afirmando a morte do cético em nome dos costumes e da ancestralidade das leis. Portanto, analisando o drama dogmático montado pelo cético grego, estaríamos fora da *teoria do covarde vivo*, longe da segunda hipótese do Quadro A (ii), ele agora aparece pela representação do *coerente morto* sob a tirania da inovação.<sup>96</sup> Ao mesmo tempo, e fora dessa interpretação e afirmação dramatizada, é oportuno reafirmar que o discurso cético segue produzindo um argumento com três ênfases: afirmações de senso intermédio, consistentes politicamente e cuja preconcepção é a defesa da convivência pública. Ao menos é possível ser assertivo num ponto: *o cético admite imperfeições na vida política*. Esta é uma conclusão no mínimo plausível a partir do acidente e do efêmero dogmáticos. Além disso, é pouco aceitável também que do conjunto de sua atividade intelectual a solução cética seja imoderada, em outras palavras, a solução cética para os desmandos e a tirania dificilmente será uma resposta pelo colapso, pela dissolução da vida monárquica, posto que ele prima pela moderação (*moderate feeling*) em matéria na qual é obrigado a opinar.<sup>97</sup>

### O cético e a cidade

---

<sup>96</sup> SMITH, Plínio Junqueira. **Ceticismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Filosofia Passo a Passo. p. 7.

Smith crê que o melhor ambiente para o ceticismo são as sociedades democráticas e tolerantes.

<sup>97</sup> [M XI, 160-161, p. 27]

No trabalho clássico *Os Céticos Gregos*,<sup>98</sup> Victor Brochard apresenta uma interpretação importante sobre o assunto e, mais precisamente, sobre a opção cética de conservar a política, o diálogo, a organização política e as instituições. A obra faz uma extensa descrição dos céticos gregos e apresenta as suas divisões em correntes das quais duas se destacam: os pirrônicos e os acadêmicos. Os pirrônicos são a categoria universal que estamos usando aqui sobreposta à segunda (os acadêmicos) e são aqueles que não afirmam, nem negam e também não estão certos de que não afirmam e não negam. Já os acadêmicos acreditam em plausibilidade e se guiam pelas chances de uma assertiva ser verdadeira.<sup>99</sup> Brochard não tem uma relação boa com os pirrônicos e, além de uma descrição completa da doutrina cética, deixa clara a sua preferência pelo cético acadêmico, pois este *dogmatiza com toda a franqueza. Dogmatiza com medida, prudência e consciência*.<sup>100</sup> Brochard desfere ao menos certa falta de paciência com os pirrônicos. Abstraída a sua torcida pelos acadêmicos, sigo trabalhando sem essa divisão. A leitura que o autor faz dos argumentos do ceticismo (os tropos) é a de que prefiguram um tipo de *perfeição moral* de caminhos variados que combinam basicamente a *ataraxia* (a tranquilidade, a vida livre de dogmas) e a *metriopatia*, o *respeito às coisas que ninguém pode evitar*.<sup>101</sup> Ele não se deixa guiar por regras filosóficas, mas sim pelos *costumes, as leis, as instituições de sua pátria e as*

---

<sup>98</sup> BROCHARD, 2009, passim.

<sup>99</sup> ALLEN, James. Carneades. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2004. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/carneades/>>. Acessado em: 2009.

Allen lembra de outra avaliação sobre este tipo de ceticismo também conhecido como uma versão *mitigada* ou simplesmente *ceticismo mitigado*.

Da mesma forma, Striker define negativamente os céticos dizendo que *nada pode ser conhecido* e preserva a suspensão do julgamento. Esse movimento é uma adesão nítida aos céticos acadêmicos por parte de Striker.

-STRIKER, Gisela. Sceptical Strategies. In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in Hellenistic Epistemology**. Oxford: Clarendon Press, 1980. p. 55-83.

<sup>100</sup> BROCHARD (2009, p. 411)

<sup>101</sup> Id., 2009, p. 337.

*disposições que lhe são próprias.*<sup>102</sup> Ainda segundo ele, o cético viverá uma vida conformada com todas as opiniões admitidas em seu tempo. As regras gerais, o acúmulo de experiências, a tradição, eles montam um código de *certa maneira sob a forma de axiomas, de máximas ou de provérbios.*<sup>103</sup> Ele seguirá com fé, sem admitir, esse conjunto de regras com o maior esmero possível e *a fé mais cega é a fé que age.*<sup>104</sup> A afirmação mais forte é sobre o dogmatismo fanático dos céticos: *um dogmatismo pobre: é a filosofia do senso comum.*<sup>105</sup> A tradução dessa inclinação para a vida política impõe uma divisão importante na obra de Brochard. Segundo ele, os dogmáticos terão mais disposição para derrubar ideias concebidas *na religião, como na moral e na política, eles são revolucionários.*<sup>106</sup> Por outro lado, comparados aos dogmáticos:

Os pirrônicos serão conservadores. Sua preocupação constante será não tocar nas crenças populares e, como dirão, não subverter a vida; Pirro será sumo sacerdote. Eles adotarão, em relação à religião e às tradições, um respeito tão grande que precisamos fazer um esforço para não o considerar um pouco suspeito.<sup>107</sup> [sublinhado acrescentado]

A julgar pela observação de Brochard, dificilmente o dilema do rei tirano imposto ao cético será resolvido olhando apenas para si. É preciso também muito esforço para não considerar de antemão que ele obedeceria à ordem e conviveria de acordo com a atitude das experiências anteriores. Qual sorte de respostas o tirano obteve antes da resposta do servo cético? Essa é uma alternativa mais forte que a hipótese de vê-lo subverter a ordem de experiências ao seu redor e é uma interpretação também

---

<sup>102</sup> Ibid., p. 336.

<sup>103</sup> BROCHARD (2009, p. 411)

<sup>104</sup> BROCHARD, 2009, p. 411.

<sup>105</sup> Id., 2009, p. 411.

<sup>106</sup> BROCHARD, 2009, p. 35.

<sup>107</sup> Id., 2009, p. 35.



trazida por Brochard: *ele se conformará às opiniões admitidas em seu tempo por aqueles em meio aos quais deve seguir. Fazer como todo mundo, seguir a moda, eis a sua divisa.*<sup>108</sup> É importante marcar alguns pontos da observação de Brochard: i. *a filosofia do senso comum*; ii. *agir como todo mundo*; iii. *fé cega*. As três partes trabalham em acordo com a má vontade de Brochard com uma única e insistente observação acerca do pirronismo e que em alguns momentos é quase impossível não referir. De qualquer forma, mais uma vez abstraída a sua torcida pelos cétricos acadêmicos, tratemos o dogmatismo das afirmações contidas nos fragmentos destacados. O ceticismo não é a filosofia *do senso comum*, ele é a filosofia que *chega até o senso comum*, uma vez que os cétricos não fazem a defesa de um senso contra outro. O senso comum também produz dogmas.<sup>109</sup> Em segundo lugar, eles não fazem *como todo mundo*, eles *discursam* que fazem *como todo mundo* e que figuram uma realidade bastante peculiar, o *seu mundo* é um *mundo pequeno*, para não dizer diminuto e intenso: ele reúne uma pequena parcela de filósofos que consegue ter uma *visão geral da atividade intelectual cétrica, dogmática, do senso comum, de suas capacidades e alcance*. Esse *mundo reduzido* é habitado por uma intensa atividade intelectual, uma vez que disfarçar todos os processos mentais que desaguam na ataraxia (a tranquilidade) e assumir o discurso do comum dos homens é uma atividade que requer energia. O discurso do cétrico reúne nada menos que três mundos – além do seu próprio, o do senso comum e o do dogmático – e as duas sortes das narrativas dogmáticas que são aquelas dos filósofos e também aquelas do comum dos homens. Como corolário, por um lado é possível falar em fé,

---

<sup>108</sup> Id., 2009, p. 410.

<sup>109</sup> [HP I, 15, 165, p. 95]  
- BARNES (1990, p. 12)

por outro, com relação a tratá-la como cega é inapropriado para a conduta que não afirma e nem nega e que não está certa sequer de sua própria decisão.

Brochard faz ainda observações importantes no que se refere à *posição temporal* do cético e de sua qualidade. Segundo o seu ponto de vista, ele pretensamente não se deixa enganar pelos filósofos dogmáticos. Esse aspecto é importante e ele tem razão ao levantar a questão do engano e, por conseguinte, é bastante curioso imaginar o cético sendo persuadido por uma tradição oriunda de uma figuração ou elaboração dogmática. Ele, de fato, não está livre de ser enganado pelos dogmáticos. Segue a passagem completa sobre esse ponto.

O pirrônico, que, no fundo, não está isento do orgulho, tem a pretensão de não se deixar enganar pelas teorias dos filósofos, de não sofrer as consequências das palavras. E a que isso o leva? A se fazer voluntariamente escravo de preconceitos do vulgo e dos erros da tradição, a proibir-se todo o progresso, a colocar-se no nível dos mais humildes: é uma filosofia do simples. [...] É muito menos que a fé do carvoeiro. Mas, por mais reduzido, por mais débil que seja, esse dogmatismo infantil é um dogmatismo. É em vão que o pirrônico se vangloria de escapar a contradição.<sup>110</sup> [sublinhado acrescentado]

Com relação à escravidão aos preconceitos, este ponto é inegociável. O cético é o vassalo mais dissimulado dos preconceitos do vulgo e não é de maneira alguma o filiado de primeira monta e de quatro costados no partido do preconceito. Já os tópicos relativos à sujeição aos erros e a *proibir-se o progresso*, mais uma vez, tenho o entendimento de que esses são alguns dos traços que antecipam, qualificam e deflagram o pensamento conservador do cético. Essa não é apenas uma privação ao progresso, seja esse termo familiar (anacrônico) ou não a Sexto Empírico, ela é uma manifestação positiva e pela qual ele define um conceito e, portanto, uma inovação dogmática. A tradição, estando sujeita ou não a erros e

---

<sup>110</sup> BROCHARD (2009, p. 411)

acertos, é o elemento de composição, originário da experiência, capaz de reduzir os prejuízos da idiosincrasia. O traço contra o progresso, contra a inovação, pode constituir uma intervenção política, uma atitude defensiva, uma solução intelectual contra danos sensíveis originados da idiosincrasia. Portanto, em certa medida, o cético se priva e se posiciona contra o *progresso*, contra a inovação, mas isso não é uma saída impensada e acidental, ela constitui uma solução normativa bem como a fé do carvoeiro cético. Os carvoeiros céticos, se é que existem, são em número muito reduzido. Finalmente, com relação à incoerência, ela é parte integrante do ceticismo seja lá qual for a versão abraçada por Brochard.

Fora desse dilema e distante de colocar os pirrônicos numa profissão de fé menor que a do carvoeiro, Renato Lessa observa o que pode constituir os contornos de uma *cidade cética*.<sup>111</sup> A cidade possui vários atributos e nuances dentro dos quais nos concentraremos em apenas alguns móveis. A *primeira característica* mais marcante diz respeito ao relacionamento do cético com a vida e com a atividade filosófica. Para os céticos, *não apenas é possível dissociar o plano da verdade epistemológica e ontológica do problema da ação prática, como é absolutamente necessário fazê-lo*.<sup>112</sup> Segundo Lessa, a cisão das duas é uma necessidade intelectual do cético na vida comum, uma condição fundamental para que ele não seja o ermitão, para que habite o espaço comum, para que pratique a sua atividade ordinária. Diferente dessa separação radical entre o domínio coletivo e o idiótico, o cético ataca com os tropos, ou seja, diante de um espectro de referência cognitiva idiótica, ou diante de um *método privado* conforme mencionado em *Outlines of Pyrrhonism*, sob o qual a filosofia ou o dogma originado dela organizaria a vida, o

---

<sup>111</sup> LESSA (1995, p. 123)

<sup>112</sup> LESSA (1995, p. 123)

cético ativa a sua reação terapêutica na forma já conhecida, pela *diaphonia*.<sup>113</sup> A conclusão seria algo como: *os assuntos da vida ordinária não podem ser regulados pela agenda dos filósofos*.<sup>114</sup>

A *segunda característica* a destacar da cidade cética diz respeito ao que Lessa chama de *estoque cognitivo*. O cético vive conforme a natureza e as paixões que por sua vez aparecem pela circunstância. No entanto, para Lessa, a contingência é amarrada ou representada por características conhecidas. A natureza e as paixões são necessárias no mundo pirrônico e sua forma é *dada pela ação dos atributos contingentes representados pelo hábito, pelas leis e pelo estoque cognitivo dos homens*.<sup>115</sup> Lessa retira dessa representação um traço importante para a pluralidade de circunstâncias na vida, para expressar a variedade histórica e cultural. O movimento de suspensão do julgamento originado dessa apresentação tem a seguinte conclusão:

Dada a variedade de regras de conduta; leis; hábitos e costumes; crenças derivadas de lendas e concepções dogmáticas, observadas no mundo, é ilegítimo tomar qualquer uma das manifestações, em qualquer um dos aspectos mencionados, como critério de verdade.<sup>116</sup> [sublinhado acrescentado]

[...] devem suspender o juízo diante da pergunta a respeito de qual daquelas dimensões pode ser tomada como paradigma para as demais.<sup>117</sup>

A *terceira característica* destacada da cidade diz respeito ao seu *plano de ação*. Na versão de Lessa, a cidade possui até aqui uma separação radical entre o plano de ação baseado na verdade e o plano de ação baseado na prática. A *doutrina da*

---

<sup>113</sup> DUMONT [s. d./2006], p. 6.

<sup>114</sup> LESSA (1995, p. 124)

<sup>115</sup> Ibid., p. 127

<sup>116</sup> Id. Ibid., loc. cit.

<sup>117</sup> Id. Ibid., loc. cit.

*prática* é orientada por qualidades comuns, coletivas e que por sua vez configuram circunstâncias reguladas pelas leis, os hábitos e os costumes. Estes ingredientes compõem o que ele considera também como um *estoque cognitivo* e segundo o qual se organiza uma síntese que pode ser representada como uma agenda não filosófica, uma agenda pactuada segundo a utilidade comum. *Mais uma vez, afirmo, não há espaço também nessa cidade para uma agenda de revolucionários marchando com a bandeira da convicção e da verdade sobre a dúvida, o hábito, a tradição e as leis.* Os atributos contingentes são uma linha de ação refratária ao dogma e que, por sua vez, está lastreado por igual estoque de tranquilidade, segundo circunstâncias e vocabulário local. Leis locais, hábitos locais e costumes locais são o que chamo de vocabulário local. Nenhum desses parâmetros para a vida prática é mais importante que os demais, de acordo com Lessa. Dada a variedade de costumes, leis, hábitos em diferentes mundos, é impossível afirmar qual o melhor acervo e da mesma forma o melhor vocabulário comum, logo, é mais uma vez importante suspender o julgamento.

Esse ponto suscita considerações sobre o que podem ser chamadas de relações *intra-comunitárias* e relações *extra-comunitárias* organizadas pelo cidadão cético em torno de leis, hábitos e tradição. Esta ênfase é uma versão pequena da macro figura chamada de *visão de mundo cética* estabelecida por Lessa, uma vez que o propósito aqui é se fiar pela vida da disputa política num espaço menor e, portanto, bem mais limitado: o espaço de disputa entre a visão de inovadores contra conservadores. Em outras palavras, creio ser razoável perguntar e procurar estabelecer simplesmente a ordem de relações suspensivas tendo como referência a sensibilidade cética para ideias de dentro da cidade, ainda que já estejam

parcialmente respondidas, bem como observar a sua sensibilidade para ideias de fora da *cidade cética*, ou seja, da mesma forma, observar as suas relações com o mundo externo à cidade, com as cidades vizinhas. Segundo o meu entendimento, Sexto Empírico não bloqueia as relações entre as comunidades, *for all men are very much in need of the assistance of the other nations*, apenas vê uma clivagem pela suspensão do julgamento, como podemos extrair também do trabalho de Lessa.<sup>118</sup> Com respeito às relações intra-comunitárias, na discussão interna, entre os filósofos com *residência permanente*, dada a variedade de interpretações do que seja a melhor lei, do que seja de fato uma lei e do que seja a sua virtude, o cético deverá suspender o julgamento. Apenas assentirá à lei em vigor pela qual vem tradicionalmente se pautando na vida ordinária. O mesmo raciocínio suspensivo pode ser aplicado para a tradição e os costumes. Ele seguirá a lei e os costumes locais conforme a tradição, a despeito de considerações dogmáticas.

Com respeito ao que chamo de relações extra-comunitárias, ao cuidar especificamente das atividades vicinais, a operação do cético será idêntica à anterior. Portanto, uma lei vizinha opera dentro de um marco de orientação peculiar do qual o cético não se ocupa e cujo julgamento suspenderá da mesma forma. Isso é ponto pacífico. A partir desse momento entra o ponto singular, o tratamento dado às ideias *sem residência permanente*. Por outro lado, é impossível não anotar que uma hipotética suspensão do julgamento contra um *estoque cognitivo* diferente do seu, pela versão Lessa, ou simplesmente contra o cidadão vizinho, carrega consigo um desejo de invariabilidade local e simultaneamente de pouca atração intelectual para as cidades vizinhas. O intercâmbio entre o cético e a cidade vizinha, cética ou

---

<sup>118</sup> [M1, 2, 51, p. 31]

não cética – e esta última pode bem ser representada pela República<sup>119</sup> platônica ou pela *cidade científica* de Bento Prado Júnior<sup>120</sup> –, parece-me como de pouco resultado na ordem de organização da vida doméstica, de maneira que as novidades que lá apareçam ao cético serão objeto da mesma ordem de consideração. Sem muita distinção, o cético suspenderá o julgamento sobre a melhor maneira de organizar-se comunitariamente aqui ou na cidade ao lado. Da mesma forma, não deseja o intercâmbio no sentido inverso, ou seja, por dogmas ou por estoques cognitivos da mesma natureza, oriundos do estoque cognitivo vizinho, os céticos irão ordenar a ataraxia localmente e o farão com baixa densidade de intercâmbio em matéria organizativa. O modo de organizar a cidade vizinha, mesmo que fundado nos mesmos parâmetros da versão Lessa, pouco ou nada afetarão a tranquilidade organizada sob vocabulário local. Outra passagem conhecida de Sexto Empírico pode ilustrar melhor esse ponto e o que estou chamando de vocabulário citadino.

And each of these we oppose now to itself, and now to each the others. For example, we oppose habit to habit in this way: some of the Ethiopians tattoo their children, but we do not; and while the Persians think it seemly to wear a brightly dyed dress reaching to the feet, we think it unseemly; and whereas the Indians have intercourse with their women in public, most other races regard this as shameful.<sup>121</sup> [sublinhado acrescentado]

Todas as comunidades têm moto próprio. A suspensão do julgamento será mais uma vez uma maneira de defender-se da inovação no relacionamento entre os povos. O padrão organizativo que os Etíopes, Indianos e Persas realizam é por sua conta e motivação exclusiva. Sejam as suas definições e motivações políticas fundadas em bases dogmáticas ou simplesmente de acordo com o seu *estoque cognitivo* de origem cética, o médico apregoa que são comunidades distintas e que

<sup>119</sup> PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

<sup>120</sup> Prado Júnior, Bento. O Relativismo como Contraponto. In. **Banco Nacional de Ideias: o relativismo enquanto visão do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 87

<sup>121</sup> [HP I, 14, 148, p. 87]

os hábitos são opostos a hábitos. Hábitos aqui são distintos de hábitos ali. Não aparece pelo fragmento nenhuma motivação para recolher o hábito de tatuar as crianças, vestir-se ao estilo persa ou para aderir ao costume vicinal de manter relações sexuais com as esposas em público. Uma obviedade pode ser anotada acerca da tradução de Bury: ainda que apenas assuma que tatuagem, vestido e sexo tenham a conotação contemporânea que damos a eles e que assumem *significados iguais* entre o cético e os três povos citados, creio ser seguro afirmar que, mesmo na versão contrária, na hipótese de estarmos diante de um problema de ajuste idiomático e que sexo, vestido e tatuagem tenham significados diferentes, o argumento do isolamento vocabular é aplicável. Presumo que mesmo que os significados sejam diferentes, pelo conjunto da explanação de Sexto Empírico será possível assumir que o ajuste vocabular é equiparável e, portanto, adequado. A premissa é baseada em hábitos contra hábitos e não há distinção. Senão completamente nesta passagem, é possível inferir que haja vocabulário comum entre as comunidades humanas e que água entre persas significa água entre gregos e que, da mesma forma, o vocábulo tatuagem signifique para ambos uma porção de tinta sobre a pele. É razoável ainda aplicar a mesma analogia para os mais diversos hábitos comparados. Pela hipótese contrária, igualmente possível também de acordo com Sexto Empírico<sup>122</sup>, segundo a qual as palavras e atitudes tenham *significados distintos*, a suspensão do julgamento tem lugar de qualquer forma, uma vez que ele opõe hábitos contra hábitos, hábitos contra leis, contra costumes, crenças e regras de conduta. Ele opõe todos contra todos, de onde aparece a imagem agregada da defesa da tranquilidade local gerando a intensa atividade

---

<sup>122</sup> [M1, 3, 81, p. 49]



intelectual em defesa da conservação, preservação e o ataque à inovação, vinda também do intercuro comunitário.

A *quarta* e última *característica* que destaco da *cidade cética* diz respeito aos *padrões de sociabilidade com fundamento tradicional*. Ainda de acordo com Lessa, a relação com as leis, hábitos e costumes não configuram uma adesão de tipo dogmática. Mas é possível sugerir também de seu trabalho que esse mobiliário comum introduz e apraz ao pensamento conservador, de maneira que este mundo mediado pelo uso, pela utilidade, o mundo pirrônico, o mundo entre fenômenos, configura um repouso para pensadores conservadores como Burke. A passagem abaixo deixa esse ponto mais claro.

Sendo aparências, ou fenômenos, é possível vivê-las de forma adoxática [*sem aderência dogmática*], sem qualquer emissão de juízo que implique o assentimento dogmático. O aspecto da utilidade não está inteiramente ausente nessa justificativa da obediência a padrões de sociabilidade com fundamento tradicional. Edmund Burke, por exemplo, se sentiria inteiramente à vontade no coração da faceta social do mundo fenomênico imaginado pelos cétricos.<sup>123</sup> [sublinhado acrescentado]

O cético adere ao uso, ao costume, e dissociá-lo da tradição, dissociá-lo de um princípio de conservação organizativa, social ou política é uma tarefa a ser cumprida noutro lugar. Neste trabalho, presumo o contrário. *É mais razoável supor a sua completa imersão na defesa de princípios humanísticos e defini-lo como soldado fiel da tranquilidade na disputa política*. A diafonia pode ser mera descoberta resultante do exercício da discussão política, da disputa entre sistemas rivais, mas pode ser também dita, descrita, falada, praticada e ensinada, ainda que Sexto Empírico não

---

<sup>123</sup> LESSA (1995, p. 130)

acredite em professores e alunos, ou no sistema de relações entre eles.<sup>124</sup> De modo que é igualmente razoável ainda marcá-lo como um precursor da reflexão conservadora. Esse juízo é plenamente dedutível de vários argumentos do ceticismo, entretanto marco a ataraxia como o principal, pois tê-la como meta implica uma interpretação que inviabiliza imaginá-lo ausente do combate à inovação na política. Seria por amor à humanidade que decide falar, escrever. Por entender como se produzem dogmas e, principalmente, por compreender o movimento padrão do dogmático de *causa e efeito* é que ele decide combatê-los. E finalmente, por compreender a relevância da vida em sociedade é que decide promover o vocabulário local como o mais adequado para a tranquilidade, independentemente de discussões oriundas da filosofia ou de cidades vizinhas.

Neste ponto do trabalho introduzi o que considero ser um movimento mais agudo do cético para a conservação e o conservadorismo. Se nessa parte considerei que a solução dentro do dilema do rei tirano resulta numa solução moderada, na passagem seguinte deste ensaio procuro enfatizar esse movimento e tentar pintá-lo como um pouco mais agressivo, e com uma agenda mais nítida, em torno de alguns nexos claros para a política, baseado no trabalho de Sexto Empírico. O amor à humanidade, a benevolência e a conservação do indivíduo<sup>125</sup> me aparecem com uma imagem agregada que antecipa a agenda política conservadora em sentido amplo. Pela conservação cética introduzi um mote geral que por vezes foi seguido do substantivo conservadorismo. Em seguida, procuro discutir mais alguns momentos na obra de Sexto Empírico, nos quais podem ser ensaiadas expressões

---

<sup>124</sup> [HP III, 27, 252, p. 493]

<sup>125</sup> PORCHAT PEREIRA (2007, p. 29)

Porchat dirá que lhe aparece o *instinto de preservação e sobrevivência*.

como *agenda conservadora*, a *presunção universalista* e o *dogmatismo cético*. Farei uso do romancista Machado de Assis e de uma parcela de seu arsenal cético, para ilustrar o que chamo de agenda defensiva do ceticismo e o que pode ser considerada uma ameaça dogmática na política.<sup>126</sup>

## **Do ceticismo nas algibeiras**

Os cétricos dogmatizam com frequência. Não é difícil achar assertivas na obra do ceticismo antigo que o provem e penso explorar algumas dessas passagens em seguida. A respeito do conjunto desses momentos, por vezes, Machado de Assis parece explicar bem o que me parece o desejo de Sexto Empírico.<sup>127</sup> Ainda que o estilo geral deste último seja formal, cerimonioso e bastante sistemático, há um jogo lógico em sua obra. Esse jogo parece bem traduzido pela troça machadiana em torno da *polícia secreta-secreta*. Machado vê a polícia secreta ser dissolvida e se pergunta por que essa mesma polícia secreta gritava em público sê-la secreta. A resposta é que só poderia haver uma justificativa secreta para coisa tão incomum. Ele afirma que a estratégia é publicar o segredo para escondê-lo: a polícia poderia se chamar de secreta para disfarçar o fato de ser secreta, considerando que nenhuma polícia secreta se apresenta como secreta, daí poder trabalhar secretamente sendo subestimada. Os policiais não eram idiotas arrogantes arrostando a função especial e destacada da polícia regular.

---

<sup>126</sup> MAIA NETO, José Raimundo. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.

<sup>127</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Against the Ethicists**. Translation, Commentary, and Introduction by Richard Bett. Clarendon Press, Oxford: 1997. Bett percebe que não é um ato isolado em M XI a violação do princípio da suspensão do julgamento. p. xviii.

Há de haver alguma razão, igualmente secreta, para um caso tão fora das previsões normais. Por mais que a parafuse, não acho nada, mas vou trabalhar e um dia destes, se Deus quiser, atinando com a cousa, dou com ela no prelo.

Por quanto (e esta é a parte sublime do meu raciocínio), porquanto eu não creio que fosse a ideia de darem-se importância que levasse os secretas a descobrirem-se.<sup>128</sup> [sublinhado acrescentado]

Sexto Empírico traz o mesmo sintoma de Machado, embora não seja demasiado afirmar um truísmo pelo que sabemos que foi o último quem leu o primeiro, ao menos indiretamente, e não o inverso. Machado foi leitor de Michel de Montaigne e isso fica registrado em diversos romances como em Dom Casmurro, no livro LXVI, com nome bastante sugestivo: Adiegos a Virtude.<sup>129</sup> De qualquer forma, Sexto Empírico traz uma petição de princípio bastante persuasiva quando afirma que os *seus filósofos* não dogmatizam. Da mesma forma, quando dogmatizam, não o fazem da mesma forma que os demais, eles o fazem sem convicção, sem a dedicação que o dogmático oferece ao dogma.<sup>130</sup> Com isso, baseado no ensaísta brasileiro, a parte peculiar – e não sublime como diriam Machado e Burke<sup>131</sup> – do meu próprio raciocínio aponta que a vida do cético não é uma vida tranquila, ela é uma vida que trabalha dogmaticamente pela manutenção da tranquilidade e assim o faz pelo arrefecimento de dogmas alheios.<sup>132</sup> E da mesma forma que *os secretas de*

---

<sup>128</sup> MACHADO DE ASSIS. **Balas de Estalo & Crítica**. São Paulo: Editora Globo S.A, 1997. Obras Completas. p. 23.

<sup>129</sup> MACHADO DE ASSIS. **Dom Casmurro**. 39ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000. Série Bom Livro.

Uma pequena passagem merece ser citada: *É pena que eu não possa fundamentar isto com um ou mais casos estranhos; falta-me tempo*. p. 102.

-PIZA, Daniel. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. 3. Ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

<sup>130</sup> [HP I, 7, 13-15, p. 9-11]

<sup>131</sup> Burke, Edmund. **A Philosophical Enquiry: into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful**. New York: Dover Publications, Inc., 2008.

Poderia dizer ainda sobre a *surpresa (astonishment)* causada pelo sublime, para ser um pouco mais coerente com Burke. p. 39.

<sup>132</sup> BERNARDO, 2004, passim.

O trabalho trata de mostrar a contribuição do ceticismo e as suas relações com os dogmas para a ficção.

*Machado*, os *secretas de Sexto Empírico* também não disfarçam os dogmas apenas pela vaidade, eles carregam um fardo.

*A tranquilidade cética é um fardo intelectual, ela prescreve uma vida exaustiva em processos mentais. A solução descrita por Sexto Empírico para a vida tranquila coloca a doutrina cética entre aquelas que mais sofrem, entre as mais arrogantes e entre aquelas mais destacadas na ordem da conciliação de extremos, a mais conservadora. É aquela que mais sofre porque se percebe na posição de observar a todas as demais e de lhes oferecer alternativas, de maneira que para cada tentativa de impor-se um novo dogma, fornece outro dogma na direção contrária, mesmo diante de réplica, de tréplica, numa regressão infinita como são infinitas as possibilidades de novos sistemas filosóficos. Ela é a mais arrogante porque se vê na posição de compreender todas as filosofias<sup>133</sup>, um colosso, pois olha todos os demais sistemas filosóficos e crê-se capaz de introduzir uma resposta relevante e na mesma medida para todas as outras doutrinas. Decorrente de sua *presunção universalista*, ela confere a terapêutica e as doses como o boticário o remédio ao doente, a qualquer doente. O cético é o químico que controla todas as fórmulas e cada tropo, cada resultado intelectual é dosimétrico, o ceticismo postula ser o maior dos sistemas demiúrgicos.<sup>134</sup> E como diria Machado, *levam a saúde nas algibeiras; chegam mesmo a distribuí-la aos amigos.*<sup>135</sup> A divisão de *todos* os sistemas feita pelo grego é mais uma vez exemplar, não é demasiado repeti-la: aqueles que afirmam, aqueles que negam, e aqueles que não afirmam e não negam, nós<sup>136</sup>, os*

---

<sup>133</sup> [HP II, 1, 1-3, p. 151]

<sup>134</sup> EVA (2003, p. 55)

Eva fala de como os céticos se armam *numa luta sempre renovada contra o poder com que a coerência racional parece renascer nas teses de cada nova filosofia.*

<sup>135</sup> MACHADO (1997, p. 6)

<sup>136</sup> A opção pelo pronome é emprestada de Porchat Pereira.

céticos, aqueles que não param de pesquisar e de remediar. Em última análise, ela é a filosofia da conservação, por vocação em matéria de mediação de extremos, pela prática reiterada de opor ideias e de decidir sem base em dogmas e assentir moderadamente.

Da visão agregada da doutrina de Sexto Empírico, de dentro do seu universalismo, entrevejo o ceticismo demonstrar uma visão da política que expressa ao menos quatro sintomas notáveis: i- uma *orientação exaustivamente refletida*, pois a *diaphonia* não parece um procedimento episódico, pelo contrário, ela aparece como uma rotina de procedimentos mentais reiterados e de *resultados conhecidos antecipadamente pelo predicado da moderação*.<sup>137</sup> ii- uma *convivência marcada pelo sofrimento contínuo*, por sua vez refletido numa vida de prontidão contra o dogmatismo, especialmente diante das facilidades repetidas que o domínio público oferece para essa pesquisa precipitada. Se considerarmos a política como o ambiente que potencialmente multiplica a idiotia e que colabora e atrai a investida da inovação, o cético será perseguido pelo defeito reiterado e *exaustivo* oriundo desses sistemas sobre a plataforma da vida tranquila. iii- uma vida de *conformidade com a organização social* pela qual se destaca o elogio à tradição e a procedimentos que guardem orientação das rotinas de decisão coletiva conhecidas e que preferencialmente as projete para o futuro. iv- uma visão otimista de si, uma atitude de superioridade intelectual, arrogância e *presunção em relação a todas as demais filosofias e doutrinas políticas*, uma vez que procura e crê ter encontrado o papel de compreendê-las a todas a qualquer tempo e de opô-las, o papel de conciliá-las no

---

-PORCHAT PEREIRA, 2007, passim.

<sup>137</sup> SMITH (2000, p. 25)

Smith considera a ataraxia como uma *atividade recorrente*.

seu ordenamento epistêmico e, finalmente, o papel de organizá-las em categorias analíticas que resultam, sem exceção, em epoché.<sup>138</sup>

A cidade cética imaginada é um espaço no qual a tranquilidade deve prevalecer. Aqui o totem da tranquilidade começa a aparecer com mais força. E dentro da cidade as ameaças a este predicado já são conhecidas. Entretanto, podemos trabalhar com uma ameaça específica e com uma defesa clara. A primeira ameaça é representada pelos retóricos e a defesa, a segunda, pode ser representada pelas leis.<sup>139</sup> Sexto Empírico, agora apoiado em Platão (Górgias), reconhece que a chamada *arte da retórica* opera com uma cartela variada de recursos capazes de introduzir a temeridade, o dogma. A retórica consiste um caso particular, um adversário especial da tranquilidade, porque mobiliza a persuasão equipada de um repertório variado de ardis: por meio de palavras, de atos, pela beleza, pelo prazer e pela glória.<sup>140</sup> Com esse acervo variado, multifacetado, num conjunto organizado ela pode conquistar o convencimento, o retórico pode persuadir a cidade de que o monarca é tirano, ainda para usar o mesmo exemplo que empreguei até aqui. A partir desse momento, aparece com mais clareza a presunção cética, a sua acomodação à conservação do estatuto político em vigor, o seu sofrimento para mantê-lo, até que aparece exausto e abraça os dogmas.

---

<sup>138</sup> Sexto Empírico impõe a suspensão. Isso exclui afirmações presumíveis segundo as quais o ceticismo poderia resultar em relativismo. Por este, Sexto Empírico verifica um tipo de tradição de dogmatismo negativista. A este respeito, ver o trabalho de Striker (1996).

-STRIKER, Gisela. **Essays on Hellenistic epistemology and ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 133, 134.

Woodruff (1988) usa as mesmas fontes que Striker, os Dez Modos de Enesidemo, para afirmar a mesma conclusão: o tento sextiano com a indecidibilidade e a suspensão. *He preferred to present opposite argument with equal force, hoping this would induce epoché by dividing the mind of his reader*.

-WOODRUFF, Paul. Aporetic Pyrrhonism. In: Julia Annas (Ed.). **Oxford Studies in Ancient Philosophy**. Oxford: Clarendon Press, 1988. Volume VI, p. 139-168.

<sup>139</sup> [M II, 41, p 209]

<sup>140</sup> [M II, 1-3, p. 189]

Retórico cidadão ou não, residente ou não residente, para estes casos o oportunismo só pode ser repellido com uma sólida defesa da tradição e das leis. Aqui Sexto Empírico usa uma dupla conhecida: mente e corpo. Ele explora as relações de saúde entre a alma e o corpo e, da mesma maneira, a importância da saúde de um para o outro. Que a alma padece quando o corpo não vai bem e que, logicamente, o inverso também pode refletir negativamente sobre o corpo. Nesse caso, as leis estão para a cidade como a alma está para o corpo. Ele é um pouco mais dramático com respeito a essa relação, de acordo com a sua narrativa a cidade é *destruída* quando as leis são *abolidas*.<sup>141</sup>

Ainda de acordo com a sua bula e as suas doses, sem o liame das leis, os cétricos entreveem a seguinte agenda de efeitos colaterais: nós nos comportamos como devoradores de homens, homens canibalizando homens, fortes comendo os fracos. Na ausência da justiça que nos regule contra a miséria, somos bestas-fera devoradoras: corvos e abutres. Quando não temos as leis, impomo-nos pela força das mãos.<sup>142</sup> O médico está curiosamente apoiado num teólogo chamado Orpheus para exclamar a cura do infortúnio e reforçar a sua defesa das leis. Fala, com apoio da teologia, que esse estado de miséria humana é corrigido com a piedade e compaixão de um Deus (*until God in his pity*) salvador que envia as leis ao mundo, a partir das quais cessa e se extingue o canibalismo da terra e finda a miséria humana.<sup>143</sup> A semelhança da passagem com Teeteto merece um destaque especial:

---

<sup>141</sup> [M II, 31, p. 205]

<sup>142</sup> [M II, 32, p. 205]

<sup>143</sup> [M II, 33, p. 205]



Estrangeiro: quanto ao filósofo, sempre devotado, com o veículo da razão, à 'ideia' ou 'forma' do ser, é também de difícil detecção devido à brilhante luz do ambiente. Os olhos das almas da maioria não são suficientemente resistentes para suportar a visão do divino.<sup>144</sup> [sublinhado acrescentado]

Os céticos não estão do lado dos desafortunados como podemos observar pelas leis reveladas de Sexto Empírico através da teologia de Orpheus. Eles estão ao lado do grupo dos habilitados a ver. A completa destituição do dogma e a sua completa restauração depois de um longo caminho aparecem aqui de modo inequívoco. Para usar parte de uma caverna famosa e contemporânea do autor podemos tomar uma metáfora da espeleologia. O dogma foi empurrado para a zona do sumidouro da caverna, mas, do mesmo jeito que a água que a transfixa e molda, a ressurgência é um fenômeno inevitável. Depois de correr pela fria escuridão da caverna, eis que do outro lado vemos o dogma. A suspensão do julgamento e a premissa de que os dogmas não fazem parte da doutrina cética ficaram na zona de sumidouro. Agora vale tudo na defesa das leis, na sua conservação, na preservação, na manutenção e na inauguração de alguns traços do pensamento conservador.

A experiência dos bárbaros persas passa a constituir uma peça de convencimento, ela passa a servir como uma ferramenta de manutenção da cidade contra a ameaça da retórica. Sexto Empírico usa a experiência vizinha, de acordo com a qual os persas praticam, de quando em quando, a completa *ausência de leis*. O propósito da comunicação científica desse experimento é educar a população para a conservação das leis aprendendo com os persas. Há, portanto, uma lei entre os persas, de acordo com a qual, após a morte de um monarca, os habitantes devem experimentar cinco dias sem nenhuma lei e de provar toda sorte de rapina, de

---

<sup>144</sup> PLATÃO. **Diálogos I**: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofista). Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007. (Clássicos Edipro) (254b; p. 220)

assassinato, de barbárie e, se possível, mal pior do que esses. Segundo a percepção sextiana, isso faz dos persas os melhores guardiões, os mais confiáveis guardas de seus reis.<sup>145</sup> O experimento e o seu aprendizado são a *prova* definitiva de que as leis podem afastar a temeridade dogmática, elas podem conservar o estado de organização política das cidades. A passagem abaixo mostra com mais precisão como ele vê o experimento.

But rhetoric was brought to the front in opposition to the laws. A very strong proof of this is the fact that amongst the barbarians, amongst whom there is either no rhetoric at all or very little, the laws remains unmoved, whereas amongst those who cultivate rhetoric they are altered daily, as is the case with the Athenians, as Plato, the poet of the Old Comedy, affirms.<sup>146</sup>  
[sublinhado acrescentado]

O retórico é uma ameaça à tranquilidade. Ele é um oportunista temerário apto a colocar em risco a tranquilidade da conservação da alma da cidade cética, uma de suas cláusulas pétreas. A única solução para a cidade é a absoluta manutenção do quadro legal, conservar o estado de leis sem alteração oriunda de fonte perturbadora, desqualificada e precipitada. O cultivo de certa ciência, a retórica, e a manutenção do seu representante pode introduzir a inovação, a alteração da própria identidade da cidade. Os persas estão corretos ao inviabilizar a permanência de tais ameaças à organização social, à vida coletiva, à política. A algibeira de Sexto Empírico traz um remédio amargo, uma dose duvidosa e um viés autoritário. A única defesa plausível é não autorizar a permanência e a propagação dos retóricos na sua cidade. O melhor é não tê-los. Contra eles, ainda há acréscimos memoráveis.

---

<sup>145</sup> [M II, 33, p. 207]

<sup>146</sup> [M II, 34-35, p. 207]

Está claro para Sexto Empírico que eles são contra as leis no coração de sua não-arte ou má-arte com residência na região do não-ser.<sup>147</sup> Em um momento, eles sugerem que as leis devem ser fielmente respeitadas, palavra por palavra, pois as leis são claras. Noutra momento, esses mesmos retóricos aplicam uma interpretação dúbia, flexível pela qual se prega o contrário, eles sugerem que sigamos os nossos impulsos, as nossas próprias intenções.<sup>148</sup> Eles produzem ambiguidades na leitura de textos, fazendo-nos interpretar de maneira difusa e contraditória, com ferramentas sutis que perturbam as leis.<sup>149</sup> De agora em diante, cessa o ataque aos fundamentos da produção dogmática e começa um ataque personalizado e carregado de correção moral, e que Brochard diria *perfeição*, contra os retóricos. Do conjunto de sua obra, o médico grego reproduziu uma bateria de tropos, ele agora, e em alguns livros adiante, produz adjetivos, depois de ter usado no sumidouro um organizado plano de desmonte de qualquer tese sobre a essência dos objetos de entendimento. Se eles são contra as leis, eles não são apenas *inúteis*, eles produzem *palavras vazias*, eles são uma *ameaça nociva*.<sup>150</sup> Eles usam *truques* e *malícia*.<sup>151</sup> O *demagogo*, o retórico *deprava* a cidade, ele é um *caluniador*. A imagem final pintada por ele desse *sicofanta*<sup>152</sup>, a figura do remédio doutrinário retórico é carregada em desespero, pois esses dogmáticos figuram um ataque às crianças, eles quase se alimentam delas, do futuro:

By word and in seeming he promises to do everything for the public benefit, but in reality he provides nourishment from no wholesome source, like nurses who offer the babes a morsel of the pap and then swallow the whole themselves.<sup>153</sup> [sublinhado acrescentado]

<sup>147</sup> PLATÃO (2007, p. 185)

<sup>148</sup> [M II, 36, p. 207]

<sup>149</sup> [M II, 38, p. 207-209]

<sup>150</sup> [M II, 41, p. 209]

<sup>151</sup> [M II, 49, p. 213]; [M II, 46-47, p. 211]

<sup>152</sup> [M II, 50-51, p. 213]

<sup>153</sup> [M II, 42, p. 209]

Depois de presenciarmos o autor apresentar quem são os céticos e em seguida tomar conhecimento do que é a suspensão do julgamento, a sua complexidade, e de como se atinge a tranquilidade, esse tipo de argumento parece desesperador. A partir desse momento fica um pouco mais nítido o que considero a posição política exaustivamente refletida, o sofrimento, a conformidade com a organização social e a presunção cética entre as filosofias. É surpreendente imaginar um quadro no qual uma papa envenenada está sendo pretensamente oferecida pelo serviço público de saúde, pela enfermeira desqualificada, ao bebê, ao invés do alimento saudável, contra o distinto benefício público. Uma vez devassada, contaminada pelo retórico e pelas suas ideias inovadoras, a cidade cética está ameaçada e prestes a morrer, segundo a passagem. A sua defesa máxima, a defesa mais qualificada consiste em combater a interpretação dúbia pela interpretação correta, a interpretação salvadora dos céticos. Eis o segredo guardado na algibeira sextiana, segundo meu entendimento, uma metáfora de sabores demiúrgicos: uma papa nutritiva, um dogma.

Alguns metros adiante depois do sumidouro da caverna – imagino que Brochard faria a contagem em quilômetros –, na ressurgência, somos apresentados finalmente ao *segredo do segredo*. Os céticos de Sexto Empírico e as suas soluções intelectuais para a tranquilidade chegam até nós como um jeito de pensar. Um jeito bastante peculiar e apresentado de maneira sistemática. Um programa de ideias, tropos, modos ou argumentos organizados filosoficamente postados contra dogmas e que, segundo dizem, não configuram uma filosofia ou uma filosofia sistemática. Este não é o meu próprio ponto de vista e, segundo vejo, eles são uma filosofia

nítida e associada coerentemente ao conhecimento e têm o caráter universalista dado por Popkin e Maia. De qualquer forma, isso não inviabiliza que o traço geral não se aplique à disputa política pelo que aparecem as suas preferências. A dificuldade aparente é conectar os seus argumentos a momentos como este, verificado na última passagem, do ataque aos retóricos pela defesa intransigente das leis, o que, por uma má atualização, talvez pudéssemos classificar anacronicamente como legalismo cético.

O último segredo tem uma configuração com duas ênfases e um panorama de comunicação na política: a. pela primeira delas, quase mais um truísmo, percebo que o cético discursa e se apresenta filosoficamente *como* não dogmático; b. pela segunda ênfase, a apresentação nos leva a crer que ele *acata o discurso comum*, conforme se observa em Porchat<sup>154</sup> e Lessa<sup>155</sup>, e que o faz filosoficamente; c. em terceiro lugar, ambos entabulam um panorama de comunicação na política que me aparece com as seguintes características: a combinação desses dois discursos ou dois mapas ontológicos não dispensa a inserção desses personagens na disputa política. A combinação de dogmas e ceticismo, segundo vejo, no ambiente de disputa e competição social das ideias, resulta frequentemente num discurso conservador. Para preservar a tranquilidade das suas comunidades, das suas cidades, o cidadão cético se valerá de meios céticos e oportunamente dogmáticos para conservar a humanidade com vida e debaixo de regras nítidas e pouco ou nada flexíveis. Além do seu próprio repertório de origem, ele tomará de empréstimo o discurso dogmático, o argumento defeituoso e incoerente e os carregará consigo. E fará mais, penso, ele os distribuirá. Das algibeiras sairá um repertório coerente e um

---

<sup>154</sup> PORCHAT PEREIRA, 2007, *passim*.

<sup>155</sup> LESSA, 1995, *passim*.

repertório incoerente. De modo que quando a questão é a política todos os discursos possíveis valem pela tranquilidade cética.

Lessa fala em *vórtice* para se referir ao modo de acesso do ceticismo à atividade filosófica e recupera expressões como *terapia*, *veneno*, *veneno pirrônico* e *máquina de purgar*.<sup>156</sup> As expressões podem designar o tipo de procedimento especialmente marcado pelo propósito do ceticismo, conforme vejo, a tranquilidade a qualquer tempo. O cético é capaz de abrir mão do seu próprio argumento, aquele de sua real preferência, e produzir uma cópia, tomar outro argumento igualmente persuasivo e *figurado*. Por este último, na hipótese dele forjar uma ideia antagônica, ele seria e é capaz de inventar um argumento que não seja o seu argumento favorito em nome do empate, do conflito, em nome da diafonia com o propósito de refrear a ânsia e o ânimo dogmáticos. O ataque é orientado por finalidade específica. Ele alimenta parte da disputa até que ela deixe de existir e é nesse ponto que entram as expressões anotadas por Lessa: ele purga o argumento como um remédio aos intestinos, ele aniquila a regularidade da discussão como o vórtice, ele é um veneno e uma máquina de purgar que envolve o dogmático e o argumento cético ao mesmo tempo. Uma vez perdendo para o empate, sendo purgado, sendo alvo do vórtice junto com o dogmático, o cético ganha a disputa. Sequer está seguro da suspensão do julgamento.

É possível flagrar a sinuosidade, a forma capciosa de Sexto Empírico pelas suas próprias definições e o que a elas se segue, e por isso Barnes fala em *toils*.<sup>157</sup>

Depois das afirmações mais taxativas, seguem-se a essas assertivas vários termos

---

<sup>156</sup> LESSA (1995, p. 14)

<sup>157</sup> BARNES, 1990, passim.

que as arrefecem: *scepticism is an ability, or mental attitude which opposes appearances to judgments in any way whatsoever*.<sup>158</sup> Por essa definição, temos a gramática corrente orientada por comandos simples e assertivos. Depois lemos que: *now we call it an 'ability' not in any subtle sense, but simply in respect in 'being able'*.<sup>159</sup> Depois desses verdadeiros dispositivos de atenuação dos significados e da força das palavras dos céticos, como vemos nesta última passagem, o grego ainda afirma que eles não são afásicos. O livro contra os retóricos, no que concerne aos ataques contra os gramáticos<sup>160</sup>, parece requerer outra gramática, outra forma de falar sobre as coisas.<sup>161</sup> A missão científica de autores céticos gregos, uma técnica, ou ciência em potencial, pelo que vemos da expressão traduzida por *being able*, pauta-se por um horizonte nítido: *unperturbedness*. E se uma operação intelectual não tem finalidade específica, ela não é uma ciência, por isso concluímos que os céticos são uma ciência com a devida atenuação do termo ciência, como *being able*, mas ainda uma ciência pela qual sabemos que *a retórica não é nada*.

We assert still that the sceptic's end is quietude in respect of matters of opinion and moderate feeling in respect of things unavoidable.<sup>162</sup>

[...] that if there is no 'end' of rhetoric, rhetoric is nothing, because every technical activity has reference to some end.<sup>163</sup>

[...] and affirm that if we wish to speak well we should pay attention to common usage rather than to any superfluous art.<sup>164</sup> [sublinhados acrescentados]

---

<sup>158</sup> [HP I, 4, 8, p. 7]

<sup>159</sup> [HP I, 4, 9, p. 7]

<sup>160</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Against Professors**. Harvard University Press, Cambridge: 1949. Translated by R. G. Bury. Loeb Classical Library. Trabalho também conhecido como *Adversus Mathematicos* (M).

<sup>161</sup> MARCONDES, Danilo. Ceticismo, filosofia cética e linguagem. In: SILVA FILHO, Waldomiro (Org.). **O ceticismo e a possibilidade da filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

Marcondes fala de como o ceticismo contribui com a discussão no campo da linguagem.

-FARIA, Paulo. A encenação. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 99-130, 2007.

Faria chama a representação cética de encenação e esboça a expressão *gramática das proposições fenomenológicas*. p. 105

<sup>162</sup> [HP I, 4, 25, p. 19]

<sup>163</sup> [M II, 60, p. 219]

<sup>164</sup> [M II, 59, p. 219]

A matéria de opinião é alvo de quietude. Os assuntos inevitáveis clamam por sentimentos moderados. Pela primeira, entendo os dogmas e pela segunda, a política e o primado da moderação materializado pelo partido da conservação. Em matéria de dicção, de fala e de diálogo, com relação à terceira passagem citada, o melhor a fazer é fiar-se pela experiência comum, seguir o uso corrente, em lugar de qualquer arte superficial como aquela dos sofistas. O esforço combinado das três passagens, uma vez mais, requer muita energia para remover os céticos de serem os patronos do conservadorismo. A orientação política do cético obedece a um tipo de referência que pode ser marcada na relação entre a cidade e o conhecimento.<sup>165</sup> O conservadorismo do cético surge de uma relação defensiva, reativa ao conhecimento e à qualidade da sua produção e disso decorre um referencial básico coordenado com a cidade e com a sua defesa e manutenção. Esse padrão defensivo de intervenção na disputa política é o que referencio como pensamento conservador da escola de Sexto Empírico.

Um paralelo entre o personagem machadiano Simão Bacamarte, a cidade de Itaguaí e esse programa defensivo é uma via de ilustração oportuna. Em *O Alienista*, Machado de Assis marca também como esse tipo de incursão defensiva pode ser descrita pelo nexos entre o dogma, a cidade e a crença entre eles.<sup>166</sup> Fica evidente pela história a capacidade da inovação para destronar a tranquilidade. O personagem protagonista carrega consigo a inovação, ele é um dedicado e

---

<sup>165</sup> EVA (2003, p. 55)

Eva fala em *oposição pirrônica*.

<sup>166</sup> MACHADO DE ASSIS. *Helena/ O Alienista*. São Paulo: Editora Três, 1972. Obras imortais da nossa literatura.



respeitado pesquisador. Podemos reconstituir a agenda de defesa ao dogma pela vida do personagem como se contam os passos de uma pesquisa.

A escolha do reino, o local de trabalho. Simão Bacamarte decide morar na cidade de Itaguaí, depois de vários anos vivendo fora do país. Depois de longa experiência acadêmica na Europa, percebeu que a cidade natal era sua, e dizia ele: *é o meu universo*.<sup>167</sup> A fixação da dinastia científica. Por meio da técnica, o Dr. Bacamarte escolhe a esposa: *reunia as condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista*.<sup>168</sup> A definição do tema. Uma vez alojado e estudando o tanto quanto podia sobre todos os assuntos, resolve dedicar-se à *patologia cerebral*.<sup>169</sup> O diagnóstico e o problema. Ele observa uma prática, comum na cidade, de relegar os loucos a alcovas ou ainda deixados pelas ruas. O plano de trabalho. Encaminha uma solução à câmara de vereadores pela qual se colocariam todos os loucos numa só casa, a Casa Verde. A pesquisa de campo e os primeiros testes de hipótese e reação. Sofreu resistência porque *dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus*.<sup>170</sup> Vencida essa etapa baseada em argumentos científicos, descobre que a quantidade de loucos na cidade podia ser maior que a original. A correção das hipóteses e a revisão da tese. Surge uma convicção, uma teoria, segundo a qual será possível alargar os limites da psicologia, pois a loucura, que era uma ilha, suspeita ou descobre ser um continente. Quase três quintos de toda Itaguaí é presa pelo Dr. Bacamarte na casa de orates.

---

<sup>167</sup> Id., 1972, p. 191.

<sup>168</sup> Id., 1972, p. 191.

<sup>169</sup> Id., 1972, p. 192.

<sup>170</sup> Id., 1972, p. 192.

A diafonia aterrissa sobre a cidade; e desse ponto em diante, passo a dispensar as marcações da réplica cética em categorias tal como marquei a reconstituição da pesquisa do protagonista e do partido conservador, seria no mínimo tautológico. Após a prática das teses, a resposta cidadina começa a acontecer e com isso Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução.<sup>171</sup> A intranquilidade aparece, a tese aterroriza a cidade e quase todos os seus cidadãos estão habilitados a morar na casa, de acordo com a metodologia do teórico Bacamarte.<sup>172</sup> Desse ponto da narrativa em diante, é preciso muita disciplina para não substituir o nome do ensaísta brasileiro pelo de Sexto Empírico e observar pouca distinção. Aqui a palavra *veneno* faria apologia adequada à anotação de Lessa. Machado (Sexto Empírico) põe a réplica da cidade, a rebelião, o movimento de contra ciência, nas mãos de um cidadão comum, homenageia Canjica, o barbeiro, o líder da *Revolta dos Canjicas* contra as ideias tirânicas do Dr. Simão.<sup>173</sup>

Os Canjicas derrubariam a *Bastilha da razão humana* (a casa de orates) e restituíam os seus à cidade.<sup>174</sup> Uma vez interpelado pelo mal que causava à cidade, ansiosa por *dar liberdade às vítimas*, o protagonista responde: *meus senhores, a ciência é coisa séria [...] não dou razão dos meus atos a ninguém, salvo aos mestres e a Deus.*<sup>175</sup> Os itaguaienses, organizados em levante, vencem a disputa com a ajuda das próprias teses do Dr. Bacamarte que, em certo momento dos *embates* ou do *experimento*, começa a pensar que deveria testar a hipótese contrária, com o fito de obter a comprovação final de suas teses. Ele precisava do *contra factual*, deveria verificar se ele era o louco e a cidade a sã. Em vão Evarista,

---

<sup>171</sup> MACHADO DE ASSIS, op. cit., p. 205.

<sup>172</sup> Id., 1972, p. 213.

<sup>173</sup> Id., 1972, p. 218.

<sup>174</sup> Id., 1972, p. 217.

<sup>175</sup> Id., 1972, p. 220.

a esposa, tentou demovê-lo da ideia de aquiescer e de trancar-se na Casa Verde, para pesquisar a si. Ele responde que a questão era *científica* e que se tratava de uma *doutrina nova* da qual ele era o primeiro exemplo: *reúno em mim mesmo a teoria e a prática*.<sup>176</sup> O protagonista, *com os olhos acesos da convicção científica* ignorou Evarista com dedicação e [...] *entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo*.<sup>177</sup>

Machado decreta-lhe a morte, ainda durante os procedimentos de pesquisa, fechado à casa de orates, dali a dezessete meses após o último episódio com a esposa e sem resultados que dilatasse ou ampliasse a ciência, sem nenhuma contribuição relevante à psicologia, *sem ter podido alcançar nada*.<sup>178</sup> E a cal sobre a urna da memória do experimento, a última moça, foi *um boato*, não foi uma tese, mas uma opinião frívola cujo fundamento é um boato ao estilo sextiano: *alguns chegam ao ponto de conjecturar que nunca houve outro louco além dele em Itaguaí*.<sup>179</sup> O ceticismo machadiano beira um *serviço de ourivesaria cética* pelo detalhamento da morte do indivíduo e da tese. O ensaísta não deixa de lado nem mesmo o apoio dado pelo clero aos testes do médico de loucos: *mas esta opinião fundada em um boato que ocorreu desde que o alienista expirou, não tem outra prova senão o boato; e o boato duvidoso, pois é atribuído ao Padre Lopes*. A memória da tese é extinta por uma *opinião*, por sua vez fundada num *boato*, cuja *prova* é nada menos que *outro boato* de *má qualidade*. E depois de muito sofrer a defesa cidadina e o

---

<sup>176</sup> Id., 1972, p. 246.

<sup>177</sup> MACHADO DE ASSIS, op.cit., p. 246.

<sup>178</sup> Id., 1972, p. 246.

<sup>179</sup> Id., 1972, p. 246.

linchamento cético, finalmente, Simão *foi enterrado com muita pompa e rara solenidade*.<sup>180</sup>

O apuro, o esmero, o cuidado com a defesa da cidade em muito lembra a resposta de Sexto Empírico aos retóricos. Ainda entronado Dr. Bacamarte, após escolher a esposa através de métodos rigorosos, teve dificuldade para engravidá-la. Passados quase quatro anos, forçosamente com uma questão adicional de trabalho, pois agora a interrogação era nada menos do que *como trazer eficácia ao seu rigoroso método de seleção matrimonial*, e insatisfeito, o protagonista faz consultas exaustivas aos colegas das melhores universidades italianas e alemãs que, em resposta, receitaram dietas especiais à Evarista, cuja fisionomia, cabe anotar uma definição memorável, era *não bonita nem simpática*.<sup>181</sup> Impassível com a prescrição científica estrangeira, ela não inova, não troca a bula cética pela dogmática, persiste na dieta comum, ato *explicável, mas inqualificável*, e não abre mão do hábito local dedicado à *bela carne de porco*.<sup>182</sup> O movimento de resistência ao partido da inovação da esposa do último morador da casa de orates é importante para a trama da agenda conservadora: a ela *devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes*.<sup>183</sup>

O programa de defesa da cidade é um experimento incomum, prosaico e de muita força. Não é apenas um sistema elegante e químico como vemos pelo estilo machadiano, mas um evento de proporções e força fora do comum das filosofias. Depois das figuras de mente e corpo sextiana, sumidouro e ressurgência, cabe

---

<sup>180</sup> Id., 1972, p. 247.

<sup>181</sup> Id., 1972, p. 191.

<sup>182</sup> MACHADO DE ASSIS, op.cit., p. 192.

<sup>183</sup> Id., 1972, p. 192.

observar para o trato específico contra as soluções inovadoras, ao estilo Bacamarte, através do sistema composto pela dupla martelo e a bigorna. O primeiro representando o impulso dogmático e o segundo a agenda conservadora do ceticismo, entretanto, localizadas em planos e posições singulares. O sistema de relações entre eles aparece com o seguinte movimento: o martelo bate de baixo para cima e a bigorna está localizada acima do martelo e se move de cima para baixo. Caso apenas essa figura não ocupe todo o imaginário do que chamo de panorama conservador, acaso ela ainda não produza um raciocínio evidente por si, penso que vale a pena mencionar que entre eles estaria uma solução dogmática, um produto intelectual, uma nova casa de orates. O movimento da inovação procuraria forjar *sob* a bigorna do ceticismo uma matéria quente ou uma nova agenda. Em resposta, a partir de todo movimento inovador, contra toda solução, contra qualquer movimento do partido da inovação para moldar uma inovação, há uma resposta esmagadora, de alto a baixo, pela qual vemos o dogma sucumbir e ser subsumido pela bigorna do hábito, da religião, da tradição, das linhas de conduta usuais e do estrito respeito às leis.

## Capítulo 2

### Os personagens, a personalidade e a natureza da atividade cética

Quando o Tenente Bezerra  
Chegou em Angico e matou Lampião  
Eu tava no bando seu moço  
Eu era criança e prestei atenção  
(*Tenente Bezerra – Gordurinha*)

#### O ceticismo existe

Os resultados do ceticismo para a política são bastante variados e as perguntas persistentes sobre as implicações são oportunas e preenchidas de respostas bastante divergentes. Quando genéricas demais, as perguntas não são respondidas com categorias equivalentes que sustentam elementos fortes e que guardem coerência com conceitos muito dilatados. Da mesma forma, quando usamos perguntas específicas, passamos à obrigatoriedade de sustentar categorias específicas que por sua vez implicam na mesma sorte de problema da opção inicial, elas não prescindem de associações a categorias gerais. Na parte anterior deste trabalho, usei uma categoria genérica de ceticismo a qual expressava uma intervenção e ceticismo universal. Optei em seguida por categorias específicas dentro dos argumentos que mais nitidamente me apareciam comunicáveis, intercambiáveis ou que produzissem nexos fortes com a política. Essa decisão não é isenta de falhas, ela é vulnerável e violável como as duas outras que acabo de mencionar. A falha, a alucinação e o perigo em questão podem ser enunciados também pela bigorna de outra comunidade específica.

A cidade ficcional Macondo do livro *Cem Anos de Solidão* de autoria de Gabriel García Márquez foi tomada pela peste da insônia.<sup>184</sup> A moléstia foi introduzida na cidade pela novidade, a personagem nova, estranha àquela comunidade, pela jovem Rebeca, de hábitos incomuns, rudimentares, avessa à contingência de hábitos locais, o que Lessa chamaria de estoque cognitivo local.<sup>185</sup> A família Buendía teve trabalho para reprogramar os costumes da jovem recém adotada. A menina tinha a pele verde, comia terra úmida e biscoitos de cal que arrancava com as unhas das paredes. Uma vez espreada, endêmica, a consequência da insônia foi um ataque frontal contra toda a cidade e foi especialmente agressiva ao seu serviço mais importante, a memória, e como consequência mais trágica resultava o esquecimento individual e coletivo. Um dos primeiros a experimentar a doença, um jovem cientista e ourives, Aureliano Buendía viveu insone desde os primeiros dias da presença da jovem que alterava radicalmente os costumes da cidade. Com a progressiva ausência de memória, sem saber o nome do seu principal instrumento de trabalho, recorreu ao pai que o socorreu: *bigorna!* Segue-se que o jovem cientista passa imediatamente a preservação da memória anotando na base da bigorna o seu nome e em seguida a sua função. O pai, sistemático, por expediente semelhante, recorreu de um dicionário giratório dotado de quatorze mil fichas de anotações com lembranças importantes, em seguida vários objetos e paredes foram etiquetados com os propósitos mais relevantes. Para defender a memória geral da cidade, anotou na sua entrada *Macondo e Deus existe*.<sup>186</sup> Anotou cadeira, mesa, vaca e objetos ordinários para salvaguardar-se a sua finalidade. *A realidade tornou-se*

---

<sup>184</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 37 edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Eric Nepomuceno. 79 edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

<sup>185</sup> LESSA, Renato. **Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 124.

<sup>186</sup> MÁRQUEZ, 2012, op. cit., p. 89

*absurdamente escorregadia e capturada por poucas palavras e que por sua vez requeria muita energia e esforço intelectual.* Sem dormir e muito cansada, a cidade começa a desistir da metodologia e passa a viver então sobre outra realidade, mais fácil, sem essa exigente sustentação intelectual e vigilância moral permanente, passa a viver sob o *feitiço de uma realidade imaginária*. De repente, retorna a Macondo um velho conhecido, andarilho e cigano, amigo da cidade, Melquíades, afeito à ciência, como José Arcádio Buendía, espécie de prefeito da cidadela; o cigano percebe ao primeiro golpe de vista o que ocorria. Saca de seu repertório e oferece a Buendía *uma substância de cor suave*, que a ingere, e pelo que *se fez a luz em sua memória*.<sup>187</sup> Para não viver os últimos dias de vida em solidão, Melquíades retorna, promove a solução e Macondo reconquista as recordações.<sup>188</sup>

Imagino que não fosse pelo retorno oportuno, pela presença mágica de Melquíades, o *dicionário rotatório* e as anotações para *ordenhar a vaca para que gerasse leite*, a cidade se diluiria num redemoinho que saltaria do último para o segundo capítulo da obra de García: dia a dia a escrita se tornaria uma solução inócua por razões mais fundas. Macondo, penso, perderia a linguagem, a gramática, o alfabeto, os signos, a capacidade de ler, a comunicação, os códigos de conduta, os mitos, as crenças, perderia a interpretação do mundo e entraria no estágio bestial de Sexto Empírico e, fraca quiçá, abaixo dele. Reconheço ainda que aquela realidade provisória e escorregadia possa representar a única solução possível a tratar-se das definições de ceticismos. Sejam as definições mais dilatadas ou as mais técnicas em categorias, todas tentam capturar um punhado de ceticismo e em seguida produzir os esforços de coerência ajustados àquele procedimento específico. Ao afirmar que

---

<sup>187</sup> Ibid., p. 91

<sup>188</sup> Ibid., p. 91



os *céticos são conservadores*, automaticamente procuro me liberar de mencionar outras tantas categorias analíticas igualmente importantes e sujeitas a erros, como se deixasse de perguntar se eles são também liberais, radicais de esquerda, de direita, anarquistas, democratas ou monarquistas – imagino que o rótulo *conservador* pode perpassar com mais facilidade por mais categorias jacentes à política e, assim, persisto especialmente quando tenho por horizonte trabalhar primordialmente com autores distantes no tempo e em ceticismos como Sexto Empírico e Montaigne.

Ao definir inicialmente de forma genérica a política, procuro ainda me desobrigar a descrever exaustivamente qual parcela exata desse conceito acomodaria precisamente contribuições variadas da filosofia, da epistemologia, da psicologia, das crenças, de valores e da moralidade. A despeito dessa omissão tópica, creio ser possível opô-la, como dimensão pública, à esfera privada. A política representando ainda a vida sob a marca da organização tradicional e a segunda apenas associada ao dogma. Tomei a decisão e fiz a opção inicial de convocar a aversão do ceticismo a dogmas, crendo ligá-los à política indistintamente, assumindo que esta constitui um espaço receptivo para qualquer tipo de linguagem e produção dogmática, estou me referindo a aqueles gerados de senso comum e também aos de origem metafísica. Ainda dentro dessa estratégia, descrevi sucintamente quais pontos daquela doutrina podem conferir um impulso ao elogio e à defesa do quadro intelectual e político vigente em qualquer cidade, bem como descrevi os argumentos céticos que incensam e que emulam o pensamento conservador. Segundo essa decisão, eles resultam em número de cinco, mas podem ser trinta ou mesmo todos os tropos da tradição antiga e moderna, com o acréscimo de desenvolvimentos

recentes das pesquisas sobre o ceticismo. Assim, evitando apontar, ainda dentro dos estudos de implicação, a preferência, o efeito ou a contribuição para este ou aquele tipo de governo, de organização de Estado, essa solução me socorre de traduzir aplicações ainda mais específicas e disparatadas como as que podem ser representadas por perguntas sobre a preferência de um cético diante de categorias díspares e recentes como trabalhismo, trotskismo ou feminismos. Há, por certo, opções diferentes dessa e que igualmente são chamadas de estudos de implicação.

O pequeno edifício de cinco pontos me conecta topicamente no ceticismo e genericamente na política. Pelo primeiro partido, o caminho até a suspensão do julgamento e até a conclusão do golpe com a ataraxia é um roteiro de início objetivo e de uma inigualável conclusão acidental<sup>189</sup> que, segundo creio, pode ser reescrito da seguinte maneira: a) uma agigantada habilidade cética de *diagnosticar o dogma* e a sua surpreendente ambição pelo que afirma conhecer e verificar toda e qualquer solução privada; b) uma concomitante e pretensa habilidade infinda de produzir os *dogmas antagônicos* aos diagnosticados, tantas vezes quantas necessárias forem diante da inovação; c) sendo o cético idealmente a favor ou contra o dogma *produzido por ele* com vistas à disputa, uma imagem meramente útil, pois o cético tem opinião, são memoráveis a sua presunção e a sua capacidade de apresentar esse mesmo dogma contra o dogma rival prene de inovação e assim *bloquear o adversário* – isto, inclusive, poderia preencher uma excelente ambiguidade que

---

<sup>189</sup> Estou me referindo especificamente à referência do quadro pintado por Apeles. Essa famosa imagem, citada em vários trabalhos, serve rotineiramente para descrever a ataraxia que, em tese, chega *como que* por acidente, suavemente. Na versão sextiana e, por analogia, ela chega tal como ocorreu com este pintor que desejava produzir uma espuma num quadro, na boca de um cavalo; depois de muito tentar, ao final, cansado de procurar produzir a espuma, sem sucesso, arremessa afinal o pincel sobre a tela e acidentalmente consegue o melhor resultado pictório já testado até aquele momento. [HP I, 12, 29, p. 20-21] Acrescente-se o seguinte ponto: o que aconteceria se ele errasse o arremesso? Penso que teríamos uma ataraxia mecânica, sem o mesmo requinte de um quadro e de uma atividade artística, seria algo menos suave, mais rudimentar e dogmático.

poderia se expressar através de alguns requisitos de arte e de representação no melhor dos casos e de desfaçatez no pior; d) chama a atenção e é elogiável a sua habilidade singular de *gerar e gestar a disputa* entre esses dogmas com a serenidade justa ao diálogo – o cético aplaca a idiossincrasia, adiciona serenidade, reflexão, tanta quanto for necessária à convivência. Ele organiza um ambiente que acolhe o diálogo e o entendimento, ele o modera; e) a ação de moderação produz ganhos ou vantagens humanitárias ao observarmos a sua capacidade de conservar esse conflito dentro de parâmetros mágicos – a inovação é adiada, projetada para um futuro difuso na forma intelectual de um projeto de pesquisa com resultados incertos para o dogmático e conhecidos para o cético; f) uma vez bloqueada a inovação, a reflexão privada, prevalece a sua técnica sofisticada para sustentar uma meta reiterada de tranquilidade e o juízo vigente, com base na experiência passada ou, em outras palavras, na manutenção do elogio prático do juízo vigente baseado no experimento passado; g) uma diligente atividade de manutenção e projeção de um horizonte nítido cuja meta específica é a transigente e, às vezes, intransigente defesa da tranquilidade passada e presente; e, pelo mesmo movimento, dentro do mesmo golpe, a sua perspicácia por idealmente lançá-las sobre o futuro, ao manter o curso da vida política e o juízo vigente. Em síntese, esse percurso, esse parcelamento do ceticismo, aplica o que chamo de conservadorismo sobre uma quantidade considerável de rótulos abaixo do invólucro da política e, com um pouco mais de precisão, sobre a mudança.

A cidade cética e a experiência cidadina, de Sexto Empírico e de Machado, pintam o conceito de comunidade que entendo como o espaço adequado para representar o que chamo de disputa política figurada pelo duelo ceticismo versus inovação. Ao

trabalhar com essa dicotomia, procuro não adentrar detalhadamente na qualidade da inovação e obviamente assumo os riscos de cair num dialelo cético. Ou seja, tendo como premissa que a apresentação realizada até aqui cobre a qualidade geral do ceticismo, através da descrição de alguns tópicos, restar-nos-ia discutir o conceito e algumas categorias do que agora torno a tratar como inovação. Há descrições recentes que promovem a associação do ceticismo ao pensamento conservador de maneiras variadas e com vícios de origem aplacáveis. De qualquer forma que as abordemos, ainda nos restariam por certo algumas categorias que extrapolam o domínio de uma disciplina. Se considerarmos a inovação como um instrumento estritamente racional e de fácil identificação e de associação ao dogma, o trabalho está bem coberto por autores como Oakeshott.<sup>190</sup> Se pensarmos em termos de interação entre a filosofia, a competição entre as ideias e a relação desse domínio para a disputa política e os seus efeitos sobre a sociedade, o trabalho de Mannheim é primordial.<sup>191</sup>

Ao mesmo tempo, a produção de imagens não cobertas é um sintoma do lodo sobre o qual se caminha. A inovação pode assumir outras feições menos ortodoxas. Imaginemos a quem nos socorreremos se ela aparecer pela irracionalidade, pelo acidente, pela ficção, pela magia, pela fé, pela violência, pela intransigência, pela glória, pela submissão, pela religião (eu me refiro à iluminação, à revelação da mesma fonte teológica abraçada por Sexto Empírico), pela corrupção, pela mentira, pelo erro, pela dissimulação, pela inexistência de diálogo, pela falta de acordo

---

<sup>190</sup> OAKESHOTT, Michael Joseph. **Rationalism in politics and other essays**. Indianapolis: Liberty Fund, 1991.

<sup>191</sup> MANNHEIM, Karl. **Essays on the sociology of knowledge**. New York: Routledge, 1952. The sociology of Karl Mannheim. Collected works. Volume V. Nesse volume, refiro-me especificamente ao ensaio *Competition as a Cultural Phenomenon*. p. 191.

gramatical, pela falta de entendimento linguístico<sup>192</sup>, pela visita inesperada, pela infiltração na cidade de uma legião de anti-pirros (um exército inteligente e pacífico de ágrafos<sup>193</sup>), pelo súbito, pelo assalto, pelo truque, pela má fé, pela loucura e pelo delírio.<sup>194</sup> É possível arrogar sobre esses rótulos algum outro que fosse ainda mais genérico como a *persuasão*, mas isso seria mais um exercício obscurantista e mais uma tentativa de fuga de um problema tangível. Esse invólucro seria untado de mais uma frase do tipo *procuro me eximir de*. Que o ceticismo é de fato uma ferramenta poderosa e que os adjetivos bélicos lhe fazem justa homenagem é uma constatação quase isenta de dúvidas, por outro lado, que o ceticismo é uma ferramenta inesgotável, sem anti-vórtice, sem contra veneno, sem antídoto, é uma constatação quase isenta de sensatez. Pois, segundo vejo, pela luneta da insensatez, esse tipo de asserção produz a derrota liminar dos antagonistas do ceticismo em marcha hoje e soterra os trabalhos no prelo, de maneira que assim fazendo-o penso que labutaria pelo mesmo expediente sistemático de Buendía, de modo que diria orgulhoso que o meu *dicionário rotatório* controla *todos os verbetes* hoje e amanhã e afixaria uma placa dizendo na entrada do meu pequeno povoado que o *ceticismo existe!*

---

<sup>192</sup> EVERETT, Daniel L. **Language the cultural tool**. New York: Pantheon Books, 2012. p. 6 e 257.

Everett, que fez a gentileza de me conceder uma breve entrevista para este trabalho, em 2011 no seu gabinete, distingue língua de cultura. A primeira reúne características ligadas a sons, história, gramática e a segunda associada a valores e sentimentos compartilhados. Estudando os índios brasileiros, a tribo Pirahã na Amazônia (Rondônia), por anos, ele afirma que a língua é uma ferramenta adaptativa, social e não inata como se presume, e que aquela comunidade ainda hoje não expressa palavras para mitos, cores, números e, da mesma forma, dispensa a matemática.

<sup>193</sup> MANNHEIM, Karl. **Conservatism: a contribution to the sociology of knowledge**. New York: Routledge, 1986. Collected Works. Volume Eleven. *Volume XI. The Sociology of Karl Mannheim*.

"New meanings may emerge in active life, in spoken discourse, and it may no longer be possible to reconstruct their direct material-causal origin due to the lack of written evidence". p. 39.

<sup>194</sup> Erasmo de Roterdã. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

A loucura de Erasmo é auto evidente e uma potência supra-persuasiva, ela é uma força superior à retórica. Ainda de acordo com ele: *O que os retóricos, aliás consideráveis, não obtêm com seus discursos, senão com grande esforço preparatório, isto é, expulsar das almas o tédio, tive apenas que me mostrar para consegui-lo*. p. 5. A filosofia regular também não foge à loucura, para ele: *A se acreditar na unanimidade dos filósofos, sua profissão não passa de uma asneira; entretanto, esses asnos têm em mãos tanto as maiores quanto as menores causas*. p. 38

O ceticismo conserva qualquer contingência política, ele produz a agenda de defesa poderosamente articulada contra a inovação, que consiste por sua vez de um procedimento ordenador e re-ordenador, silencioso e barulhento, programado e inadvertido. Esse conjunto articulado de categorias e contingências que avocam a mudança e que chamo de inovação pode ainda aparecer por outros nomes: revolta, revolução, ascensão, queda, levante, motim, rebelião, heresia, golpe e progresso.<sup>195</sup> A considerar a distância entre os ceticismos que tomo em consideração, ao usar uma categoria abstrata que chamo de procedimentos, procuro me posicionar mais distante de cometer ou manusear anacronismos como os que podem nascer de alguma assertiva de um cético como Hume, que suspeitava da superioridade branca<sup>196</sup> ou que Sexto Empírico, por sua vez, seria contra a distribuição de renda.<sup>197</sup> A contribuição do ceticismo para a política pode resultar em outros tantos instrumentos e ideias fortes, além da antipatia contra a mudança, como a moderação, a humildade, a sobrevivência, a tolerância, a pluralidade, a civilidade, a convivência, o liberalismo, a democracia.<sup>198</sup> Essas concepções são importantes, mas o meu ponto específico é *o que, onde, quais aspectos* específicos surgem do

---

<sup>195</sup> Não dispensei também a força de alguns nomes próprios citados e ainda não citados neste trabalho: Bacamarte, Canjica, Rebeca, Melquíades, Robespierre.

<sup>196</sup> HUME, David. **Essays Moral, Political and Literary**. Indianapolis: Liberty Fund, 1987. Baseado na edição de 1777 do vol. I of Essays and Treatises on several subjects.

*I am apt to suspect the negroes to be naturally inferior to the whites*. Ensaio XXI: *On National Characters*. p. 208 – nota de rodapé número 10.

<sup>197</sup> [M XI, 146-147, p. 25]

<sup>198</sup> VOLTAIRE. **Tratado sobre a tolerância**. Tradução Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, [199~]. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 24.

\_\_\_\_\_. **O pirronismo da história**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Projeto VOLTAIRE vive.

No Tratado, Voltaire dedica bastante energia para imprimir a tolerância num ambiente bastante hostil, pelo que frequentou como preso a Bastilha por duas vezes. É possível perceber o seu esforço pela tolerância, pluralidade e liberdade religiosa em diversos pontos do trabalho, dos quais destaco o seguinte: *Quanto mais seitas houver, menos cada uma delas é perigosa; a multiplicidade as enfraquece*. p. 39-40

Quanto ao seu Pirronismo, além de figurar como um enunciado genérico e reter o foco sobre a análise da história antiga e de grandes eventos, ele chega até Luis XIV, ele aparece pela especial energia para as noções de provas científicas e históricas. Além da dúvida sistemática sobre as provas, mais nomeadamente pirrônica, além do título inequívoco, é oportuno citar: *não quero nem um pirronismo extremo nem uma credulidade ridícula; ele pretende que os fatos principais podem ser verdadeiros, e os detalhes, muito falsos*. p. 3

ceticismo e *como* produzem essa variedade de contribuições para a política. Segundo sugiro, preliminarmente, surgem da *tranquilidade* e do *conflito*<sup>199</sup>, elas nascem especificamente da equipolência e não de um rótulo geral como a incerteza infinda ou dúvida. O ceticismo e os cétricos são conservadores por razões enumeráveis.

i- O cético trabalha com uma nítida preconcepção de juízo, de tempo e de mundo. A suspensão do julgamento introduz a discussão sobre o tempo cético e o tempo intelectual. Caso fosse possível expressarem-se através de uma suposta medida cronométrica, diria que o primeiro é enumerável por tempos longos e o segundo por tempos curtos. A suspensão é uma escolha temporal, ela expressa uma predileção por tempos longos, faz uma remissão tácita ao tempo passado, um elogio do experimento presente e pode expressar claramente a sua apologia e a sua projeção para o tempo futuro. Essa afirmação sobre o tempo cético pode ser perfeitamente reescrita, com base no trabalho de Sexto Empírico, o que também pode figurar por um indicador de velocidade, além disso, ela também desenha uma predileção pela lentidão, calma, quietude e silêncio.<sup>200</sup> O cético nasce com juízo construído pela ancestralidade e carrega esse ícone para a vida intelectual e como consequência para a vida política.<sup>201</sup> A suspensão acolhe o juízo vigente, mas esse movimento é antecipado por uma noção de mundo organizado em torno de um paradigma chamado tranquilidade, que por sua vez resulta de uma concepção prévia, de uma

---

<sup>199</sup> O conflito político e a sua organização são parte indissociável da convivência. “Unicamente em Utopia pode haver uma sociedade sem qualquer dissensão a respeito de questões importantes; em uma sociedade política, o *conflito entre partes* é essencial à continuidade de sua existência e ao seu bem-estar, e é tão errado encarar de forma pejorativa todos os exemplos nas *poleis* gregas quanto o seria denegrir a política partidária contemporânea.” p. 34

-FINLEY, M. I. (org). **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Brasília: Unb, 1998.

<sup>200</sup> [HP I, 4, 9, p. 7]; [M XI, 141, p. 24];

<sup>201</sup> [M XI, 166, p. 27]

escolha e preferência baseada na experiência pretérita; e esta, no que lhe diz respeito, é a concepção antiga e a base do juízo em vigor. Este argumento regressivo espelha, ao meu juízo, um indivíduo dotado de sintomática precognição.<sup>202</sup>

ii- A variedade de mapas intelectuais do tipo causa e efeito configura um tipo de percurso que, fora da cognição cética, fora do seu domínio intelectual, figura movimentos e imagens sociais incontroláveis.<sup>203</sup> Esses movimentos atentam contra a regularidade, a estabilidade e o uso que as comunidades humanas dão às instituições conhecidas, ao seu controle, e disso surge o conflito *familiar versus não familiar*. O cético desqualifica a produção do caminho dogmático e assenta sobre ele a regularidade do hábito, dos costumes e da tradição.<sup>204</sup> Os três, acrescidos da amarra legal e religiosa, representam ganhos ou virtudes civilizatórias. Neste aspecto, em particular a causalidade, passa a expressar um objeto rebatendo-se sobre outro. Um objeto diferente do objeto ordinário, regular e costumeiro, rebatendo-se sobre outro. As combinações podem variar e podem ser observadas por conhecidos sobre desconhecidos, ou por desconhecidos sobre desconhecidos. Esse esforço enseja movimentos diferentes, novos e politicamente inovadores, uma vez aplicados aos móveis já conhecidos por todos. Uma aplicação poderia ter o desenho no qual as *leis* produzam *injustiça*, logo, *alteremos as leis*, ou *destruamos as leis*. Através de uma multiplicidade de recursos, mais concentrados em oito tropos, o ceticismo de Sexto Empírico sepulta qualquer procedimento filosófico ou dogmático, a começar pela desqualificação do argumento em si mesmo, pela

---

<sup>202</sup> [M XI, 140-141, p. 24]; [M XI, 153-155, p. 26]

<sup>203</sup> [HP III, 5, 17-19, p. 337]

<sup>204</sup> [HP III, 5, 19, p. 337]

Algumas frases fazem clara troça: *he* [o dogmático] *offers us a cause to prove the non-existence of cause*.



definição do objeto e pela qualidade técnica da pesquisa do adversário. O cético afirma não haver vantagem pública e consistência interna num argumento privado sem a qualidade e o valor de um experimento usual.<sup>205</sup>

iii- Segundo fica legível em diversas passagens do trabalho de Sexto Empírico, as instituições são o que os céticos chamam de métodos comuns de entendimento. Se elas não são exatamente um método a priori, elas são o resultado de um longo procedimento experimental observado pelo equipamento intelectual do ceticismo isento de dúvida e que, por extensão, representa o fenômeno, aquilo que Porchat Pereira diz aparecer inequivocamente. Elas são um processo notório, o resultado de um acordo coletivo em torno das ideias e do entendimento comunitário. Quaisquer que sejam as ideias idióticas sobre novos acordos, não resultante de experimento em comum, recebem a cantilena do ceticismo, tem acolhida na diafonia, na suspensão do julgamento.<sup>206</sup> Segundo percebo, elas são o gabarito ou o piso de entendimento. Elas representam a única concessão de ideias a matérias (experimento comum ou ideia de experimento comum => coisa, objeto comum, instituição), a decantação de uma ideia coletiva sobre a matéria observada, que pode aparecer aos sentidos. Em última análise, segundo leio os céticos, as instituições são o resultado acabado de uma vantagem ou benefício acomodatório e de ganhos humanitários, civilizadores. Elas são os ordenadores cognitivos: o templo, a religião, os deuses, a assembléia, a tribuna, o conselho, a justiça, o sistema legal, o exército, a democracia, o parlamento, o poder executivo.<sup>207</sup> A transigência

---

<sup>205</sup> [HP I, 17, 180-186, p. 103-107]; [HP I, 11, 21-24, p. 17]

<sup>206</sup> [HP I, 17, 183, p. 105];

Entre os muitos vícios da pesquisa dogmática está a seleção arbitrária de fatos que se adéquam apenas às suas teorias, da mesma forma, em outros termos, está a seleção de eventos de acordo com as suas próprias hipóteses. Uma idiosincrasia justificando uma idiosincrasia.

<sup>207</sup> [M II, 33, p. 205]

conceitual em torno dessas experiências expressa, para o ceticismo, um bojo de ações temerárias cuja pena é uma experiência coletiva arcaica, selvagem, na qual a força física predomina sobre a iniciativa intelectual, na qual a destruição de concepções de mundo e de vida em comum representa o autoflagelo, o fratricídio e um estado pré-dialógico.<sup>208</sup>

iv- O cético, ainda segundo Sexto Empírico, controla as artes e é ativo intelectualmente. É uma decisão exaustiva provar o contrário e não vejo como caber nos tropos a teoria da inação aventada por Burnyeat. A bula é clara nos escritos de filosofia cética e entre as quais recupero duas orientações de ação prática: as leis e os costumes; a instrução das artes.<sup>209</sup> A combinação desses dois guias de conduta, por si, podem produzir um sistema ordenado de ação intelectual e prática. Penso que produzem um sistema de relações entre si, quase auto-evidente, pelo qual aparece um programa articulado de detecção, de defesa e de refração às pesquisas idiossincráticas e aos seus produtos, às suas soluções, aos dogmas. O controle e a instrução nas artes fazem deles os produtores de mundos e contingências repetidos, do ponto de vista da conservação, auto-alimentados do ponto de vista político. O cético nasce dentro de um argumento circular e os seus movimentos são uma coreografia, um conjunto de aprovações sociais previamente conhecidas. O domínio sobre os procedimentos de pesquisa dogmáticos fará o cético associá-los a um conjunto variado de falhas, das quais as mais graves são a precipitação, o açodamento, a imperícia, a pressa, a incontinência e a inadequação. Ele os convidará, em primeiro lugar, para os movimentos contrários, para a calma, para a paciência, para a lentidão do uso vigente, do costume, do hábito, enquanto

---

<sup>208</sup> [HP I, 17, 183, p. 105]; [M II, 31-33, p. 205]; [HP I, 11, 21-24, p. 17]

<sup>209</sup> [HP I, 11, 21-24, p. 17]

estabelece um diálogo intelectual sobre o futuro das ideias, a mudança das ideias, ao mesmo tempo em que as esmaece e as esvai.<sup>210</sup>

v- O cético antigo mais coerente, segundo acredito, não deixou registro escrito: Pirro.<sup>211</sup> Os demais sucessores disputam uma visão de mundo, uma intervenção política, uma doutrina da tranquilidade e uma conservação de mobiliário cidadão conhecido: as leis, os hábitos, a religião, o estatuto político e as instituições conexas, das quais destaquei, pontualmente, a monarquia e mais exatamente a figura do monarca, o que não inviabiliza o mesmo argumento empregado para todo e qualquer paradigma de ordenamento interno de um agrupamento humano, comunidade ou cidade. A sua intervenção confunde sujeito e objeto, meios e fins: *ele toma partido na diafonia, na disputa política, realizando uma longa, densa e inteligente demonstração da diafonia*. Entre um conjunto de filósofos propondo visões múltiplas da arte de viver, do melhor meio de organizar a vida comum e de se conduzir na vida política, o cético entrevê idiossincrasias perigosas, segundo as quais é impossível definir o desempenho e as consequências sobre a cidade. O seu altruísmo reside na formalização de sua própria conduta e na sistematização do seu amor à vida em comum.<sup>212</sup> A sua inserção na disputa é orientada por um sistema de ideias, argumentos e convites à reflexão com vistas a métodos coordenados de conservação do diálogo, da convivência, da prudência, da calma, da moderação, do respeito à palavra, ao entendimento, do reconhecimento das limitações das razões dentro das melhores condições de civilidade. Fora dessas condições, os resultados que lhes aparecem são devastadores: os conflitos físicos e um estado de

---

<sup>210</sup> [HP I, 13, 31-35, p. 21-23]

<sup>211</sup> [MI, 2, 53-54, p. 33];

-GAZZINELLI, Gabriela G. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

<sup>212</sup> [HP I, 12, 25-30, p. 19-21]; [HP I, 20, 192, p. 111]

organização rudimentar e bestial. As premissas do ceticismo, explicitamente aquelas conexas à política, são bastante sedutoras: o experimento conhecido, consagrado pelo tempo, aprovado pelo uso. Serão quase inexpugnáveis diante de um interlocutor disposto a ouvir; pelo que, uma vez ingerida a solução iluminadora da conservação cética, uma *substância de cor suave*, o interlocutor verá derrotada a *decisão* e a adiará ao seu próprio resultado de pesquisa, para um tempo e futuro difusos.<sup>213</sup>

### **A crença e a atividade cética**

Nesta parte do trabalho, discuto as opções que saem de alguns estudos e abordagens que entrecruzam o ceticismo e a filosofia política. Até aqui tratei a política dissociada de algum predicado, agora ela aparece antecedita pela filosofia. Dentre todas as contribuições possíveis para a política, penso que a filosofia é criacional, ela é a geradora de uma parcela importante da política, além de representar a conexão mais dilatada e consistente entre as alternativas que mencionei e do que poderia perfeitamente adicionar a contribuição das artes ou da cultura. De fato, junto-me, momentaneamente e muito periféricamente, ao conjunto de esforços trabalhado há muitos anos por Porchat Pereira, Renato Lessa e outros pesquisadores, de acordo com os quais a política é também um espaço derivado da contribuição secular da filosofia política e da qual deriva a teoria política.

A suspensão do julgamento dá obviamente azo a outros resultados muito anteriores e diferentes do que venho trabalhando até o momento. Entre as apostas num

---

<sup>213</sup> [HPI, 13, 28-31, p. 21-25]; [MI, 2, 44-53, p. 27-33]

resultado negativo dessas perspectivas está a teoria da inação. Segundo essa abordagem, o ceticismo resulta na paralisia completa do indivíduo, pois, ao duvidar de tudo e suspender o julgamento sobre todas as questões, restar-lhe-ia uma vida inativa, inerte, vegetativa, mesmo com as afirmações originais do ceticismo antigo e moderno dizendo o contrário. Lessa introduz uma resposta importante e contrária, para este tipo de investida, usando Hume, Sexto Empírico e Montaigne. A seguir, farei uma rápida exposição de parte do argumento, para discutir depois alguns pontos específicos sobre a resposta à inação, que entendo próximos ao que apresentei até aqui.<sup>214</sup> O raciocínio é longo e preenche uma série de quesitos importantes demonstrando a relevância da atividade cética e a sua colaboração à filosofia política. A primeira e a segunda parte do argumento de Lessa são dedicadas à crença e passarão a constituir também parte da minha abordagem a sua solução criada sobre esse ponto.<sup>215</sup>

Lessa afirma que o cético tem crenças, que ele age e se move como todos e que a teoria da atividade intelectual do cético é visível. A atividade humana é baseada em crenças, elas mobilizam a ação no mundo. A distinção básica entre a fabricação de crenças operadas pelo cético e pelo dogmático consiste no movimento de construções de natureza idiossincrática ou não, e o que diferencia o cético é o seu apreço pela história.<sup>216</sup> De maneira que as crenças do cético se limitam a um exercício de observação da história, ela não é oriunda de justificativa racional operada pelo movimento *ideia* que origina *ideia*, mas sim uma construção histórica sem a conotação e justificção dogmática. A crença cética é originária do hábito,

---

<sup>214</sup> LESSA, Renato. **Agonia, aposta e ceticismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

<sup>215</sup> Id., *Ibid.*, p. 99

<sup>216</sup> Id., *Ibid.*, p. 100

elas são *crenças justificadas por crenças*, e crenças, além de serem compulsórias, fundam crenças com base no costume e na história. Será na história que ela receberá o conteúdo de atualização e transformação com o tempo e será incapaz de receber uma explicação baseada em algo não evidente. O seu conteúdo é marcado por experimentos repetidos e por *crer que as regularidades que ocorrem em nossa experiência constituem uma base confiável para compreender as que ainda ocorrerão*<sup>217</sup>; a crença é, portanto, correlata ao hábito e este constitui o próprio ato de *agir e crer*. Nesse aspecto, a história é definida por Lessa como *um conjunto de esforços humanos para simular e criar formas de estabilidade, através das crenças e do hábito*. As fabricações das crenças terão origem no *domínio da história*.<sup>218</sup> Será com base em diversas representações feitas sobre a história que os cétricos originarão as crenças. A filosofia política, ainda segundo o autor, é a produtora de um conjunto variado de linguagens e a sua contribuição no desenvolvimento e representação de crenças ainda possui um lugar central na sua ativação e justificação. Disso resulta, ainda da conclusão de Lessa, a afirmação segundo a qual a colaboração da filosofia política moderna pode ser entendida como uma modalidade particular de exercício ficcional.<sup>219</sup>

O cétrico age. As crenças são o item básico para a ação de qualquer indivíduo: crenças que impulsionam atos baseados em crenças. Ao que parece, a anterioridade do hábito e a posterioridade das crenças não estão em discussão, elas são imprescindíveis no passado, presente e futuro. O cétrico olha para a história baseado no hábito e dela ainda recolhe o passado de representações, atualiza

---

<sup>217</sup> LESSA (2003, p. 101)

<sup>218</sup> Id., Ibid., p. 102

<sup>219</sup> Id., Ibid., p. 103

essas representações e as acolhe como o esteio para a interpretação atualizada no presente e para a sua projeção, para a sua representação atualizada no futuro. Ou ainda, ele olha as experiências passadas e com base nelas toma partido no esquema de representações tradicionais. Esse acervo de representações é base das representações atualizáveis agora, ele é o acervo projetável sobre as experiências vindouras. As crenças são injustificáveis pelo hábito e vice versa, pois eles se confundem. A crença se confunde com a própria vida.

A ficção cética, a filosofia política ou a combinação de ambas e a filosofia política do ceticismo serão então marcadas, segundo meu entendimento, pela referência passada, ainda por esta abordagem, com a perspectiva criacional aberta por Lessa. O cético, por este ponto de vista, não abre mão do usual, do habitual, da observação de eventos e de sua aglutinação espontânea e não espontânea consagrando o resfolego e a tranquilidade presente. A criação e a representação das crenças terão a marca fixa da história, que por sua vez será o item de antecipação da interpretação de eventos novos. Segundo leio da versão de Lessa sobre o hábito, ele define duas dimensões: a) a primeira delas constitui uma ação sensitiva, experimental, cotidiana, na qual prevalece a observação, a vivência e o contato com a ordem de eventos ao redor do observador cético. Ele experimenta os eventos. Por outro lado, b) em relação à segunda, o que posso chamar de atividade intelectual propositiva, este observador dará tratamento às experiências lastreado num atavismo psicológico apaixonado pelo passado.<sup>220</sup> As criações e as ficções que resultem de ambas as dimensões conjugadas serão atreladas a interpretações e a

---

<sup>220</sup> MANNHEIM (1952, p. 88, 89)

Na versão Mannheim, especificamente no ensaio sobre o Historicismo, essa abordagem de um evento ou experimento é chamado de *não-refletido* (unreflective life) e *estágio da reflexão* (reflective stage). A descrição histórica será a matéria prima para a filosofia da história de Mannheim. A observação dessas narrativas oferecerá o ambiente para que ele extraia uma filosofia implícita.

modos de observação pouco ou nada sensíveis aos meios de observação que dispensam aquela mesma tradição cognitiva. As bases de uma suposta filosofia política do ceticismo têm fundo em representações tradicionais do mundo. Da mesma maneira, afirmo, as representações que se assemelham a este método ou técnica de entendimento podem ser aplicadas para o que venho tratando como a construção da defesa do juízo vigente em qualquer cidade alvo da interpretação produzida pelo operador cético, pela construção da política de conservação, e em última análise, pela reflexão conservadora. Por esta abordagem, a criação de paradigmas sem base na experiência conhecida, sem base nas decisões históricas em acordo explícito com aquele atavismo hipertrofiado será alvo da diafonia.

Há nessa versão do hábito cético um componente de atração, encanto e elogio do passado. E ao mesmo tempo, há uma intensa atividade intelectual em torno da montagem de uma pluralidade de paradigmas de observações e de interpretações do hábito que recaem, invariavelmente, sobre as bases de ordenamento político e que, por seu turno, afetarão diretamente a aversão cética contra a inovação.<sup>221</sup> Esta última escapa ao equipamento de análise do cético, pois ela dista da interpretação e criação usual com lastro nas experiências pretéritas. A tratativa de introdução da inovação, a pesquisa dogmática, o experimento dogmático, terão duas alternativas de trabalho: (i) introduzirá uma leitura baseada num experimento histórico inabitual, inusitado e que obviamente será objeto de suspeição, da suspensão cética (ii)

---

<sup>221</sup> STRAWSON, P. F. **Ceticismo e naturalismo**. Tradução Jaimir Conte. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. Coleção Ideias.

Strawson trabalha com Hume (Livro I – Tratado), Wittgenstein (Da certeza) e Collingwood (An essay on metaphysics) para tratar o passado, a sua representação e as mudanças, ou a *aceitação do elemento dinâmico no sistema de crenças coletivo*. p. 38. Lembra que: *a crença na realidade e na determinação do passado faz parte da estrutura geral de crenças com que estamos inevitavelmente comprometidos*. p. 41. Não rivalizo com a mudança de elementos estruturais, apenas tomo partido na impressão de que a mudança de crenças de sabores céticos terá a marca de um paradigma específico de tranquilidade na vida política. A mudança no sistema cético obedecerá à conservação, à mudança tutelada e calma.



proporá uma interpretação deste mesmo experimento prosaico com pouca ou nenhuma vinculação com a bigorna da rotina intelectual cética, sem lastro na história e sem lastro na tradição de interpretação dos experimentos ali baseados e vividos. Resulta dessa reverência continuada a modos insuspeitos de interpretação de eventos uma projeção tácita de valores ancestrais sobre eventos e experimentos futuros: o passado sofrerá pequenas concessões de atualização, melhoramentos, aprimoramentos, mas que inequivocamente obedecerão aos estoques e aos legados intelectuais dos modos usuais de representar a política. Isso me parece uma jarra montaigniana de duas alças: uma *linha de conduta* na perspectiva rasa e um *princípio de obediência teórica* na perspectiva funda.

A filosofia política do ceticismo cumprirá uma agenda de fertilização de leituras coordenadas e de resultados conhecidos a priori, as suas rotinas de interpretação e análise de eventos históricos renderão coerência à conservação da cidade, à criação de um conjunto multifacetado de pequenos resultados de aprimoramentos intelectuais rendidos à história, e o bojo desses resultados atomizados comporá o que chamo de pensamento conservador. A multiplicidade de suspensões de julgamento, em quaisquer cidades observadas pelos cétricos, produzirá um conjunto de apego, de aderência e de projeção da tranquilidade, do resfolego cético, em favor do ordenamento político conhecido. Estou propondo uma interpretação da suspensão do julgamento atomizada, que facilite a visada de uma variedade de pensamentos conservadores, sem datas de nascimentos específicas e sem lastro exclusivo em qualquer evento singular na história, grande ou pequeno. Portanto, não creio que pela perspectiva do ceticismo seja possível afirmar que o pensamento conservador comece com uma *revolução* ou *reação à queda* de regime única na

história de uma população mais ou menos conhecida por seus eventos políticos, pela sua capacidade de narrá-los no tempo ou pela ascensão de um grupo social sobre um tipo de governo ou sequer sobre uma organização de Estado. A meu juízo, pela perspectiva do ceticismo, eles são parte da variedade de pensamentos conservadores deriváveis da análise ou da representação política de um cético com precedentes notáveis em Itaguaí, Índia – uma das fontes aventadas para a origem filosófica do ceticismo<sup>222</sup> – ou Haiti (revolucionário dentro da revolução de 1791) e da sua experiência inabitual de se livrar de paradigmas universalistas que lhe custaram danos visíveis.<sup>223</sup> O que distingue os grandes experimentos conceituais históricos são as qualidades das suas narrativas equivalentes, as suas capacidades de comunicação para outras cidades. Ou seja, o pensamento conservador, por essa perspectiva, e por absurdo, pode ter nascido entre os índios pirahã, de onde temos agora um registro linguístico introdutório, parcimonioso e incerto do ponto de vista da organização política – Mannheim, suspeito, trataria isso como paróquia ou paroquialismo. Com os riscos intrínsecos às assertivas categóricas, afirmo que a chave de observação de eventos baseada no esforço cético pode ser introduzida em

---

<sup>222</sup> LOM, Petr. **The limits of doubt: the moral and political implications of skepticism.** Albany: State of New York Press, 2001.

Pirro participou da caravana de Alexandre à Índia. A possibilidade de o ceticismo ter nascido na Índia é frequentemente levantada, mas pouco se sabe, se discute e se avança além do nome de uma ou outra corrente filosófica indiana da qual Pirro tenha aprendido o ceticismo; da mesma forma, e pior que isso, pouco ou nada se informa sobre o contexto dos indianos. Sabe-se do caos político pós Alexandre, o Grande, como uma hipótese para explicar o desejo de paz e tranquilidade de Pirro. A hipótese de contexto parece não ser levada a sério, se fosse, talvez pudéssemos inaugurar o ceticismo em alguma comunidade étnica diminuta na Índia falando algum idioma inaudível ou nenhum idioma. Seguindo a tradição de citar e não discutir os idiomas, o contexto e a filosofia indiana em questão, Lom aponta rapidamente mais de seis correntes de ceticismo desenvolvendo a ataraxia e os movimentos suspensivos semelhantes aos gregos. Apontamos o nome, e brevemente o conceito, mas não dizemos o contexto, esse movimento não é isento de consequências, isso, no mínimo implica em soterrar a ataraxia sendo explicada por contextos. Uma passagem pode ser mencionada com uma das variantes e a exposição do problema: *its proponents called eel-wrigglers (anaravikkhepika) for their refusal to be tied down to any kind of verbal formulation of belief.* p. 44

<sup>223</sup> SHEN, K. The revolution builds: 1791 – 1792. **History of Haiti: 1492 - 1805**, Brown University, Department of Africa Studies, [S.l.], 2008. Disponível em: <<http://library.brown.edu/haitihistory/6.html>>. Acessado em: 2012.

O Haiti foi uma grande *ameaça* internacional, uma inovação, uma temeridade alvo da bigorna da tradição europeia.

qualquer comunidade humana que se organiza politicamente. O pensamento conservador não brota com a proliferação de um tipo de pensamento que espalhe, pulverize e disperse as ideias de uma única comunidade ou grupo de comunidades mais pujantes, ele é um modo de analisar experiências e de defender a ancestralidade baseada num conceito atomizado, numa perspectiva plural de ataraxias condicionadas às experiências e às condições sociais e históricas de cada sociedade.

Petr Lom abre outra perspectiva sobre o ceticismo e a política.<sup>224</sup> Lom estabelece uma distinção básica entre o ceticismo filosófico e o político. O propósito do seu trabalho é investigar quais os limites da dúvida cética, os seus determinantes e como essa dúvida aglutina uma variedade disparatada de resultados. O *ceticismo político*, segundo ele, configura um tratamento raso da dúvida e está associado a questões superficiais como as dúvidas sobre a virtude das leis e a dos reguladores, dos legisladores e não mais que isso. Esse tipo de ceticismo político não atinge as crenças morais e políticas.<sup>225</sup> Segundo ele, o *ceticismo filosófico* de fato tem relações mais profundas sobre a possibilidade de existirem crenças justificadas e as suas implicações. As justificativas sobre as quais ele se ocupa são as racionais e as explicações dogmáticas sobre as crenças que afetam a atividade política. Simpático à teoria da inatividade, ele insiste que o ceticismo filosófico impõe o pensamento conservador por recolher a atividade intelectual do protagonista cidadão. Ele se exime da política e abraça a vida privada.

---

<sup>224</sup> LOM, 2001, passim.

<sup>225</sup> Id., 2001, p. 2

A política é uma atividade indiferente para este indivíduo. Acabando com toda a crença justificada, só lhe resta viver a indiferença, o recolhimento e viver o que chama de *status quo* como guia para se conduzir na vida.<sup>226</sup> Uma implicação que essa interpretação apresenta parece-lhe aprazer, qual seja: o ceticismo implicando em liberalismo. As dúvidas são aliadas da tolerância, essa é a premissa. Além disso: se eu não sei como conduzir a minha vida, eu não sei como você deve conduzir a sua, disso resulta uma expressão como *viva e deixe viver*.<sup>227</sup> A tranquilidade cética é o ápice da omissão diante da política: ela resulta de um processo complexo para se alcançar a paz espiritual adornada pela atividade nula, pela inatividade, pela inação diante da política. Baseado na ausência de menção à *ciência das regras* entre os antigos céticos, ele afirma que, para um cético, é muito fácil suspender o juízo sobre um regime político ou outro.<sup>228</sup> Lom tem algum talento para produzir ironias: afirma que deve ser muito difícil ficar tranquilo enquanto Roma é incendiada, e que o terror na política deve ser provavelmente mais perturbador que os desafios enfrentados por Pirro como o precipício ou um cachorro<sup>229</sup> – aqui ele se refere à anedota segundo a qual Pirro seria tão indiferente ao mundo que seria insensível a qualquer evento perigoso, ou que requisitasse algum nível ordinário de atenção, que ele poderia cair de um precipício andando em linha reta. A postura apolítica do cético é muito perigosa e esse silêncio poderia ser vivido apenas por um período curto de tempo, ainda que bastante precário, pois poderia facilmente virar um pesadelo.<sup>230</sup>

No ceticismo, Lom marcha com o *partido inativista*. O trabalho promete cuidar das questões mais profundas e dispensar as superficiais. No ceticismo, os dois

---

<sup>226</sup> LOM (2001, p. 4)

<sup>227</sup> Id., 2001, p. 5

<sup>228</sup> Id., 2001, p. 44

<sup>229</sup> Id., 2001, p. 45

<sup>230</sup> Id., 2001, loc. cit.

caminhos são perigosos, são lamacentos. No entanto, apesar da promessa de que seguiria pelo segundo caminho – o mais fundo – ele acaba abraçado ao primeiro, pelo que vemos que as águas mais profundas nas quais navega não passam das canelas. O cético de Lom é um vegetal e promete vida longa a Burnyeat e à teoria da inatividade. Se tivesse lido um cético, Sexto Empírico, por exemplo, a premissa da inatividade já seria trabalhosa de sustentar; se tivesse lido vários, sustentar a ataraxia como um evento episódico, estático e contrário à política seria igualmente trabalhoso. A pergunta de seu trabalho merece crédito. Com a mesma verificamos como é realmente curioso a dúvida cética aglutinar resultados tão distintos como o dele, afirmando que o ceticismo acaba com a crença justificada, e o de Lessa, afirmando que o cético possui crenças e que as justifica, para ficar numa comparação breve.<sup>231</sup>

A política é o local adequado para a profusão de dogmas, e é impossível viver sem eles, tal como a vida sem crença conforme vimos em Lessa. É interessante ver Lom conhecer a capacidade do ceticismo para gerar conceitos humanitários, como a tolerância e o liberalismo, e trancar o cético numa anedota e ironia de características tão rasteiras. O ceticismo não terminou depois que Sexto Empírico conclui os seus livros, ele é uma doutrina viva com desdobramentos práticos na vida intelectual e na vida política. Como ele equilibra que o ceticismo alimenta expressões como *viva e deixa viver* e a omissão diante da política? A pergunta precisa ser retórica, não li

---

<sup>231</sup> FREDE, Michael. The sceptic's beliefs. In: BURNYEAT, M. & \_\_\_\_\_ (Ed.). **The original sceptics: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1998.

A crença também é alvo de discussões com outras perspectivas. Frede sustenta que sim, eles têm crenças. Barnes investe na discussão com Frede sobre a versão rústica (ceticismo total, rejeição de crenças) e urbana (uma divisão inspirada em Montaigne sobre ceticismo filosófico e não filosófico, este último, sobre questões ordinárias de pessoas comuns).

-BARNES, Jonathan. The beliefs of pyrrhonist. In: BURNYEAT, M. & FREDE, M. (Ed.). **The original sceptics: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1998.

resposta no trabalho escrito por ele. Assumo o risco de passar pelo mesmo constrangimento que Lom, num ou noutro conceito, isso é inerente ao trabalho com algo tão complexo, e não tenho a menor pretensão de controlar toda a contribuição do ceticismo para a política e para o pensamento conservador. No entanto, pela assertiva do autor acerca da política, sob a hipótese de que os liberais estariam desenvolvendo suas teses e tomaram apenas um ou outro ponto, na verdade, o mais fácil de todos os argumentos, *a dúvida sistemática* do ceticismo, e aquele aplicado em defesa da liberdade coletiva como corolário da dúvida sobre tudo, da dúvida sobre a melhor maneira de conduzir a vida de um indivíduo, eles habilitaram a vida livre de amarras fortes em torno de um conceito de vida correta. A síntese mais humanística, civilizada, desapaixonada e justa que consigo produzir sobre o colega inativista tem a seguinte organização de contrários: o ceticismo é vivo o suficiente para embalar o liberalismo e morto o suficiente para participar da vida política.

A teoria do ermitão, o inativo, é entoada pela ataraxia negativa. Numa face de pirâmide da inatividade política, a ataraxia de Lom está no vértice superior, próxima ao céu, ela é a paz espiritual, ela é o cume da omissão política. Essa atitude é perigosa, segundo Lom, que recorre ao próprio pintor Goya para dizer que isso pode virar um pesadelo coletivo, de maneira que se não tomamos partido na política, Roma pode pegar fogo e o terror pode grassar. É preciso lembrar que as ideias representam movimento em qualquer campo que se trabalhe, nos rasos e nos profundos, no ceticismo político e no filosófico, para usar a linguagem deste inativista. Da mesma maneira que o ceticismo habilita interpretações que o fazem produzir ou auxiliar os liberais e o liberalismo, motiva ainda interpretações como a

que proponho. A leitura que sugiro é um pouco diferente. A ataraxia constitui uma ação, uma proposta, uma meta objetiva, ela é uma reação e uma ação articulada normativamente contra contextos visíveis nos quais as mudanças se apresentam. A ataraxia é um movimento, ela não é um evento episódico, estático. Pois não há nada, nenhuma evidência apontando que a batalha ceticismo versus dogmatismo narrada por Sexto Empírico se encerrou na Ática<sup>232</sup> ou com o advento do liberalismo. Continuo pensando, continuamos a tentar produzir interpretações e extrair lições úteis da tradição cética como um todo e não apenas centrando energias na *dúvida*, estamos procurando colaborar com a vida prática e com a atividade intelectual, com a vida política. Recolho, portanto, da ironia de Lom, mais um ponto favorável para afirmar que a ataraxia é um atavismo, ela é uma bandeira da atividade produtiva dentro da vida intelectual e da atividade política.

A ataraxia aparece como um dos elementos mais contundentes no contexto da disputa política entre dogmáticos e céticos, entre o pensamento conservador e os inovadores. Ela é um guia para a produção de soluções intelectuais na vida ordinária e é com base no seu aparecimento que entrevejo as condições ideais para reafirmá-la como a principal motivadora das ideias moderadas, calmas e habituais. Ela é o convite para que se conserve o diálogo, a conciliação e o entendimento, de maneira que o cético não se acomoda diante do terror. A isso acrescento que tenho pouca ou nenhuma evidência para afirmar que o cético é um expectador anódino e autista diante do incêndio de uma cidade inteira em nome da idiosincrasia. Dentro dessa mesma metáfora e analogia insípidas, se a reforma significar uma centelha ou as

---

<sup>232</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Pyrrhonism**. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1933. Loeb Classical Library.  
Estou me referindo basicamente ao tropo de suspensão relativo à diferença entre os homens, povos e suas idiosincrasias. [HP I, XIV, 80, p. 49]

primeiras labaredas, talvez o ceticismo apareça como o primeiro brigadista a combater o descalabro. Em linhas gerais, é possível apontar por um lado, do ponto de vista desse inativista, que a tranquilidade cética é um repouso com características mecânicas; por outro lado, pelo partido da atividade política do cético, ao qual me filio, penso que ela é um movimento constituído e com *agenda política doutrinária*, que constitui as *bases do conservadorismo* e que simultaneamente constitui a *meta da iniciativa conservadora*. A partir de uma ataraxia negativa, Lom propõe, por analogia, um conservadorismo negativo, oriundo da omissão, por outro lado, por uma premissa contrária, por uma ataraxia contínua, que se move, sugiro um pensamento conservador ativo, dinâmico e propositivo.

### **O argumento da relatividade cética e o conservador de Mannheim**

Sem declaradamente usar a tradição do ceticismo como ponto de partida, Mannheim apresenta uma proposta de pensamento conservador de características internas bastante dinâmicas. Ele toma a queda do pensamento medieval como um contexto apropriado à fundação de sua sociologia do conhecimento, a partir da qual apareceria uma ciência combativa e que ele concorda ser de *oposição*.<sup>233</sup> No início do ensaio *The Problem of a Sociology of Knowledge*, ele toma emprestado da astrologia o conceito de constelação para mostrar as variações existentes entre os esforços do sujeito para compreender o seu mundo e também a dinâmica evolutiva do ambiente que o cerca, o objeto. O indivíduo está sujeito a um mundo com várias posições intelectuais num dado período histórico de uma linha evolutiva de eventos. A constelação a que está submetido é configurada por um conjunto de conceitos

---

<sup>233</sup> MANNHEIM (1952, p. 134)



superficiais sobre a realidade observável. Em outros termos, aquela superfície é a descrição de uma organização variada e específica num dado momento, onde se aplica a sua representação. A superfície é o alvo. O indivíduo está refém de um contexto de conceitos dinâmicos e sobre eles oferecerá descrições com base em problemas teóricos e extra-teóricos.<sup>234</sup> Os primeiros são conhecidos, já as questões extra-teóricas constituem a operação de demonstração da utilidade e da finalidade de uma determinada ideia e não apenas o concurso e a discussão sobre princípios, a ação de combater os seus fundamentos teóricos; trata-se de apontar a direção, a função e a que grupo ou classe social aquela ideia serve num contexto de disputa. O mecanismo da operação extra-teórica é constituído pela vinculação pura e simples de uma ideia e um agrupamento social, e especialmente a uma classe. O objetivo é desacreditá-la, afirmar a sua natureza utilitária e servil a um grupo e somente a ele em detrimento do conjunto de uma suposta população. Esta operação é chamada de desmascaramento e constitui, segundo Mannheim, um fenômeno exclusivamente moderno.<sup>235</sup>

Essas narrativas teóricas e extra-teóricas conjugadas e o seu ritmo de sucessões intelectuais pelas constelações podem apresentar um padrão interpretativo que serão também capazes de oferecer um modelo de observação da vida que oferecerão algum alento preditivo. Essas narrativas consideram os problemas da vida prática e as teorias em curso. Mannheim acolhe ainda um *evento histórico singular* para avançar o seu pensamento conservador nesse ensaio. A sociologia do conhecimento nasce num contexto de desintegração do modelo intelectual medieval de características teológicas e sob o desenho monárquico. Ela nasce também junto

---

<sup>234</sup> MANNHEIM (1952, p. 140)

<sup>235</sup> Ibid., p. 141

com o seu rival racionalista, que por sua vez teria preparado as bases da *revolução burguesa*. Na versão Mannheim, as ideias têm a sua existência originalmente associadas a grupos sociais de indivíduos e elas, por sua vez, também são dinâmicas. Em alguns momentos, as ideias podem migrar de um grupo social para outro e assumir significados semelhantes ou dessemelhantes e que *what we have to grasp is that both our ideas and existence are components of a comprehensive evolutionary process in which we are engaged.*<sup>236</sup> Com essa linha de evolução das ideias, ele introduz nesse ensaio a dicotomia entre pensadores conservadores versus progressistas.

[...] conservative as well as progressive ideas (to use these over-simplified labels) appear as derivatives of this process. In our opinion, the present problem constellation necessarily implies this radical following through of these ideas to their last consequences; and the difficulties involved in this set of theses lead to the emergence of the problems of the sociology of knowledge.<sup>237</sup> [sublinhado acrescentado]

Mannheim identificará os conservadores e os progressistas em torno de *estilos* de abordagem. Fica claro nessa introdução da divisão entre conservadores e progressistas que ele compreende que todos os autores e ideias podem ser alvos de múltiplas interpretações e que tanto um estilo pode ser visto num grupo quanto noutro adversário qualquer. Mas ele deseja observar correlações e aproximações entre um e outro, entre grupos de autores conservadores, problemas associados a esses grupos de indivíduos e as ideias que os representam. Com o declínio do pensamento medieval ele vê nascer uma ciência em oposição a grupos tradicionais, uma ciência de apoio a grupos de inovadores ou desafiantes. As divisões conceituais mais marcadas, segundo ele, são as *classes* representando afinidades

---

<sup>236</sup> Ibid., p. 146

<sup>237</sup> MANNHEIM (1952, p. 146)

com os desafiantes e os *protocolos* e a *tradição* como os conceitos associados e nitidamente afinados aos pensadores conservadores.<sup>238</sup>

A sociologia do conhecimento de Mannheim toma emprestada a analogia no lugar errado, assim vejo. A constelação que ele recolhe da astrologia em nada ultrapassa os *modos do sujeito* e de *objeto* narrados por Sexto Empírico. O evento que ele toma para datar a ciência de oposição e de situação é ainda tão inovador quanto nova é a informação de que há frescor na água fria. A analogia mais acabada para as variações de sujeito de entendimento e objetos que os cercam está amplamente coberta nos *tropos de circunstâncias do sujeito e objeto* e mais centralmente nos de *relatividade* da tradição cética. A desistência de procurar a composição última de um objeto ou a sua verdadeira natureza também tem lugar em algo chamado ceticismo. Os fenômenos e a circunstância são alvo daquela tradição. Uma passagem um pouco mais longa pode aclarar esse ponto – faço referência ao Oitavo Modo baseado na relatividade.

[...] *since all things are relative, we shall suspend judgment as to what things are absolutely and really existent.* But this point we must notice – that here as elsewhere we use the term ‘are’ for the term ‘appear’, and what we virtually mean is ‘**all things appear relative**’. And this statement is twofold, implying, *firstly*, relation to the thing which **judges** (for the external object which is judged appears in relation to that thing), and, in a *second sense*, relation to the **accompanying percepts**, for instance the *right the side in relation to the left*. Indeed, we have already argued that all things are relative – for example, with respect to the **thing which judges**, it is in relation to some one particular animal or man or sense that each object appears, and in relation to such and such a *circumstance*; and with respect to the *concomitant percepts, each object appears in relation to some one particular admixture or mode or combination or quantity or position.*<sup>239</sup>  
[negrito, sublinhado e itálico acrescentados]

<sup>238</sup> MANNHEIM (1952, p. 148)

<sup>239</sup> SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Pyrrhonism**. Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1933. Loeb Classical Library. (I, XIV, 135-6, p. 80-81)

Os protagonistas e os antagonistas, os conservadores e os inovadores, e para ser um pouco mais preciso, pela versão sextiana, qualquer observador, aparecerá numa sucessão de eventos que são marcados por variações no indivíduo, ou seja, no sujeito que interpreta o mundo, e também por variações no objeto, no pequeno mundo que o cerca. Sexto Empírico admite mudanças no sujeito, como estados nos quais estariam idealmente aptos a analisar a vida e também aqueles estados em que isso fosse impossível ou difícil, na saúde ou na doença. O contexto ou a constelação seria alvo de um conjunto de variações no tempo, na distância até os sujeitos, contígua ou remota, e na sua própria composição pura ou mista. Se esse ponto de vista carece de um fenômeno – a queda de um pensamento ou de uma doutrina política como a medieval e o mundo teológico para ganhar consistência –, se é preciso impor um exemplo para configurar uma ciência de oposição cética, seria possível e suficiente marcar as relações entre gregos e bárbaros, etíopes e gregos, persas e gregos ou mesmo apelar incoerentemente para o caos pós-Alexandre. Essa relação de estranhamento e animosidade à novidade define o que chamo de movimento defensivo pelo qual o pensamento conservador se projeta ante a inovação. O pensamento conservador, segundo creio, está bem antecipado no ceticismo.

O avanço científico da astrologia ampara uma premissa ou petição de princípio em Mannheim. Segundo minha leitura, ela expressa uma cópia menor do modo de relatividade do ceticismo. Uma ciência, a astrologia, ampara a outra ciência, a sociologia do conhecimento, com um estatuto nitidamente cético. O ceticismo acolhe a mudança, a variação, a resignificação e evolução de eventos. Se não era essa a intenção de Mannheim, se não era a sua intenção inaugurar uma ciência sem

mencionar os céticos, penso que não faz diferença; o que assinalo é que o seu esforço de inaugurar o pensamento conservador numa linha evolutiva científica tem antecedentes filosóficos análogos e sofisticados. A asserção segundo a qual a evolução científica e o acréscimo de um problema real ou um evento específico criem as condições para o nascimento da conservação configura o centro do pensamento conservador em Mannheim. O esforço pode ser considerado bastante consistente, não obstante, ele é completamente decifrável ou interpretável na doutrina anterior de Sexto Empírico. No período que sucede a crise medieval, os céticos são usados por vários lados em disputa e não há nada de novo em opor lados científicos, temáticos, filosóficos ou políticos. Da mesma forma, a agenda que Mannheim trata como extra-teórica, o esforço de desmascaramento, não é um *fenômeno exclusivamente moderno* e Montaigne o prova que mesmo as suas próprias máscaras não eram nenhuma novidade.<sup>240</sup>

Ideias e finalidades não são fenômenos modernos, os céticos têm precedência. Um conceito ou vocabulário específico pode ser apontado pela definição de grupos ou classes sociais por contextos exclusivos de disputa política. Refiro-me ao uso que Mannheim adota da luta entre a classe *burguesa* e a classe *proletária*. A luta e a disputa entre esses dois grupos, os seus ímpetos e esforços intelectuais visam a desmascarar as finalidades de algumas propostas teóricas. Burgueses desmascaram proletários e estes àqueles. Ele considera esse movimento como uma disputa extra-teórica, a atividade de *desmascaramento*. Os grupos cessam de produzir ataques aos fundamentos últimos das visões de mundo rivais e apontam

---

<sup>240</sup> Michel de Montaigne. **Os Ensaios**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (I, IV, 29-32: Ensaio de título “Como a alma descarrega suas paixões sobre objetos falsos, quando os verdadeiros lhe faltam”); (I, XXXVIII, 349: Ensaio de título: “Como choramos e rimos por uma mesma coisa”)

que as soluções intelectuais desmascaradas destes e daqueles grupos reiteradamente servem aos seus padrões e metas idiossincráticos. O desmascaramento produz comoção, deslegitima a ideia. No conflito entre classes de mundos rivais, os conceitos podem migrar de uma classe para a outra, portanto não há conceitos estáticos, mas sim dinâmicos e intrincados. Esse movimento de migração e cruzamento intelectual, segundo vejo, pode deteriorar o próprio exercício do desmascaramento abraçado por Mannheim. Se aplicamos uma solução montaigniana para esse *desmascaramento* teremos o recurso extra-teórico se esvaindo: a remover-se uma máscara de uma ideia temos o primeiro desmascaramento; apresenta-se uma face mais nova, a remover-se a segunda máscara, teremos, então, uma nova face em camada mais funda; a remover-se a terceira máscara da ideia ou nova solução intelectual, teremos uma camada ainda mais funda. Este último desmascaramento por sua vez não inviabiliza uma pesquisa com regressão ao infinito. Mannheim tenta uma solução que conduz a uma regressão. A desistência de atacar os fundamentos apenas aproxima o *aparente* do *aparente* pois não há como fixar nitidamente os grupos em litígio.

A despeito da minha falta de simpatia pelas premissas científicas de Mannheim e pelas suas categorias básicas para montar um panorama de disputa entre conservadores e progressistas baseado em *classes* dinâmicas, o resultado agregado do que seja o conservadorismo entre cidades e panoramas gerais é notável. Ele entrevê um resultado importante para o que chama de pensamento conservador. Ele aponta uma distinção rica entre conservadores e progressistas quando exprimem visões de mundo, cidades e suas intercomunicações.

If a **conservative thinker** conceives an idea of humanity as a whole, his orientation is *cosmopolitic*, i.e. he calls for **co-operation** among different nations and civilizations, each conserving its peculiar identity. The **progressive conception** of humanity as a unit, however, **involves internationalism**, i.e. a negation of these national peculiarities. The conservative wants **multiplicity**, the progressive wants uniformity; the former thinks in terms of culture, the later in terms of civilization.<sup>241</sup> [negrito acrescentado]

A tentativa é bastante oportuna e reaplica-se o rótulo de dogmático sobre o inovador, entretanto esse progressista vaticina, se impõe. Ele deseja fundar as bases intelectuais da comunidade universal, ele antevê, vai além das tratativas habituais dos conservadores. Por esse ponto de vista, a visão do dogmático é configurada como sendo estreita e linear, ela impõe sobre as comunidades humanas locais uma visão universalista e homogênea. Ela configura uma ameaça às organizações locais, em qualquer parte da humanidade onde aplicamos essa versão de Mannheim. Por outro lado, o conservador é o moderador, o benevolente, o sujeito apto a salvar as peculiaridades, as culturas e os vocabulários locais. Ele é o interlocutor mais apto a tratar de relações inter comunitárias. O universalismo é um dogma notável e com potencial de extinguir o excepcional, o invulgar, o singular, a agenda local.

Com o acréscimo de parcela da versão Mannheim, segundo vejo, mais uma vez, o pensamento conservador oriundo da tranquilidade cética opera um padrão civilizatório flexível, humanitário e altruísta. Ele contorna e promove a experiência variada, plural e singular das comunidades humanas. Está além dos esforços desse trabalho apontar os resultados do ceticismo para a pluralidade de respostas locais, tal como Mannheim tenta mais de uma vez com a França e Alemanha<sup>242</sup>, procuro firmar a posição de que este pensamento é extraível e demonstrável do seio da

---

<sup>241</sup> MANNHEIM (1952, p. 168 – Rodapé)

<sup>242</sup> MANNHEIM, 1986, passim.

tradição cética. Por este ponto de vista, penso que o ceticismo e o seu conservadorismo, mais uma vez, habilitam uma multiplicidade de pensamentos conservadores. É impossível falar em um pensamento conservador, mas vejo como possível e crível falar em vários conservadores céticos dos quais se pode notar uma inextinguível capacidade de produzir e projetar a ancestralidade, a identidade local<sup>243</sup> pela ótica da tranquilidade. Por outro lado, o dogmático, o progressista, na versão Mannheim, aparece-me como um intolerante e civilizador rígido, intransigente e presunçoso. No trato inter comunitário, a sua visão de mundo atravessa as suas fronteiras citadinas dotadas da verdade sobre todas as coisas e classes de indivíduos, em qualquer local que se comunique.

Antes de encerrar essa seção do trabalho, gostaria de discutir mais um aspecto em *Sociology of Knowledge*, mas, desta vez, no tópico em que Mannheim acolhe o ponto de vista dinâmico (*from dynamic standpoint*).<sup>244</sup> Nessa parte do ensaio ele deixa claro que as ideias estão associadas a grupos e que eles refletem interesses específicos e variados, mas fica evidente que os aspectos associados a classes econômicas são o eixo de pelo menos parte do que ele chama de conflito de classes à moda marxista.<sup>245</sup> Não é demasiado repassar que ele compreende que ideias estão conectadas a grupos, por um momento específico, na evolução da história das

---

<sup>243</sup> TOQUEVILLE, Alexis. **O antigo regime e a revolução**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

A narrativa de Tocqueville captura o que afirmo ser o estoque caro à tranquilidade cética, ameaçada por uma *política abstrata e literária*. “Como o objetivo da Revolução Francesa não era tão-somente mudar o governo, mas também abolir a antiga forma de sociedade, teve de atacar-se, ao mesmo tempo, a todos os poderes estabelecidos, arruinar todas as influências reconhecidas, apagar as tradições, renovar os costumes e os hábitos e esvaziar, de certa maneira, o espírito humano de todas as ideias sobre as quais se assentavam até então o respeito e a obediência. De lá, seu caráter tão singularmente anárquico.” p. 56

<sup>244</sup> MANNHEIM (1952, p. 179-190)

<sup>245</sup> MANNHEIM (1952, p. 183)



ideias.<sup>246</sup> As ideias podem nascer num determinado estrato social e, num momento seguinte, ser assumida por outro estrato, dessa forma, é impossível associar linearmente uma ideia a um e somente um grupo, mas ele resolve a questão associando *estilos* com a *motivação intelectual* de certo *grupo social*.<sup>247</sup> Segundo ele, ainda, mudanças na dinâmica social dos grupos produzirão mudanças correlatas nas ideias consorciadas a esses mesmos estratos.<sup>248</sup> Mannheim leva a sério até esse ponto do trabalho o seu conceito de constelação, isto é assinalável, e posso acrescentar que, mesmo assumindo categorias como classe e estratos, ele permanece fiel a um tipo de contextualismo dinâmico ou constelação flexível.

Ele acrescenta a noção de grupos associados a ideias e que por sua vez colecionam metas que são manifestas pelo que chama de interesses.<sup>249</sup> Os interesses representam um conjunto articulado de desejos sobre a criação, a emergência, a manutenção e a conservação de uma específica organização econômica e social, para determinado estrato.<sup>250</sup> Na história e na evolução das ideias, ele vê grupos antagônicos combatendo grupos antagônicos, ideias combatendo ideias, interesses competindo com interesses e postulados de mundo combatendo postulados rivais. Na evolução da experiência humana um determinado grupo interessado na manutenção de seus interesses se associa a um *estilo de pensamento*, a um *postulado de mundo* específico, para defender a sua própria ordem econômica e social. Há grupos cujos interesses não estão satisfeitos e que desejam uma ordem

---

<sup>246</sup> MANNHEIM (1952, p. 182)

<sup>247</sup> MANNHEIM (1952, p. 184)

<sup>248</sup> MANNHEIM (1952, p. 183)

<sup>249</sup> HIRSCHMAN, Alebrt. **As paixões e os interesses**: *argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo*. Tradução Lúcia Campello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

O mesmo que passa a explicar tudo em Hirschman. “uma vez surgida a ideia de interesse, tornou-se tanto um verdadeiro modismo quanto um paradigma (à La Kuhn), e a maioria das ações humanas passou de repente a ser explicada pelo interesse próprio, algumas vezes a ponto de reduzir-se a tautologia.” p. 45

<sup>250</sup> MANNHEIM (1952, p. 184)

diferente da ordem organizativa presente. Alguns depositam os seus desejos no futuro, outros no passado e alguns no presente. Ele vê conflitos que envolvem a fé e valores que perpassam a experiência e a evolução das ideias.<sup>251</sup> A passagem a seguir dá a ideia mais fiel do que chamo de contextualismo dinâmico no trabalho de Mannheim.

[...] and that a **certain stratum is not always progressive or conservative respectively in the same sense**. 'Conservatism' and 'progressive' are *relative* attributes; whether a certain stratum is progressive, or conservative, or, worse, still, reactionary, always depends on the direction in which the social process itself is moving. As the fundamental trend of **economic and intellectual progress** moves along, strata which began by being progressive may become conservative after they have achieved their ambition; strata which at a time played a leading role may suddenly fell impelled to go into opposition against the dominant trend.<sup>252</sup> [negrito acrescentado]

Mannheim cria com muita propriedade um cosmopolita dinâmico, um conservador cidadão e que talvez mereça uma bifurcação pouco original como uma *versão rústica* ou *rural* e uma *versão urbana*. O seu conservador, ou mesmo o progressista, é tão dinâmico, móvel, agitado, tenso e tão ligado à infra da economia que me aparece girar em múltiplas direções ansiando por ganhos e vantagens sociais. Uma vez adquirida uma vantagem qualquer, torna-se conservador por conveniência. Do ponto de vista prático, o indivíduo nascido na sua cidade é um competidor nato e a política será vista ora como elemento de conservação ora como de aquisição. Por outro lado, do ponto de vista teórico, ele nasce diante de uma pintura de conceitos que se movem em constelações. As estrelas expressam um pequeno e seletivo grupo de intelectuais fabricantes de postulados de mundo, de estilos de pensamento e de interesses sociais variados, servindo a quaisquer grupos que queiram circunstancialmente esposar as suas visões de mundo, as suas soluções

---

<sup>251</sup> Ibid., 1952, p. 185

<sup>252</sup> MANNHEIM (1952, p. 185)

intelectuais. Uma vez dividida essa cidadela entre teóricos e práticos, penso que é possível dividi-la uma vez mais entre cidade baixa e cidade alta. Na infra, na base dessa cidadela, estarão os oportunistas ávidos por ideias progressistas que lhes sirvam como camisas justas a revestir os seus interesses, num dado segundo da evolução de suas vidas. No cume da cidade, nos estratos mais elevados, os aquinhoados disputarão no mercado de conceitos dos intelectuais, os donos de patentes, as marcas que imprimam a defesa dos seus interesses pecuniários mais selvagens. Esse mercado teórico comum aglutina interesses, ideias, conceitos, postulados de mundo e estilos de pensamento e tem as portas franqueadas a lautos e incautos, ele é amigável para toda e qualquer parcela dessa sociedade, ele faculta que a base ou o topo tome os postulados que se queira, sem contra indicações visíveis e enunciáveis. Eles podem tomar ideias reacionárias, conservadoras ou progressistas ao momento que lhes pareça mais adequado e circunstancialmente coerente com os seus anseios econômicos mais primitivos. Nesse mercado de *atributos relativos*, portanto, é também possível falar em *postulados relativos a enunciados mercadológicos dinâmicos*. O matiz será dado pela economia e pela evolução intelectual, elas organizarão os interesses, os postulados, as ideias, as tendências conceituais que apontarão ou não para um reacionarismo, conservadorismo ou para a inovação. *Atributos relativos* serão *relativos* ao desenvolvimento progressivo de ideias, ao posicionamento progressivo na ordem econômica e a composição de ambas dará o que chama de tendência. Isso credencia, pois, por um lado, afirmações como a que um morador da cidade baixa tenderá a desejar e esposar ideias de matiz arrojado; já por outro lado, o morador da cidade alta, o estrato elevado, tenderá a esposar as ideias conservadoras.

A solução de Mannheim, ou seja, a sua *análise dinâmica*, não impede que se aplique sobre a *dinâmica* algum tipo de *dinamismo* contra as suas categorias, contra os mesmos conceitos nascidos dilatados e flexíveis.<sup>253</sup> Isso fica demonstrado por esforços nítidos, verificados pela categoria chamada por ele de *estilos de pensamento*.<sup>254</sup> Ele se socorre por atributos relativos baseados na ordem dos interesses tangíveis, mas não vejo nenhum problema de imaginar a cidade alta esposando as ideias mais arrojadas e a sua antípoda, a sua rival, desposando as mais conservadoras. A primeira pode estar dotada dos atributos tangíveis suficientes para as suas atividades ordinárias, mesmo diante de algum desconforto de ordem excepcional. Talvez, mesmo diante de um desconforto político, ela se conforme com uma dotação bastante inferior aos lautos da cidade alta e deseje a conservação dessa sorte de organização. Da mesma forma, os afortunados podem desejar uma ordem de retorno evolutivo, eles podem ser reacionários, podem desejar uma involução, um retorno a um estado pré-intelectual e pré-econômico, eles podem se apresentar desejosos de um tipo de convivência guiado por interesses plurais e equânimes que supostamente viveram um dia ou que assim fantasiam, que seja uma sociedade na qual equidistem os estoques de bem estar. A mesma fantasia pode ser tomada pelas mãos da cidade baixa, os seus moradores podem ser reacionários e podem desejar que os lautos vivam uma vida ainda mais agraciada com as virtudes materializáveis que supostamente merecem ou assim o desejam. Esses moradores podem ser contra os seus ganhos, podem estar infelizes com a abundância e não se sentirem contemplados com muita riqueza, com o ativo

---

<sup>253</sup> MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil: contribuição ao estudo da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks/Univercidade Editora, 2003. 4ª ed.

Essa versão dinâmica de Mannheim agrada a Mercadante, que também não crê que os conservadores tenham predisposição teorizante e o “pensamento tranquilamente aceita o existente”. p. 273.

<sup>254</sup> MANNHEIM (1952, p. 184)

verificável num estilo de vida proletária e urbana, eles, inclusive, podem desejar um estilo rural baseado em poucos ativos e uma vida de parcimônia.

Mannheim funda um conservadorismo instantâneo, rápido, dinâmico, nervoso, incauto, mutante e interessado no prestígio das alterações econômicas, sociais e intelectuais. A conservação é uma atitude utilitária e instantânea e a sua prova, a sua demonstração cabal é alvo de muita pesquisa, ela é um conceito que flutua e a sua diagnose precisa de um observador afeto a poses e quadros rápidos. Hoje revolucionário e amanhã conservador, o navio zarpa inovador e aporta conservador, esse é, na realidade, um movimento e menos que um conceito. Ele é mutante e de aplicação variada e mais facilmente enquadrado em cidades capitalistas e científicas. O gerador, aquilo que o alimenta são interesses em ordens aquisitivas e o prestígio social distribuído em estratos. Uma vez saído de um estrato inferior para um superior, esse progressista vira um conservador de quatro costados. A inovação é um mero ponto de passagem para este indivíduo, a política é um meio de aquisição. O ponto que procuro reforçar é que de tal empenho, por dentro das próprias premissas de Mannheim, desmobiliza-se a sua definição. Uma vez que ele afirma que o que mais conta, aquilo que ganha mais relevância, são os estilos de pensamento e os atributos relativos associados a grupos sociais, o argumento é facilmente aplacável pela constelação ou pelo tropo sextiano da relatividade. Isso pode fazer o *remédio voltar contra o boticário*, o conservador pode espelhar ideias contrárias à própria agenda supostamente atribuída ao seu estrato. A aplicação desse dinamismo a um grupo ou corrente é um exercício descomunal e impossível fora do marco eminentemente urbano, haja vista que ele escolhe o cidadão proletário e o burguês para expressar correntes de vanguarda e de conservação. O

conservador de Mannheim, apresentado em *The Problem of a Sociology of Knowledge*, é um mero oportunista social alojado em sociedades capitalistas, comerciais e cultivadora de uma cultura intelectual escrita. A conservação para ele é a estreita manutenção de riqueza e prestígio de um arranjo social confortável para si. A inovação em Mannheim não é um plano de reorganização comunitária multifacetada que define e redefine uma política local variada conforme venho defendendo, ela é objetivamente uma ação de promoção social pragmática de grupos de interesses contra ativos tangíveis. Ele, então, é um interessado em aquisição, acúmulo e manutenção de riqueza.

O cético tem motivação mais dilatada. O conservador cético, se o faço aparecer com clareza, tem simultaneamente ligado à vida empírica um conjunto ordenado de motivações epistêmicas, cognitivas e metafísicas para existir. O seu contexto original, ou seja, a filosofia, o habilita a perpassar outro grande número de contextos, outras tantas manifestações contingentes e uma pluralidade de cenários científicos ou doutrinários. Esses cenários não dispensam a vida institucional, as religiões e um grande número de soluções dogmáticas. Segundo se depreende do marxismo e de suas próprias leituras mais recentes, o capitalismo e o liberalismo não são a única solução organizativa possível da humanidade, eles são uma manifestação específica na história. Isso fica claro na disputa da teoria da história de Hegel, que é considerada como terminal. E a visão da mesma história desenvolvida por Marx, considerada como transitória.<sup>255</sup> Os conceitos de classe, estrutura e superestrutura

---

<sup>255</sup> MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Campinas: Boitempo Editorial, 2002.

“Aqui Marx teve que separar-se de Hegel, pois não via o capital como uma *terminação* inalterável do processo histórico, mas como um *movimento dinâmico* que, mesmo com sua aparentemente irresistível *lógica global expansionista*, deveria ser considerado transitório”. p. 58.

Ver também conceito de história da filosofia em:

são conexos à vida capitalista em Marx. E segundo a interpretação posta em curso, o conservador cético, daqueles que incomodariam este último<sup>256</sup>, não se enquadra exatamente num único formato distributivo e numa forma de organização social. Ele não reside originalmente num evento histórico chamado liberalismo e não nasce em absoluto numa ordenação capitalista. O conservador proposto pelo ceticismo perpassa a esfera distributiva capitalista, uma vez que Sexto Empírico acredita que definir ou ter a riqueza pelo caminho dogmático é um distúrbio maior do que o de não tê-la ou defini-la. A riqueza e a pobreza não são males em si apreensíveis pelos caminhos dogmáticos, mas sim pelo uso, pela decisão compartilhada.<sup>257</sup> O conservador proposto se caracteriza por uma atitude psicológica de promoção da ancestralidade, pela manutenção da tranquilidade, a calma e a flexibilidade da aplicação desses valores morais associados ou dissociados de contextos. Ainda dentro da versão Mannheim, ele *pode* fazer parte de qualquer estrato, mesmo que preferencialmente na cidade alta; dentro da versão proposta, ele *está* em qualquer estrato e preferencialmente sobre vários arranjos comunitários. Os conservadores céticos projetam valores culturais, religiosos e, numa palavra, políticos, mais dilatados do que aqueles concentrados na organização produtiva.

### **O nascimento do conservador: o magismo contra o homem rudimentar**

---

-HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Estética: a ideia e o ideal/Estética: o belo artístico ou o ideal.** São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005. Coleção os Pensadores.

<sup>256</sup> MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: \_\_\_\_\_ & Engels. **Obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1961. Volume I.

“A **tradição** de todas as gerações mortas oprime como um **pesadelo** o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em **criar algo que jamais existiu**, precisamente nesses períodos de crise revolucionária, os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os **espíritos do passado**, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens, a fim de apresentar a nova cena da história do mundo nesse **disfarce tradicional** e nessa **linguagem emprestada**”. [negrito e itálico adicionados] p. 203.

<sup>257</sup> [M XI, 146-147, p. 25]

Depois de fundar a sua sociologia do conhecimento, Mannheim dedica mais tempo para aprofundar o trabalho sobre o seu pensamento conservador no ensaio *Conservatism – A contribution to the Sociology of Knowledge*.<sup>258</sup> Ele reforça algumas premissas importantes no desenho da pesquisa e que de algum modo já faziam parte da exposição em *The Sociology of Knowledge*.<sup>259</sup> Está preocupado primordialmente com a Revolução Francesa e também com o conservadorismo que também lhe aparece na Alemanha. Ele imagina uma distinção entre o tradicionalismo e o pensamento conservador, na qual o primeiro é definido como uma mera *inclinação psicológica* e o segundo uma *ocorrência no tempo, circunstancial e com significado específico*, um corpo acabado de ideias e um *significado com causalidade empírica*.<sup>260</sup> Permanecem, ainda do trabalho anterior, a noção de constelação sociológica, os estilos de pensamento e a sua ocorrência empírica versátil e verificável em qualquer estrato específico. Além disso, chega a afirmar que vários grupos simultâneos podem tomar as ideias conservadoras, sejam eles os socialistas, burgueses ou proletários.<sup>261</sup>

A possibilidade de atacar o trabalho de Mannheim com algumas doses adicionais do ceticismo é bastante sedutora. Seria possível estabelecer uma análise caso a caso de suas categorias e das características do seu pensamento conservador ou, antes disso, seria possível e atraente combater a sua fundação sociológica. Essa fantasia define um *estilo*, que por sua vez produz a pretensão de organizar um pensamento político e uma ciência da política, segundo se lê nas primeiras páginas da introdução de *Conservatism*. A motivação me aparece pela seguinte paráfrase: *apenas e tão*

---

<sup>258</sup> MANNHEIM, 1986, passim.

<sup>259</sup> MANNHEIM, 1952, passim.

<sup>260</sup> MANNHEIM (1986, p. 39)

<sup>261</sup> MANNHEIM (1986, p. 42-3)



*somente a sociologia do conhecimento é capaz de apontar as raízes socio-históricas e a gênese da história das ideias numa constelação, as disciplinas filosóficas não enxergam essa profundidade social.*<sup>262</sup> A afirmação é forte, mas não resiste aos Modos do sujeito, objeto e sujeito e objeto do ceticismo e, especialmente, ao Modo da relatividade. Seja como for, ao invés de apresentar um trabalho que corrige outro de fora para dentro, ao invés de me atrever em mais uma manifestação do conflito entre sistemas, gostaria de estabelecer muito menos do que isso, estou mais preocupado agora, ao menos, em conduzir um diálogo, uma conversa, uma comparação e a demarcação entre o que pode ser distinto no conservador cético, comparado com esse pensamento acabado e bastante detalhado na obra de Mannheim. Em outras palavras, penso ser possível trabalhar com o quadro mais geral de Conservativismo ao invés de descer até os seus testes de hipóteses, ou seja, ao invés de checar cada uma das imputações dos seus exames empíricos que investigam todas as categorias marxistas vigentes em Paris ou no *espírito Alemão*.<sup>263</sup> Imagino que agindo dessa forma posso reforçar a antecedência do conservadorismo no ceticismo ou o seu predomínio entre os céticos.

O primeiro ponto passível de ser destacado é a premissa mais geral de Mannheim, para a qual o tradicionalismo é um pensamento distinto, abstrato, um produto intelectual antecedente e introdutório numa linha de evolução das operações cognitivas. Disso decorre que o pensamento conservador, nascido com o contexto da Revolução Francesa, representaria o ápice numa linha evolutiva da vida intelectual. O indicador antecedente e preferido de Mannheim aparece convidado por outra ciência, pela psicologia. O antecessor imediato no tempo e no

---

<sup>262</sup> MANNHEIM (1986, p. 31)

<sup>263</sup> MANNHEIM (1986, p. 39)

desenvolvimento intelectual consiste no que ele chama de tradicionalismo e que representa apenas uma *inclinação psicológica*.<sup>264</sup> Assim, definindo o pensamento com fundo tradicional ou tradicionalista, ele se livra de eventos mais antigos do que a experiência científica e revolucionária dos séculos XVIII e XIX. Ele apresenta o nascimento do pensamento conservador e os seus detalhes mais cirúrgicos.<sup>265</sup> Portanto, na acepção do ensaísta, o pensamento tradicionalista e o pensamento conservador são duas produções radicalmente diferentes: a primeira reflete uma resposta mitológica; a segunda compõe uma reflexão adiantada, sofisticada e nascida dentro de um contexto de polinização intelectual, cognitiva e científica. Segundo esse conservadorismo cientificista de Mannheim, a filosofia teria uma atração pela tese, pela teoria permanente, metafísica e, pelo contrário, o seu anúncio monográfico capturaria o desenvolvimento e a dinâmica dos astros. O movimento das constelações retrata uma combinação que demonstra as raízes e a gênese da investigação empírica, a vida e a existência das ideias na história. Ele olha para cima e depois olha para baixo. Seria possível restituir a constelação e apontar qual organização estelar monta o pensamento conservador entre os céticos. Seria possível verificar a mesma flexibilidade interpretativa, o mesmo senso de movimento, ou seja, com as mesmas premissas de Mannheim é possível demonstrar constelações conservadoras entre os autores céticos. Estou usando a mesma metáfora do empirista, assumindo que ela lhe pertence para fazer nascer noutro sistema o que ele chama de pensamento conservador. Acredito que uma primeira distinção sobre a capacidade de leitura das estrelas aparece por conta da cisão didática entre atitude psicológica e o pensamento acabado, o produto intelectual com predicados estilísticos.

---

<sup>264</sup> MANNHEIM (1986, p. 72-3)

<sup>265</sup> MANNHEIM (1986, p. 72)

O pensamento conservador do cético não nasce científico, mas filosófico. Além dessa oração forte, é possível afirmar um truísmo com razoável segurança segundo o qual a filosofia compreende a ciência e, ainda, segundo o qual, a boa filosofia não faz essa divisão pedagógica com relação ao pensamento, com ou sem rebatimento empírico. O tradicionalismo, a tradição, o hábito, o costume ou a análise com fundo na tradição não prescindem de ocorrências no tempo, eles não estão hoje, ontem ou amanhã isentos de características locais e conjunturais, portanto penso ser impossível separar uma *inclinação psicológica* ou *inclinação psíquica universal*<sup>266</sup> de uma construção teórica filosófica. É inverossímil afirmar que a especialização faz o conceito, pois ela apenas o vincula, o injeta, o aplica num experimento social como a revolução ou nos sistemas marxistas. O pensamento conservador, na acepção de Mannheim, é um detalhamento *especializado* com fundo naquela análise tradicionalista e que se distingue com o piso, com os pés na realidade de dois ou três eventos na história. Essa definição não inviabiliza a experiência cética no tempo ou em vários lugares onde se *pensa*, inclusive no corte temporal feito pelo próprio ensaísta e nos eventos selecionados por ele. A data de nascimento do pensamento conservador no ceticismo é difusa, filosófica, e com várias ocorrências científicas ou não e com características distintas. O ceticismo é uma premissa metodológica, metafísica e que, uma vez aplicada a um experimento intelectual, é capaz de neutralizar o *progresso moderno* de Mannheim. O ceticismo não concede o nascimento do seu conservadorismo a uma comunidade. Por outro lado, é verdade que ele pode ocorrer, aparecer no mesmo evento descrito e colecionado por Mannheim e pode figurar pela sua linha evolucionária das ideias, no seu

---

<sup>266</sup> MANNHEIM (1986, p. 72)

*evolucionismo histórico*, pelo qual deixamos a vida bestial cognitiva e começamos a conhecer a verdade pelas *classes* e, as suas manifestações pelas suas adesões oportunistas a certas ideias que lhes facultem uma posição social mais confortável. Segundo o seu próprio vocabulário, quando experimentamos a *pós-incubação* das ideias conservadoras, quando elas são deflagras logo após um utilitário revolucionário adquirir e ascender a um estrato que tanto almejava.<sup>267</sup>

O tradicionalista de Mannheim é um homem primitivo e bastante afeito ao pensamento mítico, à consciência mágica. Ele é temente ao mau. Ele tem dificuldades genéricas para lidar com a inovação, designando uma aversão psíquica à novidade. Persiste nas nossas sociedades modernas como um *pensamento mágico em nossas consciências*. Ele teme a mudança, pois a interpreta como uma *mágica maligna*. E essa operação rudimentar é um atributo psíquico formal. Ao contrário, na iniciativa política, a ação conservadora opera de acordo com um contexto estrutural e com objetivos.<sup>268</sup> Mannheim sentencia que o tradicionalista não tem a história que o guie intelectualmente. Mas, o conservador, por outro lado, age de acordo e com os favores de uma adiantada história das ideias.<sup>269</sup> Ele é amparado pela ciência. A sociologia do conhecimento é o *organon* apto a descobrir a ocorrência do fenômeno político do pensamento conservador intermediada pela categoria abstrata de estilos de pensamento. Conforme já mencionado, essa tipologia pode ser verificada em qualquer estrato social seja, por exemplo, entre os conservadores ou entre os progressistas. Esse equipamento intelectual desafia a letargia e o senso atemporal da filosofia.

---

<sup>267</sup> MANNHEIM (1986, p. 46)

<sup>268</sup> MANNHEIM (1986, p. 73)

<sup>269</sup> MANNHEIM (1986, p. 76)

Neste ponto, é possível distinguir novamente o ceticismo, dessa vez é razoável ao menos separá-lo da visão mágica, ou mesmo enterrá-lo na magia e no pensamento mítico. Contudo, sigo sob a premissa e o caminho que me aponta o cético fora da camisa do homem bestial e temente à mágica. O conservador cético possui razões objetivas, epistêmicas e cognitivas para atestar os valores da tradição e do pensamento coletivo em desacordo com a idiosincrasia da inovação selecionada por Mannheim, refiro-me à revolução. Outro ponto intrigante na visão mais dinâmica do ensaísta é o ataque ao universalismo da filosofia e simultaneamente a sua adesão a uma categoria abstrata e de múltiplas aplicações. Os *estilos* de pensamento conservador possuem um salvo conduto *ubíquo*, horizontal e disso se segue que todo e qualquer grupamento ou estrato social está habilitado a esposá-lo. Tal categoria não me parece ter interesses temporais, mas antes o contrário. Um atributo pervagante e útil aos progressistas, liberais, reacionários, burgueses, proletários, socialistas, alemães, franceses, ingleses, conservadores e tradicionalistas não tem menos interesse filosófico do que o próprio desejo, igualmente filosófico, evidente na sociologia do conhecimento.

Mais uma vez usando da própria análise dinâmica de Mannheim, penso que a *inclinação psíquica universal do tradicionalista* pode fazer parte do *pensamento conservador*, ela pode tomá-lo como um dos requisitos para se defender contra as malícias e os truques do mau. Uma vez que usa uma categoria universal facultada a qualquer agrupamento social, abre-se uma parcela razoável de opções para receber os *tradicionalistas* no *estilo conservador* e da mesma maneira entre os conservadores, os progressistas, e os burgueses, proletários, revolucionários,

reacionários. Estou diluindo o homem rudimentar entre os estratos e os sujeitos relevantes. Dessa forma, o significado e a sua validação na sociedade, o modelo social, a sua imputação sociológica e a sua adequação causal, nos termos de Mannheim, não se verificam empiricamente. Por essa razão adicional, penso ser completamente impossível remover os Modos da relatividade cética da constelação de Mannheim, pois, ao contrário, esses modos têm absoluta precedência na análise da história das ideias.<sup>270</sup> Não há uma medida de acréscimo analítico na premissa de Conservatism que não seja observada em *Outlines of Pyrrhonism* ou em *Sexto Empírico*. Afirmando que não há meio inovador, mas sim finalidade inovadora. O contexto descrito por Mannheim, a sua constelação, a Revolução Francesa, o iluminismo, o pensamento político articulado e o racionalismo<sup>271</sup> aparecem para o cético tão somente como as mais novas experiências dogmáticas como fora o grupo de experiências vigentes no período imediatamente anterior, no pensamento medieval, e no posterior ao iluminismo. A insistência, portanto, na necessidade desse contexto para fundar o pensamento conservador dentro de uma constelação tão inovadora como fora a inovação da queda das alexandrias é tautológica.<sup>272</sup> Dentro desse contexto de revolução, o cético suspenderia o juízo, e o seu conservador terá a ataraxia como meta, fará a defesa do homem rudimentar, empregará o seu repertório em nome da ancestralidade, defenderá da mesma forma o racionalista, o revolucionário pelo movimento que começa com a *epoché* e termina com a ataraxia. Entendo que a construção de Mannheim, o seu *conservadorismo moderno*, representa de fato a manifestação temporal do conservadorismo daquele

---

<sup>270</sup> MANNHEIM (1986, p. 42)

<sup>271</sup> MANNHEIM (1986, p. 84)

Sendo ainda mais fiel a Mannheim, ele elege o Estado unitário, a participação das pessoas na sua condução, a integração desse Estado com a ordem econômica e na solução de questões sociais.

<sup>272</sup> MANNHEIM (1986, p. 2)

A mesma premissa de Mannheim está presente nesse caso: mudanças estruturais e o conflito.

conjunto de países, e não nego de nenhuma forma a relevância daqueles eventos na história e a sua importância para o conservadorismo; o meu ponto específico é destacar a antecedência metódica do ceticismo na detecção do conservadorismo e da sua promoção. Procuo demonstrar apenas a sua antecedência e articulação diante de uma variada apresentação das inovações no mundo intelectual e que o conservadorismo moderno possui a mesma face de fundamentos que Mannheim chama de tradicionalismo.

O desenho do conservadorismo de Mannheim ganha algumas mudanças em Conservatism com relação à Sociology of Knowledge. O modelo mental do conservadorismo agora gravita em torno da experiência do indivíduo com aquilo que ele define como o concreto, a experiência local, o fenômeno social numa determinada circunstância e, especificamente, naquilo que lhe diz respeito individualmente. E como contraste a essa maneira de ver o mundo, ele opõe a visão abstrata, visionária, global e sistemática do progressista. Portanto agora a disputa entre conservadores e progressistas se dá no plano da dicotomia *concreto* versus *abstrato* e não mais dentro do plano da aquisição e do oportunismo difuso que caracterizava o conservador por ocasião do ensaio anterior.<sup>273</sup> Todos os contrastes entre ambos obedecem a esse dilema. Portanto visão temporal, horizonte de análise, sensibilidade a reformas e tempo de reação à inovação em produtos intelectuais sistemáticos são algumas das operações internas desse novo ponto de

---

<sup>273</sup> MANNHEIM, Karl. **Ideology and Utopian: an introduction to the sociology of knowledge**. San Bernardino: Forgotten Books, 2012. Originalmente publicado como: New York: Hartcourt, Brace & Kegan Paul LTD, 1954.

Noutro ensaio, Utopia, ele define uma variante semelhante na qual uma *mentalidade utópica* gera uma *ideia conservadora*. Isso expressaria uma indisposição para teorizar sobre a experiência social tal como se organiza. p. 206.

abordagem em Conservatism, pelo que vemos sendo deixado de lado por algum instante o dilema baseado na propriedade privada.<sup>274</sup>

O experimento do tempo, a concepção temporal desse conservador é preferencialmente orientada pelo imediato, pela resposta de curto prazo e simultaneamente envolta em soluções concretas e práticas ao invés de ideias de sabores metafísicos. As soluções intelectuais para esse observador têm de ser locais, efetivas e antirrevolucionárias. O seu contexto é diminuto e se caracteriza por recusar as ideias especulativas e abstratas dos progressistas. Em segundo lugar, com relação à sua visão, o tamanho de seu horizonte, esse conservador possui alcance muito reduzido. O seu horizonte de interpretação é estreito, ele não tem nenhum apreço por questões de fundo, pelas visões das estruturas pelas quais vive. Em contraste, o progressista se orienta por um horizonte de especulação mais aberto e vive animado pela perspectiva de por no mundo soluções possíveis em invólucros sistemáticos. Procura outro ponto de partida, e deseja colocar outro *concreto* sobre a realidade, ele tem *a consciência do possível*. Com relação às reformas sociais, o conservador admitirá ajustes tópicos, diminutos, individuais e que configuram pequenos aprimoramentos. Isso contrastará, obviamente, com a perspectiva oposta do reformador progressista. Finalmente, com relação à aversão do conservador por sistemas abstratos, Mannheim lhe concede os mesmos sistemas apenas nos casos nos quais é flagrante algum tipo de perda concreta com alguma inovação em curso. Nesses casos, ele procurará reverter um processo histórico em

---

<sup>274</sup> MANNHEIM (1986, p. 88-89)



marcha que sensivelmente lhe traz prejuízos configurados no plano sistemático das ideias dos progressistas revolucionários.<sup>275</sup>

A morfologia do conservador de Mannheim abre espaço para um grande número de contrastes entre os conservadores céticos que abstratamente apresentei nas seções anteriores. Entendo como sendo possível estabelecer duas ordens de comparação. Em primeiro lugar, percebo que há grandes questões basilares, fundamentos que distinguem as duas sortes de conservadores. Estou me referindo a como vejo as premissas do conservadorismo no ceticismo e ao mesmo tempo como as vejo no trabalho de Mannheim. Em segundo lugar, é possível adiantar uma comparação preliminar em torno de questões menos abstratas, mais conexas ao próprio vocabulário científico presentes nos dois ensaios citados e também no meu próprio entendimento de uma verossímil compreensão cética sobre itens tópicos e afetos às categorias empregadas pelo ensaísta. Em outras palavras, é possível estabelecer um cotejamento a partir das premissas céticas ou ainda a partir daquelas contidas no trabalho do ensaísta. De qualquer forma, sigo com o vocabulário de Mannheim e em seguida produzo uma interpretação sobre como os céticos simultaneamente percebem esses tópicos da mesma forma que venho procedendo dentro do ensaio *Conservative*, ou seja, do ensaísta para os céticos e não o contrário.

Algumas questões e respostas mais gerais podem ser as entrevistas nos trabalhos dos céticos e da mesma maneira em Mannheim. É possível extrair um contraste em torno de itens basilares à construção de ambos os pensamentos conservadores, a começar pelo ensaísta, através dos tópicos que seguem.

---

<sup>275</sup> MANNHEIM (1986, p. 88-89)

i. A visão da filosofia – representa um instrumento intelectual abstrato e insensível aos dilemas sociais modernos. Ela não capta as rotinas e procedimentos intelectuais dinâmicos da vida moderna que aparecem notadamente por eventos empíricos. A filosofia é mais adequada e mais capaz diante de problemas estáticos e universais. Ela não observa a sinuosidade e a pluralidade de novos modelos históricos como o pensamento conservador nascido dentro de eventos importantes, como as revoluções e as contrarrevoluções. ii. A visão da história – apresenta-se como uma evolução de eventos dinâmicos sob os quais será possível, mediante o correto uso da ferramenta sociológica, a entrevisão de fenômenos, modelos, padrões sociais que auxiliam a compreensão e descrição de experiências singulares. iii. A constelação intelectual – constitui um avanço metodológico nascido na astrologia e que auxilia, como metáfora e como técnica de observação, a formação de uma disciplina e, que ao mesmo tempo, projeta a visão acurada de eventos dinâmicos e peculiares ao século XVIII e XIX, como as projeções de ideias racionalistas sobre a vida moderna. iv. A tradição e o pensamento com fundo tradicional – trata-se de uma mera inclinação psíquica e mítica que se manifesta por uma renitente resistência à inovação. Ela constitui um caso separado e distante do pensamento conservador e que sequer o antecede intelectualmente. v. As condições para o nascimento do pensamento conservador – requer mudanças estruturais que aparecem por intermédio de fatos concretos ocorridos na história moderna, marcadamente após a facilidade ou descompressão intelectual e a polinização estabelecida pelos procedimentos racionalizantes da vida moderna como o iluminismo e o racionalismo.

i.i A filosofia é apenas mais uma manifestação intelectual de contornos mágicos e imprecisos para captar eventos ou a natureza dos fenômenos humanos e inumanos. Ela consiste numa demonstração acabada da fraqueza da capacidade cognitiva e intelectual dos intérpretes sociais. Portanto ela não dá conta de eventos gerais e abstratos bem como de experiências típicas e singulares. ii.i A história aparece para o cético como um evento científico empírico capaz de oferecer regularidade e continuidade a fenômenos conhecidos e evitar os experimentos singulares. Ela é uma baliza que deve fornecer estabilidade interpretativa para o conforto da vida comum salvo a idiosincrasia dogmática em suas variadas manifestações. iii.i O Modo da relatividade antecipa os modelos dinâmicos empregados no pensamento moderno e especialmente na pretensa montagem científica estabelecida pela sociologia do conhecimento. Os modos da relatividade antepõem uma prescrição metodológica útil e anterior no tempo, superior em alcance e que envolve a suspensão do julgamento considerando um conjunto de fatores dinâmicos na análise do observador: a) as variações presentes no observador, as infinitas posições e contextos físicos ou biológicos e intelectuais às quais está submetido; b) as variações entre os observadores, nas quais aparece a variedade e a diferença de circunstâncias e de opinião; c) as variações presentes no objeto observado, a sua ocorrência na natureza e as suas variações internas e interações sociais; d) nas variações entre os objetos e nas variações entre ambos – sujeito, sujeito; objeto, objeto; sujeitos e objetos. Essa exposição sucinta encobre soberbamente o sistema e a abordagem dinâmica presente nos dois ensaios analisados. iv.i O pensamento com fundo tradicional, tradicionalista, habitual e costumeiro configuram o *primeiro pensamento conservador do cético*. O ceticismo produz o pensamento conservador baseado em premissas filosóficas e não-filosóficas. O resultado das operações

reiteradas da suspensão do julgamento e a visão clara da vida tranquila sem a doutrinação idiossincrática constituem a motivação original do ceticismo para promover o juízo vigente em qualquer arranjo comunitário, independentemente de grandes eventos ou de revoluções conhecidas como algumas ocorridas nos países analisados até aqui. Os elogios da ancestralidade e da tradição, portanto, constituem os produtos de uma elucubração acerca do estado da obra intelectual humana e, de nenhuma maneira, esta se apresenta como temente à magia da inovação baseada na resposta mítica. *O pensamento tradicionalista no ceticismo é uma representação original abstrata e, segundo o meu juízo, é a antecedente direta do pensamento conservador.* v.i As condições para o aparecimento do conservadorismo no ceticismo são de natureza intelectual e empírica. Os eventos sociais, as alterações e variações na vida política não são determinantes em absoluto para a posição conservadora do cético, ela pode advir simultaneamente como uma resposta a uma imissão dogmática na atividade *abstrata ou na vida concreta.*

Uma vez tendo adiantado as questões mais gerais na comparação entre os dois postulados conservadores, penso ser adequado procurar estabelecer muito brevemente uma avaliação dentro de questões mais tópicas e bastante pronunciadas no trabalho de Mannheim. Mais uma vez, tomo a posição de compará-lo com precedência sobre os céticos, de maneira que primeiro introduzo os tópicos anunciados por ele ao invés de enunciar algum elemento da gramática cética. Em seguida, grafo o entendimento daquele tópico de entrada pelo que me parece ser uma avaliação dos céticos. Portanto, no quadro abaixo, e da esquerda para a direita, introduzo na primeira coluna o tópico ou a categoria analítica e em seguida apresento como cada pensamento conservador observa esse rótulo de entrada.

**Quadro C:** Percepção de categorias internas aos esquemas conservadores em Mannheim e no Ceticismo

<b>Tópico</b>	<b>Mannheim</b>	<b>Ceticismo</b>
Constelação/ Circunstâncias ideais para a formação do pensamento conservador.	Estado unitário, a participação das pessoas na sua condução, a integração desse Estado com a ordem econômica e na solução de questões sociais.	Categoria ou técnica absolutamente coberta pelos Modos do Sujeito e Objeto/ Contextos nos quais a imissão dogmática é pronunciada.
Nascimento do Pensamento Conservador	Científico	Filosófico e não-filosófico
Progressista	Visionário, revolucionário, futurista e cientista.	Mero inovador. Dogmático e temerário.
Conservador	Aparece como oportunista e individualista.	Altruísta e benevolente
Visão temporal	Visão de curto prazo	Visão de longo prazo
Visão do horizonte	Local, reduzido.	Local e amplo.
Inovação	Sistema ordenado.	Idiosincrasia ordenada ou acidental inverídica empiricamente.
Reformas sociais	Ajustes tópicos	Ajustes tópicos
Sistema conservador positivo	Circunstâncias negativas, caracterizadas por prejuízos evidentes.	Contínuo e estável.

Para concluir esta seção e deixar o trabalho de Mannheim repousar nas estantes da tradição e noutras teses, gostaria de acrescentar algumas observações em torno do estilhaçado ofício e a arte da magia. Desejo anotar que concebo o conservador cético dentro do sistema de magias, do filosófico e do científico. Apesar da ciência, os mitos, a mágica e as lendas permanecem como parte integrante do repertório de compreensão do mundo social e constituem uma notação válida para

manter a identidade de uma comunidade humana.<sup>276</sup> Os saltos intelectuais e a disposição científica não inviabilizam a pluralidade de respostas cognitivas promovidas pelos sistemas narrados no repertório cético e no vocabulário dos mais comuns e rudimentares homens tementes à magia. O esforço de cindir a tradição do pensamento conservador é bastante válido, no entanto, configura uma violação de uma reposta prática, útil e espreada sobre qualquer indivíduo que pense.

A tradição é uma resposta universal que possui múltiplas aplicações e manifestações e, para o conforto de Burke<sup>277</sup>, ela é uma atividade de polinização cruzada entre as comunidades. A divisão do ensaísta é mais científica do que prática. Com apoio do ceticismo, é possível falar pontualmente de conexões ainda mais dilatadas como *novas tradições* e *novos hábitos*. Uma tradição é um corpo colegiado e ordenado de interpretações da vida social, ela é o acordo mais geral e menos irrestrito numa comunidade. O desenho de uma linha temporal realizado por Mannheim abre a janela de observação numa data dinâmica do ponto de vista da agitação, da atividade política e finca com maestria e em absoluto o esforço de interpretação da tradição e das lapidações dela extraíveis numa e somente numa manifestação do esforço de resposta analítica da tradição. É verdade que as revoluções são janelas socialmente mais atraentes, mas elas não excluem outras manifestações empíricas na vida intelectual sobre *o que* e *como* se conserva. De acordo com uma dada constelação, diferente da disposição estelar do ensaísta, os

---

<sup>276</sup> VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego**. Tradução Ísis Lana Borges. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

Evoco a mesma ambiguidade do nascimento da filosofia para o trato dos mistérios. “A filosofia vai encontra-se, pois, ao nascer, numa posição ambígua: em seus métodos, em sua inspiração, aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações dos mistérios e às controvérsias da ágora; flutuará entre o espírito de segredo próprio das seitas e a publicidade do debate contraditório que caracteriza a atividade política.” p. 41

<sup>277</sup> BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 1993.

mitos são ou podem ser pensamentos conservadores, as lendas são reflexões conservadoras, a filosofia pode exprimir um bojo de pensamentos sofisticadamente conservadores, os hábitos são pensamentos conservadores. E, finalmente, a mágica, o magismo e os mágicos podem ser manifestações ou *estilos filosoficamente ficcionais* de pensamentos conservadores.<sup>278</sup>

### **A fabulosa fábrica de tempos curtos e o tempo difuso**

A tradição e a tranquilidade podem ser vistas como dois *conceitos* essenciais no ceticismo que observo neste trabalho. A combinação de ambos, acrescidos da articulação do conflito entre as filosofias, aparecem-me como uma projeção do conservadorismo e da conservação. O meio para o experimento de bloqueio da inovação e da promoção do conservadorismo, segundo percebo e reafirmo, aparece por caminhos enunciáveis ainda pelos seguintes instrumentos: por uma predileção por *tempos longos*, uma análise histórica que se apoie preferencialmente em tempos ou cortes de observação dilatados, o que configura uma adesão concomitante ao modo de organização política em curso, em vigência; pelo controle sistemático do caminho das *causalidades*, pela interceptação da inovação; pela organização de acordos comuns em torno de evidências testadas, por meio das *instituições*; por meio de um sistema de *detecção do dogma* e da projeção da tranquilidade sobre ele; e, finalmente, através da introjeção do discurso cético, por meio da articulação

---

<sup>278</sup> MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem Anos de Solidão**. Tradução de Eric Nepomuceno. 79ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

Cabe lembrar os serviços do mágico Melquíades para Macondo. Além disso, Márquez tem a sua própria definição de conservadores e liberais dentro da sua Colômbia. “Os liberais, dizia [Apolinar Moscote], eram maçons; gente de má índole, partidária de enforcar padres, de implantar o matrimônio civil e o divórcio, de reconhecer direitos iguais aos filhos naturais e aos legítimos, e de despedaçar o país num sistema federal que despojava de poderes a autoridade suprema. Os conservadores, em contrapartida, que haviam recebido o poder diretamente de Deus, defendiam a estabilidade da ordem pública e da moral familiar; eram os defensores da fé em Cristo, do princípio de autoridade, e não estavam dispostos a permitir que o país fosse esquarterado em entidades autônomas”. p. 137.

da *diafonia no seio da disputa política*. É possível anotar ainda outras interpretações daquelas demonstrações compiladas por Sexto Empírico. Seria possível reler o elogio do hábito, das lendas, dos costumes e da tranquilidade como uma teoria da regularidade e da convivência na qual a quietude seria a projeção clara, seria o produto e a solução das expectativas dos pensadores cétricos ligados à vida política. Indo um pouco além com essa indução liminar da tradição do ceticismo, é possível entrever na apresentação do ceticismo antigo ainda uma teoria do hábito em relação à inovação. Como consequência, o seu antípoda, o movimento de agressão ao hábito é um instrumento bastante definido que os cétricos chamam de dogma. Do ponto de vista analítico, creio que a prefiguração do hábito e da predileção temporal do ceticismo podem se manifestar pela seguinte apresentação de contrários: o tempo cétrico é um tempo de calma analítica orientada por escopos de longo alcance, ao contrário do tempo dogmático, que por sua vez, produz o seu encurtamento num escopo diminuto. Noutros termos, ele aparece como um sistema de angústia e um modelo de aflição, de ansiedade e de precipitação idiossincrática. As narrativas recentes do pensamento conservador têm fascínio por este último *estilo* de tempo. Gostaria de investir algumas linhas sobre algumas invenções do tempo dogmático, especialmente sobre duas visões antagônicas nas fundações do que se conhece por pensamento conservador comprimidas nos séculos XVIII e XIX.

Seria no mínimo grosseiro afirmar que os cétricos não se ocupam da avaliação do tempo dogmático, pois eles vivem num lugar e num tempo. Por outro lado, creio ser completamente plausível afirmar que, no que se refere ao pensamento articulado em torno da conservação, esse é o estilo predominante e que o inverso não é verdadeiro. As versões mais conhecidas do conservadorismo não trabalham no



tempo longo, como quero fazer crer, no escopo cético. De qualquer forma, a consagração do pensamento conservador, a sua camada mais pesada de tinta se concentra depois do período medieval e especialmente em torno de um tema especial, as revoluções. Ainda que Pirro de Élis tenha vivido entre 360-275 (AC) e Sexto Empírico, aproximadamente, entre 160-210 (DC), os dois partícipes e protagonistas do ceticismo mais citados aqui neste trabalho, um dos seus antípodas e o objeto mais conhecido da família dogmática, a revolução e as versões conservadoras motivadas por ela, parecem estranhamente ter nascido nos séculos conexos às luzes e especialmente à Revolução Francesa. O cenário para o pensamento conservador não é uma imposição histórica, não é o arbítrio de um conjunto definido de fatos, mas uma escolha e uma aplicação analítica que pode ser articulada a qualquer objeto na história e na experiência social. Sendo assim, passo a tratar esse ambiente de versões conservadoras comprimidas nesse período como a *conservação recente*. É verdade que o iluminismo e a revolução observada por Marx, um dos seus cronistas mais ilustres, são dois eventos importantes para a história.<sup>279</sup> É estranho que uma revolução, o iluminismo e a revolução na indústria cunhem com linhas de ineditismo a conservação e a inovação política.<sup>280</sup> Como decidiram a cisão entre a tradição e a inovação em três tempos distintos da história, ontem, hoje e amanhã, é um círculo místico, uma milagrosa divisão de águas entre

---

<sup>279</sup> O pirronismo tomou parte no centro das discussões sobre a qualidade da iluminação e na educação da virtude.

“The pyrrhonian skeptics had called into question the connection between knowledge and virtue and they had supported custom, tradition, and appearance as the ground for conduct because reason was incapable of constituting a basis for criticizing social institutions.” p. 40.

-HILEY, David R. **Philosophy in Question: essays on a pyrrhonian theme**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

<sup>280</sup> POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. 8ed. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

Polanyi tem expressões ricas sobre os efeitos e as mudanças sociais deletérias sentidas por causa dos *cercamentos* das propriedades privadas e pelo progresso econômico: “Se o efeito imediato de uma mudança é deletério, então, até prova em contrário, o efeito final também é deletério.” (p. 56). “Se a inovação faz o revolucionário, eles foram os revolucionários do seu tempo.” (p. 57). “moinhos satânicos” (p. 58). “... avalanche de desarticulação social (...). (p. 58).

aquilo que se considera o parâmetro do pensamento conservador e da inovação na política, o modo como marcaram o seu nascimento e o seu quadro exclusivo de referência histórica em relação ao que se conserva. Esses três eventos na história do conflito político são atavismos, ainda que não passem de manifestações de fenômenos singulares amplamente difundidas, eles configuram a nossa *primeira memória*<sup>281</sup> quando dividimos dois sistemas políticos rivais interceptados por uma linha evolutiva e um cronológico. Dois sistemas antagônicos, uma linha de tempo que acolhe o presente, o passado e o futuro. Eis a síntese extremada e simplificada dessa análise: os operadores aferrados ao passado conservam; de outro lado, os partidários do futuro, os partidários da vanguarda, inovam. O campo de aplicação desse equipamento é um epicentro que asfixia qualquer narrativa distinta, o seu escopo é monótono e eurocêntrico. Ao invés de uma variedade de epicentros, de temas, somos levados a um punhado de eventos narrados à exaustão.

As narrativas marxistas são pródigas em introduzir as revoluções.<sup>282</sup> Mészáros advoga a sua revolução predileta, a Russa. Ela é o experimento mais legítimo para mostrar a desfaçatez de outra revolução elogiada, a burguesa, que consiste numa

---

<sup>281</sup> Essa expressão é motivada por, pelo menos, três autores distintos, dos quais abro agora a palavra apenas para o terceiro: 1. Sexto Empírico, e o que trabalho aqui como conservadorismo; 2. Michel de Montaigne e a sua variada interpretação da política; e 3. Michael Oakeshott. "Generally speaking, the vice of contemporary political reflection is to take an excessively long view of the future and an excessively **short view of the past**. We seem to have got into the habit of thinking that what is significant (whether we like it or deplore it) in current politics dates from French Revolution, or from 1832 or 1640, and this is an unfortunate habit because by abridging the pedigree of our political character we restrict our understanding of it". p. 2. [negrito acrescentado]  
-OAKESHOTT, Michael. **The politics of faith & the politics of skepticism**. New Haven & London: Yale University Press, 1996.

<sup>282</sup> GALLIE, W. B. **Philosophers of peace and war: Kant, Clausewitz, Marx, Engels and Tolstoy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

Uma interpretação da obra de Marx, na versão belicosa de Galle, uma corrente, o *socialismo científico*, é chamada de *revolucionária científica* e também de *revolucionários profissionais*. "They believed that their revolutionary programme conformed to certain very general laws which applied to the development and ultimate dissolution of every known politico-economic system, and to certain much more specific laws which applied to the development and future dissolution of the capitalist system in particular." p. 71

experiência histórica concentrada na França e na Inglaterra. Há, segundo ele, uma razão ideológica, através da qual o controle das estruturas econômicas e das estruturas políticas são transferidos para uma classe específica ilegítima, um segmento revolucionário, os burgueses. Esse tipo de obliteração da verdadeira revolução visa a conservar nas mãos dessa classe o monopólio da narrativa histórica das revoluções. Esse empenho sistêmico, na forma de uma variação científica, é chamado por ele de *historiografia autocentrada*.<sup>283</sup> As revoluções dos segmentos burgueses são conservadoras, elas concentram os produtos da transição de um segmento social a outro, da aristocracia para a burguesia. O autor é um dos expoentes recentes da liturgia marxista e procura atualizar a teoria da história de Marx. Por essa perspectiva, um segmento social introduz uma revolução conservadora. Uma troca de posições. Esse conservador, o mesmo atualizado por Mannheim, encerra duas condições: a inovação e a conservação. A organização das teses se concentra numa experiência social com algumas categorias, como os burgueses e os proletários de um lado e a única classe notável e periférica digna de algum respeito e consideração séria nessa perspectiva, os aristocratas. Além desses três, pouca coisa sobra em termos de variedade social. Revolução, classe, burguesia, proletariado e conservadorismo gravitam em torno das teses mais variadas a respeito do passado, do presente e do futuro da humanidade. Mészáros alarga o espectro dos casos relevantes de dois para três.<sup>284</sup>

---

<sup>283</sup> MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Campinas: Boitempo Editorial, 2002. p. 72.

<sup>284</sup> HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. 2 ed. 24 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Hobsbawm ao cuidar de um Breve Século XX trata de destacar a relevância da Revolução Russa, com especial atenção ao caso emblemático e detonador da desejada revolução mundial. Na página 78 ele anota: “O marxismo oferecia à esperança do milênio a garantia da ciência e da inevitabilidade histórica; a Revolução de Outubro agora oferecia a prova de que a grande mudança começara”.

Os conservadores aparecem pela primeira vez na história da humanidade acompanhados da imagem do burguês por essa historiografia marxista centrada em três países e num par de séculos. O vigoroso repertório de Karl Marx é notável em toda a sua obra. No pisado e repisado Manifesto<sup>285</sup>, tomamos conhecimento de que surpreendentemente a *história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes*. Daí decorre a síntese clássica da divisão de todas elas, das classes conhecidas e das não-conhecidas, inclusive, em dominadores, a classe dominante, e os dominados. Esse vocabulário é empregado sobre todas as sociedades, mesmo sobre as *nações mais bárbaras*.<sup>286</sup> Apenas um segmento social introduz a novidade, a revolução universal, num determinado período e com um vocabulário persuasivo e irretocável que se abate vigorosamente sobre a matéria, a estabilidade humana e a crença, pois *tudo que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado*.<sup>287</sup> Mas a verdadeira revolução pertence a outro segmento, a classe verdadeiramente revolucionária, os proletários. O vaticínio político de Marx é uma potência contínua de metáforas sobre o começo dos dias da *revolução falsa* e a introdução do momento no qual a *verdadeira revolução* chegará. Passado, presente e futuro estão nas mãos de dois sistemas rivais com a interceptação de uma linha reta e incremental. Embora bastante conhecida, a passagem abaixo é digna de ser anotada porque através dela conhecemos pelo menos duas assertivas: i. em política, tudo o que se dá a revolucionar, acontece por meio de duas classes; ii. e que, pelo contrário, tudo o que se dá a conservar, ainda em política, acontece por um único tipo de revolução, pois,

---

<sup>285</sup> MARX, Karl. O Manifesto do Partido Comunista. In: \_\_\_\_\_ & Engels. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1961. Volume I.

<sup>286</sup> MARX (1961, p. 25)

<sup>287</sup> MARX (1961, p. 24)

no Manifesto, aparentemente a revolução proletária não tem traços de encerrar uma política conservadora.

Finalmente, nos períodos em que a luta de classes se aproxima da **hora decisiva**, o processo de dissolução da classe dominante, de toda a velha sociedade, adquire um caráter tão violento e agudo, que uma fração da classe dominante se desliga desta, ligando-se à classe revolucionária, a **classe que traz em si o futuro**. Do mesmo modo que outrora uma parte da nobreza passou-se para a burguesia, em nossos dias, uma parte da burguesia passa-se para o proletariado, especialmente a parte dos ideólogos burgueses que chegaram à compreensão teórica do movimento histórico em seu conjunto.<sup>288</sup>

De todas as classes que ora enfrentam a burguesia, **só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária.**<sup>289</sup> [negrito adicionado]

Por essa entrada no dilema de conservadores versus progressistas, não há experiência pretérita que preencha requisitos análogos. As experiências concentradas em três séculos ignoram qualquer evento singular que possa responder por um ingresso distinto na querela entre inovadores e conservadores. Nas condições presentes, apenas num pedaço de fabricação fabulosa da história, apenas nessa *conservação recente* há a visada dos elementos para caracterizar uma introdução *distinta, radical e universal* no modo de organização social e no pensamento conservador. Em Marx, apresentado no Manifesto, a conservação recente tem uma rigorosa ênfase na disputa de duas e somente duas classes diferentes. Não há imagens dessemelhantes, esses dois querelantes são interceptados por uma linha reta, iluminada, científica e futurista. Uma delas indisfarçavelmente *traz o futuro em si*. Ele cola a projeção num segmento. Nenhum outro partícipe toma acento nas decisões do sistema de planejamento dessa classe que controla o futuro do mundo, com base numa experiência de curto prazo com o

---

<sup>288</sup> MARX (1961, p. 29)

<sup>289</sup> MARX (1961, p. 29)

qual nem Mészáros discordaria, não fosse ele também mais simpático a atacar o uso alheio e também rápido que os burgueses fazem da história autocentrada.<sup>290</sup>

Entre a revolução em curso, os burgueses em ascensão e os proletários, há uma variação importante e digna de nota feita por Marx. Pela passagem citada, fica clara a migração de uma parcela da aristocracia para a burguesia. Este movimento constitui uma aprovação liminar de um segmento tradicional reorganizado segundo a movimentação do eixo revolucionário de influências e da cantilena ideológica. Desconfortáveis com a perda de parcela importante do seu prestígio social e político, o topo da sociedade analisada por Karl Marx desce até a burguesia. A versão inferior dessa movimentação, na qual uma parcela dos proletários ascende à burguesia, é igualmente importante. Ambos configuram o centro dinâmico, a parte importante do mobiliário do movimento revolucionário. Eles conformam o grupo de aceitação incondicional de uma revolução conservadora. A verdadeira revolução é a proletária e constituiria de fato a inovação. Está claro que há, na versão de Karl Marx, duas representações de revolução antagônicas e uma movimentação anacrônica. Ao perceber uma parcela da aristocracia desfiliada de ambas as revoluções, ele as enquadra na figura da *reação ao movimento histórico*, elas são o elemento reacionário. A primeira revolução é baseada numa alternância superficial dos comandos da sociedade. A revolução baseada num futuro largo e pródigo representa a segunda revolução ainda no prelo. A paixão pelo modelo organizativo vigente arremessado pela nobreza e pela aristocracia, as quais são os verdadeiros conservadores na minha própria acepção, constituem em Marx os que desejam o

---

<sup>290</sup> MÉSZÁROS (2002, p. 72)

Segundo ele, os burgueses tentaram apagar a memória da Revolução Francesa de 1789 para eternizar o seu domínio. Disso resulta a seguinte conclusão: “Exercício fútil! **Duzentos anos é um prazo muito curto** para aplainar a cadeia de montanhas erguida por um grande terremoto histórico e varrer seus vestígios da memória viva.” [negrito acrescentado]

retorno a um passado remoto. Esse elemento reacionário faz uma projeção invertida, ele deseja um implante das condições sociais passadas de um modo singular, ele as deseja imediatamente no quadro de evolução presente.<sup>291</sup> É possível aplicar rótulos temporais um pouco mais objetivos sobre esse panorama com duas revoluções e uma reação apaixonada e anacrônica. Os burgueses aplicam uma revolução de curto prazo, ideológica e interessada socialmente. Os proletários experimentam a revolução burguesa no presente e plantam a sua própria para eclodir no tempo imediatamente posterior ao experimento burguês, o que, posso arriscar, aconteceria num médio prazo. A aristocracia apaixonada pelo passado procuraria bloquear o primeiro desses movimentos no presente. As três variações temporais trabalham num horizonte de tempo curto, elas consagram a fabulação da conservação recente. Desse modo, concordo incondicionalmente com a parcela de Mészáros que considera duzentos anos um prazo muito pequeno para apagar a memória de uma revolução e, além disso, acrescento que três revoluções são um escopo e um prazo diminutos para decidir sobre a data e o cenário ideal de fundação do pensamento conservador.

Na outra margem daquela que parece a primeira revolução conhecida no mundo inteligível, há mais uma carta de intenções importante e que, se não era um manifesto carregado de hipérboles e interjeições contundentes<sup>292</sup>, era ao menos manifestamente tornada pública em volta de muita dramaticidade. Se a conservação recente e o primado futurista das narrativas marxistas representavam os interesses legítimos e ideológicos de uma classe, Edmund Burke presta serviço aos esquecidos

---

<sup>291</sup> MARX (1961, p. 29)

<sup>292</sup> KIRK, Russell. **The Conservative Mind**. Lexington: BN Publishing, 2008. Kirk chama de *visão inflamada*. p. 234.

da sua classe antagônica, pois a sua pena carregada se ocupa dos renegados conservadores inaugurados no mesmo escopo.<sup>293</sup> A sua crônica da experiência vizinha opera num tempo bastante conhecido pelo ceticismo e, da mesma forma, usa um expediente familiar à conservação cética: a suspensão do julgamento. Na avaliação de Burke, é muito cedo para avaliar a qualidade dos eventos experimentados pelos franceses. Ele convida alguns atributos importantes para uma observação qualificada de um fenômeno qualquer como a calma e a *suspensão*. É preciso *calma* para ver com mais acuidade, é o que ele diz. E já no começo da crônica, sobre aqueles eventos, ele anota que *we ought to suspend our judgment until the first effervescence is a little subsided, till the liquor is cleared, and until we see something deeper than the agitation of a troubled and frothy surface.*<sup>294</sup> Burke vai além de anotar premissas céticas na réplica de sua carta a um cidadão francês, com a sua avaliação sobre os eventos vizinhos, que ele enxerga como ameaçadores ao quadro de estabilidade desejável na sua Inglaterra. Entretanto, gostaria de anotar esse ponto de partida como um olhar alternativo aos tempos inaugurados pela revolução que ele vê.

Burke introduz um convite à calma, à regularidade e uma advertência para a falta de causalidades conhecidas por aquelas sociedades. Para ele, observar a caminhada de princípios sem observar a concomitância das instituições configura um evento descolado de um quadro desejável de convivência pacífica. Os princípios são expressões abstratas, filosóficas e, caminhando livremente ao sabor de si, introduzindo as maiores aberrações no seio da comunidade francesa, não lhe

---

<sup>293</sup> BURKE, 1993, passim.

-BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Pensamento Política. Tradução Renato de Assumpção Faria, Denis Fontes de Souza Pinto e Carmen Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

<sup>294</sup> BURKE (1993, p. 8)



parece algo dentro de um quadro razoável que coordene ideias e instituições. Portanto um princípio, aquela *liberdade em ação*, sem um princípio antecedente, como fora o caso daquela revolução sem precedentes recentes, inspira as maiores desconfianças de Burke e o receio de que as mesmas condições para aquelas manifestações locais se excedam num paralelo e influenciem a sua própria comunidade. Sendo assim, ainda que veja um *forte princípio* em ação, ele só enxerga uma abstração acompanhada do descalabro e da comoção configurando uma inovação. A nova liberdade destituída de amparo e entendimento comum, desacompanhada do hábito, das instituições, conforma a novidade dogmática: *I should therefore suspend my congratulations on the new liberty of France, until I was informed how it had been combined with government (...).*<sup>295</sup> Fora do acordo entre premissas e instituições, entre abstração e instituições, ele observa naquela experiência as maiores aberrações em desacordo com a natureza. As narrativas revolucionárias têm um toque de púlpito, religioso, e atentam contra a tranquilidade nacional.<sup>296</sup>

O grito revolucionário e a persuasão dele resultante soam para Burke como itens de incompreensão. Apenas uma avaliação de si altamente equivocada poderia justificar um atentado contra a compreensão e contra a tranquilidade pública, conforme experimentaram as lideranças revolucionárias.<sup>297</sup> A idiossincrasia e o dogma contra as instituições testadas, contra a carta constitucional e a regularidade em torno de ambos fazem parte do repertório de incompreensões e associações ao descalabro na agenda do cronista: *a spirit of innovation is generally the result of a selfish temper*

---

<sup>295</sup> BURKE (1993, p. 8)

<sup>296</sup> BURKE (1993, p. 13)

<sup>297</sup> BURKE (1993, p. 20)

*and confined view.*<sup>298</sup> A falta de precedentes e da valorização da inovação sobre toda a organização social lhe aparece como um evento de resultados igualmente canhestros. Outro resultado tacanho dessa atitude reconstrutora dos rebelados é a condenação de todo o corpo de organização como resultado equivocado da interpretação da parte doente. Uma parcela defeituosa da organização social não constitui motivação suficiente, na sua visão, para destituir todo o corpo político. As mudanças deveriam afetar apenas as partes de uma comunidade e não a sua unidade, *without a decomposition of the whole civil and political mass, for the purpose of originating a new civil order out of the first elements of society.*<sup>299</sup> As inovações fazem parte de qualquer agregado e com a sua própria visão de mudanças de maneira que *a state without the means of some change is without the means of its conservation.*<sup>300</sup> Aqui fica clara a sua tolerância às mudanças suaves compartilhadas, de maneira que constituem uma trilha de estabilidade e de adequação ao próprio entendimento do experimento da sociedade organizada, da massa política. Por outro lado, fica evidente a sua animosidade à introdução da inovação ao tempo revolucionário pelo que sabemos que *the very Idea of the fabrication of a new government, is enough to fill us with disgust and horror.*<sup>301</sup>

Ainda na versão de Burke, os inovadores não conseguem reconhecer o valor da ancestralidade. Aqui entra a melhor observação temporal do experimento de observação burkiana. O produto ancestral carrega a soma do desenvolvimento comum e funciona como um indicador de aquisição, de acúmulo e que opera como

---

<sup>298</sup> BURKE (1993, p. 33)

<sup>299</sup> BURKE (1993, p. 21)

<sup>300</sup> BURKE (1993, p. 21)

<sup>301</sup> BURKE (1993, p. 31)

um mecanismo de transferência, continuidade e um princípio de conservação.<sup>302</sup> Sem essa transmissão ancestral é rompido um processo técnico de melhoramentos sucessivos importantes. As instituições políticas, o governo, os presentes da providência são e devem ser recebidos e transmitidos na mesma ordem, num sistema simétrico com a ordem vigente no mundo e num desenho orgânico segundo o qual figura um corpo permanente com partes transitórias.<sup>303</sup> No grande mistério da incorporação da humanidade, o todo nunca é velho, de meia idade ou jovem, mas constituímos uma condição de constância inalterada que caminha numa progressão difusa. Seguindo esse caminho natural, na conduta do corpo político, nós nunca somos completamente novos ou ainda obsoletos.<sup>304</sup> A própria liberdade funciona dentro dessa chave de transmissão da hereditariedade política e institucional. Essa chave bloqueia uma razão extemporânea, transitória e arrogante. Contribui ainda para estabelecer um paralelo, um acordo com as normas ditadas pela perfeição da natureza.<sup>305</sup> Respeitar os ancestrais é respeitar a si mesmo.<sup>306</sup>

A experiência francesa é uma tentativa de introduzir uma liberdade irreal e vã. Ela é um atentado contra as regras mais naturais de respeito a si, contra o espólio social e a hereditariedade. Ela introduziu falsas expectativas com as ideias mais monstruosas. Seguindo falsas premissas especulativas dos seus líderes revolucionários a despeito de seus predecessores e deles próprios, guiando-se por falsas luzes, a França introduziu a calamidade, abandonou os seus próprios interesses e *prostituiu a sua virtude*.<sup>307</sup> Segundo ainda versa Burke, todas as nações

---

<sup>302</sup> BURKE (1993, p. 33)

<sup>303</sup> BURKE (1993, p. 34)

<sup>304</sup> BURKE, 1993, loc. cit.

<sup>305</sup> BURKE, 1993, loc. cit.

<sup>306</sup> BURKE (1993, p. 36)

<sup>307</sup> BURKE (1993, p. 37)

se tornaram fábricas de novos governos, reformas e heresias contra os costumes, a religião e contra um quadro variado de organização institucional que trazia tranquilidade aos seus melhores cidadãos: as leis, os tribunais, a indústria, o comércio, o sistema de representação, o exército, o crédito e o princípio da propriedade privada. Todo o quadro organizativo foi subvertido pela vaidade, pela ansiedade, pela falta de visão, pela crueldade e pela imbecilidade.<sup>308</sup> Entre os líderes daquele movimento de subversão, ele anota ter visto homens ilustrados, mas destituídos do menor controle sobre qualquer experiência pretérita com a atividade de governo. Os melhores entre eles eram teóricos e sem nenhuma referência a noções básicas nas relações entre líderes e liderados.<sup>309</sup> Sem a transmissão do passado institucional, falta-lhes como consequência uma clareza de propósitos e a definição dos limites claros do controle político. Essa perspectiva derruba toda a dignidade estabelecida em troca de uma ambição sem um objeto definido e, ainda, que é operada por meios e finalidades rebaixados. O quadro é de má qualidade e orientado por uma visão de curto prazo.<sup>310</sup>

Burke transmite a impressão caprichosa de que conseguiu inaugurar a matriz do pensamento conservador a partir de um evento histórico importante. Ele faz esse trabalho usando as bases e as premissas dos revolucionários. No entanto, ele finca o nascimento com alguns dilemas identificáveis. Em primeiro lugar, ele é atraído para o campo adversário, ele adentra a revolução, monta uma resposta conservadora concentrada no objeto adversário e não exatamente numa tradição abstrata ou numa versão geral de pensamento conservador. É indiscutível que a sua

---

<sup>308</sup> BURKE (1993, p. 38-39)

<sup>309</sup> BURKE (1993, p. 41)

<sup>310</sup> BURKE (1993, p. 41)

versão da história não acomoda abstrações filosóficas, segundo ele mesmo, no entanto, a ferramenta empregada sobre o evento francês é velha conhecida no repertório cético. Na leitura burkiana do conservadorismo, a inovação não é analítica, mas sim de aplicação. O emprego da canônica amplamente difundida pela cartilha sextiana sobre os eventos consagraram o seu pensamento conservador. Se a sua resposta é intuitiva ou definitivamente cética não constitui o ponto central da minha observação, pois meu objetivo é reforçar que mais uma vez o repertório que venho considerando como o pensamento conservador desenvolvido pelos cétricos encobre a conservação pela perspectiva da revolução instalada por um dos expoentes da crônica conservadora e, nesse aspecto, estou me referindo obviamente a Burke.

Em segundo lugar, portanto, mesmo trabalhando no terreno da revolução e no tempo de análise das iluminações revolucionárias, no tempo curto, ele projeta um corte temporal não só antagônico como distinto que confere uma réplica importante contra o tempo dogmático. Ela é uma peça de organização e uma distinção temporal na obra de Burke. O ponto central, segundo vejo, a resposta, além de retalhar a montagem e o corte da análise dogmática, é percebida pela negativa à redução temporal comum de curto prazo e pela introdução de uma idade difusa do agregado social: ele não é jovem, velho ou de meia idade, apenas progride numa constante. O agrupamento social, o corpo político, não se apresenta com data de nascimento para Burke, portanto não há a reconstrução necessária daquilo que apenas progride de algo cuja data de nascimento é desconhecida; da mesma maneira, a data de obsolescência: ele não perece, não tem término. A reconstrução não tem precedência temporal demonstrável, se não há um projeto verificável da construção

original, na ausência da pedra fundamental do edifício, uma vez que o mapa da panspermia social é difuso, incerto; a inovação completa não tem base sobre a qual assentar o projeto novo. No que se refere ao objeto aqui analisado, ao desenho temporal, esse talvez seja um dos resultados menos empírico da análise que acabo de recolher do trabalho de Burke, uma concepção do agregado social sem remissão organizativa numa cronologia. Finalmente, outro acréscimo relevante é o seu sistema definido de herança, hereditariedade e ancestralidade. A ignorância sobre as virtudes contidas no estoque de experiências sociais interrompe o sistema de transmissão intracomunitária, isso bloqueia o primado da experiência pretérita como indutor das melhorias da experiência social em curso. A investida revolucionária, a imissão dogmática, a negativa do valor da ancestralidade impõe, em Burke, uma concomitante negação categórica da personalidade do indivíduo, de maneira que atacar ou cessar a relação de ascendência e remissão ancestral representa um dano ao sujeito e ao cidadão.

O circuito histórico percorrido por Marx e Burke se confunde com a própria origem do pensamento conservador. Não obstante, o conservadorismo não se confunde com uma manifestação especial desse pensamento lançado num dado momento da história do pensamento político. Se consigo arremessar alguma ideia clara sobre esse ponto, a memória do conservadorismo articula mais eventos analisados, dentro ou fora de sistemas revolucionários, pois aparece por uma pluralidade de manifestações e cenários, e com alguns sintomas em comum a curto, longo ou mesmo nenhum prazo, conforme se destaca a opção do tempo difuso em Burke. A trajetória da conservação de agregados humanos pode aparecer num sistema desorganizado e inesperado para os padrões marxistas. Se combinarmos numa

projeção a visão da identidade convidada pela análise burkiana da ancestralidade, cara a Sexto Empírico, com duas revoluções de Marx, a revolução burguesa e a proletária e mais especificamente esta última, a *revolta verdadeira*, em algum momento da sua organização revolucionada, uma plausível estabilização recorrerá invariavelmente ao expediente da magia da conservação. Ainda dentro dessa arriscada projeção hiperbólica, nesse pretenso percurso Marx-Burke, os ex-proletários unidos no futuro próximo trarão os mesmos sintomas gerais da revolução burguesa, eles serão os oportunistas proletários, e que, segundo vejo, defenderão o primado da tranquilidade sobre a imissão dogmática da atividade burguesa e de uma anacrônica investida da aristocracia. Nem o mais original dos verdadeiros revoltos, sequer o seu melhor cérebro no departamento de pesquisa do partido da revolução, prescinde de ancestrais, dispensa a própria identidade, pois é ela a primeira motivação para a conformação. Defenderão a memória da sua própria revolução e cunharão os seus próprios deuses da vida organizada dentro de um quadro de experiências entabuladas por um programa de causalidades conhecidas, terão um sistema de defesa contra as investidas dogmáticas e convidarão os observadores da vida política a entabular a calma analítica necessária aos melhores trabalhos organizados. Reconhecerão a superioridade intelectual das rotinas institucionais diante da invenção e reinvenção de um todo organizado sem precedentes, experimentarão a virtude da jurisprudência. De maneira que é impossível imaginar uma revolução contínua, disso resultando que arrefecer a revolução, diluí-la em processos sucessivos, implicaria, a meu juízo, um sistema análogo ao regime analítico da tradição grafado por um vocabulário apenas diferente e talvez bizarro e que significa impor um sistema de entendimento calmo e ordenado em tempos longos e talvez a própria anulação do tempo pelo que poderíamos chamá-lo de

*difuso*. Algumas instituições do processo revolucionário nessa imagem ficcional teriam instituições quiméricas do tipo: *tribunal provisório-permanente*, *sistema legal preliminar-extendido* e *assembleia provisória até o anúncio de disposições contrárias*.

### **As características comuns: a solução Oakeshott**

Os temas e desenhos de pesquisa sobre os quais é possível se deter para extrair a qualidade e a contribuição do conservadorismo para a vida política são ou podem ser mais variados e observados em ocorrências distintas de uma simples cronologia.<sup>311</sup> Alguns deles foram apenas citados, a despeito da minha própria opção de contrapor o ceticismo e a inovação e deles extrair os itens de demonstração. Há outras tantas opções atraentes sobre *o que se conserva e como*, entre os quais a propriedade privada, a autoridade, a história, a liberdade, a religião, as religiões, o indivíduo, a imperfeição, os limites do conhecimento: daquilo que se conhece, daquilo que se desconhece e do que se dá a conhecer. Algumas dessas opções são tratadas por Burke, Oakeshott e Muller.<sup>312</sup> Em comum a essas

---

<sup>311</sup> NISBET, Robert. **Conservatism: dream and reality**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

Nisbet trabalha com a história e a tradição; preconceito e razão; autoridade e poder; liberdade e igualdade; propriedade e vida; religião e moral.

-MADISON, James. **Writings. The Federalist No. 49**. New York: The Library of America, 1999.

Madison estava preocupado com a opinião, a fonte de poder dos governos, e com a ordem e o equilíbrio constitucional a partir delas. Anota que não é simpático à parcela de opinião dos filósofos.

<sup>312</sup> MULLER, Jerry. **Conservatism: anthology of social and political thought from David Hume to the present**. Ed. By. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1997. Muller anota na introdução as premissas recorrentes: imperfeição humana; modéstia epistemológica; as instituições; costumes, hábitos e preconceito; historicismo e particularismo; anti-contratualismo; e a utilidade da religião.

A religião também é contraposta ao progresso em Dawson.

-DAWSON, Christopher. **Progress & Religion: an historical inquiry**. Washington: The Catholic University of America Press, 2001.

Autoridade, liberdade, indivíduo são muito bem tratados por Mill. Os limites da liberdade do indivíduo e da atuação da autoridade da sociedade em defesa do indivíduo é uma inspiração para o tipo de ênfase da defesa da identidade que tomo nesse ensaio. Entendo que a intervenção da sociedade



categorias ou meios de análise são as suas capacidades de operar fora do que chamei de circuito histórico da conservação recente. Oakeshott trabalha dentro desse segundo grupo de observações possíveis e considera as características transversas a quaisquer comunidades políticas. Esse tipo de abordagem abre bastante a visada do conservadorismo em relação aos trabalhos baseados em dois ou três estudos de casos generosos. Sendo assim, ele abraça a relação existente entre aqueles que fazem as regras (*rulers*) e aqueles que as seguem (*subjects*) e, noutras palavras, ele está interessado nas relações e nas atitudes de governar e ser governado. Assim o fazendo, Oakeshott acredita que consegue mobilizar mais amplamente a discussão em torno da contribuição do ceticismo, o pensamento conservador e as categorias que podem surgir dessa opção preliminar.<sup>313</sup> O autor assume que esta não é a única manifestação possível de ser avaliada no que se refere aos grupos sociais, mas ele acredita que a ação de governar confere inteligibilidade à política, portanto escapa da sonolenta e repassada abordagem das revoluções. Passo a discutir três trabalhos diferentes de sua autoria, nos quais são apresentadas algumas soluções em torno dessa decisão distinta de trabalhar com a conservação. Os trabalhos que discuto são os seguintes: *The Politics of Faith & the Politics of Scepticism*<sup>314</sup>, o livro *On History and Other Essays* e, neste volume,

---

sobre o indivíduo é um tipo de estratégia para conservar o indivíduo, em última análise, entendo que nesse aspecto em especial estamos falando de conservar a vida.

-MILL, J. Stuart. **Sobre a liberdade**. Tradução Ari R. Tank Brito. São Paulo: Hedra, 2010.

-CONNOLLY, William E. **Political Theory & Modernity**. Cambridge: Blackwell, 1988.

A partir de Hegel, Connolly discute a política de inclusividade, especialmente na expressão da liberdade subjetiva e autoconsciência do sujeito. "Individuality cannot be acknowledge without destroying the Greek world. The stage we now turn to reverses this imbalance. It express vociferously the principle of individuality: it insist that individual reson, or individual conscience or individual feeling must be given priority both in the life of the self and in the life of the whole." p. 100.

<sup>313</sup> OAKESHOTT, Michael. **The politics of faith & the politics of skepticism**. New Haven & London: Yale University Press, 1996.

<sup>314</sup> OAKESHOTT, 1996, passim.

particularmente o ensaio *Historical Change: Identity and continuity*<sup>315</sup> e, finalmente, o ensaio *On Being Conservative*.<sup>316</sup>

Seria obviamente mais justo com Oakeshott se disser que os seus trabalhos vão muito além de simplesmente coordenar o ceticismo e o pensamento conservador. Isso fica mais ou menos expresso em vários pontos dos três trabalhos. Mas gostaria de tentar ser ainda um pouco mais coerente ou pelo menos não permitir que o meu próprio logradouro de pesquisa opere tão fora de sintonia com os seus próprios escritos, ao destacar um fato ou uma opção que antecede ao que ele considera conferir inteligibilidade à política, dois tópicos que antecedem a sua decisão de trabalhar com a atividade de governo. O primeiro deles, um pouco rígido, diz respeito ao tempo e ao local da análise pelo que ele decide trabalhar com cerca de cinco séculos de atividade política na Europa. O segundo tópico diz respeito ao meio para considerar essa atividade política. Ao invés de se organizar por uma agenda de fatos e eventos, ele se ocupa da ação humana, da atividade, da prática individual e coletiva e dela sim extrai significados. Cada atividade está associada a um contexto diferente composto por outras ações distintas que, por sua vez, estão dentro de outros contextos. Sobre essa base distinta, ele procura desenvolver interpretações e produzir significados. Constrói uma analogia com a arquitetura para apontar como extrairá a atividade humana por meio de estilos e deles montará a estrutura interpretativa, a partir de sua regularidade num determinado ambiente.<sup>317</sup> Assim como os prédios podem ter projetos diferentes e algumas aparências e traços

---

<sup>315</sup> OAKESHOTT, Michael. **On History and Other Essays**. Indianapolis: Liberty Fund, 1999.

<sup>316</sup> OAKESHOTT, Michael. *On Being Conservative*. In.\_\_\_\_\_. **Rationalism in politics and other essays**. Indianapolis: Liberty Fund, 1991.

<sup>317</sup> WOLIN, Sheldon. *Political theory as a vocation*. **The American Political Science Review**, Vol LXIII, December, 1969, No. 4, vol. 63. The American Political Science Association. p. 1065. A decisão pode ser enquadrada com mais um dos sistemas teóricos montados sobre o que Wolin chama de regularidades formais.

comuns, ele se concentrará em estilos de atividade política que sejam semelhantes e regulares, mesmo que tenham origens dessemelhantes.<sup>318</sup>

Passo a concentrar propriamente a atenção no que considero ser o núcleo do argumento presente no primeiro trabalho citado. A política da fé e a política do ceticismo são duas imagens que funcionam sobre a atividade de governo, sobre o gabinete, o escritório da ação política. No primeiro desses rótulos, Oakeshott compreende algumas premissas importantes sobre as quais se analisam a natureza humana e o governo. A política da fé funciona sobre o entendimento de uma espécie de doutrina cósmica otimista evidenciando que há um paralelo entre a perfeição do universo e o aprimoramento humano na terra. Uma sentença pode sumarizar essa perspectiva: somos imperfeitos e o governo é o móbilie, o veículo apropriado para desenvolver a humanidade em direção aos melhores parâmetros da perfeição do universo. Noutras palavras, esse estilo de política crê que o melhoramento acontecerá por meio de esforços humanos cujo meio e a materialidade serão dados pela atividade de governo ainda neste mundo. Segue após essa introdução uma segunda divisão na política da fé. Por um lado, a versão pesada, pela qual conhecemos haver uma crença nítida sobre a atividade de governo promovendo a *perfeição humana* e de onde pode ser lido que essa atividade tem *the duty and the power to 'save' mankind*. Por outro lado, a versão leve admite por sua vez um entendimento de que, ao invés de atingir a *perfeição*, será possível tão somente alcançar *melhoramentos* por intermédio do governo. A política da fé trabalha então com a crença na busca da perfeição e também pela melhoria do tipo humano por meio dos governos. Este segundo caso, a melhoria, para Oakeshott expressa as

---

<sup>318</sup> OAKESHOTT, 1996, passim.

utopias de que as mudanças são importantes e que elas alteram algo *para melhor*. O grupo de seguidores desta última versão possui uma ideia vaga do que é *melhor* sobre a verdadeira capacidade da *mudança*, define uma *direção* para o governo e, também, a ideia não demonstrada de que é possível prever o *melhor*. Este grupo se nega diante da alcunha de utópico e perfeccionista.<sup>319</sup>

A política do ceticismo colide com a política da fé. O entrelaçamento dessas políticas produz uma variada organização de estilos intermediários entre as duas posições. Eles não são antagônicos e são coevos na perspectiva de Oakeshott. Não configuram universos rivais, ao contrário, desenham uma *concordia discors*. A colisão promove uma atomizada variedade de versões que demonstram a complexidade e ambiguidade comuns sobre a atividade de governo e, objetivamente, sobre a complexidade de se definir o verdadeiro propósito de um governo. Apesar desse notável experimento ambíguo, a partir dessas versões, a política do ceticismo produz o serviço intelectual conhecido: ela separa do governo qualquer pretensão corretiva dos tipos humanos, reduz ou ajuda a anular a ilusão da perfeição humana e ainda colabora com a narrativa da sua imperfeição; segundo a predileção de Oakeshott, os céticos convidam com gentileza que se note a miséria humana ao invés de sua perfeição. Sabemos muito pouco sobre a perfeição humana. O cético não observará a natureza humana, mas apenas a sua conduta. A sua visão global da conduta mostra um agrupamento de indivíduos próximos uns dos outros, com atividades variadas, em que o conflito será um experimento inevitável. O conflito tornará a vida não somente bárbara, brutal, mas também intolerável. Com esse entendimento da política, os governos subsistem não porque sejam bons, mas

---

<sup>319</sup> OAKESHOTT (1996, p. 26)

porque são efetivamente necessários. O governo será para o cético o veículo pelo qual se poderá evitar o conflito. *And this office may bestow a 'good' in so far as it is performed in a manner which is harmonious with, and does not prejudice, the kind of conduct which is currently approved.* O propósito do cético será o de servir e manter essa ordem tênue e superficial conquistada com o que fará pequenas concessões para melhoramentos.<sup>320</sup>

O segundo ensaio citado, *Historical Change: Identity and continuity*, espelha de certa forma a política do ceticismo antes de sua combinação com a política da fé numa máquina misturadora chamada *concordia discors* perseguida com dedicação por Oakeshott. Neste ensaio, por sua vez, as considerações sobre a mudança definem as linhas gerais sobre como o cético experimenta a manutenção do juízo vigente numa cidade. Segundo o autor, a mudança carrega um paradoxo que é a combinação de dois elementos, aparentemente conflitantes, que são as *alterações* e a *manutenção da igualdade* com um sentido de ausência de modificação radical na identidade do indivíduo e do objeto. A noção de mudança é uma diferença atribuída em relação a algo que permanece inalterado. Na pesquisa histórica, na qual se procura conhecer algo ainda não conhecido, uma assembleia de eventos antecedentes perfila o *ponto de passagem* pelo qual se conhecerá as diferenças e que dará o desenho final ao evento subsequentemente conhecido. A passagem das diferenças não é a mesma coisa que a passagem da mudança. Na acepção de Oakeshott, um passado composto por eventos históricos não possui uma identidade universal ou imodificável, de modo que a *identidade histórica* é a própria *diferença*, o

---

<sup>320</sup> OAKESHOTT (1996, p. 32)

que ele chama de *modo de mudança prática*.<sup>321</sup> Seria possível acrescentar o ceticismo como adjetivo nessa definição sem ofender o argumento em si, e creio que nem o próprio autor se sentiria desapontado: a *identidade histórica cética* se confunde com a *diferença* e não com a *identidade bruta*.

Um segundo tipo de mudança é tratado como a *mudança teleológica* e conforma uma *sucessão de diferenças* que podem ser reconhecidas como *mudança* porque cada antecessora é vista como um passo fundamental para as demais. Isso significa *mudança e identidade* pelo que as *mudanças em sucessão* expressam *identidade* num estado conclusivo. Mas esse é um propósito rígido e determinístico, no qual a identidade e as mudanças já eram conhecidas desde o início. Este procedimento possui contornos místicos e religiosos. Um terceiro modo de mudança, considerada por Oakeshott, é chamada de orgânica. Esse tipo de mudança carrega uma lei de modificações em si pela qual a identidade é a própria mudança auto alimentada exemplificada por ele como uma homeostasia e também autodestrutiva como uma metástase. Não satisfeito com um discurso exaustivo sobre a prospecção da mudança histórica, ele afirma que ela pode não estar contida em nenhuma dessas descrições de perfis de mudanças. A partir disso, passa a investigar então quais condições podem satisfazer a mudança em si, se perguntando o que distingue uma passagem de mudança histórica. Duas condições devem ser satisfeitas: que um passado seja preenchido apenas por eventos históricos, e que todo *evento histórico* seja reconhecido como uma *diferença* nos termos da diferença que ele fez na constituição de algo ainda não compreendido no caráter de um evento subsequente que, por si mesmo, também é *uma diferença*. A *identidade* de algo que constitui uma

---

<sup>321</sup> OAKESHOTT (1999, p. 108-110)

*passagem histórica* precisa ser ela mesma uma *diferença* ou uma *composição de diferenças*, e cada diferença, um evento histórico.<sup>322</sup> Essas condições especiais são um tanque misturador cujo produto fica mais claro depois de um longo procedimento de circulação das descrições que merecem ser transcritas pelo próprio idioma de Oakeshott:

[...] that the identity in terms of which an assembled passage of historical events, recognized as differences, may be understood as a passage of change is nothing other than **its inherent continuity**; this continuity to be distinguished from some changeless item in the situation, from an enduring purpose or end to be realized and from the normalities or the 'law' of a process of change.<sup>323</sup> [negrito adicionado]

A continuidade é definida em termos de contiguidade de identidades unidas por elos e cadeias de conexões das partes numa atração magnética. Logo chega à conclusão de que identidades contíguas fabricam as continuidades, e que uma *mudança histórica* é um passado histórico compreendido como um *passado histórico* destituído de surpresas e desprovido de grandes mudanças, incapaz de absorver e acomodar acontecimentos anormais ou refletir mudanças revolucionárias, surpreendentes e repentinas. Um passado historicamente compreendido, objeto de pesquisa e imaginação, é composto por mudanças que não sejam surpreendentes ou insignificantes.<sup>324</sup> Um passado histórico é composto inteiramente por contingências diferentes que não têm afinidade conceitual; uma continuidade de elementos heterogêneos a divergir num estado de tensão.<sup>325</sup>

---

<sup>322</sup> OAKESHOTT (1999, p. 121)

<sup>323</sup> OAKESHOTT (1999, p. 122)

<sup>324</sup> OAKESHOTT (1999, p. 125-126)

<sup>325</sup> OAKESHOTT (1999, p. 127)

Acredito que *Being Conservative* completa uma trirreme do que chamei aqui nesta seção se *solução* Oakeshott. Evidentemente desprezo a cronologia dos trabalhos e me ocupo em organizá-los segundo o que significam e não quando ou o que nasceu primeiro na sua biografia. Depois de definir o que é a política do ceticismo e mostrar como os eventos históricos são descritos pela lente cética por uma espécie de movimento contínuo, nesse artigo ele impõe uma terceira ordem de afunilamento no objeto que agora passa a constituir mais exatamente a conduta conservadora. Não é ocioso dizer que ele deixa de conduzir a pesquisa sobre a natureza do indivíduo conservador e passa a trabalhar com algo menos sujeito às indisposições intelectuais sobre o tema, de onde resulta a sua ênfase na *conduta* e mais exatamente na *disposição*, nas *maneiras* e no *comportamento conservador*. Trata-se de uma inclinação não menos importante do que outras atitudes que podem não se articular perfeitamente com grandes sistemas filosóficos, mas que são igualmente elegíveis. Trata-se de estar disposto a realizar algumas escolhas e seguir algumas condutas, ao invés de outras nas quais não se aplica a articulação de princípios gerais. A característica geral dessa disposição é uma propensão a desfrutar o que está disponível, ao invés de desejar algo diferente, aproveitar o presente, mais do que ele já o fora ou mais do que ele possa ser; significa estimar o presente sem uma conexão remota com o passado antigo, significa uma adesão ao contíguo.<sup>326</sup>

O registro da conduta conservadora é uma narrativa longa de atitudes descritas por verbos no infinitivo como é ser, é pensar, é estar, é crer, é ter, é viver, é considerar, é entender, é esperar, é desejar, é preferir, é preservar. Passo a me dedicar à

---

<sup>326</sup> OAKESHOTT, 1991, op. cit.

O texto foi originalmente uma aula na Universidade de Swansea em 1956 e publicado na primeira edição de *Rationalism in Politics*.



apresentação de algumas dessas expressões verbais que dão abertura para o perfil desse conservador. Ele prefere o presente, o familiar, o contíguo, a constância, a regularidade, a estabilidade, a identidade, a manutenção, o testado, o que está em uso, a imperfeição aprovada, o conhecido, a prudência, a moderação, o comedimento, a permanência, o regular, o atual, as regras, a organização conhecida, a continuidade, a conveniência. A mudança e a inovação funcionam sobre esses preceitos importantes ao conservador perfilado. A primeira constitui o evento que invariavelmente altera e desconforta esse mosaico conservador, ainda que indisposto, ele tem que sofrer com a mudança, ela é impositiva: a morte, as estações do ano, a doença. Embora varie em intensidade ao longo do artigo, de grave a suave, a inovação é de certa forma negociada, ela aparece como um plano de intervenção na vida, pois ela é de certa forma desenhada, programada, planejada. Esse indivíduo é educado para manter a aquisição no mesmo patamar e a perda o machuca. A inovação ideal precisa produzir alterações muito pontuais, lentas e o ônus da prova sobre a sua benfeitoria é do inovador. As inovações dão trabalho, aborrecimento, descontentamento, descontrole e disrupção. O conservador tem um tipo de custódia do museu, ele age em torno de um patrimônio e observa as práticas que guardam esse estoque em tamanho e qualidade. Ele age em conformidade com as práticas em curso, as ferramentas disponíveis, algo como regras de conduta e não procura impor o seu estilo de vida sobre os demais, ainda, não se ocupa em ser hostil ao progresso.<sup>327</sup>

Com respeito à política, essa conduta conservadora não amalha nenhuma crença geral sobre o indivíduo, a natureza ou o mundo. De outra forma, o que confere

---

<sup>327</sup> OAKESHOTT (1991, p. 415)

inteligibilidade sobre os laços entre essa disposição e a política é a crença na atividade de governar e nos instrumentos de governo. Decorre dessa visão inicial que o governo carrega a tarefa de custodiar, mediar, coordenar os costumes, o uso e as regras. A atividade de governar é específica e limitada e não frustrar expectativas é melhor do que a imposição de planos. As populações humanas são complexas, variadas, multifacetadas em interesses e preferências e assim o sendo, a colisão é um perigo iminente. O governo é o agente capaz de lembrar, observar as regras de conduta aprendidas, assimiladas, em nome da convivência. A sociedade está inscrita no usual e não há nenhum diagnóstico do caos que anteceda a administração do governo. O escritório de governo não é o local da aplicação do sonho privado sobre a convivência coletiva, ela é meramente um escritório de regras conhecidas. Elas devem ser promovidas em nome da paz. O governo deve ser ritual, custodiar esses mesmos ritos, não deve ser filosófico ou religioso; servir ao desfrute da ordem e do comportamento pacífico, não deve buscar a verdade ou a perfeição. O governo não é um empreendimento, mas o regulamento de um conjunto emaranhado de ideias, opiniões, divergências e entrechoques de indivíduos. As atividades humanas colidem entre si, de maneira que um papel primordial do regramento entabulado por leis seja estabelecer a paz.<sup>328</sup>

Um indivíduo com o temperamento, o ânimo, a disposição e a conduta conservadora não transige facilmente com a inovação. A familiaridade deve prevalecer sobre a novidade e o governo é o melhor meio de fazer valer a virtude do regramento comum. As alterações tecnológicas, as modificações inevitáveis devem ser acompanhadas por alterações na crença correspondente às pessoas sujeitas a elas.

---

<sup>328</sup> OAKESHOTT (1991, p. 430)

Não pode haver uma imposição regular de uma idiossincrasia grande o suficiente para introduzir algo abruptamente. É melhor aprimorar uma lei do que inventar uma nova, também é melhor observar atentamente o estado de coisas até que a alteração seja inevitável e dentro de um quadro desejável de circunstâncias razoáveis para acomodá-la. A política lhe aparece como uma atividade na qual as ferramentas serão ajustadas de tempos em tempos e nunca como uma atividade recriável ou como uma oportunidade para o reequipamento perpétuo. Não há lugar para paixões dentro do governo e da arte de governar. Esta arte é vista pela compleição conservadora como a operação de conciliar, apaziguar, desinflamar as paixões imoderadas resultando que a moderação não deve ser observada por ser virtuosa e a paixão um vício, mas porque ela arrefece o arroubo, o abrupto e media a frustração sobre um sistema de regras habitual sob ameaça. Um governo com esse perfil aplica por nós o ceticismo o qual não tivemos o tempo e nem a inclinação de fazer por nós mesmos. Ele é como o toque frio. Ele é inerte. Esse temperamento conhece o valor do ordenamento e da observação de regras constantes para prover a liberdade necessária dentro de um panorama geral confortavelmente conhecido.<sup>329</sup>

### ***Discussão sobre a solução Oakeshott***

A decisão de trabalhar com as características transversas manifestada pela atividade de governo, algo comum a qualquer comunidade humana, traz o prêmio da objetividade e o fardo da compressão do entendimento do que seja a política. Imaginando ter apresentado a cerimônia da objetividade e dos ganhos iniciais, gostaria de anotar o que talvez seja a complementação ou a minha percepção das

---

<sup>329</sup> OAKESHOTT (1991, p. 430)

limitações, dos problemas que percebi com o cerimonial. A política é mais crível pela atividade de governo, isso é uma evidência, de forma que através do governo ela ganha a materialidade com rebatimentos sobre mais indivíduos numa comunidade.<sup>330</sup> A atividade de governo afeta a vida das pessoas. Seja como for, assim definindo os contornos da matéria política desprezamos a extensão e nos concentramos no ponto.<sup>331</sup> A política passa pelo governo e ganha substância com atributos universalizáveis como planos, leis, ordens e serviços. Este é o ponto de aquisição da análise. Perdemos a extensão quando ignoramos os plurais que nos avisam que a política define os governos, os escritórios, os perfis das atividades, os programas da conservação e os das inovações amplas e infindas. Inversamente, os governos não definem a política. Perdemos ainda quando deixamos de observar que ela própria atravessa uma quantidade de grupos, de indivíduos, de instituições e de sistemas organizados e desorganizados de interesses que produzem escritórios com quadros dinâmicos, como são esses pontos de quando em quando em democracias e em sistemas não democráticos. Eu me refiro aos sistemas formais ou informais de representação alternada no interior dessas instituições. Portanto, a política ganha inteligibilidade em qualquer reunião de indivíduos e ideias a eles associados, materializados em escritórios de administração de interesses, inclinações,

---

<sup>330</sup> Venho empregando o termo comunidade num sentido aberto abarcando qualquer reunião de indivíduos humanos. Há outras tantas opções *objetivas* sobre esse tema e algumas bastante famosas como o *Estado*. Há vários entusiastas dessa expressão ampla e aparentemente material, concreta e real. Nisbet credita ao Estado a influência mais decisiva sobre o mundo ocidental e a sua organização num território centralizado. Ele faz ao menos a gentileza de dividir Estado e sociedade. Faço algo análogo com a atividade de governo de Oakeshott, abro a política para fora desse ambiente *real, material e concreto* para outras formas de manifestação.

-NISBET, Robert. **The Quest for Community**. Wilmington: ISI Books, 1990.

<sup>331</sup> Ao discutir a cidade grega, a polis, Kitto se lembra da associação dilatada da política. Basicamente afirma a noção ampla e pouco desenhada, necessariamente, dentro das instituições. Versão mais simpática do que a versão objetiva em torno do escritório de governo. "(...) para frisar que se trata de muito mais do que uma forma de organização política. A *polis* era uma comunidade viva baseada no parentesco real ou suposto – uma espécie de grande família, que transformava em vida de família o maior número possível de aspectos da vida, e que, é claro, tinha as suas disputas familiares, as quais eram tanto mais ásperas, quanto eram de família." p. 129.

-KITTO, H. D. F. **Os gregos**. Coleção Stvdvdm. Tradução José Manuel Coutinho Castro. 3. Edição. Coimbra: Arménio, Editor, Sucessor, 1980.

disposições conservadoras, atitudes conservadoras ou estilos conservadores.<sup>332</sup>

Estou propondo um sistema de pensamentos conservadores atomizados em várias associações de indivíduos materializadas em atividades formais ou informais para a manutenção da conservação, e que tais escritórios podem produzir *sentimentos* análogos aos da atividade de governo, rivais aos do governo e complementares aos do governo. O ato de conservar e os seus produtos intelectuais, os pensamentos conservadores, portanto, ganha materialidade dentro ou fora da atividade de governo. Ele é inteligível na família, na igreja e numa variedade infinda de corporações expressas em estatutos ou apenas em iniciativas não registradas em atas, mas em atos.<sup>333</sup> Debaixo de cada pedaço de projeto arquitetônico, de onde Oakeshott recolhe os estilos e a regularidade, deve haver o registro de uma obra de engenharia civil, debaixo desse projeto deve haver um programa de ordenamento de área, dentro do programa de ordenamento deve haver um grande número de construções regulares do ponto de vista formal e irregulares do ponto de vista da

---

<sup>332</sup> WEBER, Max. A política como vocação. In: GERTH, H. H & MILLS, C. Wright (Org.). **Ensaio de Sociologia**. 4ª Edição. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

Weber tem preferência sobre a potência comumente chamada de poder e a sua distribuição. “Daí *política*, para nós, significar a participação no poder ou a luta para influir na distribuição do poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado.” p. 98.

-MILIBAND, Ralph. **The state in capitalist society**. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1969.

Aquela versão de Weber, fixa em torno do Estado e do poder, tem o seu prosélito e algumas variantes que combinam os interesses e a sua eficácia sobre as decisões coletivas. Miliband afirma que: “there are no such predominant classes, interests of groups. There are only competing blocs of interest, whose competition, which is sanctioned and guaranteed by the state itself, ensures that power is diffused and balanced, and that no particular interest is able to weigh too heavily upon the state.” p. 3

- DUVERGER, Maurice. **Ciência Política: teoria e método**. Tradução Heloísa de Castro Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

Duverger associa poder e crença numa definição sumária: “... todo poder repousa largamente sobre as crenças.” p. 15.

<sup>333</sup> Estou falando de associações de grupos humanos em sentido aberto e não descrito por documentos, mas por uma variada informação de fonte formal, informal, descrita por textos ou por toda sorte de organização não sistematizada como todo e qualquer pequeno agrupamento humano que compartilhe valores. Isso inclui comunidades diminutas em tamanhos ou populações contadas aos milhões. Populações organizadas por parâmetros simples como hereditariedade, pequenos agrupamentos étnicos e culturais. Creio que o trabalho antropológico editado por Banthou, que reúne estudos com a Índia e África, cumpra a função de ilustrar esse tipo de população e organização política mais variada do que a ordem unida em torno de instituições.

-BANTON, Michael (ed.). **Political Systems and the Distribution of Power**. London: Tavistock Publications, 1965. A.S.A Monographs 2.

construção em si, e sobre esses projetos informais deve haver alguns resultados plásticos da obra de arquitetura ou do acidente arquitetônico, montados sobre uma base difusa e não ordenada num sistema de coerência.

A política da fé é uma atualização importante do modo dogmático de preencher a vida política, assim me aparece. A política do ceticismo honra o melhor estilo da narrativa sextiana no encontro do ceticismo com a política. O choque amigável das duas políticas na máquina misturadora produz uma variedade de modalidades importantes para a análise da vida política. Creio ser possível reler a mistura das duas políticas de Oakeshott. O papel do cético é frear a ambição imoderada do estilo dogmático. Nesse aspecto, acredito que é possível trazer os nomes às coisas, às atividades, e mais exatamente, quais pontos do ceticismo colaboram no entrelaço. Em primeiro lugar, o cético enxerga o rival, ele o compreende num sistema de diagnose da enfermidade. O cético lembra o conflito inerente à atividade de fabricação de imagens discrepantes: há muitos *melhores* e há muitos *perfeitos*. Da mesma forma, ele produz a diafonia, mostra a capacidade e a plausibilidade num universo de fabulações infundo, de modo que, existindo um repertório vasto de versões de *perfeitos* e de *melhores*, resulta que é impossível decidir sobre o melhor entre eles. Suspende-se o julgamento. O controle sobre a melhoria dogmática, o controle da causalidade num objeto *melhor*, de uma ideia abstrata de *melhor*, não oferecem o conforto intelectual da regularidade de objetos conhecidos pela experiência institucional. Na inobservância do sistema de causalidades familiares, que abastece a experiência regular, a vida institucional, a vida política, o efeito, a imprevisão, o imponderado se abate sobre um predicado caro ao cético: descontrolo de causas impõe o descontrolo institucional. Na falta de regularidade causal, a

imagem que aparece ao cético é a de um colapso institucional, o retorno ao conflito intelectual e físico. O governo cético será, portanto, o guardião da ataraxia, da tranquilidade e da sua projeção. Ele evitará o retorno da barbaridade, da brutalidade e da bestialidade. Esse quadro de conservação compõe o cenário visto, o realizável e o controlável do ponto de vista cognitivo.

Segundo me ocorre, a partir da leitura de *Identity and Continuity*, a identidade política é um assunto bem caro, valioso e configura uma espécie de virtude em Oakeshott. Nesse aspecto, as mudanças conformam um atentado contra um patrimônio comum. A organização da mudança ocorre num quadro de tolerância cética<sup>334</sup>, num sistema conceitual que dilui o remoto e se aferra ao contíguo, pois trata-se de um desenho e de um programa de mudanças tuteladas por um centro de monitoramento de alterações desconfortáveis e dentre elas um novo sistema de detecção e plebiscito sobre as menos ruidosas. As três mudanças eleitas pelo ensaísta, a prática, a teleológica e a orgânica ainda passam pelo crivo de duas condições duras de serem operadas, sobra pouco espaço para as alterações da rotina cidadina. O desenho da mudança tolerada fica reduzido a um ajuntamento de experiências conexas e familiares que expressam continuação, continuidade e nunca disrupção. Tomamos então conhecimento de que a identidade e a continuidade caminham organizadas pelo ceticismo. O som da mudança é rebaixado, arrematado a uma continuidade de rotinas intelectuais no seio da interpretação da história.

---

<sup>334</sup> Há quem pense que os céuticos são capazes de se opor à tolerância e aos seus fundamentos. A segunda parte do raciocínio está correta, a primeira também carece de fundamentos. Rengger. p. 84. -RENGGER, N. J. **Political Theory, Modernity and Postmodernity: beyond enlightenment and critique**. Oxford/Cambridge: Balckwell, 1995.

*Being Conservative* é uma descrição exaustiva da atividade de governo com estilo conservador. Essa decisão de Oakeshott aplica uma ênfase exaustiva sobre a conduta, a atividade, a ação e a prática conservadora. O curso dessa iniciativa, a prática da conservação, é um objeto solto, sem remissão a generalizações abstratas por meio de sistemas filosóficos. Penso que esse trato e que essa aplicação do indivíduo conservador afasta demasiadamente o ceticismo desse estilo. Os céticos são laterais nessa abordagem, não há marcações claras que indiquem que o ceticismo pode colaborar com esse perfil de compreensão. Na verdade, é um traçado de práticas organizadas num escritório, uma narrativa de rotinas administrativas consagrando o que ele chama de ritual. Sabemos como esse indivíduo atua, como e por que decide ser conservador num contexto de disputa sobre práticas ou ideias melhores sobre a atividade de governar. Não tenho a menor segurança para sequer afirmar que esse indivíduo ou sujeito seja verdadeiramente um cético e que fica claro que há apenas um cético, Oakeshott<sup>335</sup>, narrando como um conservador, ou na verdade, como a conduta conservadora lhe aparece. Sabemos, pelo trabalho a *Política da Fé* e *Política do Ceticismo*, como o ceticismo interage com a política e quais são algumas de suas competências. Da mesma forma, sabemos por *On History* que a *mudança* na pesquisa histórica do ceticismo é uma imagem suave, contínua, constante e sem extremos e sabemos finalmente, em *Being Conservative*, como o indivíduo conservador se move no mundo diminuto organizado em torno do escritório de governo. Embora identifique o indivíduo, segundo a minha própria visada, não identificamos o ceticismo durante as práticas, isso não é evidente e não é uma informação desprezível. Esse conservador é inerte, na verdade ele sequer o apresenta como um conservador, mas como um prático de

---

<sup>335</sup> BOTWINICK, Aryeh. **Michael Oakeshott's Skepticism**. Princeton and Oxford: Princeton, 2011.



ações conservadoras. Não fica visível e não quer deixar claro que ele tenha um entendimento aberto da natureza da atividade política e de suas potencialidades. Ele não tem uma leitura conservadora de mundo, o conservadorismo lhe cai no colo como o molda, como as *teorias da inação* vestem ou vestiriam plasticamente o personagem de Oakeshott. Esse personagem responde intuitivamente, ele não reflete, não define, não constrói e não projeta algo substantivamente chamado de conservadorismo e, ainda menos, algo que se possa considerar como um pensamento conservador. Ele resulta de um conjunto de pequenos acidentes sociais, pequenas acomodações ao tempo presente, ele não formula, apenas anda e talvez fale com alguma dificuldade de articular frases completas.

Pelo contrário, penso que o ceticismo pode conferir um sistema, um conjunto ordenado de premissas abstratas e filosóficas que pode produzir um corpo. O pensamento conservador cético pode ser ativo, positivo e vigoroso contra a inovação. Entendo inclusive que *o prático, o praticante* da formulação desse sistema se acomodaria perfeitamente na narrativa do conjunto de condutas conservadoras de Oakeshott. Entre esses dois extremos, entre as premissas e o condutor da fabulação conservadora, reside algo que pode ser chamado de pensamento conservador cético. Esse pensamento ordenado a partir de pontos específicos do ceticismo pode ser articulado, definido e projetado por um observador, por um analista, por um filósofo, por um pensador, por um corpo de inteligência intelectual, também por um prático daquela mesma conduta anotada por Oakeshott, por uma mente que organize intelectualmente a rotina de procedimentos do ceticismo no contexto da disputa e da atividade da política em sentido aberto. Entendo que essa atividade pode ser levada a termo dentro e fora do escritório de governo e que é

perfeitamente plausível imaginá-la dentro de um variado grupo de corporações instituídas documentalmente ou não. Entendo ainda que o contexto, a manifestação desse pensamento pode ser resultado de um evento remoto, contíguo ou ser parte de ambos, de maneira que a sua ocorrência pode ser verificada em cenários variados de calma ou agitação social indistintamente, inclusive, ser verificada em sistemas, regimes e agrupamentos políticos variados. A ocorrência desse pensamento conservador pode ter a *identidade* de Oakeshott como referência extemporânea que, segundo entendo, pode conferir mais materialidade que a própria atividade laboral de governar. A identidade define *o que* se conserva, o ceticismo define *como*, esse cético também define a ocorrência intelectual e a ocorrência prática dessa atividade dentro ou fora de eventos históricos desconfortáveis à identidade individual e comunitária. O pensamento conservador não precisa da comoção, da revolta e de uma convulsão para existir.

O pensamento conservador cético é uma atividade intelectual, ele é um corpo de rotinas abstratas de interpretação da conduta da experiência intelectual dogmática e das práticas do homem ordinário baseadas nessa mesma linha de fabricação de mundos melhores.<sup>336</sup> Esse conjunto de rotinas é parte de uma atividade positiva e com escopo temporal distinto daquele indivíduo aferrado ao tempo presente em *Being Conservative*. A identidade é o que se preserva, a inovação é o objeto que ameaça.<sup>337</sup> A prática sistemática do observador cético inclui mais do que um só

---

<sup>336</sup> Portanto, dispense a investida de Lord Hugh com o seu conservadorismo primitivo, segundo um indivíduo naturalmente refratário a mudanças por mero medo. Trabalho com a inversa dessa investida contra a identidade e a reação visceral à mudança. Proponho um corpo ativado por um pensamento baseado em pontos claros do ceticismo.  
-CECIL, Lord Hugh. **Conservatism**. New York: Henry Holt and Company, 1912. Home University Library of Modern Knowledge.

<sup>337</sup> Mills tem uma percepção oportuna da manutenção de valores consagrados como bem-estar. "Quando as pessoas estimam certos valores e não sentem que sobre ele pesa qualquer ameaça,

tempo da experiência social. Penso que o fabulador do pensamento conservador cético produz uma análise forte e equilibrada, tendo como referência os tempos que nos são facultados: o passado, o presente e o futuro.<sup>338</sup> Os tempos cronológicos e os tempos nos aparecem pela experiência intelectual dos observadores e formuladores das histórias das ideias políticas. A *inteligibilidade* desse corpo de pensamentos conservadores me aparece pela identidade do indivíduo, do sujeito e de uma comunidade de pessoas em grupos reduzidos e também entre populações maiores em torno de corporações formais ou informais. Os meios mais conhecidos e mais evidentes das descrições céticas, segundo percebo, ocorre em número de cinco. Não é demais dizer outra obviedade: reconheço neles uma inequívoca redução analítica, supressiva<sup>339</sup>, infundada e tímida em relação à contribuição do ceticismo para a política e para o que chamo de conservadorismo. Creio que há um corpo de premissas no ceticismo que conforma um sistema de conservação, um corpo que constitui a base comum para o pensamento conservador cético, os fundamentos de um conservador caracterizado pelo adestramento na moderação. Afirmo simplesmente que essa parcela me apareceu com mais veemência que as

---

experimentam o *bem-estar*. Quando os estimam, mas sentem que estão ameaçados, experimentam uma crise – seja como problema pessoal ou como questão pública. E se todos os seus valores estiverem em jogo, sentem a ameaça total do pânico.” p. 18.

-MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução Waltensir Dutra. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

<sup>338</sup> Um dos problemas de autoridade, cujo princípio discute-se em Arendt, *Entre o Passado e o Futuro*, era ser calcada no passado. Além disso, anota que: “Mas a perda da permanência e da segurança do mundo – que politicamente é idêntica a perda da autoridade – não acarreta, pelo menos não necessariamente, a perda da capacidade humana de construir, preservar e cuidar de um mundo que nos pode sobreviver e permanecer um lugar adequado à vida para os que vêm após.” p. 132. Acredito que a parcela do ceticismo nesse mundo pode ser a preservação, a permanência e a regularidade, é, também, fundamentalmente, articular as conexões e a regularidade necessária para a experiência social ser menos permeável à agressão dogmática.

-ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Coleção Debates.

<sup>339</sup> A palavra e a estratégia têm inspiração ou concordância com uma asserção de Goodman: “A nossa capacidade para não ver é virtualmente ilimitada, e aquilo que assimilamos consiste habitualmente em fragmentos significativos e pistas que precisam de complementação massiva.” p. 51.

-GOODMAN, Nelson. **Modos de fazer mundos**. Tradução António Duarte. Porto: Edições Asa, 1995.

outras tantas possibilidades do mobiliário cético que passaram por essa pesquisa, ou que me aparecem com mais conforto, ordem e medida:

(i) a *suspensão do julgamento* manifesta uma *definição e uma adesão temporal*, manifesta também um padrão de observação do mundo e da atividade intelectual em cortes intelectuais e cronológicos maiores que os da produção intelectual dogmática; o cético experimenta um tempo dilatado e com um perfil calmo, lento e impoluto; (ii) o seu controle da *causalidade* produz a conexão entre as experiências temporais num sentido específico: ele regula, rotiniza, programa a experiência política passada, presente e futura, de modo que o cético controla a narrativa do passado, domina a crônica presente e que, de ambas, projeta a tranquilidade para o futuro, e baseado nesse entendimento, a meu juízo, ele repele o sistema de causalidades dogmáticas; assim nos apareceu, assim nos aparece, assim desejo que nos apareça; (iii) nos seus métodos comuns, métodos coletivos de entendimento, reside a identidade, *como as coisas lhe aparecem*, e por seu intermédio conhecemos a virtude da personalidade do indivíduo e de sua manifestação dilatada, a sua predileção pelas *instituições*, pelo que também tratei como corporações em sentido aberto; (iv) o cético é ativo intelectualmente, de maneira que possui a pretensão e a sensibilidade de compreender os fundamentos, os limites e as possibilidades inquietantes das narrativas dogmáticas. O controle das rotinas dogmáticas dispara um sistema de *apego e valorização da tradição*. Essa imagem pode surgir a partir de um sistema em torno das relações expressas entre a diafonia e a epoché. Creio ser possível tratar essa relação simplesmente como um modelo *diafonia-epoché*. Ele me aparece como um jarro com quatro alças cujo conteúdo é uma substância de cor suave e que fixa a memória: a) a primeira delas é

um convite sedutor ao dogmático para que ele perceba os sistemas rivais igualmente plausíveis sobre o *melhor* em matéria de política, de modo que pare para pensar sobre o sistema rival; b) a segunda, a *epoché*, consiste num provisional adiamento da decisão sobre esse mesmo *melhor* que, na visão do conservador cético, civiliza a convivência no parâmetro mais vantajoso para a manutenção da identidade do indivíduo e do agregado social; c) a imissão da diafonia, na disputa política, fundamenta a projeção da decisão para um futuro difuso, incerto, desconhecido, enquanto tem curso a vida organizada pela tradição, pela moderação, pela tranquilidade; d) a quarta dessas alças é caracterizada pela repetição dessa potência trituradora: a diafonia é um instrumento de uso repetido embasado pelo sistema original de detecção e diagnóstico dos sistemas dogmáticos, de maneira que a sua operação prescreve conforme a desativação dos sistemas dogmáticos. (v) o seu *amor à humanidade* aparece-me como uma manifestação filosófica e ao mesmo tempo como uma atitude partidária. A preferência de Sexto Empírico é definir-se como um jeito de pensar, mas isso não bloqueia a sua participação na disputa sobre o futuro da convivência pública. Isso o habilita a transitar na cidade entre a prática intelectual dogmática e a não-dogmática, entre a ação e a inação na política. O altruísmo cético aparece por uma militante inativação, neutralização ou arrefecimento do conjunto de anseios dos reformadores sociais.

## Capítulo 3

### A bebida de Circe: a invenção do pensamento conservador em Montaigne

Nóis tava num coco cantando repente  
Dançando imbigada, bebendo aguardente  
Brigando e amando que nem sempre é  
Nas festas qui tem cachaça e muié  
Mas quando avistemo quatro sordado  
Na raça cantemo esse coro rasgado

Nesse coco poliça num tem vez  
Se acaba no pau, se falá em xadrez  
(*O Delegado no Coco – Zedantas*)

#### Carta ao leitor avisado

Se o ceticismo por si acomoda uma explosão de significados variados, Michel de Montaigne recebe com facilidade uma série disparatada de distinções e impressões daqueles que se dedicam a estudá-lo. Da mesma forma que há muitos ceticismos, há muitos pensadores e vários pensamentos destacáveis através dos Ensaios de Michel de Montaigne. Há abertura para abordagens literárias<sup>340</sup>, históricas<sup>341</sup>, filosóficas<sup>342</sup> e sociais<sup>343</sup>, de modo a tratá-lo inicialmente por rubricas mais gerais. Os

---

<sup>340</sup> EHRlich, Hélène-Hedy. **Montaigne: la critique et le langage**. Paris: Editions Klincksieck, 1972.

Esse trabalho amarra assuntos caros à Montaigne: crítica às guerras civis, à *máscara*, ou ao ato de apresentar-se em público com personalidades diferentes de acordo com as circunstâncias, e a função do ensino, da língua, do sujeito (o *eu*) e do pensamento.

<sup>341</sup> DUBOIS, Claude-Gilbert. **Montaigne et L'histoire**. Actes du colloque international de Bordeaux (29 septembre-ier octobre 1988). Paris: Editions Klincksieck, 1988.

Nesse trabalho, podemos ter uma mostra da relação de Montaigne com os exemplos históricos ou de como ele usa a história. Os textos tratam a adoração do ensaísta por Roma e Júlio César e que, da mesma maneira, trazem tópicos recorrentes como a ironia e a controvérsia religiosa.

<sup>342</sup> HARTLE, Ann. **Michel de Montaigne: accidental philosopher**. New York: Cambridge University Press, 2003.

Esse trabalho sequer considera Montaigne um cético e o ceticismo teria sido apenas uma de suas fases intelectuais de sua relação com a filosofia.

-DUMONT, Jean-Paul. **Le scepticisme et Le phenomena: essai sur la signification et les origins du pyrrhonisme**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1972. Bibliothèque D'histoire de la Philosophie.

Ensaaios acomodam três livros cujo assunto principal é aparentemente ninguém menos que o seu próprio autor. Apenas essa sentença exploratória é capaz de gerar uma intensa discussão sobre o que de fato tratam os seus textos. Sem pretensões globais sobre Montaigne, esta etapa do trabalho se ocupa de uma parcela do ensaísta e dos seus escritos em torno de uma premissa básica: o que liga os vários significados possíveis convergentes e antagônicos nos três livros é o ceticismo pirrônico. As maneiras, os modos como penetramos nos Ensaaios também variam proporcionalmente de acordo com as múltiplas aberturas fornecidas pelo ensaísta. Alguns traços mais gerais da obra podem ser sumariamente citados por duas características mais marcantes. A primeira delas diz respeito ao trato de textos antigos. Creio que a riqueza de remissões aos textos clássicos da filosofia antiga, especialmente aos autores gregos e romanos, algo aparentemente trivial para um escritor renascentista, ganha contornos próprios pela abordagem cética e por sua aplicação contra si mesmo, de modo que cada *autoridade*, assim ele as trata, é acolhida para falar *dele* e falar *a* ele, de modo que aqueles autores são seus *amigos* e não são fontes doutrinárias. A segunda característica diz respeito ao estilo. A narrativa dos textos não obedece a uma forma agregada do que resultam variações seguidas na forma, direção e conteúdo.<sup>344</sup> Estamos tratando de uma obra não

---

Em Dumont vemos não só que Montaigne é cético, como também que a interpretação do fenômeno é parte da sua fabulação, fantasia e imaginação que por sua vez são calcadas em Sexto Empírico.

<sup>343</sup> WEILER, Maurice. Para conhecer o pensamento de Montaigne. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaaios 3**. Tradução Sérgio Milliet, precedido de Montaigne – o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Hucitec, 1987. 3v.

Weiler usa uma frase índice excepcional para introduzir Montaigne: *a esfinge*.

<sup>344</sup> DA SILVA, H. Pereira. **Montaigne: Brasil, Alma e Obra**. Rio de Janeiro: Museográfica Editora, 1977/78.

Segue uma pequena síntese.

“Titã do pensamento nos ensinamentos requintados das civilizações, Montaigne conduziu sua existência metido na torre do seu castelo, manuseando livros clássicos para deles servir-se, sem contudo repeti-los, embora Sócrates, Sêneca, Lucrecio, Cícero, Horácio, Plutarco e outros tenham, no início dos Ensaaios, se misturado, consciente ou inconscientemente, à limpidez das suas próprias concepções. Aos poucos, porém, essa mistura se dilui ante o vigor de um cérebro sem sujeição a ordem estabelecida pela antiguidade ou pela contemporaneidade.” p. 25.

sistemática e daí uma motivação adicional para se trabalhar com algo tão rico em variações estilísticas aparentemente fundadas em filosofia. É impossível apontar um e somente um Michel de Montaigne e, da mesma forma, apontar alguma coisa que vertebre ou verticalize todos os três livros dos Ensaios em torno de um consenso e que, para além deles, algo que por extensão abarque os seus diários de viagens.<sup>345</sup>

Os fins dessas narrativas são variados, e os meios, *ele mesmo*.

Montaigne fornece várias portas de ingresso, entre tantas escolho uma cuja definição estreita não acomoda consenso ou mais facilidade pela pretensa objetividade. Compreendi alguma coisa com aqueles que o leem como quem lê literatura. Este tipo de leitura talvez seja ao mesmo tempo a análise mais aberta e coerente com o ensaísta. Mas, aprendi especialmente com o argentino Borges, ao

---

<sup>345</sup> Para esse trabalho consultei como fonte primária quatro publicações diferentes dos Ensaios. No Brasil, temos duas traduções em língua portuguesa. A mais famosa e mais difundida é a de Sérgio Milliet, com a qual trabalhei para a pesquisa e redação de Configuração Política em Michel de Montaigne, dissertação de Mestrado apresentada junto à Universidade Federal Fluminense em 2006. Para esse trabalho consultei outras três. A tradução recente para o português de Rosemary C. Abílio, trabalho que tem o mérito de trazer anotações sobre as correções feitas por Montaigne ao longo das edições e o demérito de, vez por outra, interpretar o texto em notas de rodapé. Consultei ainda a tradução do montaignista Donald M. Frame para o inglês, trabalho que tem a facilidade de organizar os três Livros dos Ensaios num único volume e torná-lo portátil. Além disso, esse volume traz um valioso índice de nomes próprios que talvez seja capital para as revisões de leituras, especialmente para os interessados em detalhes específicos. E consultei também a versão digital em francês disponibilizada pela *eBooksfrance*. Essa versão digitalizada em 1999 traz a vantagem óbvia do original do idioma e a facilidade dos comandos de busca que aceleram as comparações e identificação de pontos-chave. Consultei ainda um volume dos diários de viagem.

-MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 3 Volumes. Coleção Os Pensadores.

-MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes. 3 Volumes. Coleção Paidéia.

-MONTAIGNE, Michel de. **The Complete Essays of Montaigne**. Translated by Donald M. Frame. Stanford: Stanford University Press, 1965. Originalmente publicado em 1957 como *The Complete Works of Montaigne*.

Ainda em inglês, o Fundo da Liberdade disponibiliza os Ensaios em arquivos digitais numa edição traduzida por Charles Cotton e tem como título *The Works of Michel de Montaigne*. Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/>>. Acessado em: 2010.

-MONTAIGNE, Michel de. **Les Essais**. Versão Digital. eBooks France, Mai, 2000. Disponível em: <[www.ebooksfrance.com](http://www.ebooksfrance.com)>. 3 Volumes. Acessado em: 2010.

-MONTAIGNE, Michel de. **The Journal of Montaigne's Travels in Italy by way of Switzerland and Germany in 1580 and 1581**. Translated and Edited with an introduction and notes by W. G. Waters. In three volumes. Vol. I. London: John Murray, Albemarle Street, 1903. Reimpresso por University of Toronto Libraries, Janeiro de 2013.



discutir a validade do conteúdo sobre a forma, que sequer nesse campo de estudos os Ensaísta estão a salvo e acomodados à margem de dissensos. O argentino revê a crítica ao ensaísta, como a que supostamente qualifica os textos dos Ensaísta como uma *prosa de sobremesa*. No entanto, Borges prefere considerá-la rica e oportuna, e a qualifica como uma *prosa conversada e não declamada*.<sup>346</sup> De vários autores em Montaigne, tomo o cientista e cronista social, o que *fala em forma de conversa*.<sup>347</sup> Entre vários nomes presentes nos textos do ensaísta, escolho um como preponderante e mais influente, Sexto Empírico, entre tantos assuntos comentados, me socorro apenas por um, abraço a política. A partir do ceticismo, pretendo examinar nos Ensaísta a atenção que Montaigne fornece à política e à inovação. Essa é a parcela da qual passo a me ocupar. A partir da combinação de ceticismo e política nos textos do ensaísta, procuro verificar os traços mais marcantes do que pode ser chamado de pensamento conservador. Tratarei de verificar a relação do ceticismo com o conservadorismo e de apontar como isso pode ser descrito. Procuro narrar alguns aspectos do ceticismo que podem auxiliar a interpretar Montaigne do ponto de vista da política, mostrar um pensamento conservador bastante citado e pouco ou nada definido por comentadores montaignistas. Com isso, penso trabalhar com a reposição da seguinte questão: qual pensamento conservador resulta da combinação do pirronismo e de sua aplicação realizada por Montaigne? Creio ser possível apontar de quais traços do pirronismo Montaigne se serve para definir o seu conservadorismo. Com isso, será possível avançar diante das assertivas desconexas que simplesmente apontam o ensaísta como conservador aos olhos da interpretação recente; imagino que o melhor caminho para fazê-lo seja caminhar de

---

<sup>346</sup> BORGES, Jorge Luis. **Discussão**. Tradução Josely Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 50.

<sup>347</sup> Passo a usar a citação entre parênteses para a versão dos Ensaísta traduzidos por Rosemary C. Abílio e colchetes para Sergio Milliet. Ver nota de rodapé n. 5. (3, 11, 374)

Pirro a Montaigne, ao invés do trajeto pensamento conservador contemporâneo a Montaigne. Examino o que se conserva, como e de que aspectos são constituídos o que pode ser chamado de conservadorismo cético. Para trabalhar com um pouco mais de nitidez, verifico a hipótese segundo a qual é possível constatar esse pensamento em Montaigne por características conhecidas, dentro do pirronismo, como a ataraxia, a suspensão do julgamento, a função da causalidade, da defesa da tradição, dos hábitos e dos costumes; e com a atividade intelectual do cético, o papel do dogma e a sua associação à inovação, à mudança.

### **A consistência conservadora**

Alguns comentadores de Montaigne se destacam pela permanência e oportunidade dos pontos destacados dos Ensaios, enquanto outros são mais marcados pelo conjunto de suas narrativas. Creio que este último tipo pode ter como exemplo o empenho de Pierre Villey<sup>348</sup> e o primeiro caso o de Hugo Friedrich, autor em cujo trabalho gostaria de me deter inicialmente, tendo em vista que seu livro, cujo título é *Montaigne*, é tratado como um clássico entre os estudiosos do ensaísta, e também por conferir ao mesmo tempo uma abertura e uma interface clara para o meu propósito geral de discutir o conservadorismo. Penso, portanto, ser mais adequado explorar o que Friedrich destaca do conservadorismo de Montaigne e a partir disso estabelecer uma discussão sobre a sua adequação e pertinência com o que entendo

---

<sup>348</sup> VILLEY, Pierre. Os Ensaios de Montaigne. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaio 2**. Tradução Sérgio Milliet, precedido de Montaigne – o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Hucitec, 1987. 3v.

Ao menos outros dois nomes, segundo leio, têm características de abordagem mais gerais sobre os ensaios.

-MOREAU, Pierre. Montaigne – *o homem e a obra*. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaio 1**. Tradução Sérgio Milliet, precedido de Pierre Moreau. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Hucitec, 1987. 3v

-STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em Movimento**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

sobre o mesmo ponto. O texto de Friedrich data de 1948 e traz uma discussão funda sobre a herança dos Ensaaios, o homem humilhado, o homem afirmado, o sujeito, a relação com a morte, a sabedoria e a consciência literária de Montaigne.<sup>349</sup> A partir desse índice relevante, autêntico e ainda atual passo a me concentrar na exposição dedicada à *afirmação do homem*, parte segundo a qual Friedrich argumenta, com base no ensaísta, que é possível extrair algo da natureza humana, um argumento diametralmente oposto ao trato do homem rebaixado, humilhado diante da grandeza da natureza e do divino.<sup>350</sup>

É possível afirmar algo de positivo na natureza humana e o conservadorismo está entre essas ações intelectuais. Num contexto de divisão, de partição e de dissolução de normas e leis, Friedrich lê a atitude conservadora de Montaigne como uma solução possível para um problema e uma questão intelectual proeminentes. O ceticismo do ensaísta serve inicialmente como uma lembrança de que a consciência teórica representa uma ameaça à segurança. O ceticismo representa, então, uma renúncia à revolta contra o que existe no tempo presente que se constitua como uma ameaça, por ser um cenário idealmente construído. Ele é, portanto, uma renúncia a um panorama social idealizado, uma lembrança de que é melhor viver debaixo de circunstâncias adversas, sem discutir elementos que nos antecedem em nascimento, ele adverte que não interfiramos em quadros sociais estabelecidos. Ao questionar o que é observado, coloca-se em risco aquilo que está *ordenado* por algo *desordenado*, significa facilitar a introdução do caos. Depois de examinar os lados em disputa, notadamente os católicos e os huguenotes, vale acrescentar que

---

<sup>349</sup> FRIEDRICH, Hugo. **Montaigne**. Translated by Dawn Eng. Berkeley: University of California Press, 1991.

<sup>350</sup> FRIEDRICH (1991, p. 193)

Montaigne adquire um senso de realidade específico sobre a lei e a norma, de modo que passa a preferi-las aos excessos em questão – ele não se opõe a elas. Todos os males passarão, eles não são eternos, as condições presentes são transitórias. Ninguém pode afirmar como o futuro será e essas ideias são difusas: *it Will not bring something better, only something different.*<sup>351</sup>

O Montaigne de Friedrich não sonha com a possibilidade de um mundo melhor e perfeito. Ele evita o desamparo da razão teórica do ceticismo como evita um ardil e disso realiza um salto para dentro de uma razão prática, *which is indeed an inconsistency*, mas que significa um entendimento da limitação da razão humana. A inconsistência do seu entendimento e do seu ceticismo lhe faculta agir seletivamente e viver um caminho de significados *within the conventional realm*. O que há presentemente é bom, pois é configurado pelo hábito. As questões sobre o Estado, a sociedade e a família não devem ser postas em termos como justo-injusto, mas sim como ordem-desordem. Essas são as regras do jogo e devem ser seguidas, de modo que os *juízos de valor sobre as coisas lhe são indiferentes*, o que importa são as regras que sustentam a vida.<sup>352</sup> O melhor a fazer é se comportar segundo as regras estabelecidas pelo *desejo de seu país*, andar num mundo ordenado, estável e sem comoção, dentro do plano requerido pela sociedade e pela natureza. O homem de inteligência prática seguirá na vida como *todo mundo* (Everyman). O que diferencia esse homem de outro que não é inteligente não são as suas ações, mas o entendimento, a ideia que o guia para ações iguais às de *todo homem*; ele pode esconder a sua inteligência e afetar alguma ignorância em nome da retenção, da permanência da ordem ameaçada por ideias diferentes das usuais. A inteligência

---

<sup>351</sup> FRIEDRICH (1991, p. 193)

<sup>352</sup> FRIEDRICH (1991, p. 193)

nesse caso significa demonstrar ignorância diante da insanidade, da temeridade das ideias novas sobre um órgão doente, novas ideias sobre o mundo. Isso é o suficiente para manter o quadro de estabilidade. Ele não levará mais em conta a ordem presente do que qualquer ordem.<sup>353</sup> Um prático na multidão, essa é a leitura de Friedrich até esse ponto.

Friedrich repõe o ceticismo e lê ainda um conservadorismo cético de atitude ao ver o ensaísta chamar de loucura a possível alteração de leis e costumes de um país. Aponta que o vê conectar cada momento e época ao seu respectivo costume num determinado país.<sup>354</sup> A falta de leis com origem definida e nítida e que cubram toda a natureza humana é uma condição importante para a forma de cada país e para a sua viabilidade. A sociedade humana precisa defender a sua própria existência com base nessa pré-concepção hereditária de que as leis valem pelo uso. Um pré-requisito é a lealdade às leis e aos próprios costumes. Nós não podemos saber se um estado pode transcender a outros, mas é possível observar organizações diferentes de acordo com cada tempo e circunstâncias organizativas. Os pensadores revolucionários imaginam a lei segundo princípios como o de lei natural, e que ela fora violada, a partir disso, eles imaginam ser possível corrigi-la, livrá-la da corrupção. Este ponto é inegociável para Montaigne, não há princípios que embasem leis que não sejam o uso, a anterioridade e o acidente, ele não reconhece o menor programa revolucionário ou reformador. Disso resulta o caráter *meramente descritivo de si mesmo* e, ainda, que nenhuma intervenção humana implica em algo que não seja a corrupção e a disrupção. Nada pressiona mais um Estado do que a inovação: ela degenera em revolução e tirania. O mundo cura a si mesmo em caso

---

<sup>353</sup> FRIEDRICH (1991, p. 194)

<sup>354</sup> FRIEDRICH (1991, p. 194)

de doenças, ele tem mecanismos desconhecidos pelo homem para medicar-se. Resulta disso que o mal conhecido é melhor que o terror por vir através da inovação.<sup>355</sup> Como prefeito, como prático, esses princípios nortearam a sua conduta, a sua atitude de lealdade ao monarca. A injustiça será melhor do que a desordem, nós devemos evitar o caos e evitar os distúrbios. Uma vida sob as leis transcende as questões jurídicas, bem como a política transcende as questões humanas. Esses pontos ligam, para Friedrich, um conservadorismo prático.<sup>356</sup>

Friedrich anota pontos importantes no conservadorismo de Montaigne e merece destaque o fato de marcar o quadro de importância de questões de fundo para o ensaísta em termos de ordem-desordem. A partir disso o conservador de Friedrich apenas passa pelo ceticismo. Segundo ele, o ensaísta é conservador por acidente e resulta de sua indisposição, um mal estar com o imobilismo do aparelho teórico dos céticos. Montaigne salta para uma razão prática depois de não encontrar respostas no ceticismo que o mobilizassem. Ele é o mero disparador de uma conclusão que o arremessa para a atitude, para a prática de realizar a defesa da regularidade. No início do argumento, o ceticismo é um gerador de uma conduta prática, no final ele retorna como um conector de costumes à vida prática. O meu raciocínio segue em outro sentido. O ceticismo não é mera lembrança de que é preciso agir, ele é a própria ação de Montaigne no mundo, ele não age segundo uma prática desconexa de preferências e vazia em fundamentos, o ceticismo confere significado à sua conduta na vida, à sua atitude conservadora, ele é conservador porque é cético, é da filosofia de Pirro de onde recolhe os fundamentos e não da simples lembrança de que é preciso agir. A ação do cético no mundo não é uma remissão, uma rendição

---

<sup>355</sup> FRIEDRICH (1991, p. 195)

<sup>356</sup> FRIEDRICH (1991, p. 196)

incoerente, ou o reconhecimento da inconsistência, mas o contrário: em Montaigne, a ação conservadora é uma atitude consistente com a tradição de Sexto Empírico e o conservadorismo que está presente naquela organização de mundo segundo o hábito e a experiência pretérita. Ele não se desamarra do ceticismo para ser conservador diante da querela, ele é conservador porque está entranhado no vigamento de sua biblioteca o estatuto da suspensão do julgamento.<sup>357</sup> O ceticismo, portanto, é a própria razão prática em Montaigne, ele se confunde com a atitude, ele não apenas a motiva, ele a embasa, dá consistência e molda um argumento para a ação. O cético não é inativo. Entendo que ele anda pelo caminho habitual por coerência teórica, não por inconsistência, ele permanece conservador cético. O ceticismo não é uma transição de uma adoração à querela por ela mesma, mas sim uma plataforma intelectual completa que começa com a querela e termina com a tranquilidade.

Os *juízos de valor* sobre o que sejam os melhores mundos de fato não sensibilizam um cético, menos ainda um radical como Michel de Montaigne.<sup>358</sup> De maneira que a asserção de Friedrich segundo a qual os juízos em disputa lhes são indiferentes precisa ser arrematada. Os juízos em disputa sim, aqueles cujo fundamento aponta para um mundo em *essência*, por *natureza*, mas o juízo de preferência de Montaigne, não. Um juízo ao menos o sensibiliza, aquele que há muito se *prática*, aquele juízo que vem sendo *usado*, a suspensão do julgamento em Montaigne, tal como em qualquer outra entre os céticos, afirma o entendimento tácito de que o juízo em vigor é o melhor dos juízos.<sup>359</sup> Essa interpretação traz consigo uma

---

<sup>357</sup> VILLEY (1987, p. 35)

<sup>358</sup> (3, 10, 328), (3, 10, 356), (3, 2, 28)

<sup>359</sup> (2, 17, 466), (2, 17, 482)

implicação ainda coerente com o ceticismo: Montaigne está disputando uma interpretação de mundo, ele disputa uma posição na querela política de modo que, segundo ele, nem os radicais católicos e menos ainda os radicais huguenotes têm razão, daí o ensaísta deseja fazer crer que o melhor para o agregado social é o juízo consagrado, o que significa definir e esposar no mínimo o conservadorismo.<sup>360</sup> Há, portanto, três juízos em disputa e três diagnósticos diferentes apontando para tempos diferentes. Os julgamentos ou juízos dos radicais católicos e o seu mundo sem huguenotes, e o julgamento ou juízos dos radicais huguenotes que se afirmam num mundo por expedientes análogos e, finalmente, o julgamento de Montaigne. Os dois primeiros olham para o presente e para o futuro, o julgamento de Montaigne olha para os três tempos, o que inclui o passado. Um julgamento ou um diagnóstico é comum aos três: o tempo social cursivo é um tempo desconfortável, agitado e intranquilo.<sup>361</sup> Ainda que olhem e experimentem o tempo de maneiras diferentes, não é possível concordar com Friedrich que Montaigne não deseje um mundo melhor, pois ele vive um tempo presente fora do ambiente clivado pela teoria e pela prática ideal que os cétricos chamam de tranquilidade. Se repusermos o ceticismo como fundamento da ação de Montaigne, ele tem um diagnóstico, uma avaliação sensível sobre o cenário e este não é o cenário que ele deseja, e a expressão *juízo vigente* passa a perder substância: não há no mundo o *juízo vigente* da preferência do ensaísta, ele precisa ser reconduzido, pois a sociedade deixou de praticar o *seu juízo vigente*. A partir disso, consigo anotar mais uma discordância com Friedrich tendo em vista que, calcado no ceticismo, Montaigne sonha com um mundo melhor e menos imperfeito, menos intranquilo e talvez absolutamente tranquilo.<sup>362</sup>

---

<sup>360</sup> (3, 1, 10), (3, 1, 12), (3, 1, 15), (3, 1, 25)

<sup>361</sup> (3, 2, 46), (3, 3, 51), (3, 9, 262)

<sup>362</sup> (3, 10, 357)



Esse emaranhado de *juízos* impõe um *juízo*, no mínimo, anacrônico e por essa perspectiva Montaigne quer fazer o tempo e a experiência social recuar. Nesse ponto, é possível afirmar que o *juízo vigente*, na verdade um *entrechoque de julgamentos* sobre o que deve ser o ordenamento político, não é o juízo conhecido pela experiência do ensaísta. Nessa colisão de juízos o ensaísta se filia nas disputas com o expediente da memória, da regularidade e do exemplo experimentado até a cena difusa, sensível e violenta no presente. Os Ensaaios são a apresentação da memória, a demonstração do desconforto, da limitação intelectual e do apelo à tranquilidade, que constituem nada menos que um anacronismo, eles emolduram a introdução do *juízo passado* sobre os *juízos em disputa*: no piso das expectativas, o ensaísta quer trazer de volta o *mundo passado*, o juízo anterior, e dentro do máximo da complexidade de Montaigne, no teto das expectativas, ele deseja introduzir uma tranquilidade difusa e que organize o passado, presente e futuro numa invenção temporal única. Um mundo, um juízo menos perturbador, menos intranquilo, ou um mundo com o predomínio do julgamento conhecido e tranquilo, essa é uma interpretação plausível do intento do ensaísta. Não concordo, portanto, com a avaliação de inconsistência feita por Friedrich, segundo a qual a descrição de si é a única saída possível, e uma saída não teórica; penso que a solução montaigniana é teórica e é conservadora na melhor das hipóteses e, como cena subsidiária, ela é uma narrativa reacionária. Descrever é dizer como foi e dizer tacitamente como deve ser e não ser, é fixar, é definir, é demonstrar, é raciocinar, é argumentar, é organizar o mundo segundo elementos idióticos, é mostrar preferências segundo um entendimento sensorial e lógico, é uma demonstração longa e às vezes tediosa de uma identidade singular e coletiva, pois falar de si é falar do seu país, de sua pátria,

de sua formação, e, a meu julgamento, segundo uma pauta e de acordo com instrumentos visíveis no vigamento pirrônico que organiza as suas musas.<sup>363</sup>

A descrição de si é a invenção de um mundo, ela constitui uma narrativa que procura fixar o julgamento e que, não o podendo, aponta um sentido. O melhor resultado da narrativa é um abraço tenro na tradição, no hábito e nos costumes.<sup>364</sup>

Uma narrativa que termine com o panorama cético não é uma descrição, mas uma conclusão baseada nos tropos de suspensão do julgamento.<sup>365</sup> Não existe um conservador de razão prática e um de razão cética, o conservador em marcha nos Ensaaios é cético.<sup>366</sup> Montaigne não só muda de opinião ao longo dos Ensaaios como também é capaz de constranger os seus leitores e amigos montaignistas.<sup>367</sup> No caso de Friedrich, causa desconforto o fato de ele desenhar o ensaísta se liberando do ceticismo para ser conservador no início do argumento e fundamentar a conexão do elogio do hábito e do costume ao conservadorismo no final do raciocínio sobre o seu conservador, portanto ele faz uso dúbio e seletivo do ceticismo, ora sim, ora não; por outro lado, a meu entendimento, ele é espriado.<sup>368</sup> Esse conservadorismo de inconsistência não está no cronista Michel de Montaigne, pois é legível o seu conservadorismo calcado numa preferência nítida por escrever livremente, coerente, incoerentemente e ficcionalmente com apoio dos céticos.<sup>369</sup> Ainda com relação ao ensaísta, é impossível requerer coerência completa de um cético, ele sempre

---

<sup>363</sup> VILLEY (1987)

Villey chama de *crise*, o que chamo de *estrutura*.

<sup>364</sup> (2, 17, 456), (4, 17, 498), (2, 18, 497), (3, 1, 7)

<sup>365</sup> (2, 17, 482), (2, 17, 485)

<sup>366</sup> (2, 17, 485), (3, 1, 10), (3, 2, 31)

<sup>367</sup> (3, 2, 27), (3, 2, 43)

<sup>368</sup> (3, 3, 51), (3, 2, 41)

<sup>369</sup> (3, 5, 94)

combinará ceticismo e alguma dose de dogmatismo.<sup>370</sup> Essa combinação, segundo penso, constitui o elemento ficcional presente nos Ensaios<sup>371</sup>, o desenho do ordenamento virtuoso, a interpretação dos juízos e a sua crítica, a demonstração de suas limitações, a sua definição, a crônica de um agregado social em franco desencadeamento, em franca desconexão com a tradição, com a tranquilidade.<sup>372</sup> Fosse coerente, Montaigne não nos deixaria um texto acabado, mas uma vez filiado à bandeira do recuo à tranquilidade, ao conservadorismo e ao reacionarismo, legamos três livros dizendo como as coisas podem ser organizadas, como o mundo pode ser ordenado.<sup>373</sup> Ele não faz o que fala o registro de Friedrich, ele não afeta ignorância, ele afeta inteligência, uma inteligência doutrinária, prescritiva, uma vez que deixa-a anotada.<sup>374</sup> O sábio deve segui-lo na manifestação de um caminho pela peremptória negação do conflito físico, pela negação da demonstração de algum apreço à razão e pela filiação ao estatuto político vigente, idealizado por ele.<sup>375</sup> A fixação de si é ao mesmo tempo uma prescrição ao agregado; se é tão difuso o próprio diagnóstico, a própria definição de um indivíduo, segundo a razão, é igualmente impossível dirigir um agregado humano segundo essa mesma razão pífia.<sup>376</sup> A solução é uma cartilha que Pirro praticara.<sup>377</sup>

Antes de deixar Friedrich repousar nas estantes dos montaignistas, gostaria de testar uma interpretação sobre o que chamei de cenário subsidiário. Ainda que tenha procurado um desenho com o conflito de três juízos distintos, e me refiro a

---

<sup>370</sup> (3, 2, 42), (3, 9, 267)

<sup>371</sup> (3, 9, 315), (3, 9, 329) Segundo Montaigne, *mesmo as coisas do presente são captadas pela imaginação*.

<sup>372</sup> (2, 17, 453)

<sup>373</sup> (2, 17, 498), (2, 18, 497), (3, 2, 42), (3, 2, 44), (3, 2, 45)

<sup>374</sup> (3, 9, 257), (3, 9, 243)

<sup>375</sup> (3, 11, 365), (3, 10, 359), (3, 11, 369)

<sup>376</sup> (3, 11, 373), (3, 9, 267)

<sup>377</sup> (2, 29, 558), (3, 2, 42), (3, 9, 318)

Montaigne, aos radicais católicos e aos huguenotes, talvez seja melhor definir os tempos e o que pode ser tratado pelos seguintes rótulos: reacionário, conservador e inovador, e com eles, em seguida, verificar em que tempo ou rótulo Montaigne melhor se acomoda.<sup>378</sup> Desejo verificar essas três definições eminentemente políticas dentro do passado, presente e futuro. Imagino uma definição preliminar bastante simples. O *reacionário* seria um indivíduo que deseja que o cenário político passado se abata e prevaleça sobre o cenário presente, ele vive atemorizado pelo delírio de que as coisas voltem a ser tal como eram, na *versão parcial*, e que este mesmo cenário recaia tanto sobre o ordenamento político atual como também é o ideal para o futuro, na *versão total*. O *conservador* seria o indivíduo que entende o estoque de experiências sociais refletido politicamente no presente, na *versão parcial*, e que, na *versão total*, observa o acúmulo de experiências comuns na sociedade por uma linha de conexões sucessivas e inteligíveis pela utilidade coletiva. Por essa versão, ele entende que o estoque de experiências passadas é fundamental para as pequenas atualizações e aprimoramentos presentes. A *política conservadora* será então um esforço de manutenção da experiência pretérita à luz

---

<sup>378</sup> Imagino outros tantos rótulos possíveis e também consigo conceber que estes que ponho a teste podem sofrer de algum demônio ou peste anacrônica e, da mesma forma, ser objeto de alguma boa réplica, ou de serem inviáveis. Entretanto, estudar, observar e contrapor o ceticismo e a inovação, não me parece coisa proibida, e não as entendo como coisas que se excluam entre si e que não sejam categorias que ocorram desde que Pirro caminhou pela terra. A conservação me aparece adequada a um contrário que chamemos de mudança, inovação, alteração. De certa forma, a inovação aparece com os *calvinistas*, aparece também com a *máscara*, com a ausência da *virtude* e com outros tantos lamentos narrados por Montaigne. Portanto é possível trabalhar de muitas maneiras com esses rótulos e também com categorias tópicas e verificar como Montaigne percebe as suas mudanças de significado mais atreladas à vida em comum. O montaignista Burke pensa diferente, pois está muito aferrado à Revolução. Durante algum tempo imaginei que um termo usado por ele fosse razoável, e me refiro à *subversão*. Mudei de opinião ao começar a redação desse texto. Ele também não gosta de chamar Montaigne de conservador, porque imediatamente associa o termo ao anacronismo presente em *direita* e *esquerda* e também pelo fato de que os calvinistas se apoiaram na tradição ao proporem as suas revisões teológicas. Ao ler Sexto Empírico, Montaigne ou mesmo David Hume, e perceber um pouco de cada um de seus contextos, não vejo impedimento em insistir com esses rótulos. Creio serem suficientes e inteligíveis, tendo em vista a alta sensibilidade de Montaigne a qualquer mudança política e, além disso, a sua capacidade de acolhê-la, tomá-la em consideração.

-BURKE, Peter. **Montaigne**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Edições Loyola, 2006. *Mestres do Pensar*. p. 41, p. 46.

do melhoramento presente. O *inovador* seria um indivíduo que ignora a experiência passada e também a experiência presente, por uma *versão parcial*, e disso resulta que, para o seu mundo, na *versão total*, é necessário no mínimo que se ignore e corrija a experiência social e que em condições ideais o melhor a fazer é desprezar qualquer acúmulo, supostamente adquirido, e estabelecer um novo ordenamento político, sem levar em consideração qualquer estatuto conhecido do curso social. Com essas definições de contornos axiomáticos, creio ser oportuno introduzir algum movimento a esse sistema de entendimento da política segundo o tempo.

O inovador é o disparador, o motivador e dínamo, ele precipita o dogma sobre a política nesse sistema e o anima. Segundo a sua proposta arrojada, nas duas versões, *total* ou *parcial*, o elemento de ativação da *resposta* da iniciativa *reacionária* e da mesma forma da iniciativa *conservadora*. Obviamente a perturbação do estatuto social, a intranquilidade poderiam ser deflagradas por qualquer um deles, mas creio que, para atingir o ceticismo conservador, o inovador seja a centelha mais adequada para essa demonstração da posição de Montaigne. Os indivíduos, os cronistas e intérpretes da vida social podem fazer parte de qualquer uma dessas categorias conceituais e também transitar entre elas. Um indivíduo de uma categoria pode tomar ideias de outras e vice versa, um segundo indivíduo pode expressar uma combinação das três e um terceiro indivíduo qualquer pode também se abster, pode não estar enquadrado em nenhuma delas. Montaigne veste todas as rubricas, em repouso ou em movimento, de maneira que é impossível contê-lo exclusivamente numa delas, passo então a examinar como ele se acomoda melhor nesse sistema. Em primeiro lugar, é fundamental examinar o caráter do ensaísta segundo a inovação. Ele é um pensador inovador por várias razões, das quais arbitrariamente

seleciono duas características conhecidas por qualquer comentador: por avançar os estudos do *eu*<sup>379</sup>, por avançar sobre os limites conceituais entre *público e privado*<sup>380</sup> de um ponto de vista filosófico. Contudo, isso não faz com que seja um inovador nos costumes. Nesse aspecto, ele é refratário a mudanças públicas, ele é contra as alterações em matéria política, em matéria de uso e convívio público diante da inovação, no momento em que esta se dirija aos hábitos estabelecidos para a vida em comum.<sup>381</sup> Um inovador nas ideias mais abstratas e um indivíduo aferrado ao hábito público.<sup>382</sup> O ceticismo acomoda um monstro com várias cabeças: ele facilita a liberdade de pensamento e freia a inovação na política segundo a razão comum.<sup>383</sup> Creio ser possível concluir que tal como defini a inovação, o ensaísta passa à margem.<sup>384</sup>

Em segundo lugar, é importante verificar como se acomoda na categoria analítica de reacionário. O ponto de partida será a presunção de que o cenário presente seja insuficiente, equivocado, intranquilo, perturbador e *depravado*.<sup>385</sup> Portanto esse é o curso do mundo com o qual ele não concorda.<sup>386</sup> Esse mundo resulta de uma sucessão de decisões e condutas com as quais um reacionário não está de acordo.

---

<sup>379</sup> EHRLICH (1972, p. 60)

No tópico relativo ao *eu*, Ehrlich faz referência ao seu contrário, à máscara e à influência de Petrônio e de uma abordagem da vida política como encenação. A pesquisa de Montaigne é mais funda, pois procura desenvolver um sujeito mais autêntico.

-FRAME, Donald. **Montaigne's Essais: a study**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969.

Frame também captura o tema, o autorretrato e o estudo do homem a partir do *self*. E da mesma forma contribui com uma interpretação valiosa da sua posição religiosa, a decisão de escrever e o estilo aplicado.

-LEVINE, Alan. Skepticism, self, and toleration in Montaigne's political Thought. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Early Modern Skepticism and the Origins of Toleration**. Lanham: Lexington Books, 1999.

<sup>380</sup> VILLEY (1987, p. 39, p. 67)

Nesse trabalho Villey encobre os dois temas. Ver especialmente a discussão sobre o *eu* e o debate em torno da divisão dos domínios públicos e privados.

<sup>381</sup> (3, 11, 373), (2, 17, 453), (3, 2, 36)

<sup>382</sup> (2, 17, 466), (2, 17, 485), (2, 17, 482)

<sup>383</sup> (3, 10, 359), (3, 10, 357), (3, 10, 347)

<sup>384</sup> (2, 17, 453), (2, 17, 485), (3, 9, 259)

<sup>385</sup> (2, 17, 471)

<sup>386</sup> (2, 30, 568)

Por outro lado, ao constatar que Montaigne não tem um programa político que ignore o passado, resulta que ele deseja algo menos definido politicamente, algo difuso para o ordenamento dogmático reacionário e nítido para o ceticismo, ele deseja a volta da vida tranquila ao invés de um plano acabado remoto.<sup>387</sup> Essa afirmação é fácil de ser verificada nos Ensaaios e mesmo nas passagens grifadas por Friedrich. Portanto, ainda que não concorde com as divisões políticas que adoecem a sua pátria<sup>388</sup>, Montaigne não se enquadra perfeitamente na minha definição de reacionário por não fazer o elogio sistemático da solução passada<sup>389</sup>, por admitir correções tópicas<sup>390</sup> e por admitir alguma atualização com o entendimento do sistema de conexões das experiências pretéritas.<sup>391</sup> A aderência montaigniana ao passado não acontece na forma de um elogio ufanista e anacrônico de qualquer filiação partidária, não significa a eliminação da potência religiosa emergente, os calvinistas, pela tradição do catolicismo.<sup>392</sup> Isso pode ser constatado por sua investida intelectual nos textos antigos.<sup>393</sup> O seu comércio intelectual com os gregos e romanos não faz com que deseje uma República, com que deseje o governo de poucos ou o governo de muitos, ou sequer o retorno de alguma corrente familiar da monarquia.<sup>394</sup> A fórmula cética abre outra afirmação monstruosa: o ensaísta está de acordo com o juízo passado, mas não desenha um panorama ideal de tempos idos a ser reaplicado no experimento presente, ele é apenas o juízo menos intranquilo ou tranquilo por uma chave otimista; ele está em desacordo com o juízo vigente, pois ele é viciado, violento e imprevisível; ele não projeta o ordenamento passado sobre

---

<sup>387</sup> (2, 18, 499), (2, 17, 485)

<sup>388</sup> (2, 30, 570), (3, 1, 6), (3, 1, 10)

<sup>389</sup> (3, 9, 319)

<sup>390</sup> (3, 1, 6)

<sup>391</sup> (2, 30, 570)

<sup>392</sup> (2, 30, 568)

<sup>393</sup> (3, 9, 319), (3, 9, 320)

<sup>394</sup> (3, 9, 319)

o futuro, ele apenas deseja que o entrelaço de juízos passe e cesse a vida intranquila; para o futuro, a sua projeção é a ataraxia e não o império do estatuto social de um passado acabado.<sup>395</sup> O mundo tranquilo virá ao cessarem as divisões e as guerras, a sua projeção é uma vida sem os traumas do conflito físico e sem a instabilidade geradas por esse experimento caótico.<sup>396</sup>

Em terceiro lugar, gostaria de examinar finalmente como o ensaísta se acomoda à categoria de *conservador* e mostrar o que pode conferir alguma consistência ao seu raciocínio aplicado à política. Creio que, por tê-lo feito passar à margem do inovador e de escapar do reacionário, como conclusão, Montaigne será mais bem acomodado na categoria de conservador e disso resta apenas qualificar como ele pode ser compreendido nessa categoria de aplicação.<sup>397</sup> É possível dividir o conservador em duas características. A primeira delas, e talvez a mais eminente no cronista, configura um pensamento conservador da vida e que acredito que possuiria atributos marcadamente contingentes, configurado por um sujeito insatisfeito com a desagregação, a facção, a divisão notadamente expressa do ponto de vista prático pelas execuções sumárias levadas a cabo aos grupos rivais.<sup>398</sup> Disso penso que é possível propor uma interpretação com os seguintes termos: mantido o quadro de esfacelamento social narrado por Montaigne, a sobrevivência humana está ameaçada, o mais importante é conservar a vida do que quaisquer das ideias que as eliminam diante de um debate baseado na paixão, na crença e nos interesses dissimulados pela fé.<sup>399</sup> A virtude vigente sob a política está sobremaneira

---

<sup>395</sup> (3, 9, 257), (3, 9, 264)

<sup>396</sup> (3, 9, 318)

<sup>397</sup> (3, 9, 243)

<sup>398</sup> (3, 9, 281), (3, 2, 30)

<sup>399</sup> (3, 2, 43), (3, 2, 45), (3, 1, 9), (2, 19, 504)



configurada por máscara e artifício.<sup>400</sup> O segundo seria um conservador ativo, não meramente reativo como o anterior, pois é dotado de atributos mais perenes e que prescindem da ativação que advém de um tipo inovador, ele é auto-mobilizado, dispara a política conservadora a qualquer momento, fundado no perfil de ceticismo do ensaísta e que talvez seja a sua principal marca, uma proposta conservadora antecipada, coordenada, a prescrição da convivência guiada pela ataraxia, cujo primado máximo aparece pela precedência da *política* sobre as *ideias*.<sup>401</sup> O convívio comum, a política, não deve ser objeto de iniciativas baseadas na razão, mas sim na tranquilidade observada ontem, hoje e naquela que deve ser projetada.<sup>402</sup> O acúmulo e consideração às experiências passadas, captadas pela memória e pelo tempo, e o acúmulo de conexões entre elas por uma linha coordenada empiricamente, mais o término da conflagração contra a vida, o predomínio do diálogo que respeite a pluralidade e o melhoramento do quadro organizativo baseado no *estoque cognitivo*<sup>403</sup> de cada comunidade dão consistência à sua proposta conservadora.<sup>404</sup> A política é o ápice da convivência e a sua antessala é a virtude. Segundo a interpretação que procuro produzir do ensaísta, o diálogo e a construção de ideias devem conduzir à virtude, à teoria como mero exemplo a ser incorporado no aprimoramento humano e que em nenhum aspecto deve prevalecer diretamente *sobre* os assuntos comuns, que de maneira nenhuma deve ser refém da inovação, especialmente baseada na fé, na crença ou na razão.

---

<sup>400</sup> (3, 9, 310)

<sup>401</sup> (3, 8, 213), (3, 2, 41), (3, 2, 43), (3, 2, 45) Neste último, ele explicita a sua renúncia aos melhoramentos fortuitos e dolorosos.

<sup>402</sup> (3, 2, 42)

<sup>403</sup> A expressão é de Lessa (1997).

-LESSA, Renato. **Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

<sup>404</sup> (3, 1, 25), (3, 2, 42), (3, 5, 94), (3, 6, 183)

## **A inconsistência conservadora**

A proposta desse trabalho até aqui consistiu em produzir uma descrição coerente em torno de um pensamento conservador através de um Montaigne propositivo, tal como antecipado no princípio da atividade intelectual dos cétricos. Não há razão aparente para imaginar um conservador meramente reativo a cenários, pelo contrário, penso ser plausível imaginá-los propondo atualizações que conservem a regularidade, a estabilidade da vida política. Procuro produzir coerência entre o ceticismo e o conservadorismo de Montaigne. A suspensão do julgamento não inviabiliza a reflexão, pelo contrário, ela instiga a reiterada interpretação dos mundos sociais, ela excita a identificação e a produção de imagens, desenhos e cenários fabulares. Entendo que o cultivo da *arte* pelos cétricos consiste no exercício ficcional de examinar os dogmas e seguir a trilha intelectual até a suspensão do julgamento e que os mesmos têm o seu apogeu, o seu ápice na ataraxia. Percebo que esse percurso até a vida tranquila representa um esforço repetido e exaustivo entre alguns desses pensadores, especialmente no ensaísta, e entendo ainda que a afetação cética seja a melhor explicação para os seus textos estarem abertos às mais disparatadas interpretações, baseadas nas mais impressionantes mudanças de estilo, regras, ritmo, coerência, incoerência, consistência, inconsistência, na ironia e no desprezo pelo regulamento de qualquer texto ordeiro e pacífico que se preze inteligível. As razões para essa opinião estão presentes em quase todos os textos do ensaísta e constituem quase um *tratado de aplicação* num deles, o maior e talvez o mais bem organizado filosoficamente, estou me referindo à Apologia de Raymond

Sebond.<sup>405</sup> O ceticismo libera a reflexão de alguns estatutos lógicos pela presunção, pela arrogante investida contra os fundamentos de toda filosofia dogmática e, mais ainda, contra toda sorte de dogmas. Estes invariavelmente estão presentes em todo tipo de reflexão, escrita ou falada, e ainda na praticada. Sendo assim, o cético pode andar em qualquer lugar, convidado ou não a falar, a observar, a ler e a escrever.

Como quer que o veja, a aparente falta de sentido, de objetividade e de inteligibilidade, em alguns momentos dos Ensaaios, assume outros contornos para quem quer que o leia. Em nome da convivência saudável entre essa variedade de interpretações, gostaria então de relatar a investida oposta ao que propus até aqui e, a partir deste ponto, apresentar e ao mesmo tempo testar uma interpretação diferente, ou seja, procuro examinar a *inconsistência conservadora* e a *consistência reformadora* na aposta em um Montaigne inovador e, em certa medida, um revolucionário na política. Procuro a seguir tratar um texto de David Schaefer que investiga o que *não está aparente* em Montaigne, ele procura sentido no caminho *observável-inobservável*.<sup>406</sup> A leitura de Schaefer tem os seus méritos e procuro mostrar os seus pontos principais. Em seguida, desejo compará-la com a minha própria leitura sobre alguns pontos correlatos e discutir a estratégia geral de argumentação do montaignista.

Como ponto de partida, Schaefer toma o cuidado de citar a visão geral entre alguns montaignistas segundo a qual Montaigne professaria uma completa liberdade de pensamento e uma radical ação conservadora, e essas visões expressam de um

---

<sup>405</sup> [2, 12, 370] De agora em diante passo a citar apenas como Apologia quando não anotar informação em contrário.

<sup>406</sup> SCHAEFER, David Lewis. **The Political Philosophy of Montaigne**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990.

modo ou de outro um Montaigne que mistura um ceticismo teórico e uma conduta ultraconservadora.<sup>407</sup> Ele reconhece uma atitude conservadora muito óbvia e digna de desconfiança. A sua perspectiva captura as inúmeras passagens nos Ensaios onde se verifica um ensaísta em defesa da ordem, da legalidade, da lealdade ao regime monárquico, de oposição à mudança, de apoio à unidade entre a igreja e ao Estado monárquico. A defesa montaigniana desses pontos representaria uma abordagem tão rígida e superficial do pensamento conservador que faria o trabalho de Edmund Burke, no mesmo assunto, parecer um texto bem mais flexível e profundo. Por esse ponto de vista, sua interpretação afirma que uma filosofia política baseada em tais pontos configuraria um Montaigne muito *raso* e *superficial*. A postura radical, intransigente e superficial é o que intriga e motiva a incredulidade e a desconfiança da interpretação de Schaefer.<sup>408</sup> Decorre dessa premissa a busca por pontos cujos vícios ou exageros descritivos compõem, na verdade, um Michel de Montaigne que se esquia de dizer abertamente o que pensa. Ele passa a procurar brechas, temas e estilos que indiquem haver de fato um reformador profundo e astuto.

Na conta da análise profunda entram considerações sobre o temperamento, sobre a escolha de certos temas, da liberdade no trato de vários deles na possibilidade de encontrar o ensaísta promovendo críticas ao conservadorismo com mais força do que produzindo elogios, de modo que foi um dos motivadores da revolução de 1789 na França. O fato de ser um livre pensador e profundo examinador do juízo e um conservador na ação indica então algo especial para a análise de Schaefer. Segundo ele, junto a essa dicotomia, há algo que denuncia o Montaigne

---

<sup>407</sup> SCHAEFER (1990, p. 153)

<sup>408</sup> SCHAEFER (1990, p. 154)

revolucionário, a defesa fraca de si mesmo em temas sensíveis. O ataque contra as próprias convicções, a defesa frágil dos próprios pontos de vista montam o ensaísta como um péssimo advogado de si e, *além disso*, para *além dessa aparência*, essa característica denuncia, para a interpretação aprofundada de Schaefer, um mestre de estilo, um retórico; e disso ele desvenda um mapa e uma trilha que leva a um ensaísta profundamente comprometido com a reforma.<sup>409</sup> Fica claro, portanto, que o montaignista recusa um conservador cético, mas enxerga um revolucionário dogmático. Esse revolucionário que afirma que a tranquilidade pura e simples é difícil para alguém que argumente e tenha uma compreensão sobre as coisas. A obediência do ensaísta ao monarca é pautada na razão, ela é limitada, sendo assim possível observar que não há nenhuma superioridade natural num rei e que ele está sujeito a todas as regras naturais da vida. Montaigne, pelo *juízo*, pelo exercício reiterado de mostrar os seus limites, mais instiga a população a plantar as bases da reforma social. Ao alimentar o juízo, ele sugere a alteração da natureza da obediência da população. Ao afirmar a submissão, a conservação, ele se protege, e ao mesmo tempo desfere golpes contra a ortodoxia religiosa, altera crenças, critica instituições, as opiniões estabelecidas, defende um amplo conjunto de reformas sociais e especialmente aquelas que defendem a população da tirania, da sucessão e dos sobressaltos entre os monarcas como as sujeições facciosas e as alterações religiosas.<sup>410</sup>

Os autores céticos se socorrem frequentemente no ensaio *Apologia*<sup>411</sup>, denso em ceticismos, Schaefer se socorre fora, como por exemplo, no ensaio “Dos costumes e

---

<sup>409</sup> SCHAEFER (1990, p. 155)

<sup>410</sup> SCHAEFER (1990, p. 156)

<sup>411</sup> [2, 12, 370];

da inconveniência de mudar sem maiores cuidados as leis em vigor”<sup>412</sup>, para mostrar o reformador social Michel de Montaigne. Com isso, Schaefer passa a produzir interpretações, como por exemplo, sobre as comparações entre os costumes dos povos e da crítica montaigniana sobre os próprios costumes vigentes na França. O que inclui a crítica à vestimenta, às leis, à política, à guerra civil, à moral e à crueldade, para logo em seguida redigir algum tipo de elogio ao seu país e aos seus mesmos hábitos. Montaigne está antecipando o conjunto de reformas com a *crítica* seguida de *elogio* do quadro atual.<sup>413</sup> É preciso ser um leitor atento e treinado para capturar o inobservável. O seu conservadorismo é muito capcioso, temperado, rígido e superficial, em seguida é atenuado, pois ele duvida da capacidade da França de retomar o caminho correto e passa a elogiar o primado de Roma e as suas vicissitudes, portanto, ele faz uma crítica institucional e indica o caminho a ser seguido dentro do seu desenho retórico de criticar e negar, mas acima de tudo sugerir uma saída para o futuro.<sup>414</sup> O ensaísta não é um *restaurador*, ele é um *reformista*. Schaefer passa a apoiar-se naquilo que Montaigne *omite* em Aristóteles (Política e em Ética a Nicômaco) e na sua defesa da permanência das leis em vigor

---

-BRAHAMI, Frédéric. **Le travail Du scepticisme: Montaigne, Bayle, Hume**. Paris: Press Universitaire de France, 2001.

Brahami, diferente de Maia Neto, afirma que Montaigne discorre sobre todas as correntes do ceticismo e com ecletismo. p. 53.

-MAIA NETO, José R. Epoché as perfection. In: POPKIN, Richard H.; \_\_\_\_\_. (Ed.). **Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: new interpretations**. Amherst: Humanity Books, 2004. (JHP Books Series).

Maia Neto trata da Epoché e de como ela é construída na Apologia (2, 12). No decorrer do trabalho ele defende a preferência de Montaigne por Cícero. “As is well known, Montaigne follows closely the first book of Sextus Empiricus’s *Outlines of Pyrrhonism* when he presents ancient skepticism.” p. 15.

-EVA, Luiz Antonio Alves. **Montaigne contra a vaidade: um estudo sobre o ceticismo na Apologia de Raimond Sebond**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2004.

Eva tem o entendimento de que a ataraxia suprime o transtorno derivado da posse de crenças. p. 173. Em metafísica, talvez sim, na crônica, no relato, na observação e experiência tácita, na interação com o fenômeno como é o caso de Montaigne, penso que ela mesma vira objeto de crença, ela se transforma numa crença e numa meta. O cético não vive a ataraxia, ele apenas a promove, e, por isso, talvez tenha a vida mais intranquila entre os filósofos.

<sup>412</sup> [1, 23, 115]

<sup>413</sup> SCHAEFER (1990, p. 161)

<sup>414</sup> SCHAEFER (1990, p. 163)

a partir do hábito.<sup>415</sup> O grego seria muito mais duro e intransigente, de modo que ele faz a leitura, a interpretação, segundo a qual a defesa montaigniana de Aristóteles é *fraca, retórica e não é sincera*.<sup>416</sup> A intenção política de Montaigne é flexibilizar os hábitos e alterar os aspectos que ele abomina como a tortura, os banhos de sangue e a rivalidade religiosa em torno da monarquia e da violência.<sup>417</sup> O ensaísta tem inclinação pela República, ele não é tão indiferente às formas de governo como fala, isso faz parte do seu plano para surpreender um leitor ingênuo, distraído. Isso é a sua ostensiva técnica retórica, ele quer de fato o governo popular.<sup>418</sup>

A estratégia geral do trabalho de Schaefer consiste em mostrar a filosofia política de Montaigne, e por este caminho ele procura produzir um acordo útil entre Os Ensaios e uma aplicação, um roteiro e um discurso positivo em nome do ensaísta e demonstrá-lo num texto assertivo como os de Maquiavel ou os de Rousseau. As coberturas conceituais dos trabalhos de Schaefer, Friedrich, Frame e Villey são mais amplas do que a minha proposta em torno de um produtor de análises, de mundos e da conservação da vida política em volta do ceticismo. O que torna o trabalho de Schaefer apreciável é a coragem de tentar produzir tamanha interpretação num espaço tão curto e fixado em poucos Ensaios. Por algum tempo suspeitei que Montaigne não fosse cético e que o ceticismo era uma *crise* como defende Villey e outros comentadores, renomados montaignistas ou não, como Gidé, Hartle, Lima e Loque.<sup>419</sup> Por ora penso o contrário, o ônus de provar que ele não é cético é maior

---

<sup>415</sup> TOURNON, André. **Montaigne**. Tradução Edson Querubini. São Paulo: Discurso Editorial, 2004. Tournon trabalha na mesma linha com o tema dos *escritos eclipsados* pelo que se nota também o estilo difuso dos Ensaios e especialmente na Apologia. p. 213.

<sup>416</sup> SCHAEFER (1990, p. 167)

<sup>417</sup> SCHAEFER (1990, p. 171)

<sup>418</sup> SCHAEFER (1990, p. 173)

<sup>419</sup> GIDÉ, André. **O Pensamento Vivo de Montaigne**. Tradução de José Pérez. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

do que o de mostrar o contrário, que ele é, e por essa razão respeito um pouco mais o trabalho de Schaefer. O ensaísta é um fabuloso criador de labirintos<sup>420</sup>, todo leitor é avisado, ele não tem leitor distraído, mas ainda assim ele os distrai. Os resultados são sintomáticos e podemos tomar uma prova com o caso de Loque, que não é propriamente um colega de Frame ou Friedrich, no qual Montaigne aparece *cético apenas com relação ao conhecimento e à religião* que são, ao meu juízo, *apenas tudo* o que está em discussão do ponto de vista político nos Ensaaios. Por ora, procuro uma interpretação mais de acordo com a desconformidade dos Ensaaios com qualquer método de *investigação dogmática* que o apreenda como *não dogmático*. As possibilidades para produzirmos mundos incoerentes, partes que não se encaixam e imprecisões lógicas são mais amplas do que as de produzir coerência dogmática nos Ensaaios.<sup>421</sup> Como decorrência da incoerência cética, ao mesmo

---

Gidé faz parte do grupo dos que não estão muito confortáveis com o cético.

“O *ceticismo não é o que me apraz* nos Ensaaios, nem a lição que eu deles tiro. Um ‘leitor completo’ saberá encontrar em Montaigne mais e melhor que dúvidas e interrogações.” p. 11. (itálico adicionado)

-HARTLE, Ann. **Michel de Montaigne: accidental philosopher**. New York: Cambridge University Press, 2003.

Hartle concorda com a tese da *crise*.

-LIMA, Luiz Costa. **Limites da voz: Montaigne, Schlegel**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

Lima tem pontos comuns com o que proponho, como na impossibilidade de fixar o *eu*, Montaigne precisa de elementos mundanos estáveis, regulares e ordenados para coordenar a conduta. Por outro lado, não credita ao ceticismo o seu conservadorismo, credita à subjetividade, à variação do eu. “... *seu conservadorismo é menos o efeito direto de seu ceticismo* do que, além de estritos motivos pessoais, da necessidade, imposta pelo centramento no sujeito individual, de postular algum *não-eu*, a contrastar, por sua firmeza, com as oscilações do eu”. p. 36. (itálico adicionado)

-LOQUE, Flavio Fontenelle. **Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Loque fica no meio do caminho. “Montaigne é múltiplo. *Defini-lo como cético*, pura e simplesmente, *parece não ser possível* nem sequer quando se privilegia a Apologia”. E logo em seguida: “entretanto, mesmo que seus ensaios, por não visarem senão à célebre pintura de si, prescindam do intuito de resguardar uma coerência ao ceticismo que permitiria classificá-lo como cético, *tal corrente filosófica ainda assim desempenha um papel relevante em seu pensamento*. Sobretudo no que tange ao *conhecimento e à religião*, a filosofia dos antigos como Sexto Empírico e Cícero realiza um papel considerável”. (p. 108, e a contradita na p. 109) (itálico adicionado)

<sup>420</sup> BRAHAMI (2001, p. 221)

O labirinto de Brahami, a associação entre ideias, aparece em Hume por *semelhança, contingência e causalidade*.

-Montaigne, por seu turno, não é tão ordeiro. (2, 17, 453): “(...) no estudo que faço, cujo tema é o homem, encontrando uma tão extrema variedade de julgamentos, um tão profundo labirinto de dificuldades uma sobre as outras, tanta diversidade e incerteza mesmo na escola da sapiência (...)”.

<sup>421</sup> (3, 9, 315) “Vou em busca da verdade, de forma desmedida e tumultuosa”.



tempo, reconheço uma obviedade incômoda para a prova do não-ceticismo: é possível demonstrar Montaigne com um bom argumento qualquer, ao menos até a réplica, em qualquer *corrente* dogmática daquelas citadas por ele, definir e associar o seu *estilo* textual ou mesmo defini-lo e associá-lo a uma *ciência* mais conexa às humanidades, a começar pela filosofia ou pela literatura e a encerrar pelas ciências mais aplicadas e esforçadas em métodos como a própria teoria política.<sup>422</sup> Villey é um dos casos emblemáticos ao tentar organizar Montaigne em idades e períodos cronológicos sucedidos por fases e influências intelectuais principais. O seu esforço era e continua sendo vulnerável, do que resulta possível provar o contrário, que o antigo fazia parte do novo e que as correções contradizem as suas hipóteses num emaranhado sem fim. Mas gostaria de dedicar um espaço para observar alguns pontos do argumento de Schaefer por dentro dos Ensaio, diferente da decisão de Hilley de trabalhar com a demonstração geral do ceticismo conectado a Montaigne.<sup>423</sup>

---

<sup>422</sup> SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. **Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 216fls. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acessado em: 2011. Além do trabalho José Raimundo Maia Neto, esta tese mostra a colaboração de Montaigne ao estilo de Machado.

-MELO, Carlos Magno Siqueira Melo. **O ceticismo de Michel de Montaigne no Ensaio Da Amizade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. 170fls. il. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=85491](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=85491)>.

-SCHAEFER, David Lewis. Of Cannibals and Kings: Montaigne Egalitarianism. **The Review of Politics**, vol. 43, No. 1 (Jan., 1981), pp. 43-74. Published by Cambridge University Press. Disponível em meio magnético/eletrônico.

Esse mesmo tema está desenvolvido no livro publicado em 1990 do mesmo Schaefer.

-SCHAEFER, David Lewis. Montaigne's Political Reformation. **The Review of Politics**, Vol. 42, No. 3 (Aug., 1980), pp. 766-791. Published by Cambridge University Press. Disponível em meio magnético/eletrônico. O mesmo assunto é publicado na mesma revista.

-KEOHANE, Mannerl O. Montaigne's individualism. **Political Theory**, Vol. 5, No. 3 (Aug., 1977), pp. 363-390.

Com o mesmo problema que experimento neste trabalho de impor a Montaigne um vocábulo fora de seu tempo, Kehohane trabalha o individualismo.

<sup>423</sup> HILLEY, David R. The Politics of Skepticism: *Reading Montaigne*. **History of Philosophy Quarterly**, vol. 9, No. 4 (Oct., 1992), pp. 379-399.

Hilley vai fornecer uma réplica parecida contra Schaefer, mas baseada em estratégia diferente sobre os mesmos pontos que acabo de descrever. Hilley investe na prova da relação entre Sexto Empírico, Pirro e os céticos de um modo geral para vincular o ensaísta. Em seguida, afirma uma estratégia de

Ainda que Schaefer tenha tido o cuidado de anotar a relevância da Apologia para as correntes dos intérpretes céticos, os Ensaios não estão divididos nesse esquema. É pouco provável uma demonstração de citações que se alimente apenas da Apologia e, da mesma forma, também é incorrer em imprecisão apontar que o maior ensaio é o menos importante; além disso, há tanto ceticismo dentro quanto fora, há tanta força e fraqueza, sinceridade e insinceridade dentro quanto fora. A tese da franqueza, ou sinceridade, a literalidade ou não de Montaigne, é recorrente e Schaefer também tem o cuidado de não duvidar da sinceridade de Montaigne, quando este ataca a barbaridade e outros eventos similares como a tortura e o derramamento de sangue; mas Schaefer insiste no que não está aparente. O ponto central em Montaigne, segundo leio, reúne em síntese a combinação da franqueza da narrativa, o dogma, e da liberalidade da ficção, a poesia, a crônica, o ceticismo.<sup>424</sup> Esses dois pontos podem ser reescritos da seguinte maneira: i) as aparências, a evidência sensível e comum de eventos que desagradavam a todos os juízos, o acordo compartilhado em torno de fenômenos experimentados em comum, de maneira que ninguém discorde da franqueza do ensaísta ao vê-lo rejeitar algo feito a violência; ii) a liberdade de discorrer sobre as qualidades dos eventos, a interpretação ficcional, coerente e incoerente, a mudança de opinião, de trajetória, a suspensão do juízo e toda sorte de alterações estilísticas, em síntese, o seu

---

revisão social positiva baseada na vacância de política e de instituições. Segundo penso, não havia um lapso, um vazio institucional, havia um completo mau uso das instituições, por outro lado, a positividade de Montaigne não dependia de uma crise institucional para existir, segundo a minha visão dos Ensaios, e isto, o ponto de vista de Hilley ficaria próximo da minha interpretação de uma visão conservadora na política por razões contingentes, ou seja, próxima de parte do meu argumento baseado na contingência e perenidade do conservadorismo na matriz do ceticismo. Não tenho como afirmar que todo cético será um conservador, mas creio poder afirmar que os traços do conservadorismo estão presentes no caminho epistemológico que traz a tranquilidade.

<sup>424</sup> (2, 17, 454) Numa só página é possível ver os limites da *causalidade*, a reprovação do *conhecimento*, o abraço na *poesia*, declamações de *estilo*, elogio aos *antigos*, o conhecimento de *si* e o abraço meditado ao *senso comum*.

ceticismo.<sup>425</sup> A amarração dessas duas narrativas, quando arremetida, quando posta sobre a política, organiza positivamente um discurso conservador, afirma o costume, como a *beberagem de Circe*.<sup>426</sup> O costume é uma entidade mágica e pode tudo, tal como a bebida de Circe, que transformou os ávidos soldados de Ulisses, no livro *Odisséia*, em porcos.<sup>427</sup> A bebida eliminou a ansiedade, horizontalizou e tutelou a conduta. A lembrança da beberagem não é acidental, aqui Montaigne convida a tranquilidade prescrita por Pirro, extraída da mera observação de um porco sereno numa embarcação diante de uma tormenta marítima.<sup>428</sup> Montaigne prescreve a mesma tranquilidade de Pirro, de Circe e dos porcos.

Penso, portanto, que Schaefer trabalha numa parcela inglória de Montaigne, na parte ficcional, mais afeita à crônica, ao conto e à invenção. Ele deixa de lado a combinação de dois ensaístas, limita-se a trabalhar com um deles e procura produzir coerência num fio lânguido, no terreno da poesia sem política, sem a bebida de Circe e sem o ceticismo. Nesse terreno creio que tudo é possível, a produção de coerência nessa parcela de Montaigne é larga, dilatada e quase ilimitada. Nesse pedaço, todas as coerências são possíveis e o próprio ensaísta ajuda com as interpretações mais divergentes. Esse é o espaço no qual o ensaísta tem sempre

---

<sup>425</sup> (3, 2, 30)

<sup>426</sup> (3, 13, 446)

<sup>427</sup> HOMERO. **A Odisséia**. Adaptação de Stela Maris Brotoni. Guanabara (Rio de Janeiro): Editora Matos Peixoto, S. A., 1964. Clássicos para a Juventude. Vol. 5. (Prosa)

\_\_\_\_\_. **Ilíada**. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. 6ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Clássicos de Bolso.

\_\_\_\_\_. **A Ilíada**. Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. Ediouro/70470. Coleção Universidade de Bolso. (Em forma de narrativa).

-TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. Coleção Clássicos – História.

“O retorno dos helenos vindos de Tróia, demorado como foi, trouxe muitos problemas novos e, de um modo geral, ocorreram revoltas nas cidades, e os que em consequência dela eram banidos fundavam cidades.” p. 19.

<sup>428</sup> BROCHARD, Vitor. **Pirro e o ceticismo primitivo**. Tradução Jaimir Comte. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-brochard-pirro.pdf>>. Acessado em: 2013. Originalmente publicado na Revue philosophique de la France et de l'Étranger, Ano 6, 1885, p. 517-532.

uma *ideia na alma*, uma *imagem confusa* que o apresenta como *num sonho* e por uma forma melhor do que a que ele mesmo pôs em prática e que *não consegue captar e explorar*. E mesmo nesse *resumo difuso* ele *capta*, mas *não consegue explicar*.<sup>429</sup> O perigordiano insiste que é um poeta medíocre, mas que continua escrevendo mesmo assim, mesmo fazendo vergonha aos mais velhos, aos antigos.<sup>430</sup> Como leitor do ensaísta, considero que raciocinar e observar o que não está aparente nos Ensaaios requer um esforço pactuado e coordenado entre várias potências científicas e filosóficas para decifrar a esfinge, o labirinto, o enigma de modo que essa equipe deve ser boa tecnicamente para arbitrar no momento certo o bloqueio da regressão ao infinito. Essa equipe de cérebros dogmaticamente talentosos deve ser capaz de reler todas as fontes e as fontes das fontes usadas pelo ensaísta, e essa mesma constelação epistemológica deve ainda insistir para além do esforço tópico de Schaefer de achar a defesa que Montaigne faz de Aristóteles a defesa insincera da tradição sobre a mudança; deve julgá-la uma defesa insincera, deve reler Aristóteles e vários de seus livros e as inspirações desses livros, tendo em vista que Schaefer parou em apenas uma fonte. Poderiam ser mais livros escondendo as fontes verdadeiras, mas ele arbitrou que era Aristóteles o enigma do enigma. A suposta defesa dissimulada que Montaigne faz de Aristóteles, a defesa fraca de não macularmos as leis é uma tortura intelectual na forma de argumento, ela não resiste à Circe e à beberagem.

Uma das frases mais famosas na filosofia de Montaigne é 'que sei eu?' e é muito querida em francês. Mas como traduzir isso em poesia e em ciência num discurso ordenado a partir de princípios rígidos no ensaísta? A sua preferência de andamento

---

<sup>429</sup> (2, 17, 456)

<sup>430</sup> (2, 17, 457)

é poética, afeita ao acidente, à comoção, à mudança de rumos, ao *extravio*, “porém mais por permissividade do que por descuido”. Continua ele: “minhas fantasias seguem umas às outras, mas às vezes de longe, e olham-se, mas com um olhar oblíquo”.<sup>431</sup> Sinto-me confortável para dizer que o ceticismo habilita a ficção e que, inversamente, a ciência dogmática não se acomoda muito bem com um gênero literário como a poesia, e imagino que seja incômodo o seu estilo aberto, franco, mentiroso, dissimulado e livre.<sup>432</sup> O que dizer sobre alguém que afirma apreciar “o andamento poético, com saltos e cabriolas”? E o que dizer se ele anota entusiasticamente que a poesia “é uma arte leve, versátil, divina, como diz Platão”? O que fazer quando na sequência a afirmação traz a notícia feliz de que “há em Plutarco obras em que ele esquece o seu tema [...]”<sup>433</sup>; como definir os limites entre a fantasia e a realidade sem o ceticismo? A persistir com o argumento e a exploração da fraqueza e da insinceridade, é preciso corajosamente tomar dois caminhos absolutamente técnicos: por um lado, definir claramente os limites entre a literatura fabulosa e a narrativa realista e abrir uma espécie de realismo científico no ensaísta<sup>434</sup>; por outro lado, definir uma equipe ampla de potências científicas para examinar onde mora a poesia nos Ensaios e em que medida ela fala a verdade e em que medida a mentira. A partir disso, outro ponto adicional importante seria insistir com duas equipes de sábios dogmáticos a investigar por escavação onde começam

---

<sup>431</sup> (3, 9, 315)

<sup>432</sup> EVA, Luiz. **A figura do filósofo**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Eva trabalha em cima desse ponto considerando o ensaio como fantasia. p. 401.

<sup>433</sup> (3, 9, 315)

-(3, 9, 317): “Acréscita que talvez eu tenha alguma obrigação particular de só dizer pela metade, a dizer confusamente, a dizer discordemente”.

<sup>434</sup> LACOUTURE, Jean. **Montaigne a Cavallo**. Tradução F. Rangel. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.

Lacouture segue essa linha de Schaefer. p. 178. Ele aproxima Montaigne de Maquiavel, e em alguns momentos essa comparação é realmente possível, não pelo *realismo*, mas pelo interesse de educar e sugerir conselhos ao príncipe, segundo a minha interpretação. Lacouture acha que Schaefer exagera na comparação. De qualquer forma, *realismo* é tão plausível quanto *irrealismo* ou *surrealismo* em Montaigne.

as fontes das fontes e quais poesias *são* revolucionárias e quais *não são* e daquelas demonstrar quais afetam *realmente* Montaigne. As escavações etiológicas recuariam até Platão e todos os seus textos e, em seguida, a equipe passaria ao exame da *força* da defesa do elogio do dogmático à poesia, em seguida ao exame da força do seu sentimento de que a poesia é realmente obra *divina*, se ela é realmente *versátil*, se é *leve* e se de fato é uma *arte*. O esforço graduaria cada uma das assertivas e em seguida sentenciaria *fraqueza* ou *força*. Disso resultaria o veredicto *forte* ou *fraco*, *sincero* ou *insincero*, entre o sistema Platão-Montaigne. O exame teria de ser repetido com Plutarco e deveria estabelecer o mesmo parecer num novo sistema, seguido de novos subsistemas para cada fonte citada pelo ensaísta. Seria de bom tom que esse sistema agregado entregasse um programa ordenado no qual estivesse demonstrada uma matriz de causas, todos os autores citados, e de causas das causas de um Montaigne intoxicado pelas poesias revolucionárias. Esse sistema improvável, mas objetivo e fundo, ao modo Schaefer, não raso filosoficamente, diria três tomos sobre si e três linhas sobre Montaigne.<sup>435</sup>

O mestre de retórica observado por Schaefer é uma das muitas visadas possíveis e seria completa não fosse Montaigne tão sensível aos retóricos como aos epicuristas, aos acadêmicos, a Cícero, a Homero e por ninguém menos que Sexto Empírico. Obviamente há aqui a omissão de muitos nomes, mas creio que esses são suficientes para diluir o estilo predominantemente retórico que o montaignista quer

---

<sup>435</sup> (3, 9, 316) “Meu estilo e meu espírito vão vagabundeando ambos. Precisa ter um pouco de loucura quem não quiser ter mais de tolice (...)”. Na mesma página (Da vanidade), o poeta de Montaigne escreve por *cores diversas*, por *substâncias contrárias* “e num andamento descontínuo. Ele [Platão] mesmo é todo poético e a antiga teologia é poesia, dizem os eruditos, assim como a primeira filosofia”.  
-(3, 11, 363)

produzir.<sup>436</sup> Se não bastassem desprezíveis as menções aos retóricos do ponto de vista positivo, as menções em contrário são superiores em qualidade como em quantidade.<sup>437</sup> Os retóricos de Montaigne, como registrado no texto clássico do ceticismo antigo, atentam contra a regularidade, produzem a máscara e o artifício e por extensão constituem uma ameaça à cidade. A passagem citada por Schaefer indica que, se os retóricos, na visão de Montaigne, pudessem resolver algo com a voz e com a persuasão, que o fizessem, já que nenhuma filosofia bastou como solução. A retórica ou qualquer outra corrente intelectual eram insuficientes. Qualquer objeto, uma clavilha que fosse, serviria para salvar a estabilidade, qualquer que fosse o mecanismo que parasse a roda, o movimento insano do derramamento de sangue.<sup>438</sup> Outro produto expedido pela retórica de Montaigne apareceria pela simulação de obediência ao monarca, seria um ponto crucial no argumento de Schaefer. Leio no mesmo episódio citado que Montaigne apenas despersonaliza o cargo e o indivíduo, algo aparentemente óbvio para os nossos dias, mas ele faz isso fundado numa observação trivial entre os cétricos de que ele representa uma instituição, ele constitui o acordo comum que baliza os relacionamentos humanos na sua própria contingência e ela poderia ter outra feição, poderia sim ser uma república ao invés de uma monarquia absoluta e isso também não o definiria como um ensaísta contrário à instituição da República ou do governo popular, seria apenas a sua contingência com a mesma resposta cética ao hábito e à tradição.<sup>439</sup>

---

<sup>436</sup> (1, 8, 48): “Contentem-se com minha miséria, sem fazer dela uma espécie de malícia, e malícia tão inimiga de meu temperamento”.

<sup>437</sup> (3, 8, 212): “(...) fora dessa comédia, eles não fazem nada que seja comum e vulgar”.

<sup>438</sup> (2, 17, 485)

<sup>439</sup> (3, 1, 8): “Encaro nossos reis com uma *afeição simplesmente legítima e civil*, nem movida nem demovida por interesse privado. E felicito-me por isso. A causa geral e justa não me envolve mais do que *moderadamente e sem febre*. Não estou sujeito a essas hipotecas e *compromissos penetrantes e íntimos*; a cólera e o ódio estão além do dever da justiça e são paixões que servem somente àqueles que não se prendem suficientemente a seu dever pela *razão simples*; todas as intenções legítimas e equitativas são por si mesmas uniformes e *moderadas*; caso contrário, alteram-se em sediciosas e ilegítimas”. [itálico acrescentado]

Antes de deixar a inconsistência conservadora descansar nas boas prateleiras da filosofia política, gostaria apenas de anotar três pontos: um sobre a avaliação da dissimulação no entorno do monarca, o segundo sobre o predomínio do ceticismo e o terceiro sobre a comparação feita por Schaefer usando as categorias de *restaurador* e *reformador*. Em primeiro lugar, Montaigne não gosta do exercício da dissimulação e do protocolo interessado e privado, gosta da verdade e do compromisso legítimo e público.<sup>440</sup> A verdade deve prevalecer e assim ele examina e julga o entorno social do monarca habitado por aduladores orientados para as suas paixões e interesses privados. Ele é, portanto, contra o séquito interessado, é contra a dissimulação e um desapassionado pela instituição e pelo interesse privado.<sup>441</sup> Essas características o imprimem como um indivíduo sensato e moderado com relação à instituição e à sua vida dinâmica. É preciso um esforço maior que o empenho humano para encontrar uma linha com ardil, contra o monarca no texto de “Do útil e do honesto”. Esse ensaio é um convite à regularidade, à tradição, à lealdade e à conservação da vida e do estatuto político. Por outro lado, é ainda uma ode ao ceticismo, ele é uma demolição da filosofia, do dogma e da razão,

---

-(3, 1, 10): “Sustento que cabe propriamente *aos reis animar-se contra os reis*, e zombo desses espíritos que de coração leve se apresentam em contendas tão desproporcionadas; pois *não se entra em atrito com um príncipe* por marchar contra ele aberta e corajosamente, pela honra e de acordo com o dever; *se este não ama tal pessoa, faz melhor: estima-a*. E principalmente a *causa das leis e a defesa do Estado antigo* sempre têm isto: mesmo os que por desígnio particular os perturbam *desculpam seus defensores, se não lhes prestam honras*”. [itálico acrescentado]

-(3, 1, 12): “Mas esses são *príncipes que não aceitam os homens pela metade* e não apreciam os serviços limitados e condicionados”. [...] “As leis tiram-me de grande dificuldade: escolheram-me um partido e *deram-me um senhor*; qualquer outra superioridade e obrigação deve ser relativa a essa e restrita”. [itálico acrescentado]

-(3, 1, 22): “Horrrível imagem de justiça [*no contexto de guerras civis*]! *Há na filosofia regras falsas e frouxas*”. [itálico e acréscimo]

-(3, 1, 15): “[...] Tanto minha palavra como minha lealdade são, como o restante, peças desse corpo comum: sua melhor realização é o serviço público; tenho isso como pressuposto”.

<sup>440</sup> (3, 1, 7): “(...) evitei acuradamente que se enganasse a meu respeito e se atrapalhassem com a minha máscara.”

<sup>441</sup> (3, 10, 341); (3, 10, 343); (3, 10, 356)



ele é um apelo ao senso comum e ao uso.<sup>442</sup> Seria necessário o auxílio da máquina de escavação etiológica para afirmar que a despeito da presença extensiva do ceticismo, da troça ostensiva contra toda e qualquer filosofia, a despeito da aderência ao senso comum, que Montaigne não é cético e que funda um atentado à ordem monárquica que terá termo entre os dogmáticos iluministas de 1789. Em terceiro lugar, as bases desse ensaio<sup>443</sup> não recuam, estabelecem ou avançam e, a partir disso, gostaria de produzir um reparo na avaliação de Schaefer. Montaigne não se enquadra no rótulo de *restaurador*. Este termo é, no mínimo, impreciso, de modo que não há nos Ensaios nenhum delírio afirmando as condições passadas como melhores do que as condições sociais presentes. Há nos textos diagnósticos precisos sobre as péssimas condições presentes e elogios a conceitos ou valores metafísicos como a liberdade, a política, a verdade e a moderação. Os textos não progridem em torno do avanço e do retrocesso, não avançam em *estabelecer* e *restabelecer a ordem*, mas sim em restabelecer a tranquilidade e curar a doença dogmática, tal como apresentado em Sexto Empírico: “a obediência não é total nem tranquila naquele que raciocina e argumenta”.<sup>444</sup> Montaigne menciona a expressão *restabelecer* para se referir às tentativas corretivas que ele leu no passado, no exemplo, e afirma que todas fracassaram. Ele não as deseja, não admira as tentativas passadas que tentaram e não conseguiram *restabelecer* o curso ideal dos costumes da política, numa página de ensaio cravejada de defesa e de desejo da ordem, da fixidez das leis e da crítica à sua desobediência: “(...) mas restabelecer um estado melhor no lugar do que foi posto em ruína, isso *muitos cansaram de esperar*, entre os que haviam tentado” [itálico acrescentado].<sup>445</sup> O fragmento é claro:

---

<sup>442</sup> (3, 1)

<sup>443</sup> (3, 1)

<sup>444</sup> (2, 17, 485)

<sup>445</sup> (2, 17, 485)

as experiências de apagar, de revolucionar e de corrigir e de restabelecer, registradas no passado, mostram ser melhor conservar. Não há um plano, um desenho nítido no fragmento ou nos Ensaios apontando a República romana ou o Império de Alexandre ou o de qualquer dinastia a ser restituída. De maneira que os termos *restabelecer* e *restaurar* só ganham contornos inteligíveis em casos muito limitados e pouco úteis para a leitura do Montaigne revolucionário, mas, ao contrário, ganham nitidez, segundo leio, quando acompanhados do ceticismo, logo, *restaurar e restabelecer a tranquilidade* ou, para usar as próprias palavras do ensaísta: por ambição conservadora, derrubemos a ambição revolucionária.<sup>446</sup>

Creio que a *crença na ordem*, na acepção de Schaefer, se confunde com a *crença na ordem antiga* e, por conseguinte, na antiga sobre a cursiva. Mas o ensaísta não dá pistas de uma reposição copiosa do passado no presente, não aparece, por exemplo, o desejo de reimplante de governos e sistemas definidos, senão difusos, monarquia por monarquia, república por república. Mas, num plano sem nitidez e não menos em acordo com o ponto que defendo, em alinhamento com o hábito e

---

<sup>446</sup> (3, 10, 359) “Já que não é por consciência, pelo menos por ambição afastemos a ambição”. -FONTANA, Biancamaria. **Montaigne’s Politics: authority and governance in the Essais**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2008. Fontana ainda navega no rio da imprecisão. No mesmo ponto de Schaefer, ao discutir o Ensaio “Do costume e de não mudar facilmente uma lei aceita” (1, 23, 174), ela usa a expressão de língua inglesa para reposição, segundo a minha interpretação do seu texto. Emprega *repace* (repor, traduzido do francês *replanter*) o mesmo governo. Embora seja melhor do que o emprego da *restauração*, ela ainda não é a melhor aposta. Como no fragmento vê-se a reposição da democracia por democracia, império por império, em caso de revolução, penso que isso traz o sentido de *repor o que havia*. No entanto, Montaigne é claro apenas em dizer que se vivia tranquilamente, e que agora se vive num estado de doença. A conclusão a que chego diverge radicalmente de Schaefer e um pouco menos de Fontana, o *restauo*, o *reimplante*, o *reimplatar*, não define e fixa Montaigne num governo específico, pela passagem, na qual fica claro que se você nasce na monarquia estará automaticamente habituado a ela e, uma vez sem ela, o mesmo hábito faz com que a deseje de volta. O contorno que proponho é um pouco diferente de colocá-lo como um restaurador difuso, ou um reacionário obscuro, mas sim a partir de *doença dogmática* e *tranquilidade cética*, como um restaurador da tranquilidade. Ver “De poupar a vontade”: (3, 10, 357). Esse ponto também aparece em (3, 9, 257): “(...) outra espécie de governo, é erro e loucura”.

não com a doutrina política do monarca anterior *sobre* a doutrina atual.<sup>447</sup> Ele compreende o movimento e as mudanças, se ele as ignorasse, essa interpretação de Schaefer ganharia sentido, mas Montaigne tem uma observação de tempo, de conhecimento e de mundo bastante singulares. Essa discussão é evidente no ensaio “Do costume – e de não mudar facilmente uma lei aceita”<sup>448</sup>, mas o *reimplante* da tranquilidade, do hábito e da saúde é ostensivo em vários ensaios.<sup>449</sup> Há abertura para a reposição de qualidades virtuosas, mas não de governos ou sistemas virtuosos, de modo que um povo doente perde o sentido da saúde característica dos estados tranquilos: “(...) a bondade, a moderação, a equanimidade, a perseverança e outras qualidades assim tranquilas e obscuras não se fazem mais sentir”.<sup>450</sup> A mensagem que recolho da menção aos valores virtuosos coordenados pelo ceticismo, pela reposição do hábito e da não alteração do costume é a de que a meta é a ataraxia e, de nenhuma maneira, significa a reinstalação de um gabinete e de uma doutrina de gabinete. Os parâmetros são céticos, desapaixonados, ligados às qualidades que moderam e estabilizam a agitação produzida pela vigência do conflito entre dogmas apaixonados e rivais.

### **A primeira e a segunda pele**

A paixão é um episódio de contorno público e preenche um sentimento e uma atitude marcantes no ensaio “De poupar a vontade”.<sup>451</sup> Ela ganha algo como uma definição que pode ser compreendida conforme segue. As paixões são disparadas pela vontade e são inadvertidas, são precipitadas e andam combinadas com o

---

<sup>447</sup> (3, 9, 258)

<sup>448</sup> (1, 23)

<sup>449</sup> (3, 10, 360)

<sup>450</sup> (3, 10, 357)

<sup>451</sup> (3, 10, 326)

interesse privado.<sup>452</sup> As paixões e os interesses são dois acidentes intelectuais motivados pelo desregramento e que resultam de sentimentos descompassados e produzem uma interpretação calculada de um fenômeno com a perspectiva de algum benefício privado originada da sua aplicação ao mundo social.<sup>453</sup> O cálculo é deflagrado por uma definição obscura de benefício privado e a partir dele as ações do indivíduo chegam a termo.<sup>454</sup> Uma vontade excessiva misturada a um apetite destemperado dispara o senso de entendimento do indivíduo.<sup>455</sup> O entendimento define um objeto de paixão *alvo* de uma *verdade atual* destituída de *verdade anterior*.<sup>456</sup> Essa última operação toma curso com a seleção arbitrária de causas e precipita sobre a vida comum uma série de *erros populares* como a vingança.<sup>457</sup> Ainda que essa operação possua verdades anteriores, para o caso da seleção de causas, e que tenham sido compartilhadas, tendo resultado de um pacto e acordo público, as paixões da *vingança* não encerram justiça.<sup>458</sup> A convicção e o juízo não devem servir à *verdade* e nem tampouco aos *desejos*.<sup>459</sup> A verdade é um objeto diferente nesse caso, ele é meramente filosófico, é o resultado original do entendimento, do juízo, da razão e configura o dogma por excelência. O desejo é uma variação menos isenta e se filia objetivamente na disputa política de maneira ainda mais temerária que o produto da fábrica de soluções intelectuais puras de interesses mundanos. O desejo pode mobilizar a paixão da vingança e precipitar uma ação inaceitável sobre a vida em comum. O entendimento, ora representado por dois produtos conhecidos como a convicção e o juízo, não deve servir à verdade

---

<sup>452</sup> (3, 10, 335)

<sup>453</sup> (3, 10, 345)

<sup>454</sup> (3, 10, 346)

<sup>455</sup> (3, 10, 345)

<sup>456</sup> (3, 10, 344)

<sup>457</sup> (3, 10, 346); (3, 10, 348); (3, 13, 387)

<sup>458</sup> (3, 10, 348)

<sup>459</sup> (3, 10, 344)

ou ao desejo uma vez que ambos vão além do uso.<sup>460</sup> A verdade que resulta das paixões é uma verdade privada e carrega todos os riscos para o agregado humano, ela é uma ameaça à continuidade, ao acúmulo de experiências comunitárias e traz o germe da tirania e do esfacelamento social. A característica central dessa verdade é a de procurar refazer o homem, reinventá-lo de modo a corrigir toda a conduta humana conhecida. Ao contrário, o uso recai sobre a experiência social de duas maneiras: sobre a *forma* meramente *humana* e que com o passar do tempo conforma a substância; sobre a *fortuna*, que constitui um evento ou fenômeno inumano, e que também com o auxílio do tempo ele conforma a natureza. Qualquer experiência social ou natural que vá além dos usos é uma solução que trará uma vida confusa, desorganizada e configura algo que está além dos direitos da sociedade.<sup>461</sup>

Esse programa sistemático de descrição, definição detalhada da idiotia, é ao mesmo tempo uma diagnose da paixão organizada pelo ceticismo e constitui um modo de bloquear a mudança, a inovação carregada pela temeridade. A avaliação corrente entre montaignistas cessa a participação do ceticismo no juízo e na sua habilidade de produzir limites para a ambição da razão. Esse movimento reabilita as teorias cujo contorno remove o ceticismo da ação pública e o circunscreve nas operações mentais em torno do dogma e da filosofia e, em última análise, o inviabiliza para a prática e a ação no mundo. O Michel de Montaigne, que derrota a razão e a paixão, é um tipo de pensador; por outro lado, o ensaísta que proclama a validade do uso sobre a razão e sobre o juízo é outro Montaigne, enquanto isso há outro completamente diferente para esse tipo de perspectiva, há em Montaigne o ensaísta

---

<sup>460</sup> (3, 10, 344)

<sup>461</sup> (3, 10, 340)

que organiza um discurso, conservador, público em torno do ceticismo. A aparência geral dos trabalhos dos comentadores que isolam o ceticismo da atividade prática é a de que eles não observam na ataraxia e tampouco em vários pontos importantes do pirronismo, recorrentemente mencionados por Montaigne, como elementos que sirvam como premissa ou fundamento para a ação conservadora. Isso é óbvio, por exemplo, pelo *modo* como Montaigne vê a *seleção arbitrária de causas*, alguns dos expedientes da suspensão do juízo, segundo o qual todo dogmático seleciona as causas que lhe convém, como instrumentos absolutamente válidos para a disputa política.<sup>462</sup>

Cada um desses autores acende e apaga a parcela do ceticismo em algum momento de seus raciocínios, conforme Friedrich ou Schaefer. Assim como Montaigne afirma que os eruditos não o são em todos os assuntos, embora seja desejável, não é necessário e nem plausível que todo comentador compreenda todos os pontos narrados por Sexto Empírico e como os seus efeitos aparecem em Montaigne.<sup>463</sup> Ainda dentro desse paralelismo ao qual recorro dentro do ensaísta, da mesma forma como não há leitores desavisados com os três volumes dos Ensaios nas mãos, sugiro que *a primeira pele de Montaigne é o ceticismo, a segunda pele é o hábito representado*. Essa afirmação é uma interpretação de algumas variações de Montaigne em torno de representações e me refiro, nesse caso, especialmente, a como ele descreve o paralelo homem e natureza.<sup>464</sup> Ele afirma que o *hábito* é uma *segunda natureza* e também que não devemos misturar a *camisa* ou a *máscara*, com o sentido de *cargo*, com a própria *pele*.<sup>465</sup> *A segunda natureza, a camisa* ou a

---

<sup>462</sup> (3, 10, 363)

<sup>463</sup> (3, 12, 383): “Iria eu morrer menos alegremente antes de ler os *Tusculanos*?”

<sup>464</sup> (3, 10, 338)

<sup>465</sup> (3, 10, 341)

*máscara* são representações do indivíduo ou do sujeito. Quero sugerir que a primeira pele seja o ceticismo e que a segunda, seja o hábito. As razões para tanto transbordam, mas creio que a principal seja a de que a segunda pele, a metáfora do contorno exterior, o hábito, que amolda o juízo seja ela mesma um resultado intelectual do ceticismo.<sup>466</sup> Estou afirmando que o hábito considerado meramente como uma *razão prática* poderia fazer de Montaigne um não-fideísta, mas um religioso. O hábito por si poderia fazer de Montaigne um papista, um partidário da crueldade, um apaixonado pela vingança, um homem guiado pelo interesse privado e filiado ao ódio. A primeira pele é um resultado intelectual, ela não é um fenômeno em curso e é ao mesmo tempo uma interface normativa, ela é um fenômeno cético, uma invenção produzida da *epoché*. O uso, o hábito e o costume citados exaustivamente por Montaigne não estão em curso, acaso ele fosse guiado pelo hábito em vigência, ele seria um cortesão dogmático.

A segunda pele é a apresentação pública do *hábito interpretado* por ele, este é uma representação, é a disputa de um fenômeno por outro.<sup>467</sup> O hábito é uma bandeira tomada pelo ceticismo com vista à tranquilidade e, da mesma forma, o hábito é uma bandeira para Montaigne com vista à vida tranquila.<sup>468</sup> Portanto, Montaigne deseja decantar sobre a sociedade, sobre os hábitos em vigência, uma solução intelectual.<sup>469</sup> Fosse obediente ao costume, acaso não refletisse, aderiria ao uso de atentar contra a vida da doutrina rival, contra a bandeira da religião rival. O hábito possui dessa forma duas inscrições: a primeira representa um *produto intelectual tomado do ceticismo*, uma reflexão sobre a capacidade de a razão poder interferir

---

<sup>466</sup> (3, 10, 341)

<sup>467</sup> (3, 11, 374); (3, 11, 375)

<sup>468</sup> (3, 10, 357)

<sup>469</sup> (3, 10, 360)

positivamente ou não na organização das comunidades humanas experimentada exaustivamente pelo ensaísta. A segunda é uma interpretação e um juízo de valor sobre o melhor meio de organizar a vida descrita persuasivamente em três livros. A narrativa clarividente sobre a vicissitude do hábito rivaliza contra o hábito em vigência. Há, portanto, três rotinas investigativas em curso sobre o estatuto do hábito: a primeira, uma rotina orgânica, segundo a qual conhecemos a hora em que Montaigne se deita, come e sente dores do seu cálculo renal. A segunda, a sua reflexão sobre os limites da razão e o valor do hábito como resultado mais adequado para a vida tranquila. A terceira, a observação positiva de que o hábito pode ser alterado, uma vez que ele não está de acordo com o hábito em curso no passado, em outras palavras, o hábito ordinário pode suprimir o hábito extraordinário. A razão para esses três caminhos e rotinas é originária de uma conclusão que me parece plausível: fosse o ensaísta completamente coerente com a sua definição do hábito, com aquilo que chamo de *hábito extraordinário* e com o que o ensaísta chama em diferentes momentos de *novo hábito*, venceria as rotinas investigativas nas duas primeiras definições. Se os Ensaaios fossem uma narrativa de rotinas domésticas e apenas isso, teríamos de concordar que o hábito é uma *primeira pele*. O ensaio “Dos coxos” é capital.<sup>470</sup> Como o hábito é um experimento absolutamente intelectual, ele é uma ferramenta recorrente para a restituição da tranquilidade, uma ferramenta para moderar, conservar; ele é um instrumento de uso multifacetado a constituir o seu conservadorismo contra a inovação, contra a verdade nova.

Segundo percebo, esse é o ponto mais central da retumbante inobservância do ceticismo como fundamento do pensamento conservador de Montaigne pelos seus

---

<sup>470</sup> (3, 11, 362)



comentadores. Em Friedrich, o conservadorismo advém de uma *razão prática* depois de reconhecer a inatividade do ceticismo, ele não advém da *razão cética* depois de demonstrar a atividade prática e a vida ativa dos cétricos e do seu equipamento teórico ou meta-teórico. Esse hábito inventado, objeto da memória, da ficção e da interpretação do ensaísta, constitui a base de um pensamento conservador ativo e reativo. No primeiro caso, ele é obra da inclinação de Montaigne, ele resulta de sua aplicação ao ceticismo, de seu manuseio pessoal da obra de Sexto Empírico e penso que ele o defenderia mesmo que vivesse em ambientes políticos mais pacíficos do que o que ele experimentara. Conseqüentemente, no segundo caso, penso que ele é uma peça na esgrima política, ele é um elemento do qual o ensaísta se utiliza para disputar uma visão de mundo, constitui, portanto uma atividade reativa à visão da vitória baseada no dogma e no seu apêndice igualmente temerário, o interesse privado. O hábito é um elemento prescrito, é um objeto, uma imagem, uma produção intelectual do pirronismo de Montaigne a ser resposto no curso da ação equivocada no mundo produzido pela interpretação dogmática. As operações do ceticismo são o estabilizador do curso da ação humana. Segundo leio, a narrativa de si, dos seus próprios hábitos, da discussão sobre a natureza e a natureza do hábito e a projeção do hábito sobre a disputa consagram o interesse de Montaigne para o implante e o reimplante da ataraxia. Não creio que apenas a restituição pura e simples do hábito pretérito sobre o hábito em vigência seja o seu mote principal, tendo em vista que ele próprio reconhece que a própria *estabilidade* não é outra coisa senão um *movimento mais lânguido*, mas sim que o hábito vivo na memória, um objeto do receptáculo da experiência e também objeto da interpretação, seja combinado com as alterações na imagem original e com as experiências presentes. Em outras palavras, é possível afirmar que o ensaísta

demonstra a compreensão de que é impossível recuar a experiência social até o passado remoto e que o reimplante do hábito antigo será inequivocamente combinado ao experimento e equipamento cognitivo social que tenha resultado da experiência dogmática beligerante.<sup>471</sup> Ao afirmar as rotinas domésticas como a notícia de que prefere ficar em silêncio, comer e beber, e quando narra toda sorte de experimentos ordinários, simultaneamente introduz a lembrança do valor do hábito e o quanto de prazer, conforto e segurança podem produzir em lugar da imprevisão. Se esse fosse o mote geral dos Ensaaios, seria de fato um segundo revestimento; por outro lado, na impossibilidade de reduzir a visão do hábito a esse relato doméstico, ele assume características bem mais fundas do ponto de vista teórico e passam a embalar uma narrativa organizativa baseada no pirronismo e no objetivo crível da ataraxia.<sup>472</sup> Montaigne *crê* e propõe o hábito como objeto para se projetar na disputa.

O pirronismo afirmado e propalado é um meio e um fim para a tranquilidade, sem ele, sem uma profissão de ignorância, nós geramos muitos abusos no mundo.<sup>473</sup> Com essa premissa, a fixação do hábito doméstico fundamenta uma série de hábitos privados contra hábitos públicos por um lado, e que ao mesmo tempo, por outro

---

<sup>471</sup> (3, 13, 450)

<sup>472</sup> LAURSEN, John Christian. **The Politics of Skepticism in the Ancients, Montaigne, Hume, and Kant.** Leiden: E. J. Brill, 1992.

Laursen afirma que Montaigne subordina a atividade política à tranquilidade e se calça fundamentalmente na experiência do ensaísta como prefeito. p. 104. Afirma um ceticismo prático e muito ligado à vida política, portanto. Entretanto ele não faz conexões explícitas entre o pirronismo e a leitura de mundo do ensaísta. Embora seja um arrazoado amplo sobre o pirronismo em Montaigne, Laursen não faz conexões claras de como aparece o conservadorismo além da menção comum da preferência pelo hábito e a tradição, lugares comuns. É mais um trabalho que afirma Montaigne conservador, mas que não aponta as razões. O trabalho traz em si o mérito de apontar um plano em Montaigne baseado no pirronismo, esse roteiro, ostensivo nas orientações de Pirro e Sexto Empírico, é chamado por Laursen de Metodologia Cética de Montaigne: a confissão de ignorância, a virtude de viver sob a falibilidade humana, a equipolência e a variedade de costumes, a ilusão da causação, a retórica da pesquisa, as regras pirrônicas, as leis e costumes e finalmente a natureza.

<sup>473</sup> (3, 11, 369); (2, 17, 482)

lado, ajudam a fixar a identidade do indivíduo pela interface dos dois hábitos representados e combinados. Diante da impossibilidade de fixar o indivíduo apenas com base no juízo, na razão e nos sentidos, ou seja, o mundo ordenado em torno de objetos conhecidos pelos mesmos hábitos baliza a identidade do indivíduo<sup>474</sup>, a autodescrição, a definição do hábito doméstico e a soma de experiências pretéritas necessitam de um *hábito espelho* na vida pública. Diante de um indivíduo falho, rebaixado como diria Friedrich e mesmo Laursen, o hábito em comum, segundo percebo, ajuda a ordenar a vida e o que é o indivíduo. As leis, a religião, os costumes, a autoridade, o sistema de governo, a justiça, as relações políticas sem máscara e artifício, as relações público e privado, as instituições públicas e privadas, todos servem como ordenadores lógicos comuns segundo a estocagem de experiências conjuntas.<sup>475</sup> O indivíduo falho interage com outros e, na impossibilidade de viver em isolamento, ele necessita da interação com um mundo que experimenta coisas em comum, o erro do primeiro produz o erro do segundo e o deste àquele.<sup>476</sup> Indivíduo e mundo, indivíduo e cidade, ambos são movimento e mudança, Montaigne reconhece, entretanto, que alterações radicais num ou noutro produzem o mais completo desconforto se acontecem em desacordo, se tomam curso orientadas pelo advento das paixões, pela infecção do dogma, pela imoderação.<sup>477</sup> O pirronismo aparece nesse sistema como o moderador das afecções, como o medicamento contra a ambição do indivíduo e como a ferramenta de preservação da cidade e do mundo. Como conclusão, temos a fixação do indivíduo e a fixação do mundo, a fixação deste é a fixação daquele.<sup>478</sup> A definição de um lugar claro para a razão, de fixar e de limitá-la é, ao mesmo tempo, fixar e

---

<sup>474</sup> (3, 9, 31)

<sup>475</sup> (3, 17, 476); (3, 17, 478)

<sup>476</sup> (3, 11, 365); (1, 13, 71)

<sup>477</sup> (3, 12, 390)

<sup>478</sup> (2, 17, 483), (2, 18, 497)

regular a cidade, é estabelecer a regularidade e difundir a tranquilidade.<sup>479</sup> No ensaio “De poupar a vontade”, o pirronismo é um plano positivo de ação política sobre a cidade, ele fundamenta o ato de *conservar e durar* de Montaigne representado, público, planejador, o prefeito que faria cessar um distúrbio *sem se alterar, sem se perturbar*, o alcaide que puniria a desordem.<sup>480</sup> O hábito particular e o hábito público, na mesma moeda, idealmente levado ao mundo, idealmente *praticado* são as duas faces da mesma segunda pele, eles são o meio para a tranquilidade.<sup>481</sup>

O seu livro é sempre o mesmo, o seu relato, a sua fixação, ele é ato contínuo, ele é a ação prática e o exercício teórico possível do pirronismo.<sup>482</sup> A projeção do *hábito* coordenado com o *hábito em curso* regula a ação pública.<sup>483</sup> O restauro do hábito antigo, dos valores antigos, a sua invenção, a representação das virtudes antigas mediadas pelo uso, integradas com a melhor forma de governo, aquela que ele vê, constitui o melhor dos mundos.<sup>484</sup> A agenda cética positiva, a política cética, o pirronismo cético impõem a coordenação de passado e presente sem lapsos, sem cortes, sem saltos e rupturas com a experiência comum observada nos exemplos antigos. Em Montaigne temos um conservadorismo nascido do interior do jeito peculiar dos cétricos verem o mundo e verem a convivência. A combinação de passado e presente pode indicar ainda a leitura que o ensaísta faz com uma crítica ao ordenamento atual e que ele deseja eliminá-lo. Ainda que essa seja uma leitura válida, não vejo base nos textos para imaginá-lo eliminando o presente pelo

---

<sup>479</sup> (3, 11, 365); (3, 13, 393)

<sup>480</sup> (3, 10, 359); (3, 10, 360); (3, 10, 356); (3, 10, 357); (3, 13, 436)

<sup>481</sup> (2, 17, 488); (2, 17, 466); (3, 13, 489); (3, 13, 492)

<sup>482</sup> (3, 11, 367); (3, 13, 434); (3, 13, 440)

<sup>483</sup> (3, 13, 465)

<sup>484</sup> (3, 13, 483); (3, 9, 243); (3, 9, 257)

passado, antes o contrário, a referência ao passado próximo da experiência presente é uma marca temporal importante representada pelo ensaísta. O presente é objeto de crítica e isso é evidente em vários ensaios, mas a mudança, a sua completa dissolução, não é obra do ensaísta, salvo a completa eliminação da vida, da brutalidade, do sadismo e da covardia.<sup>485</sup>

O enfrentamento da crise do hábito em curso deve acontecer com serenidade, moderação e tranquilidade. O mal conhecido e representado pela conflagração física dos antagonistas é melhor do que a tirania que virá de outra solução dogmática. Montaigne repete a fórmula de Sexto Empírico segundo a qual não há mal em si e o que nos atormenta, o que nos rouba a tranquilidade são os dogmas que produzimos sobre a sua natureza, sobre o que é essencialmente o mal. Ainda que a experiência e a sua percepção observem o diagnóstico desfavorável do edifício social, ele entende que a superação desses descaminhos da estabilidade poderá chegar a um bom final. Ele conta que o hábito será eficiente contra a ambição, o ciúme, a inveja, a vingança, a superstição, o desespero e a crueldade.<sup>486</sup> Apenas a nossa imaginação nos incute essa ideia que traz em si a perturbação.<sup>487</sup> O suposto mal estabelecido, com a devida duração e constância, será assimilado através do hábito e lhe aparece como definitivamente melhor do que o desregramento que advém com a agitação da mudança.<sup>488</sup> O risco é o de fazer desabar um edifício erguido pelo uso, pelo costume e pela assimilação suave que estes podem produzir na experiência humana.<sup>489</sup> As tentativas mais fantasistas produzidas por aqueles que tentaram corrigir os costumes do mundo produziram a mais diminuta alteração da aparência

---

<sup>485</sup> (1, 16, 102); (2, 27, 541)

<sup>486</sup> (3, 1, 6)

<sup>487</sup> (1, 14, 73)

<sup>488</sup> (2, 17, 485)

<sup>489</sup> (2, 17, 485)

das coisas ao invés de afetar um milímetro de sua essência.<sup>490</sup> Com base nessa percepção e na vantagem da tranquilidade, ele não troca o curso da sociabilidade com medo de perder na troca.<sup>491</sup> A atividade do pirrônico<sup>492</sup> Michel de Montaigne é absolutamente compatível com a fabulação de mundos conservados, com a invenção de um pensamento conservador a partir dos sentimentos do indivíduo, a partir da sua narrativa e de sua descrição. O estudo da rotina, da regularidade, da estabilidade, da preferência associados aos limites do conhecimento produzem uma pesquisa geral sobre como se conserva o indivíduo e a sua comunidade.

Uma das interfaces possíveis da organização de um pensamento conservador em Montaigne aparece pelo estudo do hábito, a partir da plataforma do pirronismo.<sup>493</sup> Não há discrepância entre o estudo de si, o pirronismo e a vida política. Indivíduo, ceticismo e vida em comum são elementos que podem ser combinados numa atividade prática em lugar da mera observação de que o segundo bloqueia a produção da atitude e, mais do que isso, penso ser possível não apenas colocá-los em acordo, mas também observá-los livres da visão parcelada da contribuição positiva do ceticismo. Há comentadores que escapam das teorias que definem os céticos como indivíduos ou como pensamento inerte, mas, por outro lado, é majoritário entre esses trabalhos o fato de não conseguirem produzir nexos, vínculos entre esse modo de pensar filosoficamente e uma agenda nítida de ação política em torno do conservadorismo. O estudo do hábito tal como proponho, como a pele de Montaigne, o que ele próprio chama de *segunda natureza*, é uma caracterização

---

<sup>490</sup> (3, 2, 36)

<sup>491</sup> (3, 9, 267); (1, 13, 71)

<sup>492</sup> (1, 14, 79)

<sup>493</sup> LAURSEN (1992)

A visão geral de Laursen, do ceticismo para a política, é uma referência importante para essa aproximação mais abrangente.

possível dessa vinculação entre o que chamo de dois pensamentos possíveis combinados num mesmo autor. Segundo entendo, o elogio do hábito e o seu estudo cauteloso e medido é uma produção viva originária da conexão entre os fundamentos do *jeito* Montaigne de pensar e agir na política.<sup>494</sup> O hábito não consiste em uma rotina desconexa da reflexão do ensaísta, ele é um elemento alvo de investigação detida e ostensiva: “a habituação embota a visão de nosso discernimento”.<sup>495</sup> O ceticismo não destitui as crenças ou inviabiliza a validade científica e filosófica de nenhuma proposição no mundo, ele não anula a crença, pelo contrário, nos Ensaíes ele a promove.<sup>496</sup> Não há, pelo menos no que refiro a Montaigne, um abraço ao hábito como desistência de nossa capacidade de colocar um discurso irretocável sobre o mundo e sobre a natureza das coisas, pelo contrário, o hábito é uma representação e cópia da atividade mental intensa em torno de sua capacidade de ordenar a atividade intelectual em produtos e de ordenar uma vida social em colapso.<sup>497</sup> Essa segunda natureza, a que chamei de primeira pele, para definir o ceticismo, e de segunda pele, para produzir um *hábito representado*, corre em paralelo com outra interpretação social amplamente pronunciada pelo ensaísta, a primeira natureza, a natureza objeto da fortuna. Portanto, a primeira e a segunda natureza consistem em duas representações mentais postas sobre o mundo, e que correm paralelas, esgrimidas por ele com vistas a organizar um discurso que freie a difusão da conflagração, que promova a estabilidade, que auxilie a convergência da experiência humana conhecida com a experiência dogmática em curso e que bloqueie a mudança e a inovação.

---

<sup>494</sup> (2, 37, 678)

<sup>495</sup> (1, 23, 167)

<sup>496</sup> (3, 11, 366); (3, 11, 369); (3, 11, 375); (1, 27, 268): “(...) não que posteriormente a experiência me tenha feito enxergar acima de minhas primeiras crenças (...)”.

<sup>497</sup> (1, 20, 157)

Acaso houvesse que dispensar a validade do pirronismo e a representação do hábito no ensaísta, segundo penso, o conservadorismo seria capturado pela mudança, pela relação do ensaísta com a inovação, pelos *novos hábitos*. Acaso vença a tese da inação ou mesmo a ênfase da ação e contribuição parcelada do pirronismo para o conservadorismo, teríamos um conservador sem referência ou fundo teórico ou meta-teórico e estou me referindo ao ceticismo como uma teoria de como se pensa.<sup>498</sup> Segundo esse ponto de vista, haveríamos de buscar outras explicações para um pensamento conservador bastante adiantado e sofisticado nos Ensaísta, onde se lê um indivíduo inapto para a novidade.<sup>499</sup> Novamente, percebo que o ônus de remover o ceticismo do conservadorismo em curso designa uma tarefa invulgar e bastante respeitável. O conforto de associar essas duas imagens me aparece desde o primeiro ensaio, “Por diversos meios chega-se ao mesmo fim”<sup>500</sup>, até o último e um dos mais brilhantes, uma verdadeira aula de como se

---

<sup>498</sup> EVA, Luiz. **A figura do filósofo**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Eva trabalha o costume a partir de considerações epistêmicas e de caráter mais geral tal como Hume trata depois de Montaigne. Além dessa associação mais filosófica e menos conexa à atividade política que proponho, pelo contexto de ideias disputando a coordenação da experiência social, Eva aborda o costume como o desafiante da ação de compreensão e entendimento dos objetos: “como um limite à capacidade de reflexão”. p. 150. Abordo o tema de maneira inversa: o costume, sem distinção deste ao hábito, como um objeto mobilizado por Montaigne para persuadir a sociabilidade, como uma proposta, uma aposta para a dimensão pública, como o configurador da regularidade pública sob a premissa de que a sua identificação e observação receberam a acolhida cuidadosa e nada ingênua do ensaísta. Da mesma forma, divirjo de Eva quanto a afirmar que no debate sobre o conservadorismo o costume seja visto como o “fundamento da ordem pública”, pois o fundamento, se é que há algum, penso ser o acidente e a tranquilidade. Montaigne não vê fundamento, vê um conjunto de experiências em comum que resultaram do acidente e do acaso e que, uma vez estabelecida uma ordem pública, ela requer uma vida sem perturbação. Depois de ambos, segundo interpreto, Montaigne se socorre pelos costumes.

-HUME, David. **Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Tradutor: Déborah Danowsky. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Especialmente “Do entendimento”. p. 3; e “Dos efeitos do costume”. p. 19. Seja como for, a variação e a presteza do costume dentro do Tratado, o transformador de desconforto em conforto do entendimento, penso que os Ensaísta Morais sejam o habitat da abordagem que proponho sobre Montaigne.

-HUME, David. **Essays: Moral, Political and Literary**. Indianapolis: Liberty Fund, 1987. Baseado na edição de 1777 do vol. I of Essays and Treatises on several subjects.

Em “Da origem do Governo” lê-se: “Habit soon consolidates what other principles of human nature had imperfectly founded”. p. 39.

<sup>499</sup> (3, 10, 340)

<sup>500</sup> (1, 1, 7)



pesquisa, “Da experiência”<sup>501</sup>, no qual o ensaísta estava mais próximo de sua morte. Antes de voltar aos montaignistas gostaria de afixar uma passagem mais longa e sonora do próprio ensaísta de “Do costume e de não mudar facilmente uma lei em vigor” para que ele mesmo fale sobre o conforto de se conservar a ordem do mundo:

“As leis da consciência, que dizemos nascerem naturalmente, nascem do hábito: toda pessoa, venerando intimamente as ideias e costumes aprovados e aceitos ao seu redor, não pode desligar-se deles sem remorso nem se aplicar neles sem aplauso”<sup>502</sup>.

Pela passagem, o hábito reveste a natureza do indivíduo. Isso, no mínimo, habilita a autonomia do sujeito em diante da natureza. Montaigne deixa margem para a ação humana, ainda que, recorrentemente, afirme a superioridade daquela. Ele sugere a veneração com sentido de observação da ideia e do costume. A desativação do curso habitual é um transtorno, por outro lado, a manutenção traz resultados aprazíveis e dignos de elogios.

---

<sup>501</sup> (3, 13, 421)

<sup>502</sup> (1, 23, 173)

## Capítulo 4

### A grande escola de buscas em Montaigne

O maracatu dança negra  
E o fado tão português  
No Brasil se juntaram  
Não sei que ano ou mês  
(*Braia dengosa – Zedantas*)

#### O mundo é uma escola

O mundo é a grande escola.<sup>503</sup> Nesse colégio, Montaigne é um aluno aplicado e indócil. A mobília da escola é alvo sistemático de sua crítica. Da mesma forma, as aulas e os professores de colégios com paredes são seus desafetos declarados. Os conversadores, os reprodutores, os repetidores, os que granjeiam algum dinheiro com doutrinas são ou representam coisas que só se põem em lugares desorganizados e, em último caso, sem nenhum privilégio. A mobília da escola com paredes também não lhe reveste bem a cabeça, pelo contrário, todas lhe trazem desconforto, de modo que ele prefere um juízo sem cadeiras e mesas, sem fixidez, livre para andar ao ritmo das suas inclinações e, de quando em quando, conversar com um mestre que apenas promova o entendimento e muito pouco a memória. Portanto, a escola não deve ter paredes, móveis e professores, mas apoiadores de inclinações, que são uma espécie de resultado do entendimento após um grande percurso de *epoché*. As *inclinações* colocam sobre o mundo os muitos mundos percebidos pelo ensaísta e penso que cada demonstração de um *juízo* que

---

<sup>503</sup> (3, 8, 213)

fala por elas é orientada politicamente pela conservação da variedade e pluralidade de experiências sociais tuteladas pela transigência, a calma, a moderação e pela tranquilidade. É por elas que o ensaísta promove um mundo que organiza e impõe ordem na distribuição de soluções da escola, pois ele sabe que não está sozinho. O que está em jogo é um produto colegial que não fala das coisas, mas do modo, as escolas falam da maneira, e não da matéria. O esforço do ensaísta é produzir buscas que promovam a organização pirrônica sobre a ânsia inovadora que se abate contra o *modo* e que é repetida na *matéria*, que continua desconhecida. Portanto, as buscas serão infinitas e infinitas serão as tentativas de coordenar as inovações sob a tutela da noção pirrônica de mundo. Isso envolve uma noção clara de tempo, de política, de conservação do ordenamento e das investidas dogmáticas contrárias a essa rotina organizativa. A tarefa básica é traduzir a conservação dessa ordem num pensamento conservador, num esforço normativo contrário à mudança.

### **O conservador que se move**

A inovação é um vício, a conservação é uma virtude.<sup>504</sup> O inovador é um usurpador do poder de julgar, pois aquele que obedece a autoridade pública age de acordo com a natureza.<sup>505</sup> A virtude é a melhor produção da filosofia da ignorância, ou que esta possui entre a melhor de suas obras a virtude da conservação e que qualquer filosofia que professe o conhecimento é uma produtora de soluções usurpadoras de objetos públicos. As combinações das duas passagens são inúmeras e podem produzir algumas boas sínteses do coração do ensaio “Do costume” e de certa

---

<sup>504</sup> (1, 23, 180)

<sup>505</sup> (1, 23, 181)

forma espelhar o ensaio “De poupar a vontade”.<sup>506</sup> O pirronismo e o conservadorismo estão espalhados por muitas páginas dos ensaios, mas é possível ir um pouco além e arriscar afirmar que talvez esses últimos ensaios estejam para o conservadorismo como o centro da Apologia está para o ceticismo pirrônico.<sup>507</sup> A filosofia da ignorância tem nome e me aparece como a própria crença e a crença na política para o ensaísta.<sup>508</sup> As razões para uma impressão como essa têm outras fontes além das duas passagens e são bastante óbvias: o trabalho está escrito, as narrativas são interpretações amplas e ligam o público e o privado constantemente pelo pirronismo. Ele escreveu a sua filosofia da ação enquanto poderia simplesmente praticá-la, mas, não satisfeito com a prática, legou um ceticismo militante e convicto da virtude do conservadorismo como cura para a doença da inovação para a posteridade.<sup>509</sup> O legado de Sexto Empírico assume contornos mais definidos em Montaigne. Há uma medida de acréscimo de Sexto Empírico a Montaigne em grau e aplicação. Agora os cétricos possuem um texto qualificado e identificado estilisticamente, tematicamente, a despeito do texto eminentemente técnico conhecido até então e que ganha nexos para a vida cotidiana através de uma porta ampliada como a política. Tal como no texto do ceticismo antigo, a benevolência cética aparece em Montaigne e entendo que o seu conservadorismo seja uma manifestação altruísta tão ampla quanto àquela de seu antecessor, é o amor à humanidade o que faz o ensaísta mobilizar um conjunto de exercícios do juízo contra males objetivos, o ensaio das operações humanas, da atitude mental capaz de solucionar enfermidades da razão. O juízo é movimento, as operações que nos levam até os objetos são movimento. Gostaria de discutir neste ponto um dos

---

<sup>506</sup> (1, 23, 161); (3, 10, 357)

<sup>507</sup> (2, 12, 157)

<sup>508</sup> (1, 27, 267)

<sup>509</sup> (2, 23, 525); (2, 20, 513); (2, 18, 499); (2, 19, 504)

trabalhos que abordam o pensamento conservador por essa ótica e estou me referindo a Starobinski.<sup>510</sup>

A abordagem do montaignista dá um valor visual, uma qualidade estética para o ensaísta. Por essa perspectiva, há nos ensaios uma marcação estética sobre as palavras, sobre a relação dela com o som produzido e os sentidos que despertam no autor e no leitor. Se a razão e a consciência possuem um espaço bastante limitado no terreno da convivência humana, as palavras, o verbo, os recursos da linguagem passam a preencher um espaço segundo a estética e um espaço aos sentidos. A abordagem é intimista e usa verbos e pronomes que incluem e falam diretamente ao leitor, ele o convida para participar e não apenas ser espectador do texto, Montaigne concede uma experiência sensorial àqueles que lhe oferecem os olhos. Ele produz a simpatia do leitor quando fala de eventos comuns e aberrantes e daí começa uma relação mais aberta e envolvente, a partir de sentimentos como o da compaixão, da solidariedade e do compadecimento e, em última análise, o ensaísta estabelece uma relação pessoal com o leitor. Com esse expediente, ele combinará crítica social com conservadorismo.<sup>511</sup> Essa simpatia original pode transformar-se numa ética compartilhada e incutir um princípio comum *entre criaturas relativas*.<sup>512</sup>

A partir da crise em torno da ordem política, da convenção legal, restaria a Montaigne procurar estabelecer a ordem cognitiva, continuar a fazer o que foi quebrado e o ceticismo é a atividade e o caminho preferencial para a

---

<sup>510</sup> STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em Movimento**. Tradução Mara Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>511</sup> STAROBINSKI (1992, p. 241)

<sup>512</sup> STAROBINSKI (1992, p. 239)

continuidade.<sup>513</sup> O nosso *não-saber* e a *inanidade do pensamento cético* abrem vantagem para as crenças estabelecidas e Montaigne é de uma *sinceridade perfeita* ao não disputar com essas crenças. No contexto de conflagração a ordem e o costume são as menores violências, ainda que essa crítica não crie mundos ou desperte indivíduos.<sup>514</sup> Ainda que o pensamento de Montaigne seja atuante, Starobinski não vê possibilidade de ação concreta: o ceticismo não significa para ele atividade, porque o cético não consegue enxergar um futuro, seja por razões metafísicas ou pela falta de anos de vida, Montaigne “não pensa o passado histórico, nem a ação orientada para o futuro”.<sup>515</sup> A sua abstenção intelectual, baseada na *epoché*, não significa a ausência de atividade pública, mas o repouso preferencial no conforto da sua biblioteca, onde poupa a vontade e, por outro lado, para fins públicos ele atuará por uma atividade branda e retraída.<sup>516</sup> Além de não conhecer o que chamamos de história, o conservadorismo de Montaigne não conheceu o que chamamos de progresso ou as teorias do progresso histórico. A conservação e a duração terão como referência antagônica, em primeiro lugar, a inovação, enquanto a duração terá para Montaigne paralelo com a sua concepção de natureza e por essa razão ele afirmará um conjunto de metáforas orgânicas para se referir à sociedade. Como sequer conhecemos a nós mesmos, não conhecemos os males do mundo e ele mesmo se encarregará de curar as suas doenças independentemente de nossa vontade.<sup>517</sup>

O montaignista tem pontos de vistas variados com relação à abordagem do ceticismo e se pergunta: “como alegraria ele a ordem do mundo, se dela tudo

---

<sup>513</sup> STAROBINSKI (1992, p. 243)

<sup>514</sup> Ibid., p. 247

<sup>515</sup> Ibid., p. 248

<sup>516</sup> Ibid., p. 251

<sup>517</sup> Ibid., p. 259

ignora?” Montaigne é um resignado com a ordem e não busca explicações no todo do cosmo para explicar a ordem social. As explicações diziam apenas respeito à cidade dos homens e às suas instituições no presente, sem vistas ao futuro.<sup>518</sup> Há alguma disciplina para a ação no ensaísta, é possível pensar dessa forma, a despeito da “insciência e a incuriosidade céticas”, de maneira que é possível constatar que ele apenas renuncia às ações ostentatórias e aos “cálculos e manobras de longa duração”. Em seguida, é possível ver o parcelamento que Starobinski reproduz da inatividade e o seu reparcelamento, de modo que o ensaísta flexibiliza a ação orientada para si mesmo: “a completa inação é incompatível [...] com o projeto de viver para si (...)”.<sup>519</sup> O ceticismo não serve para a ação política e quase produz suicídio em Montaigne e, segundo leio, a primeira divisão será entre a dimensão pública e privada, a segunda é agir ou morrer, de modo que o ceticismo permite que ele aja *para si*. Ele observa Montaigne produzindo uma ciência da não-ciência, ou do não-saber, aferrada ao tempo curto, ao presente e com um passado também encurtado, e se pergunta então se ele teria fundamento para propor uma política que superasse a inclinação intelectual vigente.<sup>520</sup> O presente contínuo, a sua autoridade, se calça “na impossibilidade de apoiar-se no passado e de orientar para o futuro um projeto prático ambicioso”. Nesse presente, sem fundamento no passado, precário, e num ambiente caótico e conflagrado, “Montaigne instaura, por certo, uma nova autoridade, a da palavra”.<sup>521</sup>

Consigo afirmar, com relativa segurança, que entre os testes de interpretações sobre um suposto Montaigne conservador, que o trabalho de Starobinski é

---

<sup>518</sup> STAROBINSKI (1992, p. 261)

<sup>519</sup> STAROBINSKI (1992, p. 261)

<sup>520</sup> Ibid., p. 268

<sup>521</sup> Ibid., p. 274

certamente um dos melhores em extensão e invento. O sentido de movimento e a interpretação geral do livro são nítidos no conjunto da obra, como experimentados no episódio dedicado à conservação dos costumes. O texto é rico em citações, estilo, movimento, e demonstra cuidado com a estética da palavra escrita e traz uma criativa abordagem dos sentidos, sensualista ou sensorial.<sup>522</sup> Em alguns momentos, é possível perceber *movimento* com mais objetividade, se é que se pode provar tal afirmação, do que no trabalho Montaigne a Cavallo, de Lacouture, e o seu estilo apegado a fazer mais perguntas do que temos respostas para os inúmeros pontos enigmáticos do ensaísta.<sup>523</sup> Uma estratégia como esta, calcada em perguntas percussivas, pode produzir uma estante completa de tomos dedicados a Montaigne, além da estante dos trabalhos baseados em perguntas, as várias avenidas de réplicas e trélicas encheriam bibliotecas parciais entulhadas de tomos exaustivos. Montaigne faz com que escutemos, lemos e falemos sem parar. O exercício de fazer perguntas contra o ensaísta é relativamente fácil, por outro lado, um pouco mais difícil é procurar imprimir respostas consistentes, e penso que Starobinski cumpre esse papel. De qualquer forma, em nome de algo que pode ser chamado de precisão, suprimi boa parte do conservador de Starobinski, que se baseia em aspectos amplos como a arte, o movimento e o sensualismo. Fiz isso em nome de um Montaigne menor, mais tacanho e menos estiloso, o cético. Portanto, o manuseio do ceticismo de Starobinski durante a apresentação do seu conservador é o que apresentei acima e que, abaixo, passo a discutir e investir tempo em perceber

---

<sup>522</sup> Creio que, neste aspecto, Starobinski não menciona como ficaria a produção sensual da estética da palavra com um idioma que ele não gostava muito, o Francês, língua muito dinâmica à época, com mudanças frequentes. Um enigma à parte seria responder se o ensaísta teria prazer ou desprazer dizendo ou pintando a coisa certa pelo idioma errado. Além de não usar o idioma que talvez lhe desse mais prazer, o latim, usa o acento e a pronúncia do Perigüeux. Montaigne fala e escreve segundo a sua localidade, a sua região, a gasconha, interiorana, rústica, afastada do *francês correto* de Paris. (2, 17, 460)

<sup>523</sup> LACOUTURE, Jean. **Montaigne a Cavallo**. Tradução F. Rangel. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.



que tipo de pensamento conservador surge a partir do cético que coloco em questão.

Não é possível dizer que o conservador do montaignista em questão seja o mesmo da razão prática de Friedrich, mas trata-se de um indivíduo impreciso do ponto de vista do ceticismo e de si mesmo. Starobinski interpreta que a dupla “conservar e durar” do ensaísta fundamenta uma solução por desistência, pelo dogmatismo de face negativa. De sorte que Montaigne seria capaz de afirmar que, na impossibilidade absoluta de pôr algum ordenamento melhor sobre a nossa miséria intelectual, o melhor a fazer é conservar a vigência da ação política, fazer o homem durar sobre a terra. Com base nesse perfil de premissa negativa, ainda de acordo com Starobinski, é possível observá-lo mudar de ceticismo, por onde vemos, no início do texto, Montaigne aparecer com uma face negativa e em seguida aparecer como inativo suicida no final da descrição. Há, segundo observo, no mínimo, três exageros que saem desse tipo de trato difuso da perspectiva cética do ensaísta: o primeiro e mais marcado afirma que ele professa a ciência negativa, na qual é *impossível saber*, o que ele chama de não-saber acompanhado de uma suposta inanidade do pensamento dos céticos; o segundo é o significado da afirmação contida pelo que chama de *sinceridade perfeita*; o terceiro consiste na afirmação categórica da *abstenção intelectual* dos céticos. A leitura dos Ensaios é pródiga em demonstrar a preferência pela perspectiva pirrônica, ou seja, é impossível afirmar, negar ou sequer ter certeza de que suspender o julgamento é definitivamente o melhor para si e para a conduta humana. Da mesma maneira, não é possível concluir que haja um ceticismo exclusivamente negativo. Acaso fosse anotado em Montaigne um bojo de coerência do início ao fim do texto, acaso não fosse o

trabalho cravejado de idas e vindas, afirmando a mais completa disparidade sobre os mesmos pontos e também fazer divergir rótulos, títulos dos ensaios com o seu conteúdo disparatado, talvez houvesse um ceticismo negativo, dogmático.<sup>524</sup> O desajuste, o ajuste, é seguido da dúvida *sobre ambos* e sobre a conclusão de que até as dúvidas *sobre ambos* traga algum alento para qualquer questão em curso. Portanto, a ênfase deve convergir para o seguinte ajuste pirrônico: é impossível saber; é impossível não saber; dúvida sobre saber ou não; suspensão do julgamento; e há dúvidas até mesmo sobre a suspensão do julgamento.<sup>525</sup> As cabriolas, os monstros, a fantasia, a dissimulação, a poesia, as quimeras e a falta de memória são uma resposta já atravessada para falar de sinceridade, mas gostaria de acrescentar que é pouco plausível observarmos dois ensaístas pela seguinte divisão: um completamente sincero, um completamente mentiroso, em outras palavras, é impossível apontar um suposto realismo e uma suposta fábula com nitidez, portanto nem o insincero de Schaefer e nem esse sincero automático de Starobinski são críveis.<sup>526</sup> Montaigne sabe que não pode dizer tudo o que realmente pensa, sob pena de antecipar o fim definitivo da sua relação com as *musas*, a biblioteca – ele também teme a morte violenta de uma cidade conflagrada.<sup>527</sup> Apenas essa última informação, removida dos textos, poderia ser uma prova de sua atividade intelectual, a tese da abstenção não merece mais que uma anotação e lembrança de que ele *escreve* como quem *parece* participar politicamente e com convicção do destino da conflagração e da tranquilidade de seu entorno imediato, de

---

<sup>524</sup> Na pesquisa de coerência no ensaísta, sequer os costumes gozam desse status. Ora ele os prefere fixos, ora muda de opinião e crê que a educação pode mudar julgamentos e costumes. (2, 17, 491)

<sup>525</sup> (2, 15, 424)

<sup>526</sup> (2, 17, 454)

<sup>527</sup> (2, 6, 62); (2, 8, 81);

sua França: uma vez textual, assumindo a feição de livro, a *epoché* não credencia a abstenção.<sup>528</sup>

A defesa de um conservador que se move por sinceridade, por não reconhecer *nenhum* valor na ciência, está baseada na falta de ciência e curiosidade do ceticismo.<sup>529</sup> É preciso ser um pouco mais fiel ao entendimento de Starobinski nesse ponto. Ele olha o ceticismo com razoável atenção, até esse momento fica claro no texto. Seria temerário afirmar que ele não conhece o que vê, entretanto, disso lhe resulta um objeto e uma técnica translúcida, sem produto visual, sem objeto útil sobre o mundo. Portanto, ele não vê entre o ceticismo nenhum equipamento de uso imediato na política, e como consequência, nos aparece uma informação complementar segundo a qual não há nenhuma curiosidade objetiva sobre a matéria de fato, ou melhor, não há nenhum interesse mundano capaz de seduzir um conjunto de observações que *apenas* se ocupa de rebaixar e negar qualquer papel relevante à ciência. Por essa aceção, o ceticismo é anódino no final do seu procedimento intelectual após a *epoché*. Isso apenas aponta a extensão da compreensão, desse montaignista, do resultado da suspensão do julgamento sobre a atividade intelectual dos cétricos, sobre a pesquisa e sobre como o ensaísta se utiliza dessa mesma ferramenta. A única solução cétrica razoável e digna de nota, segundo ele, é o seu serviço de limpeza de qualquer proposição científica, até esse ponto o ensaísta é cétrico, desse ponto em diante ele anda com um *conservadorismo sem fundamento* ou, para ser um pouco mais preciso, com um fundamento negativo sobre a capacidade da razão. A parte mais radical, o episódio mais dramático do montaignista aparece quando afirma que a ciência do ensaísta equilibraria algo

---

<sup>528</sup> (2, 15, 427)

<sup>529</sup> Montaigne afirma o contrário em: (2, 8, 81); (2, 10, 114)

como uma *ciência da falta de ciência e falta de curiosidade*. O ceticismo *por si* constitui nada menos do que uma curiosidade científica, estou me referindo à sua visão agregada, e que, da mesma forma, bem compreendido, pela substância, talvez seja o mais poderoso estímulo estruturado à pesquisa e à curiosidade.<sup>530</sup> Dessa limitação do entendimento da sua capacidade, na falta de expressão mais cuidada para definir essa versão, Starobinski procura se salvar de um fundamento comum entre os cétricos, ele ataca os montaignistas cétricos que pretendem relacionar um ensaísta que articula uma ordem do mundo baseada nos astros. Ele nega veementemente esse paralelo cosmogônico, por uma pergunta, que isso seja possível, uma vez que o seu Montaigne a tudo ignora.<sup>531</sup> Se o ensaísta não ignorasse inclusive o fato de *ignorar que ignora* com igual entusiasmo, talvez o montaignista granjeasse algum êxito.<sup>532</sup> Portanto, o argumento em que o ensaísta se apoia é a simples regularidade do mundo. A regularidade da natureza impõe um paralelo para a atividade dos homens e assim o argumento continua de pé, ao arrepio da baixa compreensão do montaignista sobre o ceticismo e do que ele representa.<sup>533</sup>

Ainda segundo essa versão Starobinski do ceticismo, segundo leio, ela pode atender pelo nome de *inação parcial*. Por essa peça, o campo de ação do ensaísta encerra a participação fundada numa dupla de sinistros para o ceticismo: uma versão negativista, acadêmica, combinada *pari passu* com outra versão anódina e inerte. Apesar de cétrico, inativo, Montaigne age, ele milagrosamente se movimenta, mas

---

<sup>530</sup> (2, 15, 421): “Assim acontece com tudo; a dificuldade dá valor às coisas”.

<sup>531</sup> Entendo que a saída pela versão negativa é um caminho difícil de sustentar.

(2, 17, 483): “Assim conservo em *suspense dentro de mim a dúvida* e a liberdade de escolher, até que a ocasião me pressione”. (itálico adicionado)

<sup>532</sup> (2, 15, 419); (2, 17, 483)

<sup>533</sup> A correspondência geral entre natureza, o estado e instabilidade do indivíduo, “a organização universal das obras da natureza” em (2, 23, 525).

num campo de observação limitado, por curta duração. Portanto, ele carrega o ceticismo até um ponto do seu percurso intelectual e depois desse ponto abstrato, e como por mágica, ele não faz mais parte do seu repertório de interação com o mundo, ele escapa de morrer diante da inação completa em frente ao alimento diário, diante de uma suposta *incerteza completa* sobre o que seja um prato de comida. Ele morreria, mas de repente começa a agir, agora sem esse mesmo ceticismo de perfil inerte, pois ele é *capaz de viver para si*.<sup>534</sup> Essa versão parcelada carece de coordenação: ele confere valor cognitivo ao ceticismo sem conferir valor ou fundamento para ação no mundo, uma divisão que não existe na ação política. Proponho uma interpretação distinta: os Ensaaios não são apenas parcialmente biográficos, em vários momentos observamos imprecisões e supressões, de modo que a dicotomia ensaísta prefeito e ensaísta amigo são objeto da mesma avaliação sobre o juízo, Montaigne *se representa* prefeito e *se representa* amigo. Fora dessa observação aparentemente óbvia, penso que deveria passar a pensar destacadamente os ensaios por uma infinidade de ênfases absurdas, como supostamente trabalhar Montaigne na retrete, a cavalo, doente, à mesa, na biblioteca, narrador da topografia de seu terreno e todo tipo de espaço físico que supostamente separasse o espaço epistêmico, seria obrigado a desenhar uma excêntrica geografia da cognição. Apresento uma perspectiva mais global, literal e compreendo que toda representação de si, no caso do ensaísta, impõe alguma implicação no curso da disputa política. Entendo que, Montaigne fornece informação potencialmente objeto de análise nos ensaios através do registro de seu cálculo renal e de suas dores, como no cargo de prefeito, em ambos os espaços ele se

---

<sup>534</sup> STAROBINSKI (1992, p. 261)

A réplica para essa interpretação estrábica que extraí do montaignista está em: (2, 14, 417); (2, 15, 419)

*representa*. O montaignista está dizendo que ora o ceticismo é bom o suficiente para posicionar o ensaísta no mundo e ora não, mas com o jargão equivocado e dando mérito diminuto para os fundamentos da ação do ensaísta, ele o trata como repertório pretérito, natimorto.<sup>535</sup>

Outra consequência dessa versão diz respeito ao emprego do tempo conservador centrado num *tempo precário*. Embora esse Montaigne de Starobinski usufrua de um ceticismo negativo e de inação, para qualquer manifestação positiva sobre o mundo, do ponto de vista temporal, ele está habilitado para atuar intelectualmente num presente infindo, sem passado nítido ou futuro promissor.<sup>536</sup> Noutras palavras, por essa versão, não há referência histórica que baseie a transmissão temporal passado-presente por duas razões: a primeira, a ciência histórica não estava ao seu alcance e, a segunda, misteriosamente, por não ver base na história segundo o seu ceticismo negativo, não haveria algo que positivamente estabelecesse o passado, o presente e o futuro.<sup>537</sup> Da mesma forma e com base no mesmo ceticismo, o ensaísta não conhece uma projeção, não consegue olhar o futuro do modo como hoje fazemos. Esta última passagem é uma afirmação fácil, pois muita coisa o ensaísta pensava ou não pensava como pensamos atualmente. Passo a ignorar o uso parcelado do ceticismo de Starobinski para me apoiar noutra fonte, no próprio ensaísta e de dentro da linguagem do montaignista: há referência farta nos ensaios sobre a ciência e variações dessa mesma palavra que indica certo predomínio

---

<sup>535</sup> Montaigne é filósofo e Starobinski assim o reconhece, o único ponto equivocado é não conceder crédito a Pirro e a Montaigne pirrônico. (2, 37, 638); (2, 29, 558): “Pirro, aquele que construiu com a ignorância uma ciência tão agradável, tentou, como todos os outros verdadeiramente filosóficos, fazer sua vida corresponder à sua doutrina”.

<sup>536</sup> Há várias indicações em contrário, Montaigne menciona o futuro ou é possível extrair uma noção de horizonte. Destaco ao menos uma passagem na qual menciona a posteridade no ensaio “Do desmentir”: (2, 18, 497); (2, 18, 498)

<sup>537</sup> As passagens em contrário não são em pouco número: (2, 10, 117); (2, 10, 127): “Os historiadores são a minha bola direta”. (2, 11, 151); (2, 13, 409); (2, 16, 443); (2, 17, 454)

técnico que, se não permite afirmar que ele era um cientista como conhecemos atualmente, permite afirmar que ele já possuía uma adiantada compreensão do caminho que poderia tomar.<sup>538</sup> Segundo depreendo, a referência ao presente precário tem referência ao futuro por si mesma e pelo ponto de vista do montaignista, pois se ele conseguisse se desvencilhar do *futuro* seria um pouco melhor que ele não chamasse a experiência, ou experimento Montaigne, de *presente*.<sup>539</sup> Da mesma forma que as referências são recorrentes ao passado, o futuro faz parte do repertório dos Ensaios e, pelo contrário, me aparece dilatado e com uma imagem grandiosa, ainda que difusa.<sup>540</sup> Creio que a medida de tempo do ensaísta é um pouco mais longa do que a do seu leitor avisado, Starobinski.

O julgamento de Montaigne se movimenta. Starobinski demonstra que Montaigne se move e Lacouture afirma que ele é “pensamento em movimento”.<sup>541</sup> Há por certo vários ensaios e vários tipos de movimentos no ensaísta. Os movimentos dizem respeito aos meios, ao pensamento, ao juízo, ao raciocínio, ao entendimento e à razão, eles falam de si ao invés de falar das coisas propriamente ditas. Para esses montaignistas, o movimento se refere também aos temas, aos lugares nos quais o ensaísta menciona ter visto ou presenciado. O Montaigne de Lacouture não é

---

<sup>538</sup> (2, 10, 124): “Procuro em geral os livros que se utilizam das ciências, não os que as elaboram”.  
(2, 12, 160): “A ciência é coisa muito útil e grande”.

<sup>539</sup> Os autores antigos são próximos a Montaigne, e creio que isso é ponto pacífico entre qualquer leitor treinado, avisado que se envolve com os ensaios. Outra observação recorrente é a preocupação do ensaísta com o curso do mundo. Como um passado antigo tão presente e o curso do mundo se transfiguram numa paixão pelo presente? Num dos ensaios capitais usado por Starobinski, “Todas as coisas têm sua época” (2, 28, 553), há uma frase dita por Montaigne que o atrai, na qual o ensaísta diz que seus projetos “não têm um ano de duração”. É nela que onde baseia a sua argumentação, uma frase que, segundo entendo, mostra apenas mais um dos fragmentos de cores enigmáticas e sujeitas a debates infintos, pois o aquele ensaio, de modo geral grita, além de preocupação com o curso do mundo, uma profusão de citações aos autores antigos: Platão, Xenócrates, Catão, Sêneca. O título do ensaio não pode ser mais claro. Portanto, a presença dos antigos e a menção ao curso da humanidade mostram o contrário, exibem Montaigne com uma visão de longo prazo, o que inclui um desenho de futuro.

<sup>540</sup> (2, 1, 12)

<sup>541</sup> LACOUTURE, 1998, passim

conservador, mas acolhe o ceticismo, de maneira bem periférica por sinal. O Montaigne de Starobinski é moderadamente conservador, mas o seu fundamento para isso relega um papel rasteiro para os céticos. O Montaigne que proponho também é movimento, é conservador e afirmo que os fundamentos do seu conservadorismo são argumentos baseados no pirronismo, a despeito da abordagem historiográfica de Lacouture e da visão de ceticismo negativo apresentada por Starobinski. É o ceticismo ainda o elemento que liga o movimento do juízo às coisas e dessas àquele. Apenas essa filosofia pode produzir conexões dentro da coerência e da incoerência ostensiva de vários ensaios, da mesma forma entendo que há pontos claros definindo um conservadorismo positivo e não apenas pirrônico. Há uma agenda conservadora circunstancial e outra mais nitidamente estruturada pela qual é possível perceber alguma projeção do conservadorismo, apesar da conflagração observada no seu país. Percebo que é possível apontar, além do pirronismo, uma articulação de passado, presente e futuro dentro do conservadorismo do ensaísta, que o prazo do seu conservadorismo é dilatado e que privilegia o longo prazo. Esse conservadorismo aponta sinais claros de que há aspectos civilizadores na valorização do hábito através do ensino, da estabilidade e regularidade da atividade humana.<sup>542</sup> Além de conservador, portanto, afirmo um *conservadorismo que se move*, positivo e com interesses objetivos, em relação ao que se pode extrair da ação coletiva e da política. Na seção seguinte, passo a trabalhar com essa concepção de tempo dentro dos ensaios e a marcar alguns pontos mais pronunciados do pirronismo.

## **A imaginação do tempo**

---

<sup>542</sup> (3, 2, 25); (3, 2, 46)



A política é objeto do tempo.<sup>543</sup> Há por certo uma grande quantidade de mensagens baseadas no tempo do ensaísta e na sua ascendência sobre a política.<sup>544</sup> A avaliação do seu tempo, lugar e contexto é provavelmente uma delas; a avaliação da sua relação com o passado combinada à sua observação do presente pode configurar outra; e também há por certo várias entradas nas quais é possível entrever como ele sugere o futuro. Há em Montaigne uma apresentação de passado, presente e futuro objetos da imaginação.<sup>545</sup> É possível ver essas três entradas combinadas e girando entre si e mostrando ênfases específicas, como foi o caso do exame de Starobinski e o que ele chamou de tempo precário. Uma síntese me aparece óbvia: como quer que examinemos a sua relação com a política, o tempo será uma imagem incontornável.<sup>546</sup> A relação da atividade intelectual humana com a política e desta com o tempo é um nicho plausível do desenho do seu conservadorismo que gostaria de explorar. A primeira delas, a política, é a interface do indivíduo com a sociabilidade e é assolada por todo tipo de intento e toda sorte de avaliação idiossincrática, e, desse modo, é marcada pela variação, pluralidade e diversidade de manifestações.<sup>547</sup> O alcance dessas manifestações sobre a política é o ponto de partida para a observação das relações entre o tempo, a política e a inovação. Ele a governa, o tempo gesta e gere a política que por sua vez se impõe sobre a atividade humana e não o inverso. A atividade humana no ensaísta está

---

<sup>543</sup> (3, 1, 25): “Quanto podem o tempo e o exemplo”. (3, 2, 41): “A força de toda decisão reside no tempo; as situações e as matérias rolam e mudam sem cessar”.

<sup>544</sup> (3, 2, 45)

<sup>545</sup> (3, 2, 44): “Vejo muito mais claro em tempo calmo”. (3, 2, 41): “Há nos objetos que manejamos partes secretas e imprevisíveis, principalmente na natureza dos homens; características mudas, não aparentes (...)”.

<sup>546</sup> (3, 2, 45): “(...) minha sabedoria pode bem ser do mesmo tamanho numa época e na outra...”. (3, 2, 43): “(...) minha razão é a mesma que tinha na idade mais licenciosa (...)”. (3, 2, 41): “(...) e faria o mesmo daqui a mil anos em iguais circunstâncias”.

<sup>547</sup> (3, 6, 184): “Se víssemos tanto do mundo quanto não vemos, perceberíamos, como é de crer, uma perpétua multiplicação e vicissitude de formas”.

submetida, em primeiro lugar, ao tempo da política e não ao tempo da idiossincrasia. Montaigne está propondo uma atividade de organização social marcada pelo tempo calmo, lento e experimentado pelo conjunto da atividade cognitiva para cada comunidade humana e para os seus vários perfis de conservadorismos.<sup>548</sup> Por essa interpretação, o dogmático arremessa sobre o agregado humano uma solução intelectual dotada de tempo próprio e estranho à compreensão geral.<sup>549</sup> Qualquer sugestão intelectual temporal que deseje corrigir a experiência humana aparece para ele como uma novidade, inovação e mudança. Esse diagnóstico da ação do indivíduo dispara no ensaísta uma sugestão antecipada de conservação da vida em comum.<sup>550</sup> O ordenamento dessa antecipação impõe uma sucessão na qual o tempo comum, o tempo sentido coletivamente, organiza a política e a combinação de ambos governa a atividade intelectual humana. Dois tempos correndo por ritmos distintos: o tempo da política, lento, e o tempo dogmático, estanque.<sup>551</sup>

O pirronismo abastece Montaigne de premissas e de crenças, a primeira segundo a qual ele diagnostica o alcance do juízo e a segunda segundo a qual a tranquilidade é atingida com o hábito. É possível observar dos ensaios algo que pode ser chamado de tempo pirrônico, que se constitui de uma imagem que organiza a conservação, o tempo longo, a atividade política e as atividades dogmáticas. Essa figura aparece pelas razões que passo a mencionar. O seu trajeto impõe a tranquilidade como meta e o hábito como meio de atingi-la. A manutenção de virtudes, de sistemas políticos e de costumes diante da atividade dogmática com a mudança, a inovação e as

---

<sup>548</sup> (3, 2, 42)

<sup>549</sup> (3, 2, 45)

<sup>550</sup> (3, 2, 46): "(...) atenuar-lhes o avanço".

<sup>551</sup> (3, 10, 336); (3, 10, 337).

alterações aparecem ao ensaísta como as soluções em conflito.<sup>552</sup> Ele age segundo as suas crenças no valor irrestrito da tranquilidade, a despeito de qualquer vicissitude tópica numa solução intelectual de corte dogmático. O hábito é apresentado como uma virtude decantada do tempo, ele é o móvel adequado para se apresentar diante da querela deflagrada num instante da atividade social. O trajeto ordinário de crenças, os costumes e as instituições constituem um acervo epistêmico inegociável.<sup>553</sup> Uma vez em risco esse acervo social, o ensaísta ativa o ceticismo como premissa e uma vez mais como crença, ele se lança na conflagração, na disputa política com vistas a introduzir a *epoché*, ele apresenta argumentos com igual força persuasiva, para bloquear as investidas tópicas contrárias ao tempo da política. Entre as tentativas rivais ou adversárias do tempo pirrônico, as investidas mais organizadas aparecem para o ensaísta pelo nome de conhecimento. O sentido de progressão do conhecimento é diferente da ordem segundo ele mesmo.<sup>554</sup> O que se conhece é menor do que aquilo que não se conhece, de maneira que algo menor não pode prevalecer sobre algo maior que si mesmo. O conhecido, aquilo que se conhece, abarca pouco, o seu campo e substância é diminuto, e prevalece por tempo muito reduzido, ademais aparece por qualidades muito variadas e imprecisas. O sentido daquilo que se conhece observa a atividade humana caminhando em linha reta, o que, segundo Montaigne, representa outra temeridade, pela razão segundo a qual o entendimento pode andar em círculos e, para ele, assim caminha.<sup>555</sup> Montaigne gira em si mesmo.<sup>556</sup> Ao tempo

---

<sup>552</sup> (3, 6, 183)

<sup>553</sup> (3, 9, 319); (3, 9, 320); (3, 9, 330)

<sup>554</sup> (3, 9, 267): "(...) no que me concerne, receio sair perdendo com a troca: meu entendimento não caminha sempre para frente, caminha também para trás. Dificilmente desconfio menos de minhas ideias por serem segundas ou terceiras em vez de primeiras, ou atuais em vez de passadas. Amiúde nos corrigimos tão tolamente como corrigimos os outros".

<sup>555</sup> (3, 6, 183): "Nós não avançamos; antes andamos em círculo, e giramos daqui e dali. Passeamos sobre nossos passos". (3, 10, 340): "O trajeto de nossos desejos deve ser circunscrito e restringido ao

pirrônico e à sua política, a intervenção da atividade intelectual é facultada a qualquer indivíduo, sob a única observação de que o conhecimento conste como uma das soluções deflagradas por qualquer indivíduo e que pode colaborar com o passo circular da produção em comum, pois “temos uma imagem muito falsa das coisas”.<sup>557</sup> O entendimento e o juízo caminham para frente, mas com a mesma energia e convicção caminham para trás, o entendimento ora vai até o futuro, ora ao passado, ora se detém no presente e não há nenhuma prova de que há um *conhecimento* objeto deste *entendimento sem sentido* definido num tempo que não prevaleça sobre o tempo e versão de *conhecimento dogmático*.<sup>558</sup> O conhecimento pirrônico é um objeto posto no mundo sem privilégio cognitivo, sem direção, tempo e extensão definida, mas ainda que não se converta numa investida dogmática e, pelo contrário, ainda que a compreenda, guarda a saudável presença do tempo longo para lhe corrigir a orientação.<sup>559</sup>

A imaginação do mundo é antecédida pela imaginação do tempo, pela sua representação.<sup>560</sup> O mundo pirrônico é fabulado por uma definição de tempo aumentado e lento pelas coordenadas conhecidas como passado, presente e futuro e por espaços dilatados e habitados pelo hábito e pela representação usual da política como um campo inóspito ao controle do dogma, mas sensível à sua

---

estreito limite dos bens mais próximos e contíguos; e de ademais seu curso deve ser governado não em linha reta que chega ao fim alhures, mas sim em círculo, cujas duas pontas se unam e terminem em nós com um estreito contorno”.

<sup>556</sup> (2, 17, 488)

<sup>557</sup> (3, 3, 184)

<sup>558</sup> (3, 6, 183): “Temo que nosso conhecimento seja fraco em todos os sentidos; não vemos nem muito longe, nem muito para trás; ele abarca pouco e vive pouco, curto, tanto em extensão de tempo como em extensão de matéria (...)”.

<sup>559</sup> (3, 5, 84): “Os anos arrastem-me se quiserem, mas de costas! Enquanto meus olhos puderem reconhecer aquela bela época que expirou, volto-os repetidamente para lá. Se ela se esvai de meu sangue e de minhas veias, pelo menos não quero desenraizar da memória sua imagem”. (3, 5, 85)

<sup>560</sup> (3, 3, 184): “E dessa mesma imagem do mundo que flui enquanto nele estamos, quão pálido e estreito, é o conhecimento dos mais curiosos!”.

participação na fertilização de imagens sociais que contribuem para o aprimoramento do conhecimento comum. O veículo de promoção desse agregado de crenças na vida em comum, em Montaigne, pode ser representado de três maneiras que chamo de *literal*, *contingente* e *tópica* pela extensão da representação de si vista num ensaio apenas. Antecedidas pelas coordenadas temporais, a primeira delas consiste em tomar em observação a imagem do tempo guiado pela premissa de que o texto dos ensaios é literal. Segue dessa afirmação preliminar que há tanto verdade quanto mentiras nos textos, cujo significado pode ser representado como uma estratégia dúbia de promoção de significados abertos e despreocupados de atingir o não-aparente, de maneira que a estratégia que proponho consiste em considerar os textos como a crônica e como o conto, ambos expressando uma interpretação da vida política com igual força propositiva. Por essa perspectiva, o passado é uma alça de soluções e de sabedoria contra a conflagração vigente<sup>561</sup>; o presente é expresso por um agregado conflagrado cuja doença e queixa principal é o dogmatismo e a falta de tranquilidade; o futuro carece da valorização do passado e da introdução do tempo pirrônico no tempo presente com vistas à tranquilidade.<sup>562</sup> A segunda maneira de observar a proposta conservadora do ensaísta é imaginar segundo a mesma leitura dos ensaios como conto ou crônica, mas observando-os apenas com características contingentes, segundo as quais Montaigne significa nada além de um típico autor filho de sua pequena comunidade.<sup>563</sup> Por essa perspectiva, o passado é curto e constitui o próprio renascimento; o presente significa a transição para as doutrinas iluministas que aparecerão logo após o século dezesseis e o ambiente é caracterizado pela fissura e divisão social e paulatino

---

<sup>561</sup> (3, 1, 10); (3, 6, 183): “Aqueles séculos eram férteis (...)”.

<sup>562</sup> (2, 30, 568); (2, 30, 570)

<sup>563</sup> (3, 9, 314): “Quem tiver suas atitudes estabelecidas em regulamento acima de seu século, ou torça e embote essas regras ou, o que lhe aconselho mais, retire-se em isolamento e não se imiscua conosco”.

afastamento do modo medieval de estar no mundo; o futuro, ainda segundo os ensaios, a continuar o perfil de conflagração, será pior, será ainda mais deteriorado que o seu século depravado.<sup>564</sup> A terceira maneira de observar as crenças pirrônicas sobre a conservação impõe a demonstração tópica da imagem do tamanho do homem comparado no tempo e da ativação da conservação da política, segundo a representação de si, que pode ser extraída do ensaio “Da presunção”.<sup>565</sup> Por essa perspectiva, a representação de si diante da virtude observada no passado reflete um ensaísta diminuto, ordinário e inexpressivo.<sup>566</sup> O cotejamento desse mesmo homem rebaixado diante do passado, comparado agora ao homem do presente, reflete um ensaísta grande, raro e aumentado diante de um agregado desregrado de opiniões. A projeção desse homem, segundo o pirronismo, a partir da combinação de passado e presente, desenha um futuro que o traduz numa perspectiva mediana, de modo que esse mesmo indivíduo comparado no futuro deve ser refletido como uma imagem regular, vulgar e trivial.<sup>567</sup>

O Quadro D abaixo introduz a representação geral de algumas das interpretações temporais possíveis a partir dos ensaios. A primeira coluna expressa uma representação transversal de passado, presente e futuro para três categorias de análise que chamei de *literal*, *contingente* e *tópica*, a exemplo da apresentação textual imediatamente anterior. A leitura literal é preenchida de interpretações segundo as três representações temporais. A leitura contingente é da mesma forma abastecida pelo cruzamento e interpretação segundo a primeira coluna. A terceira

---

<sup>564</sup> (3, 5, 94); (3, 5, 92); (3, 3, 59); (3, 12, 387): “(...) dificilmente restará a quem confiar a saúde deste país, caso a fortuna no-la devolva”.

<sup>565</sup> (2, 17, 471)

<sup>566</sup> (2, 17, 453)

<sup>567</sup> (2, 18, 497); (2, 37, 674) Ele se imprime. (1, 28, 274): “(...) corpos monstruosos (...); (...) projeto como o meu, de lançar por escrito suas elucubrações, veríamos muitas coisas raras e que nos aproximariam muito da honra da Antiguidade (...)”.

coluna, a leitura tópica, na verdade espelhando um ensaio específico de Montaigne, representa da mesma forma a interpretação de si segundo as variáveis apresentadas na coluna temporal. A leitura agregada do quadro informa o título e, a meu juízo, representa uma definição de tempo pirrônico em Michel de Montaigne. O quadro pode ser lido em linha como em colunas e sugiro apenas uma observação adicional não anotada anteriormente. A tabela sugere em linha, ao menos, e fora da coluna da categoria contingente, uma imagem de presente negativo e de um futuro dotado de certo otimismo, o que difere da análise comum que associa o ceticismo a um diagnóstico negativo e predominantemente pessimista sobre a imagem social. Por fim, o Quadro sugere uma evolução positiva mediada pelo pirronismo.

**Quadro D:** Representação do tempo pirrônico.

	<b>Literal</b>	<b>Contingente</b>	<b>Tópica</b>
<b>Passado</b>	Alça de sabedoria, solução e razão.	Renascimento	Montaigne pequeno, ordinário.
<b>Presente</b>	Divisão, separação; Agitação e equipolência.	Ambiente de transição, divisão e conflito.	Montaigne grande, raro.
<b>Futuro</b>	Expressão da combinação do passado imediato mais o remoto resultando em tranquilidade duradoura. <sup>568</sup>	Piora, deterioração.	Montaigne regular, trivial.

Sexto Empírico faz menção aos ancestrais e mais exatamente à ancestralidade da lei e Montaigne faz remissão aos seus antepassados e aos antigos, os primeiros representando os seus familiares e os segundos referenciando os pensadores e

<sup>568</sup> (2, 18, 497); (2, 30, 568); (2, 27, 547)

filósofos. Ambos desenham o que pode ser chamado de passado contíguo e passado remoto e podem, da mesma forma, ser encapsulados pela versão Sexto Empírico e da mesma forma podem espelhar o sentido dado pelo grego. Se há uma teoria política, se existe um corpo organizado e positivo de proposições para a vida em comum segundo premissas consistentes, penso que o tempo pirrônico e o pensamento de Montaigne espelhado por ela pode ser uma candidata, a despeito das tentativas de atravessá-lo de maquiavelismo realizada por alguns dos seus leitores treinados como Lacouture. O ensaísta ativa um corpo de pensamento conservador cuja base é o ceticismo e o seu objeto de aplicação é uma representação social elaborada a partir de uma sensibilidade filosófica diluída numa crônica contundente de fenômenos e mundos inventados. Montaigne promove um pensamento conservador baseado numa leitura do tempo que decanta mundos distintos organizados por conservadorismos diferentes para cada agregado social, para cada comunidade.<sup>569</sup> A sua leitura do tempo implica na montagem de uma paisagem social cujo início da convivência e da sociabilidade é baseada no acidente inicial, a organização humana é fortuita e assim se explica, pelo acaso.<sup>570</sup> O acerto e a correção da dimensão social foram conduzidos lenta e lealmente pela tranquilidade e pelo privilégio da política sem a imissão e o concurso da correção dogmática. Do acidente humano original, ganhamos um corpo de instituições ordenadas por uma ligação tênue chamada de política.<sup>571</sup> Sob o centro do acidente humano, há outro conjunto de pequenos conflitos cuja ocorrência deve permanecer coordenada num quadro de previsibilidade e regramento.<sup>572</sup> A conservação desse cenário social depende da permanência e manutenção da versão temporal de

---

<sup>569</sup> (3, 9, 301); (3, 9, 281)

<sup>570</sup> (2, 1, 11); (2, 2, 15)

<sup>571</sup> (2, 17, 484); (2, 17, 485)

<sup>572</sup> (2, 17, 484)



significado substantivo do tempo sobre a ordem, que chamamos de política, e pela prevalência dela sobre a pluralidade de pensamentos que articulam interesses e desejos humanos sob o peso do regramento coletivo.<sup>573</sup> O colapso dessa paisagem ocorre quando a produção e a pluralidade de versões sobre o melhor ordenamento e sobre o que seja a política e sobre o alcance da qualidade intelectual humana saem dos limites razoáveis à convivência básica que garanta a existência e a própria manutenção da vida, em outras palavras, quando a divergência das ideias repercute e se traduz na eliminação de vidas.

Passado, presente e futuro se articulam em bloco numa representação conservadora motivada pelo pirronismo e pelo que chamo de tempo pirrônico, que constitui um ambiente de condução da credencial do tempo político como antagônico ao tempo dogmático. Constitui ainda uma dilatação e um alargamento da compreensão da experiência social marcada pela precedência de uma avaliação da convivência através de tempos longos e globais. Esse panorama temporal que proponho a partir de Montaigne mobiliza a convivência social orientada pela tranquilidade, estabilidade e pela antecipação de ações correntes que garantam ou que promovam a sua permanência no futuro.<sup>574</sup> O ensaísta apresenta uma versão que define, representa e promove o pensamento conservador de modo ativo a despeito do certame de sua cidade.<sup>575</sup> A investida dogmática contrária a qualquer conjunção dos três tempos em questão, passado, presente e futuro combinados, é alvo do meio de defesa mais articulado e amplo no âmbito da filosofia disponível.<sup>576</sup>

---

<sup>573</sup> (2, 17, 485): “(...) nos assuntos públicos não há nenhum andamento tão ruim, contanto que tenha duração e constância, que não valha mais do que a mudança e a agitação”. (2, 17, 482)

<sup>574</sup> (1, 28, 290)

<sup>575</sup> (1, 26, 235); (1, 53, 461): “Nosso apetite é indeciso e incerto: não sabe conservar coisa alguma, nem desfrutar nada da maneira certa”.

<sup>576</sup> (1, 26, 230)

Nos momentos mais cruciais da convivência observada pelo ensaísta, ele se acorre do pirronismo e de sua promoção da tranquilidade.<sup>577</sup> As sucessivas investidas contra o regramento, contra a ordem são alvo da sistemática cantilena organizada por Sexto Empírico, e ainda que a querela passe dos limites da disputa intelectual para a luta corporal, para a conflagração, o pirronismo continua abastecendo a política de soluções que mantenham o agregado social menos sujeito às divisões, subdivisões e às paixões humanas.<sup>578</sup> Fora do ambiente de conflagração, no melhor dos cenários, o ceticismo serve de ferramenta ordenadora para os tempos de paz, para decantar sobre as variadas interpretações da atividade intelectual humana, o que podemos também chamar de progresso intelectual, técnico ou científico sob o risco de anacronismo temerário, para coligar a pluralidade sob um ambiente fértil e civilizado. O traço altruísta, o amor à humanidade, legível nos registros antigos do jeito de pensar cético, é traduzível em Montaigne, bem como o amor à virtude e a repelência aos retóricos.<sup>579</sup> Não há uma remissão temporal segundo a qual o passado é ou deva ser restabelecido, pelo contrário, há elementos sucessivos indicando que a variação é uma das mais estáveis imagens no ensaísta, de modo que o passado abastece a experiência presente de informações institucionais regulares, seguras e políticas necessárias à conservação do que há no regramento social presente e que também mobilizam em conjunto as bases da tranquilidade para o futuro.<sup>580</sup>

---

<sup>577</sup> (1, 26, 231)

<sup>578</sup> (1, 26, 232); (2, 19, 504)

<sup>579</sup> (1, 50, 449): "(...) minha forma principal, que é a ignorância". (1, 50, 451): "Não creio que haja entre nós tanta infelicidade quanto há de variedade (...)". E quanto aos retóricos seguem outras passagens. (1, 51, 453): "ao passo que estes aqui pretendem enganar não nossos olhos, mas nosso julgamento, e abastardar e corromper a essência das coisas." (1, 50, 454): "É uma ferramenta inventada para manipular e agitar uma multidão e um povo sem ordem, e é ferramenta que só se entrega em Estados doentes, como a medicina (...)".

<sup>580</sup> (1, 37, 344): "Já não se conhece ação virtuosa (...)". "Nossos julgamentos também estão afetados e acompanham a depravação de nossos costumes. Vejo a maioria dos espíritos de meu tempo mostrarem-se engenhosos em obscurecer a glória das belas e nobres ações antigas, dando-lhes

Segundo leio, a dialética em torno do pensamento conservador cético, tempo pirrônico de um lado e da inovação e tempo dogmático de outro, assentam um aspecto civilizador. Este último carrega um significado no ensaísta afirmando tacitamente que a contradição é uma condição da existência coletiva.<sup>581</sup> Montaigne propõe um instrumento de colaboração da convivência através do qual observamos a disposição de um ambiente moderado e promotor de características análogas a si: a moderação, a aquiescência, o diálogo e o aprimoramento contínuo da política.<sup>582</sup> Diante desse objeto de arrefecimento de ambição organizada pelo ensaísta, entrevejo a sugestão do acolhimento de uma variada interpretação de mundos sociais objetos do juízo humano coordenados por um conservadorismo cético, ou seja, a moderação não sugere o predomínio da imobilidade de valores, crenças, sistemas de governos e do hábito, mas um conjunto de mundos convivendo sob o tempo pirrônico, sob a autoridade do entendimento claro e contínuo dos limites da razão humana e dos seus efeitos potenciais contra a própria imagem agregada da vida em comum.<sup>583</sup> A investida dogmática apresenta ameaças sucessivas contra esse sistema, a começar pelo entendimento do tempo, da política e da interposição da verdadeira ordem ou simplesmente da verdade sobre o melhor ordenamento social. Em primeiro lugar, não há razões para crer que a sugestão dessa imagem de sistema seja uma interpretação vitoriosa e disso faço notar, a partir dos ensaios, que não há nenhuma base para observarmos um dogmático conferir algum valor

---

alguma interpretação vil e inventando-lhes motivações e causas vãs". (1, 37, 345): "É tarefa das pessoas de bem pintar a virtude o mais belamente possível".

<sup>581</sup> (1, 49, 440): "Quero acumular aqui alguns costumes antigos que tenho na memória, uns semelhantes aos nossos, outros diferentes, para que, tendo em mente essa contínua variação das coisas humanas, tenhamos o julgamento mais esclarecido e mais firme a respeito delas". Ele também elogia México, Peru e Brasil cada qual com qualidades específicas. (3, 6, 193)

<sup>582</sup> (1, 26, 242): "Seu instrumento é a moderação, não a força".

<sup>583</sup> (1, 26, 235). Aqui ele conecta aldeia, cidade e mundo, todos distintamente e sob a vida tranquila. (1, 27, 272): "Quantas coisas ontem nos serviam de artigos de fé e hoje nos são fábulas?".

substantivo sobre a validade do tempo passado ou da contribuição deste sobre o tempo presente, seja aquele remoto ou contíguo e seja ele dado em anos ou em séculos, como parece a preferência do ensaísta.<sup>584</sup> De modo que a primeira ação antagônica à tranquilidade é a compreensão do tempo como uma imagem desprezível e absolutamente remota, um sintoma que aparece também nos ensaios afirmando a completa estupidez da verdade passada e absoluta correção da verdade presente. Portanto, o tempo idiótico é uma medida meramente cronológica, ela não carrega nenhum valor cognitivo à vida em comum. A verdade dogmática pode ser revelada, deduzida ou resultar do acidente, porém em todos os casos ela sobrepõe perigosamente qualquer consideração sobre o estoque e acúmulo da sociabilidade.<sup>585</sup> Em segundo lugar, a política na acepção dogmática prevalece sobre qualquer noção temporal, ela é o local privilegiado da aplicação da verdade sobre o melhor ordenamento social. O ambiente público é antecedido pelo laboratório da atividade intelectual ambientado na rivalidade e na animosidade. Ele constitui o local favorável para a imposição da conduta idiossincrática, a qualquer tempo, pela interpretação de uma escola inovadora em que nenhuma consideração passada pode ter precedência sobre as descobertas recentes.<sup>586</sup> Nessa imagem da política, *grassam* vontades e atitudes baseadas nas paixões humanas e nos interesses privados, ambos passam a regular a atividade intelectual, o juízo e a razão para convergir e obter os objetos de seus delírios.<sup>587</sup> Em terceiro lugar, e como resultado dos anteriores, a pluralidade de ideias sai da coordenação da

---

<sup>584</sup> (1, 26, 236); (1, 26, 240)

<sup>585</sup> (1, 27, 271)

<sup>586</sup> (1, 54, 465): "(...) há uma ignorância abecedária, que antecede à ciência; e uma outra, doutoral, que surge depois da ciência: ignorância que a ciência faz e engendra, assim como desfaz e destrói a primeira".

<sup>587</sup> (1, 54, 465): "Os grandes espíritos, mais assentados e esclarecidos, fazem outro gênero de crentes; os quais, por longa e devota investigação, introduzem nas escrituras uma luz mais profunda e intrincada, e sentem o misterioso e divino segredo de nossa organização eclesiástica". Esses são os regeneradores de costumes. (1, 55, 469); (1, 56, 473); (1, 56, 479)

moderação e o agregado social antes ordenado pelo tempo, a política e tranquilidade, voltam a espelhar o acidente contínuo da reunião original da sociedade. A política reflete um conjunto de interesses acidentais e a vida social ganha tensões e conflagrações desregradas.<sup>588</sup>

### **As corridas mais belas**

A visão de um tempo pirrônico no ensaísta não se libera de outra figura não menos ignorável e menos conexa a ele, estou me referindo à invenção de mundos. Acaso tenha conseguido atribuir características objetivas àquele, talvez a principal delas seja uma completa destituição da cronologia pelo significado da tranquilidade, soberba contra a contingência da razão. Se fundisse ainda o signo da razão com o tempo e adicionasse algum sentido geométrico à sua progressão, teria certamente um objeto anômalo e novo cuja caminhada característica desenharia círculos assimétricos, isso habilitaria uma sentença segundo a qual o tempo pirrônico andaria em círculos. Por sua vez, a tarefa não menos ignota de atribuir significados específicos sobre a fabulação de mundos em Montaigne talvez fosse natimorta se estivéssemos tratando de narrativas históricas com vetores de precisão. Há muitos elementos em contrário nos ensaios e o ensaísta poderia ser indiferente, por exemplo, às descobertas dos índios brasileiros tupinambás, como faz pouca ou nenhuma menção ao Leste Europeu, Oriente Médio e Ásia. Essa seria ainda uma evidência fraca se não fosse completada por mais dois aspectos que considero importantes. O primeiro deles me sugere que os ensaios são uma crônica cética e

---

<sup>588</sup> (1, 49, 449): “Como nisso nossa mudança é tão súbita e tão pronta que a imaginação de todos os alfaiates do mundo não conseguiria fornecer novidades suficientes, é forçoso que com muita frequência as formas menosprezadas recuperem o crédito e aquelas mesmas caiam em desagrado logo em seguida (...)”. (2, 19, 504)

espelham preferências filosóficas que vão além da *surpresa comum* presentes no Renascimento, a partir das grandes descobertas em torno das expressões conhecidas como Mundo Velho e Mundo Novo. O segundo aspecto aparece pela análise dos relatos caso a caso por onde lemos detalhes no texto indemonstráveis do ponto de vista da pesquisa histórica ou documental, ou ainda, onde observamos afirmações pelas quais é pouco provável que inúmeros pontos sejam críveis, como a qualidade da relação dos supostos índios brasileiros que tenham estado na França e sob qual variedade idiomática da nação tupinambá e sob qual qualidade de tradução.<sup>589</sup> O ensaísta toma o fato como nota adicional para o seu exercício costumeiro de imaginar mundos com a especial capacidade de criar paralelos e projetar significados. A julgar pela leitura agregada dos ensaios e não apenas a leitura tópica e a menção clássica ao ensaio “Dos canibais”, portanto, estou sugerindo uma avaliação que considere a abordagem literal, contingente e tópica, segundo a qual as descobertas são a possibilidade de coordenação de mundos imaginados e a chance de desenhar a sua conservação política.<sup>590</sup> Gostaria então de procurar produzir uma *plataforma de leitura das fabulações* dos ensaios e de *como Montaigne sugere mundos* a partir da colisão de três pequenos mundos que podem constituir uma *discordia concours*: o mundo virtuoso, os antigos, o mundo em curso, caracterizado pela máscara e pelo artifício, o experimento francês em última análise, e o mundo da atividade filosófica moderada.

A avaliação mais aplicada dos ensaios em alguns casos pode produzir respostas categóricas afirmando que Apologia é um trabalho filosófico, teológico e científico e

---

<sup>589</sup> (1, 31, 319)

-SOUZA FILHO, José Alexandrino de Souza. Montaigne, os canibais e a arte do blefe. **Revista Ciência Hoje**. Outubro de 2002. p. 35-39.

<sup>590</sup> (1, 31, 302)

acrescento que poderia consagrar-se como um pequeno tratado de filosofia pirrônica.<sup>591</sup> “Dos canibais”, dentro da mesma avaliação, seria um trabalho aprimorado de antropologia, crônica cética, conto literário e uma das primeiras peças livres de etnocentrismos a elogiar ou indicar o modo de vida indígena brasileiro como melhor do que o modo de vida estabelecido na Europa.<sup>592</sup> Ambos os textos possuem abertura para mais interpretações do que essas duas sugestões acachapadas. Proponho uma observação distinta na qual a leitura de textos com assuntos aparentemente definidos podem fornecer elementos para a visada de outros com temas distintos. Baseio essa leitura no que chamo de tempo pirrônico atravessando os ensaios e produzindo, a partir da colisão de mundos, uma proposição conservadora da vida política que articula passado, presente e futuro. O primeiro desses mundos figura no passado antigo, pelo que considero a ascendência filosófica de Grécia e Roma na definição de virtudes e que abastecem o ensaísta da noção de sofisticação em matéria de valores, bons costumes públicos e apuro intelectual. Esse mundo alimenta exemplos memoráveis, úteis e também oferecem a sofisticação da atividade filosófica ao serviço da vida pública e notadamente ao bem da tranquilidade. A visão geral desse mundo é a de que seja capaz de algo apresentável como alça de soluções sociais universais para a conservação da comunidade política, de modo equilibrado e estável. O segundo deles pode ser representado pela sua relação com Paris e *Montaigne*, aqui me refiro à sua propriedade, de onde recebeu o seu nome, algo como *montanha*, e creio ser mais amistoso tratar a propriedade do que a sua comunidade próxima por fornecer mais informações. O diagnóstico dessa comunidade ou da ligação *Montaigne*-Paris

---

<sup>591</sup> (2, 12, 157)

<sup>592</sup> (1, 31, 302)

-ZALLOUA, Zahi. **Montaigne and the ethics of skepticism**. Charlottesville: Rookwood, 2005.

mostra um esfacelamento de qualquer regra cuidada que oriente a conduta comum.<sup>593</sup> A sua cidade experimenta a mais completa ausência de tranquilidade, estabilidade, regularidade e qualquer sentimento ou figura moral que possa ser definida como virtuosa, conforme a passagem abaixo:

“(...) [Sócrates] tinha o pensamento mais aberto e mais amplo, abarcava o mundo com sua cidade, projetava seus conhecimentos, sua sociedade e suas afeições para todo o gênero humano, e não como nós, que olhamos apenas à nossa roda. Quando em minha aldeia os vinhedos congelam, nosso padre atribui isso à ira de Deus sobre a raça humana, e imagina que o gogo [doença que ataca os galináceos] já tenha dominado os canibais [brasileiros]. Ao ver nossas guerras civis, quem não brada que esta máquina está se desarranjando e que o dia do juízo nos agarra pelo pescoço, sem se dar conta de que já se viram muitas coisas piores, e que entrementes as dez mil partes do mundo continuam a levar vida mansa?”<sup>594</sup>

Esses dois mundos distinguem o ensaísta por serem transpassados pela reflexão em torno de valores caros à convivência comum como a verdade, a virtude da lei, as instituições, a estabilidade, a amabilidade, a amizade e pelo diagnóstico do malefício da inovação como introdutora da tirania. Além disso, esses dois objetos inventados, capturados pela imaginação, existem simultaneamente.<sup>595</sup> Não há um passado morto, ao contrário, ele é figura viva, experimentável e que é evocada pelos sentidos: pela leitura, pela voz alta e pelos ouvidos e daí até a imaginação.<sup>596</sup> Os objetos do passado, os do presente invariavelmente chegam ao juízo do ensaísta pela interpretação, pela imaginação, pela criação, portanto o presente não goza da vantagem do que chamamos de *realidade* e não tem mais prestígio no entendimento do que o passado que poderíamos definir como perecível ou por *realidade finda*. O exame contínuo do mundo antigo e do mundo contíguo apresenta imagens que se completam por meio de exemplos e assim ele segue com os experimentos. Essa

---

<sup>593</sup> (1, 26, 235)

<sup>594</sup> (1, 26, 235)

<sup>595</sup> (1, 26, 236)

<sup>596</sup> (3, 9, 319)



imagem é também um objeto muito particular e há, certamente, outro *mundo rival* ávido de atitudes menos serenas, estáveis, um mundo que requer intervenções dogmáticas, um mundo de críticas a Montaigne. Esse adversário temerário, esse mundo que requer afirmações precisas e soluções com sentido de verdade sofre de um diagnóstico de ignorância negativa, ele *não conhece a si mesmo*, portanto não tem como oferecer uma crítica consistente aos Mundos Montaigne. Se o *mundo* se queixa do *mundo do ensaísta* porque ele se ocupa de si mesmo, este devolve e o acusa de não conhecer a si e, ainda pior, se arroga a certeza de que a pesquisa de soluções não dogmáticas pode resultar em letargia.<sup>597</sup> Seria possível afirmar algumas obviedades com vistas à objetividade desses desenhos de mundos. O ensaísta conhece as falhas de personagens históricos, a qualidade da filosofia dogmática antiga e faz uma seleção clara em relação aos traços úteis ao presente.<sup>598</sup> Entre as imagens mais usadas, posso destacar a virtude, a correção de caráter, a verdade, a justiça e a liberdade. Acaso possa usar o termo cidade para me referir à Roma antiga, sem prejuízo do todo, ela é a imagem política agregada que reincide nos ensaios e junto da sua recorrência temos as lamentações típicas de episódios ou costumes que a trouxeram ao chão, à ruína.<sup>599</sup> Montaigne vê as ruínas e sente a sua presença. Os sentimentos aplicados à ruína são alvo do mesmo juízo que seleciona os episódios de glória e virtude que podem alimentar uma improvável estabilidade presente e daí o seu exame cuidadoso do contato Europa-América.

A terceira representação de mundo é originada da percepção e significado das Américas. A população desse mundo é alvo de uma colisão de hábitos com

---

<sup>597</sup> (3, 2, 28)

<sup>598</sup> (1, 26, 236)

<sup>599</sup> (3, 9, 319); (3, 9, 320)

prejuízos enumeráveis. Na guerra de costumes versus costumes, a sofisticação bélica europeia carrega armas mecânicas e intelectuais aparentemente superiores: canhões, embarcações, cavalos monstruosos; uma teologia, filosofia e hábitos corrompidos pelo interesse privado.<sup>600</sup> Esse equipamento se traduz numa persuasão convicta pelo argumento e pela superioridade produzida com o espanto diante do delírio monstruoso representado pelos cavalos. Os soldados da tirania desembarcaram entre os índios e deflagraram toda sorte de artimanha dogmática, apoiados noutro erro crasso e ativo em qualquer indivíduo sobre a terra: a curiosidade. Ela é a maior ameaça à conservação, pois dispara a inovação. Ela é a causa da vitória do dogma sobre a tranquilidade, sobre o equilíbrio e a regularidade da vida dos povos da América, ela é o alimento do encontro repetido da depravação com a pureza.<sup>601</sup> Essa população descoberta é uma comunidade com características muito singulares e dignas da comunicação para os melhores entre os antigos. Ele diria a Platão que é um mundo equilibrado e que vive bem sem as ciências, sem a literatura, sem a matemática, sem as leis escritas, sem os magistrados e sem a filosofia, portanto, um mundo de ignorância perfeita. Um corpo sem hierarquia política, sem ricos e pobres, um espaço idiomático sem palavras para descrever a dissimulação, a calúnia, a mentira, a traição e a avareza. Um povo no qual a guerra não privilegia a aquisição da propriedade do inimigo, mas de sua virtude, de suas melhores qualidades, portanto, um espaço de difusão de valores morais como patrimônio comum.<sup>602</sup> Os seus líderes espelham as maiores firmezas de caráter, a

---

<sup>600</sup> (3, 6, 187) “(...) montados em grandes monstros desconhecidos, contra aqueles que nunca haviam visto não apenas cavalo, mas qualquer animal treinado para transportar e portar homem nem qualquer outra carga (...)”. “(...) foram tão vergonhosamente enganados (...)”.

<sup>601</sup> (3, 6, 187): “(...) e agora contra povos nus a não ser onde chagara a invenção de algum tecido de algodão, sem outras armas além de no máximo arcos, pedras, lanças e escudos de madeira; povos surpreendidos, sob a aparência de amizade e boa-fé; levai em conta nos conquistadores essa disparidade, dizia eu, e lhes tirareis qualquer possibilidade de tantas vitórias”.

<sup>602</sup> [1, 30, 195]

energia, a tranquilidade e serenidade mesmo diante dos maiores descalabros que a estupidez e a crueldade podem produzir, mesmo diante da tortura e da curiosidade alheia se mantinham altivos e lançavam vergonha com essa atitude contra os seus algozes torturadores.<sup>603</sup> Essas lideranças, os monarcas, com uma inteligência clara, são equiparáveis aos monarcas conhecidos no mundo contíguo e replicam críticas contundentes quando o diálogo é estabelecido: o rei da Europa era indigente, pois precisava de coisas alhures, o seu líder religioso máximo, o papa, distribuía o que não era dele, terras, a sua tropa se arrasta atrás de metal sem valor, o ouro, o seu deus único não gozava de nenhum privilégio sobre o panteão local e menos ainda teriam alguma ascendência com o costume exótico de venerar algo indemonstrável.<sup>604</sup>

Eles viviam num mundo bem distribuído arquitetonicamente e em harmonia com a natureza. A sua parte mais aplicada nas artes era superior em estradas e de fazer inveja a qualquer obra humana conhecida na Grécia, no Egito ou em Roma, e ele se refere especificamente ao Peru.<sup>605</sup> No México, ele vê um corpo mais organizado que chama de superior em civilidade e artes.<sup>606</sup> Um mundo com calendário próprio e com um relato rico em detalhes, um mundo assemelhado em ocorrências astrológicas a descobertas do mundo contíguo. Eles estavam distribuídos em sóis e a sua primeira idade, o primeiro sol, sucumbiu à água, o segundo sol foi derrubado pela queda do céu, num movimento que eliminou os gigantes da terra por sufocação, o terceiro sol pereceu pelo fogo, o quarto pereceu pelo vento e nessa ocasião os homens viraram macacos. A devastação do sol em curso, segundo os indígenas, estava próxima,

---

<sup>603</sup> (3, 6, 191)

<sup>604</sup> (3, 6, 189)

<sup>605</sup> (3, 6, 194)

<sup>606</sup> (3, 6, 193)

pois o sinal mais inequívoco era a presença dos europeus em suas terras.<sup>607</sup> Da sua própria versão desse calendário, Montaigne acredita na letalidade da água, na queda do céu que sufocou os gigantes, que das trevas tenham nascido novos deuses, que o fogo e que o vento anularam gerações de homens, mas não acredita que tenhamos virado macacos no quarto sol. Ainda que ele não julgue ninguém pelo seu próprio parâmetro, ainda que ele creia em monstros, quimeras, espíritos, na predição, em lendas, nas fábulas e que a virtude espose a sinceridade, nossa mutação aos macacos faz parte da “frouxidão da credulidade humana”.<sup>608</sup> Seria estranho, acaso fosse de outro jeito. Essa discordância numa matéria aparentemente inofensiva mostra apenas o caráter do localismo e da atomização da sua percepção do que seja conservar a identidade de um indivíduo e de uma comunidade, pois, nesse momento, a concordar com toda a apresentação científica indiscriminadamente faria dele um cético fraco e um índio.<sup>609</sup> O conservadorismo de Montaigne habilita a crença nas suas próprias lendas, nos seus próprios monstros e fantasias, no seu próprio quadro de organização política.<sup>610</sup> Passo agora a examinar no que pode configurar a projeção, uma versão preditiva da conservação da representação do terceiro, do segundo e do primeiro desses mundos em conjunto.<sup>611</sup>

---

<sup>607</sup> (3, 6, 194)

<sup>608</sup> (1, 27, 267): “Mas também, por outro lado, é uma tola presunção ir desdenhando e condenando como falso o que não nos parece verossímil; esse é um vício habitual nos que pensam ter algum discernimento além do comum. Outrora eu agia assim, e, se ouvia falar de espíritos que retornam, ou do prognóstico das coisas futuras, de encantamentos, de feitiçarias, ou contarem alguma outra história que eu não conseguisse compreender”. (1, 27, 268); (3, 6, 193). (1, 37, 342): “Não faço o erro comum de julgar o outro de acordo com o que sou”.

<sup>609</sup> (1, 26, 235); (1, 27, 269): “Quantas coisas pouco verossímeis há, testemunhas por pessoas dignas de fé, e das quais, se não podemos ser persuadidos, pelo menos é preciso deixá-las em suspenso; pois condená-las como impossíveis é, por temerária presunção, pretender saber até onde vai a possibilidade”.

<sup>610</sup> (1, 26, 221): “Pois aqui estão também meus sentimentos e minhas opiniões; apresento-os como algo em que acredito e não como algo em que se deva acreditar”.

<sup>611</sup> (3, 6, 183): “Isso não quer dizer que ela [a natureza] tenha empregado o seu derradeiro esforço”.

O mundo é uma escola de buscas e ganha o prêmio aqueles que fizerem as melhores corridas, as melhores narrativas, as corridas mais belas.<sup>612</sup> A busca de um mundo aprimorado e a sua *corrida* combina ao menos com as três corridas anteriores.<sup>613</sup> O conteúdo da busca é a ciência, a filosofia, e o veículo da busca para o ensaísta, segundo leio, é o pirronismo. Montaigne deriva dos pirrônicos o seu modo de promover a tranquilidade e a sua conservação pelo costume, pelo hábito e pela promoção da definição de uma tradição, de acordo com a descrição de Sexto Empírico. É com esse conteúdo que ele participa na disputa, é com a *epoché* e com a sua própria opção pela produção de mundos mais moderados, virtuosos e menos contaminados pela imissão dogmática e pela instabilidade originária de sua causadora, a curiosidade.<sup>614</sup> O contágio do mundo que frequenta, um mundo caracterizado por uma virtude decaída, corrompida, com vincos, comparado ao mundo descoberto, ao mundo de luz, verdade e pujança, representa uma figura monstruosa, um figura acoplada com partes contíguas antagônicas, um remendo da observação original, uma parte doente e outra saudável, uma verdadeira hemiplegia.<sup>615</sup> O contágio desse objeto, um século inadequado para ter filhos, um evento doentio, cruel e ambicioso com o *mundo criança* serão a razão da queda de uma civilização inteira.<sup>616</sup> A melhor combinação de costumes e colisão de hábitos teria ocorrido com a transmissão da virtude antiga contra o aprimoramento dos valores indígenas, nas quais ambos forjariam uma civilização livre da instabilidade,

---

<sup>612</sup> (3, 8, 213)

<sup>613</sup> (3, 3, 48)

<sup>614</sup> (1, 26, 241): “Ela tem como objetivo a virtude, que não está, como diz a escola, plantada no topo de um monte abrupto, escarpado e inacessível. Os que dela se aproximaram afirmaram-na, ao contrário, alojada em uma bela planície fértil e florescente, de onde ela vê bem abaixo de si todas as coisas”.

<sup>615</sup> (3, 6, 185): “O universo cairá em hemiplegia; um membro estará paralisado e o outro vigoroso”. (3, 9, 310)

<sup>616</sup> (3, 6, 185); (3, 9, 321)

da incerteza e do desregramento.<sup>617</sup> Essa seria a melhor corrida, o melhor reparo, o nosso maior melhoramento, a imitação direta das melhores virtudes, as originais.<sup>618</sup> O encontro de luz contra luz, antigos contra novos protagonizaria o melhor rebento do jeito de pensar pirrônico e da vida de acordo com a natureza, um mundo de coisas diversas gerado pela arte mais original, o acaso.<sup>619</sup> Uma arte com estilo e com autoridade legítima e promissora cujo fundamento é o estudo diligente da natureza rebaixada de um homem, as suas mudanças, as suas sucessivas passagens diante do tempo.<sup>620</sup> As suas bases organizativas dispensariam a desobediência às leis escritas em razão de uma natural mansidão diante da política, uma obediência civil baseada na virtude e não num código escrito, cujo prêmio é a regularidade e a tranquilidade.<sup>621</sup> Os pilares da condução da política seriam o entendimento comum, a crença comum, a multidão, o idioma seria o mais comum, a língua mais vulgar, onde a curiosidade seria tutelada pelo hábito e pela mansidão da obediência e da servidão pública.<sup>622</sup>

Esse mesmo mundo ainda compreenderia o costume alheio baseado na amizade e no amor pela cidade, pelo que abraçar a própria cidade teria o mesmo peso de abraçar a diferença da cidade alheia, e essa experiência seria capaz de impor

---

<sup>617</sup> (3, 6, 188): “Por que não sobreveio na época de Alexandre ou na época dos antigos gregos e romanos uma conquista tão nobre e uma tão grande mudança e alteração de tantos impérios e povos, sob mãos que suavemente polissem e aplainassem o que neles havia de selvagem (...)”.

<sup>618</sup> (1, 26, 227): “A verdade e a razão são comuns a todos, e não pertencem a quem as disse primeiramente mais do que a quem as diz depois. Não é segundo Platão mais do que segundo eu mesmo, já que ele e eu o entendemos e vemos da mesma forma”.

<sup>619</sup> (1, 26, 226): “Que lhe proponham essa diversidade de opiniões; ele escolherá se puder; se não, permanecerá em dúvida. Seguros e convictos há apenas os loucos”.

<sup>620</sup> (3, 2, 28)

<sup>621</sup> (1, 26, 223): “(...) mas os homens, entregando-se incontinenti a costumes, a ideias, a leis, mudam ou se disfarçam facilmente”.

-LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. Brasília: LGE Editora, 2009.

Penso que há influência decisiva do texto nos ensaios.

<sup>622</sup> (2, 18, 499); (1, 26, 232): “(...) que obstinar-se e contestar são características comuns, que se manifestam mais nas almas mais baixas; que reconsiderar e corrigir-se, abandonar no ímpeto do ardor uma opinião errônea são características raras, fortes e filosóficas”.

melhoramento à vida, à viagem, de modo que o intercuro entre comunidades poderia ajudar no aprimoramento da experiência comum.<sup>623</sup> A fixação numa comunidade teria uma justificação viva e clara para cada indivíduo: as causas de ser parisiense são as mesmas das de ser tupinambá, o acidente, é ele quem universaliza toda e qualquer cidade.<sup>624</sup> Nascemos livres e nos fixamos por acidente e da mesma forma, com essa premissa, a instituição do acidente não adiciona a distinção, a hierarquia de civilizações e de costumes.<sup>625</sup> A projeção e a manutenção dessa cidade seriam garantidas pelo serviço de uma papa nutritiva, como em Sexto Empírico, por uma atenção cuidada e qualificada das crianças, mesmo para o caso de crianças monstruosas, ou seja, mesmo para indivíduos com inclinações diferentes, o entendimento claro de ciência e serviço público seria aplicável na sua instrução mais geral.<sup>626</sup> A característica mais geral seria representada pelo primado do tempo, da política e do costume sobre a educação. A partir disso, a educação seria um instrumento de incitação ao juízo, a liberdade de pensamento e criação. O contato com os livros seria um dos instrumentos a produzir experiências sensoriais com a sua leitura em sentido aberto, de modo que os textos serviriam apenas como conversa e não como aprendizado de conteúdo, mas de diferença e dessemelhança sem nenhum privilégio para a memória e a fixação de suas mensagens. A liberdade de tomar a leitura pelos livros teria o mesmo grau de relevância da observação da vida contígua. Todas as relações humanas são livros eficientes, como “a malícia de um pajem, a tolice de um criado, uma conversa à mesa, tudo são matérias novas”.<sup>627</sup> O comércio com os homens, as viagens, a lapidação de cérebros contra cérebros e

---

<sup>623</sup> (1, 26, 229): “(...) para trazer principalmente os humores daquelas nações e suas formas de comportamento, e para atritar e polir nosso cérebro contra o de outros”.

<sup>624</sup> (3, 9, 281)

<sup>625</sup> (3, 9, 282); (3, 9, 301)

<sup>626</sup> (2, 30, 570); (1, 26, 227)

<sup>627</sup> (1, 26, 228)

o contato com a filosofia seriam os garantidores da aplicação da liberdade.<sup>628</sup> A filosofia lhes chegaria como uma matéria de opinião, de alegria e com um laboratório a céu aberto.<sup>629</sup> Como consequência dessa aplicação, o principal produto seria um caráter conhecido, a melhor representação de si, um sujeito apto a conhecer a si e a variedade de indivíduos de uma comunidade.<sup>630</sup> A criação de conhecimento nesse mundo projetado significa a reiterada produção de personalidades mansas, tolerantes, capazes de apontar erros nos seus próprios julgamentos e obedientes às leis, à ordem e à moderação.<sup>631</sup>

O ensaio “Dos coches” talvez seja o mais dramático entre todos e sugere, a meu juízo, uma avaliação de um Montaigne completamente sensibilizado pela capacidade negativa e degenerativa da investida descobridora.<sup>632</sup> Nesse ensaio, temos nítidos os três tempos que sugiro. Ele traz uma sugestão de mundo dissimulada e sufocada pela pressão de estabelecer um texto estratégico que agradasse tanto aos interesses políticos vigentes como o dele próprio. Quanto ao mundo antigo, o mundo velho e ao mundo recém-descoberto, é nítido o quanto mexem com a noção de predição do ensaísta, de modo que os três sintomas citados podem aparecer: a *literalidade* que propus como uma leitura global dos ensaios, a visada meramente *renascentista* pela qual podemos flagrá-lo afirmando que as terras descobertas eram deles (*nossas*), que os povos descobertos estavam *ávidos por conhecimento* e que deveriam ter sido mimo lapidável nas mãos de Alexandre.<sup>633</sup> Finalmente, é possível extrair uma *leitura tópica* da sensação bizarra

---

<sup>628</sup> (1, 26, 229)

<sup>629</sup> (1, 26, 240); (1, 26, 246)

<sup>630</sup> (1, 26, 231)

<sup>631</sup> (1, 26, 232); (1, 26, 242)

<sup>632</sup> (3, 6, 169)

<sup>633</sup> (1, 31, 306)



que ele consegue produzir num texto tanto crível como incrível, tanto prosa de sobremesa como poesia sinistra, crônica e como uma peça de projeção e invento de mundos liberados de amarras tão rudimentares, tão inumanas, assolado de premissas igualmente inumanas produzindo as piores sevícias e crueldades contra povos definidos e com um modo de vida mais ajustado à natureza que do seu próprio.<sup>634</sup> As corridas mais belas carregam a tolerância, a sensibilidade contra a violência da inovação, carregam crivos filosóficos contra saltos, fissuras, divisões e facções ávidas de suprimir a política. As melhores corridas sugerem que uma convivência melhor seja estabelecida coordenando o contágio por círculos de experiências, uma projeção histórica de tópicos do mundo antigo com a força e pujança natural de um povo crédulo e bem organizado a partir da pluralidade, dos costumes e da liberdade, em síntese, um mundo de traços pirrônicos. É possível interpretar alguma dose de senso comum, como a ideia de equilíbrio técnico entre os povos, estabelecendo uma noção de defesa militar e a adoção de uma política de defesa intelectual, uma atividade prospectiva contra a inoculação de novidades ante os costumes, contra a regularidade da organização política e da supremacia do tempo.

### **A fórmula cética: o edifício de cinco pavimentos**

A contribuição de Montaigne para o que chamamos de ciência é por certo bem maior do que a que apresento. Penso que os ensaios são uma obra agigantada e uma das

---

-SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Skinner dá esse mesmo traço episódico de renascentista.

<sup>634</sup> (2, 23, 541)

melhores aulas de pesquisa sem o apoio estatutário das estantes de livros.<sup>635</sup> Um estúdio aberto.<sup>636</sup> É um julgamento indiferente, livre, inquieto e senhor de si que convida para entrar e não indica a saída de um prédio difuso e cujo elevador só leva para andares muito para baixo ou muito para cima.<sup>637</sup> Com todo o conforto de uma assertiva temerária sobre os ensaios, não há nada que eu afirme com mais segurança do que o fato de que toda e qualquer pesquisa séria *ou* descuidada, será séria e descuidada, não haverá distinção de mérito entre ambas e, ousado ainda, que esta mesma pesquisa mostrará um relatório hercúleo e vistoso que estará fadado a vigiar por tempo curto. A facilidade para se arrogar o título de leitor avisado dos ensaios é muito grande, o convite de Montaigne é atraente, a vaidade nos ilude e empurra para dentro e passamos a usar as mais variadas premissas que capturem tópicos e subtópicos, como resultado, entramos no tabuleiro alheio acreditando ter um tabuleiro próprio. Ao sustentar opinião sobre os ensaios, incorreremos no mesmo erro dos cães de Esopo, conforme ele mesmo nos ensina que ao avistarem um objeto estranho no horizonte do mar, decidiram beber toda a água para fazê-lo aproximar da costa e descobrir a natureza daquele corpo. O resultado é o suicídio em nome da curiosidade. Montaigne não sai de perto de si, não vai muito longe, fica nele mesmo.<sup>638</sup> Os leitores treinados e os destreinados, os avisados e os desavisados, os treinados imperitos, os avisados desavisados não saem do prédio da pesquisa de si mesmos dentro da pesquisa alheia, ou descem até andares

---

<sup>635</sup> Ele é *modo de pensar* para Coelho e para outros uma obra sem forma.

-COELHO, Marcelo. **Montaigne**. São Paulo: Publifolha, 2001.

-Clássicos Jackson. **Pensadores Franceses: Montaigne, Descartes, Pascal, La Rochefoucauld, La Bruyère, Diderot, J. J. Rousseau**. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1960.

-CRESSON, André. **Montaigne: sa vie, son oeuvre**. Paris, Press Universitaires de France, 1952.

<sup>636</sup> (1, 26, 246)

<sup>637</sup> (3, 1, 5)

-QUESNEL, François. Montaigne. **Stanford Encyclopedia of philosophy**, Stanford University, Metaphysics Research Lab, [S.l.], 2009.

Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/montaigne/>>. Acessado em: 2009.

<sup>638</sup> (3, 2, 37); (3, 2, 40); (3, 1, 37)

subterrâneos em queda livre ou disparam aos céus numa velocidade inconstante e incômoda. As teses resultantes dali vigem até que a habilidade da réplica quase imediata confirme algum outro ponto destacado por Montaigne. Ao sustentá-lo conservador significo e mostro segundo Montaigne de que altura eu caio, quão confusa é a engenharia civil e quão abstrato é o projeto arquitetônico do seu prédio, demonstro quantos litros da água consegui reter e por quanto tempo e com que coragem ou covardia, inteligência ou estupidez. Bebe-se água. Entre os corajosos e os covardes, entre os inteligentes e os estúpidos, propus aos ensaios e a mim mesmo, pois não há como entrar ali e sair incólume, não há como fingir que esse trabalho não tem nada a ver comigo mesmo e que o interesse por Montaigne me caiu do céu por revelação ou pela decisão dos astros, uma justaposição de um pequeno prédio de cinco pavimentos sobre esse edifício infinito com a pretensão de não cair de muito alto ou de não descer aos subterrâneos e ir para muito longe da superfície. Montaigne é incômodo, inquietante, escorregadio, de modo que procurei beber pouca água e não alimentar crenças sobre ser treinado e destreinado a um só tempo e procuro mostrar que fui vitimado no seu tabuleiro, por uma duração curta, sustentando um relatório de trabalho que imprime um prédio pequeno simulando justaposição sobre um edifício medonho.

Como quem gira em falso, apresenta argumentos que reincidem ou mesmo como quem apresenta argumentos que andam em círculos, *que* Montaigne é conservador porque assume uma plataforma específica do ceticismo que sugere um pensamento conservador e *que* é um cético porque emite um pensamento político conservador, ou simplesmente como quem procura produzir coerência com a proposta inicial deste trabalho, gostaria de explicitar os cinco pontos a que fiz alusão

anteriormente.<sup>639</sup> A ideia básica de recuperar esses aspectos consiste em procurar apresentar de modo claro que Montaigne pode ser mais afetado pelo ceticismo e de ser afetado de modo mais incisivo. Em outras palavras, procuro apontar como os argumentos específicos que destaquei anteriormente fazem parte do seu repertório de interpretação da vida em comum. O objetivo básico é realizar uma pequena demonstração por comparação simples de quais dos aspectos do ceticismo que especificamente aparecem, em que medida e com que aplicação dentro dos ensaios. Nessa seção, mudo um pouco a tática que usei até aqui e passo a usar citações no corpo do texto com a citação apenas numérica no rodapé da página. De maneira bem direta, gostaria de explicitar, em primeiro lugar, alguns momentos pelos quais é possível verificar o ensaísta fazendo uso da suspensão do juízo, a *epoché*. Em segundo lugar, farei remissões através de citações dos momentos nos quais ele trata a causalidade, um dos argumentos pouco utilizados por mim até então. Em terceiro lugar, implicará na explicitação dos momentos nos quais ele se mostra confortável com os métodos não dogmáticos de decisão, em outras palavras, mostrarei algumas citações nas quais as instituições aparecem como uma ferramenta clara para o entendimento da convivência política. No quarto ponto e também quarto aspecto, procuro demonstrar alguns momentos nos quais ficam evidentes os paradigmas de ação prática dos cétricos. O quinto e último ponto é o que chamei de razão e propósito humanitário no ceticismo. Por este ponto exploro a benevolência e o altruísmo presentes no ceticismo, pelo quais apresento a tranquilidade como objeto de crença cética, além de veículo de inteligibilidade e conduta prática no mundo. Esses pontos não cobrem com evidência todo o

---

<sup>639</sup> (2, 17, 488)

ceticismo em Montaigne e não tenho a menor pretensão de fazê-lo nos ensaios, eles apenas me parecem como os pedaços e partes da influência de Sexto Empírico que podem apoiar o que chamo de pensamento conservador. De qualquer forma, penso que eles ao menos preenchem mais vigor e talvez justificação teórica ao conservadorismo. As ocorrências desses pontos em conjunto, ou mesmo isoladamente, em vários momentos me parecem um sistema de pensamento conservador com uma dupla atividade: uma defensiva, pelo qual o cético observa a atividade dogmática precipitar soluções sobre a política com a pronta resposta neutralizadora da *epoché*; por enunciado semelhante, uma posição ativa, positiva, pela qual o cético não apenas diagnostica o dogma, mas também produz uma solução que antecipa as sugestões dogmáticas com a detecção e a projeção de soluções que promovam a tranquilidade no futuro.

A imagem da suspensão do julgamento, a *epoché*, promove a adesão ao modo como a política vem sendo conduzida e isso pode ser visto nos ensaios.<sup>640</sup> Ela apoia a anulação ou a sustação temporária da decisão da querela sobre o melhor modo de organizar as imagens comunitárias antigas como as que aparecem no presente.<sup>641</sup> Os elementos que podem justificar essa opinião possuem uma infinidade de fenômenos recorrentes no texto, mas socorro-me de um dos mais recorrentes que é a disputa religiosa. O debate religioso estava muito além de si mesmo e possuía implicações teóricas, resoluções locais e públicas, com efeitos sobre a própria estratégia de uma nova pátria sobre a pátria alheia, a dos tupinambás. De qualquer forma, das várias mensagens em torno da religião católica e da religião protestante, me concentro no ceticismo e do que destaco que, embora o ensaísta tenha lado, o

---

<sup>640</sup> (3, 8, 221); (3, 8, 222); (3, 8, 223)

<sup>641</sup> (3, 8, 206); (3, 8, 210); (2, 17, 482)

católico, não há menção explícita à eliminação da religião que nasce. Ou seja, a despeito da revelação de ambas as verdades, o exercício da suspensão do julgamento acolhe a existência de uma religião nova, ela não desmobiliza a ideia ou o grupo social no qual ela vem ao mundo.<sup>642</sup> Entre a colisão dessas verdades, o único elemento anunciadamente ejetável da disputa sobre natureza das revelações pintadas em partidos diferentes, rivais, é a animosidade, a eliminação física.

“Nossas discussões deveriam ser proibidas e punidas como outros crimes verbais. Qual vício não despertam e acumulam, sempre regidas e comandadas pela cólera! Passamos à inimizade – primeiro contra os argumentos, depois contra os homens. Só aprendemos a discutir para contradizer, e, cada qual contradizendo e sendo contradito, advém que o fruto da discussão é pôr a perder e aniquilar a verdade”.<sup>643</sup>

A conflagração entre os grupos desenha verdadeiramente o corpo estranho ao ordenamento.<sup>644</sup> Há ainda dúvidas sobre a religiosidade de Montaigne e o que se consagrou chamar de *fideísmo*, uma adesão pelo costume, uma espécie de apoio e vínculo meramente racional à religião, de modo que é possível reforçar ao menos uma conclusão: ainda que tenha lado, ele não é favorável à eliminação da novidade, ele é a favor da diversidade tutelada pela decisão política em curso na comunidade.<sup>645</sup> Os desmandos dos dois lados são o alvo de sua crítica e de onde sabemos que o partido verdadeiramente defenestrável é o que divide, e aquele que desregula a relação entre as facções é o perturbador.

“*Apoiando os huguenotes*, que criticam nossa confissão privada e auricular, confesso-me em público, escrupulosa e inteiramente. Santo Agostinho,

---

<sup>642</sup> (1, 56, 474): “(...) Igreja Católica, Apostólica e Romana, na qual morro e na qual nasci”.

<sup>643</sup> (3, 8, 210)

<sup>644</sup> (3, 9, 241)

<sup>645</sup> (3, 1, 10); (3, 1, 9); (3, 1, 12)

-BIRCHAL, Telma de Souza. Fé, Razão e Crença na Apologia de Raymond Sebon: *somos cristãos como somos perigordianos ou alemães?* **Revista KRITERION**, Belo Horizonte, n. 111, Jun/2005, p. 44-54.

Orígenes e Hipócrates proclamaram os erros de suas ideias; eu, ademais, os de meu comportamento”.<sup>646</sup> [itálico acrescentado]

É possível reconhecer ao menos uma implicação através da ideia de que, ainda que ele seja contra a divisão, não é contra a diversidade, a sua preocupação é a queda, o colapso de um edifício, a debacle de um corpo inteiro pela investida de uma pequena parte; por outro lado, a diferença é bem vinda, mas a divisão de um objeto habitualmente inteiro lhe incomoda.<sup>647</sup> Os excessos da religião são tratados em grupo, de modo que as críticas com fundamento moral, as severas reprimendas em torno da verdade, da sinceridade, da validade moral de acordos, da palavra, do desacordo, da máscara, da vaidade, da crueldade e de toda sorte de ações abjetas são observadas dos dois lados rivais, a sua crítica é equânime e equilibrada.<sup>648</sup> A suspensão do julgamento não é uma sentença negativa, em termos reduzidos, ela é uma audiência de tempo e calma para examinar uma proposição com aplicações fundas sobre a vida pública.

O dogmático manuseia o circuito de *causa e efeito* ou de *causalidade* com fundamento irreconhecível ou indemonstrável, notadamente privado, além disso, ele assume os riscos de pulverizar o descontrole de uma cadeia de eventos que ele não controla ou não tem a mais remota ideia de uma verdadeira origem. Ele oferece causas não observáveis, seleciona causas que lhes são mais favoráveis numa

---

<sup>646</sup> (3, 5, 92)

<sup>647</sup> (3, 1, 9)

<sup>648</sup> (2, 27, 547); (3, 1, 11)

-POPKIN, Richard. **História do Ceticismo: de Erasmo a Espinoza**. Tradução de Danilo Marcondes. Francisco Alves, 2000.

O contexto da Reforma Protestante é muito bem retratado por Popkin pelo que batiza de *crise intelectual* esse momento de divisão intelectual.

-MAIA NETO, José Raimundo. Panorama historiográfico do ceticismo renascentista: 1997 – 2007. **Revista Sképsis**, Ano I, n. 1, p. 83-97, 2007. Disponível em: <[http://www.revista-skepsis.com/pdf/83\\_01.pdf](http://www.revista-skepsis.com/pdf/83_01.pdf)>. Acessado em: 2010.

Sugiro esse trabalho como complementar ao de Popkin.

ordenação que lhe seja mais favorável.<sup>649</sup> Com uma apresentação de uma iniciativa inovadora baseada num tal percurso, Montaigne apresenta não apenas as deficiências da cadeia causal, como afirma que a sequência desse movimento é o esfacelamento do curso ordinário da experiência conhecida.

“Falam conosco quando as causas de seu erro já estão alimentadas e desenvolvidas por eles mesmos. Mas recuai para antes, remetei essas causas ao seu início: então os apanhareis a descoberto. Pretendem eles que sua falta seja menor por ser mais antiga, e que o prosseguimento de um início injusto seja justo?”<sup>650</sup>

“Quem não detém a largada não poderia deter o curso [...]”<sup>651</sup>

O resultado dogmático, pela passagem, só aparece depois de uma longa seleção segundo a pesquisa em privado, ela resulta em uma novidade devidamente alimentada. Montaigne sugere que se investigue a causa da causa e a causa dessa nova causa numa regressão infinda, de maneira que não haveria evidentemente uma virtude original ou causa razoável. A antiguidade da causa, acaso se meça a regressão em tempo, não estabelece a justiça de um erro. O entendimento humano é diminuto diante do fenômeno da causalidade. A pretensão de organizar e impor um novo sistema de causa é uma atividade inatingível pela razão.<sup>652</sup>

O conservadorismo cético, segundo me parece, sugere uma vantagem humanitária através da defesa da tradição, das leis e dos hábitos.<sup>653</sup> Através desse caminho oferecido por esses predicados, a atividade humana expressa o que Sexto Empírico e Montaigne chamam de métodos comuns ou de métodos compartilhados de entendimento. Esse percurso é possível de ser entrevisto pela mesma menção de

---

<sup>649</sup> (3, 6, 170); (3, 8, 222); (1, 4, 30)

<sup>650</sup> (3, 10, 348)

<sup>651</sup> (3, 10, 349)

<sup>652</sup> (3, 8, 232)

<sup>653</sup> (1, 13, 71)



compreensão pública, através da noção mostrada na passagem imediatamente anterior, relativa ao procedimento meramente privado de seleção e pela operação temerária de causas. O método dogmático pode ser reinterpretado como um método de divisão da vida pública, ao passo que a estratégia cética mostra o primado do ordenamento sobre a fabulação idiossincrática com um método ajustado à conservação da política.<sup>654</sup> A menção principal desse tipo de compreensão da experiência intelectual mostra que o pensamento conservador do ceticismo constitui uma defesa da vida coletiva, do esforço comum de melhoramento.<sup>655</sup> O que faz o mundo inteligível para essa perspectiva são as instituições, a tradição, a religião, as leis e as crenças experimentadas em comum.<sup>656</sup> Será a partir das instituições que se bloqueará a investida contra outro conjunto atomizado de imagens de ordenação do esforço comum como os sistemas de governo, os partidos, a divisão do espaço público e privado, a própria iniciativa intelectual, eles são um bloco contra as paixões.<sup>657</sup> A iniciativa intelectual deve ater-se ao que se observa e valorizar as formas de organização existentes.

“Faço parte desses. Os que seguem o outro extremo – de comprazer-se consigo mesmos, de valorizar o que possuem acima de todo o restante e de não reconhecerem nenhuma forma mais bela do que a que veem –, se não são mais avisados do que nós, na verdade são mais felizes. Não invejo sua sensatez e sim sua boa fortuna”.<sup>658</sup>

A passagem serve acima e abaixo e me refiro ao *paradigma de atuação prática* do ceticismo na vida. Acima, a fórmula perfeita para a convivência é aquela que se vê, não há nenhum instrumento capaz de substituir a tranquilidade da experiência

---

<sup>654</sup> (1, 14, 73)

<sup>655</sup> (3, 7, 199): “(...) o populista tona o rei de pior condição que um carroceiro; o monarquista coloca algumas braças acima de Deus em poder e soberania”.

<sup>656</sup> (3, 9, 257)

<sup>657</sup> (3, 6, 179)

<sup>658</sup> (3, 9, 243); (3, 9, 258); (3, 9, 260); (3, 9, 263); (3, 9, 270); (3, 9, 271)

conhecida por uma invenção oriunda da idiosincrasia. Abaixo, pela análise dos paradigmas de atuação na vida comum do cético, o simples fato de lermos os ensaios nos fala da mobilidade e da validade prática do ceticismo. Ainda que essa atividade seja mal interpretada com trabalhos bem fornecidos de argumentos por alguns comentadores, segundo leio, essa trilha de atuação é inequívoca e indica a natureza, as paixões, a tradição e a atividade intelectual, o que eles chamam de artes que mobilizam a atividade prática do ceticismo.

“Minha filosofia está na *ação*, no *uso natural* e atual; pouco na imaginação”.<sup>659</sup> [itálico acrescentado]

“Devo ao público um retrato realista de mim. Estes ensaios são edificantes porque a *verdade, a realidade e a liberdade neles reinam*. Recuso-me a trocar um dever real por essas regras mesquinhas, hipócritas, fictícias e de uso restrito. Atenho-me às *leis gerais e constantes que a natureza* nos dita e de que são filhas, mas filhas bastardas, a *civilidade e as convenções sociais*. Que importam os vícios que parecemos ter, ao lado dos que realmente temos? Quando houvermos acabado com estes, atacaremos os outros se acharmos necessário. Pois corremos perigo em imaginar novos deveres a fim de desculpar-nos por não termos cumprido os verdadeiros, estabelecendo a confusão”.<sup>660</sup> [itálico acrescentado]

“As *paixões* são-me fáceis de evitar como difíceis de moderar”.<sup>661</sup> [itálico acrescentado]

Os quatro pontos aparecem nas passagens e creio que isso reforça a parcela de Sexto Empírico sobre a atividade intelectual de Montaigne. A ação e o uso de acordo com a natureza são valorizados na primeira delas, pela qual sabemos onde residiria a sua filosofia.<sup>662</sup> A segunda passagem nos apresenta a convenção social com o mesmo sentido de hábito social e a corrupção dessa mesma convenção e hábito. Pela terceira, sabemos que as paixões fornecem matéria de preocupação para o ensaísta. De modo que temos os quatro aspectos do paradigma cético de ação

---

<sup>659</sup> (3, 5, 86)

<sup>660</sup> [3, 5, 221]

<sup>661</sup> (3, 10, 354)

<sup>662</sup> (2, 37, 678)

prática, em apenas três passagens, e elas não esgotam a recorrência desses pontos no texto dos ensaios.

O quinto e último aspecto diz respeito ao que venho tratando como crença e razão humanitária. O altruísmo e a benevolência, ou o amor à humanidade dos cétricos, segundo me ocorrem, são em si objetos de crença pura e simples no cerne do ceticismo. Segundo a interpretação que proponho, essas imagens de transmissão de virtude ou razão humanitária por dentro do ceticismo ganham materialidade por uma estratégia clara de promoção da tranquilidade, a partir da cura das enfermidades sociais trazidas ao convívio comum pelas filosofias dogmáticas. A parcela militante e que fornece sentido à vida e à atividade intelectual dos cétricos impõe a dispersão da cura da mazela originária e a difusão, a partir disso, da vida sob o efeito da suspensão do julgamento. Segundo examino, a exemplo do registro antigo do ceticismo sextiano, Montaigne disputa a interpretação do melhor modo de organizar a vida pública nos ensaios, faz a defesa de sua cidade a partir de si e promove uma intensa discussão com a parcela enferma que conflagra e divide a política.<sup>663</sup> Montaigne entra na disputa propondo argumentos que suspendam a decisão sobre o melhor partido, a melhor religião ou o melhor desenho de organização social.<sup>664</sup> Afirmo que Montaigne vai adiante e que consegue produzir uma interpretação conservadora que articula passado, presente e futuro, de modo que fica evidente que ele possui uma atuação defensiva e propositiva com o mesmo ceticismo pirrônico.

---

<sup>663</sup> (1, 13, 71); (3, 3, 55)

<sup>664</sup> (1, 42, 395) Rei bom e rei mau recebem o mesmo tratamento das aparências.

“De qualquer jeito que se coloquem os homens, juntam-se e se ordenam, como esses objetos heterogêneos que pomos no bolso e que acabam por se ajeitar sozinhos, por vezes melhor do que o faríamos”.<sup>665</sup>

“Hesitamos em tomar partido; nada decidimos livremente, de maneira absoluta, coerente. Se alguém traçasse e estabelecesse determinadas leis de conduta e regime político de vida, veríamos brilhar em seus atos e atitudes uma harmonia cabal e em seus costumes uma ordem e uma correlação evidentes”.<sup>666</sup>

O rodízio desses cinco pontos em *movimento* no *movimento do ensaísta* me sugere um sistema articulado contra a novidade e a favor da permanência da identidade.<sup>667</sup> Além da noção geral de que para um sujeito rebaixado e que não controla a definição exata de si deve haver um aparelho externo, um mundo regular e estável que o ajude, que o fixe na impossibilidade de fixar a si mesmo, penso que há uma parcela desse indivíduo ou sujeito instável filiado a ferramentas específicas do ceticismo, segundo as quais enxerga e age no mundo para a defesa da fixação de objetos comuns.<sup>668</sup> Em outras palavras, ainda que este sujeito seja impreciso, difuso, instável e indefinível pelo verbo *ser*, a parcela de movimento desse mesmo sujeito se articula e se move por aspectos objetivos dentro do ceticismo e dele ao mundo em comum.<sup>669</sup> É possível sugerir duas intranquilidades nesse indivíduo, que são a fixação de si e a fixação do mundo, do que se impõe uma ávida credulidade na existência e na difusão da tranquilidade fora e dentro de si mesmo por cinco partículas de ceticismo. Os mundos inventados por esse sujeito débil e intranquilo nascem sobre o desejo e a crença de que as suas escolhas podem colaborar para a predominância de uma política estável, coordenada pela sua própria noção de tranquilidade.<sup>670</sup> A ataraxia aparece para esse indivíduo como o objeto de desejo,

---

<sup>665</sup> [3, 9, 271]

<sup>666</sup> [2, 1, 292]

<sup>667</sup> (3, 2, 45); (3, 2, 27); (3, 2, 42); (1, 8, 45); (1, 8, 46); (1, 38, 350); (1, 49, 440)

<sup>668</sup> (2, 17, 453); (2, 17, 498); (2, 17, 473); (3, 2, 34)

<sup>669</sup> (2, 17, 482); (2, 17, 485)

<sup>670</sup> (1, 14, 74)

das paixões.<sup>671</sup> Essa paixão original antecede a sua própria opinião sobre as coisas, ela é um preconceito fundo, visceral e ambicioso: ela deseja tutelar o tempo, a política e as suas imagens menores, as instituições. Os três aspectos fundam os mundos que podem garantir a identidade do indivíduo e dele até a de sua pequena aldeia, comunidade e cidade. Por *ambição* ao menos, derrubemos a *ambição da inovação* por outra *ambição de vida tranquila*, assim podemos reescrever Montaigne.<sup>672</sup> A conservação usufrui do preconceito positivo e a inovação experimenta o preconceito negativo da temeridade e a combinação de ambos gera a tranquilidade cética que alimenta premissas teóricas para um indivíduo inseguro do que seja o ser.<sup>673</sup>

A vida do cético é intranquila.<sup>674</sup> Ela impõe o uso repetido de uma máquina de moer ideias presumidamente ameaçadoras.<sup>675</sup> As cinco pontas de ceticismo constituem traves contrárias ao fluxo de um mundo que aparece desregrado e temerário, de modo que apenas uma reflexão conservadora, um pensamento conservador pode atingir o mundo e garantir algum conforto intelectual.<sup>676</sup> A vida sob o predomínio desse pensamento é calma e igualmente objeto de fábula, onírica, da mesma forma como a fabulação que ataca o sujeito dogmático.<sup>677</sup> O uso e o reuso da moenda das soluções dogmáticas aparece no mundo habitado por toda sorte de convivência debaixo da concepção de política e nisso um espaço habitado por toda sorte de quimeras e abstrações idiossincráticas desejando impor novos sistemas ordenadores da conduta humana. O cético não tem outro domínio para apresentar a

---

<sup>671</sup> (1, 14, 79); (1, 14, 99); (1, 21, 144); (1, 21, 145)

<sup>672</sup> (2, 17, 487)

<sup>673</sup> (1, 23, 175); (1, 23, 177); (1, 23, 178); (1, 23, 179)

<sup>674</sup> (1, 23, 180); (1, 23, 181); (1, 23, 182)

<sup>675</sup> (1, 23, 182)

<sup>676</sup> (1, 26, 242)

<sup>677</sup> (1, 50, 449); (1, 50, 448)

sua moenda que não seja no espaço da disputa política, na arena do conflito de interesses de pensamentos articulados a aldeias, famílias, religiões e grupos.<sup>678</sup> A atividade intelectual de Montaigne traz a sintomática obrigação de por ordenadamente sobre essa paisagem conflitante um sistema de reação, garantia e projeção da percepção da tranquilidade.<sup>679</sup> Ao presumir que o ceticismo controla a produção de soluções, ou a presumir que compreende a mecânica que arremete soluções temerárias sobre a convivência comum, resta-lhe o trabalho humanitário de combatê-la como se repele uma doença.<sup>680</sup> A cura chega pela palavra, por isso ele escreve.<sup>681</sup> O outro está doente, por isso ele redige, mas para ser ainda mais preciso, o mundo está doente, é preciso ajudá-lo.<sup>682</sup> A ambição conecta a ambição, a ansiedade conecta outra ansiedade, de modo que é preciso antecipar e atacar o mal pela origem e estabelecer um sistema de detecção da enfermidade de maneira a torná-la nula pelo começo, é preciso verificar os primeiros sintomas da moléstia dogmática e incutir-lhe a cura, arremessá-la contra a moenda cética.<sup>683</sup> Entre os ensaios é possível entrever essa máquina em vários pontos, mas destaco o “De poupar a vontade” por articular um diagnóstico e uma ação defensiva e ao mesmo tempo antecipadora.<sup>684</sup>

“Todas as coisas, ao nascer, são frágeis e tenras. Por isso é preciso ter os olhos abertos para os inícios, pois, assim como não percebemos o perigo delas enquanto este ainda é pequeno, depois que cresceu não lhes achamos mais o remédio. Eu teria encontrado diariamente no trajeto da ambição um milhão de obstáculos mais difíceis de digerir do que me foi difícil deter a inclinação natural que me levava a ela.<sup>685</sup> [...] Todas as ações

---

<sup>678</sup> (2, 18, 499); (1, 39, 356)

<sup>679</sup> (3, 11, 62) Nessa passagem ele ataca a projeção dogmática, a previsão. (3, 11, 64): “(...) diversão de espíritos sutis e ociosos (...)”. Ele apoia e pratica a predição em: (1, 21, 157): “(...) falar sobre o que pode acontecer (...)”. A garantia da ordem aparece em: (1, 23, 173).

<sup>680</sup> (2, 23, 525); (1, 23, 525)

<sup>681</sup> (2, 18, 497); (3, 1, 15); (1, 9, 51); (1, 10, 57)

<sup>682</sup> (1, 26, 221); (1, 26, 223); (1, 30, 294); (1, 30, 295); (1, 30, 296); (1, 37, 344)

<sup>683</sup> (1, 26, 230); (1, 26, 231); (1, 26, 236)

<sup>684</sup> (3, 10, 326); (1, 12, 66); (1, 12, 69); (1, 51, 454)

<sup>685</sup> (3, 10, 354)

públicas estão sujeitas a interpretações diversas e incertas, pois há cabeças demais julgando-as”.<sup>686</sup>

“Mobilizei-me por ele como o faço por mim. É um bom povo, guerreiro e generoso, porém capaz de obediência e disciplina, e de servir a uma boa causa se for bem guiado”.<sup>687</sup>

“(…) de todo coração prestei apoio à sua tranquilidade e facilidade. Quem não quiser ser-me reconhecido pela ordem, pela tranquilidade amena e silenciosa que acompanhou meu governo, pelo menos não pode me privar da parcela que nisso me cabe pelo direito de minha boa fortuna”.<sup>688</sup>

A projeção da vida tranquila traz o peso da responsabilidade a ela associada. Ao arrogar a noção de cura da moléstia alheia, o ceticismo roda em falso e abraça a inversa da tranquilidade. A intranquilidade é a pele de um pensador condenado à pesquisa de soluções diante das inovações que se lançam contra a identidade, contra a regularidade e contra os hábitos. Pela passagem, Montaigne sugere um dispositivo ambicioso de antecipação da produção de inventos. O fim desse equipamento é eliminar o problema no nascedouro, uma ambição tão descabida como a ambição de se atingir a verdade e a essência. Sugere a produção de um termômetro, um indicador claro que verifique, ainda no berço, os traços do que hipoteticamente nos trará dissabores. É preciso fornecer uma papa, mas dessa vez uma papa de fato envenenada para conter o crescimento da moléstia, é necessário recortá-la do convívio comum, da vida em comum, remover esse objeto dotado das prerrogativas da idiossincrasia. Essa percepção pode produzir uma afirmação bastante similar ao estilo dogmático: contra a idiossincrasia, fabriquemos o antídoto idiossincrático, o veneno mais letal. Uma vez na direção do convívio comum, prefeito, Montaigne pulveriza o medicamento como quem introduz a verdade, como quem realiza metas através da regularidade e como quem olha a tranquilidade como objetivo maior.

---

<sup>686</sup> (3, 10, 355)

<sup>687</sup> (3, 10, 355)

<sup>688</sup> (3, 10, 360)

## Bibliografia

ALLEN, James. Carneades. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2004. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/carneades/>>. Acessado em: em 2009.

ARAÚJO, Cícero Romão de. Política e ceticismo. In: SMITH, Plínio Junqueira; SILVA Waldomiro (Org.). **O ceticismo e a possibilidade da filosofia**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Coleção Debates.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6023: Informações e documentação – Referências – Elaboração**. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 10520: Informações e documentação – Citações em documentos – Apresentação**. Rio de Janeiro, 2002.

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Novo Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.

**AZYLLO muito louco**. Filme (1h 40min). Direção: Nelson Pereira dos Santos. Atores: Nelson Dantas, Leila Diniz, Isabel Ribeiro, Nilda Parente e outros. Gênero: comédia. Brasil/Paraty: Riofilme, 1969.

BALTZLY, Dirk. Stoicism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/stoicism/>>. First published Mon Apr 15, 1996; substantive revision Mon Oct 4, 2010. Acessado em: 2010 e 2012.



BANTON, Michael (ed.). **Political Systems and the Distribution of Power**. London: Tavistock Publications, 1965. A. S. A Monographs 2.

BARNES, Jonathan. **The Toils of Scepticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BARNES, Jonathan. The beliefs of pyrrhonist. In: BURNYEAT, M. & FREDE, M. (Ed.). **The original sceptics: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1998.

BETT, Richard. Pyrrho. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.I], 2002. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/pyrrho/>>. Acessado em: 2008 e 2010.

BERNARDO, Gustavo. **A ficção cética**. São Paulo: Annablume, 2004.

BORGES, Jorge Luis. **Discussão**. Tradução Josely Vianna. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOTWINICK, Aryeh. **Michael Oakeshott's Skepticism**. Princeton and Oxford: Princeton, 2011.

BIRCHAL, Telma de Souza. Fé, Razão e Crença na Apologia de Raymond Sebon: *somos cristãos como somos perigordianos ou alemães?* **Revista KRITERION**, Belo Horizonte, n. 111, Jun/2005, p. 44-54.

BRAHAMI, Frédéric. **Le travail Du scepticisme: Montaigne, Bayle, Hume**. Paris: Press Universitaire de France, 2001.

BROCHARD, Victor. **Os Céticos Gregos**. Tradução Jaimir Conte. São Paulo: Odysseus, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pirro e o ceticismo primitivo**. Tradução Jaimir Conte. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-brochard-pirro.pdf>>. Acessado em: 2013. Originalmente publicado na Revue philosophique de la France et de l'Étranger, Ano 6, 1885, p. 517-532.

BURNEYAT, M. F. Can the sceptic live his scepticism? In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in Hellenistic Epistemology**. Oxford: Claredon Press, 1980. p. 20-53.

\_\_\_\_\_. Can the sceptic live his scepticism? In: \_\_\_\_\_ & FREDE, Michael (Ed.). **The Original Sceptic: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing company, Inc., 1998.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução em França**. Tradução Renato de Assumpção Faria, Denis Fontes de Souza Pinto e Carmen Lidia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982. Pensamento Política.

\_\_\_\_\_. **Reflections on the Revolution in France**. Oxford World's Classics. New York: Oxford University Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **A philosophical enquiry: into the origin of our Ideas of the sublime and beautiful**. New York: Dover Publications, Inc., 2008.

BURKE, Peter. **Montaigne**. Tradução de Jaimir Conte. São Paulo: Edições Loyola, 2006. Mestres do Pensar.

BURTIN-VINHOLES, S. **Dicionário de Francês: francês-português, português-francês**. 41. Ed. São Paulo: Globo, 2006.

CECIL, Lord Hugh. **Conservatism**. New York: Henry Holt and Company, 1912. Home University Library of Modern Knowledge.

CICERO. **Selected political speeches of Cicero**. Translated with an Introduction by Michael Grant. New York: Penguin Books, 1969. Penguin Classics.

CONNOLLY, William E. **Political Theory & Modernity**. Cambridge: Blackwell, 1988.

COELHO, Marcelo. **Montaigne**. São Paulo: Publifolha, 2001.

Clássicos Jackson. **Pensadores Franceses: Montaigne, Descartes, Pascal, La Rochefoucauld, La Bruyère, Diderot, J. J. Rousseau**. Tradução de J. Brito Broca. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1960.

CRESSON, André. **Montaigne: sa vie, son oeuvre.** Paris, Press Universitaires de France, 1952.

DA SILVA, H. Pereira. **Montaigne: Brasil, Alma e Obra.** Rio de Janeiro: Museográfica Editora, 1977/78.

DAWSON, Christopher. **Progress & Religion: an historical inquiry.** Washington: The Catholic University of America Press, 2001.

DUBOIS, Claude-Gilbert. **Montaigne et L'histoire.** Actes du colloque international de Bordeaux (29 septembre-ier octobre 1988). Paris: Editions Klincksieck, 1988.

DUHOT, Jean Joël. **Epicteto e a sabedoria estóica.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DUMONT, Jean-Paul. Ceticismo. Tradução: Jaimir Conte. **Encyclopædia Universalis**, Paris, s.d., vol: 14, pp. 719-723. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/dumont.htm>>. Acessado em: 2006.

\_\_\_\_\_. **Le scepticisme et Le phenomena: essai sur la signification et les origins du pyrrhonisme.** Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1972. Biblioteque D'histoire de la Philosophie.

DUVERGER, Maurice. **Ciência Política: teoria e método.** Tradução Heloísa de Castro Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

EHRLICH, Hélène-Hedy. **Montaigne: la critique et le langage.** Paris: Editions Klincksieck, 1972.

EVA, Luiz Antonio Alves. **Montaigne contra a vaidade: um estudo sobre o ceticismo na Apologia de Raimond Sebond.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Fapesp, 2004.

\_\_\_\_\_. **A figura do filósofo.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. Filosofia da visão comum do mundo e neopirronismo: *Pascal ou Montaigne?* In: **O filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat.** São Paulo: Fapesp, 2003. Michael B. Wrigley e Plínio J. Smith (org.). Coleção CLE- volume 36.

ERASMO DE ROTERDÃ. **Elogio da Loucura**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

EVERETT, Daniel L. **Language the cultural tool**. New York: Pantheon Books, 2012.

FARIA, Paulo. A encenação. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 99-130, 2007.

FINDER, John Eastwood. **Oxford Learner's Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

FINLEY, M. I. (org). **O legado da Grécia: uma nova avaliação**. Brasília: Unb, 1998.

FONTANA, Biancamaria. **Montaigne's Politics: authority and governance in the Essais**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2008.

FRAME, Donald. **Montaigne's Essais: a study**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969.

FRANCO, Dalton. **Configuração política em Michel de Montaigne**. 2006. Universidade Federal Fluminense – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Departamento de Ciência Política. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <<http://www.uff.br/dcp/wp-content/uploads/2011/10/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-2007-Dalton-Rodrigues-Franco.pdf>>. Acessado em: 2012.

\_\_\_\_\_. A qualidade da conservação em Montaigne e Hume. In: 8º Encontro da ABCP. 01 a 04/08/2012, Gramado, RS. **Anais...** Área Temática 12 – Teoria Política. 2ª Sessão: realismo, romantismo e ceticismo no Pensamento Político Moderno (Coord: Bernardo Ferreira (UERJ). Resumo disponível em: <<http://www.abcp2012.sinteseeventos.com.br/>>.

FREDE, Michael. The sceptic's beliefs. In: BURNYEAT, M. & \_\_\_\_\_ (Ed.). **The original sceptics: a controversy**. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, Inc., 1998.

FRIEDRICH, Hugo. **Montaigne**. Translated by Dawn Eng. Berkeley: University of California Press, 1991.

GALLIE, W. B. **Philosophers of peace and war: Kant, Clausewitz, Marx, Engels and Tolstoy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

GAZZINELLI, Gabriela G. **A vida cética de Pirro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GIDÉ, André. **O Pensamento Vivo de Montaigne**. Tradução de José Pérez. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

GROAK, Leo. Ancient Skepticism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/skepticism-ancient/>>. Acessado em: 2008 e 2010.

GOODMAN, Nelson. **Modos de fazer mundos**. Tradução António Duarte. Porto: Edições Asa, 1995.

HARTLE, Ann. **Michel de Montaigne: accidental philosopher**. New York: Cambridge University Press, 2003.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A Estética: a ideia e o ideal/Estética: o belo artístico ou o ideal**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005. Coleção os Pensadores.

HILEY, David R. **Philosophy in Question: essays on a pyrrhonian theme**. Chicago: The University of Chicago Press, 1988.

\_\_\_\_\_. The Politics of Skepticism: *Reading Montaigne*. **History of Philosophy Quarterly**, vol. 9, No. 4 (Oct., 1992), pp. 379-399.

HIRSCHMAN, Alebrt. **As paixões e os interesses: argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo**. Tradução Lúcia Campello. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita. 2 ed. 24 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOMERO. **A Odisséia**. Adaptação de Stela Maris Brotoni. Guanabara (Rio de Janeiro): Editora Matos Peixoto, S. A., 1964. Clássicos para a Juventude. Vol. 5. (Prosa)

\_\_\_\_\_. **Ilíada**. Tradução em versos de Carlos Alberto Nunes. 6ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. Clássicos de Bolso.

\_\_\_\_\_. **A Ilíada**. Tradução e adaptação de Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]. Ediouro/70470. Coleção Universidade de Bolso. (Em forma de narrativa).

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. 8 th. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

HUME, David. **Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Tradutora: Déborah Danowsky. São Paulo: Editora Unesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

\_\_\_\_\_. **Essays: Moral, Political and Literary**. Indianapolis: Liberty Fund, 1987. Baseado na edição de 1777 do vol. I of Essays and Treatises on several subjects.

\_\_\_\_\_. **Ensaio Político**. Knud Haakonsen (org.). São Paulo: Martins Fontes, 2003. Clássicos Cambridge de Filosofia Política.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão 2.0a. Abril de 2007. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2007.

KEOHANE, Mannerl O. Montaigne's individualism. **Political Theory**, Vol. 5, No. 3 (Aug., 1977), pp. 363-390.

KIRK, Russell. **The Conservative Mind**. Lexington: BN Publishing, 2008.

KITTO, H. D. F. **Os gregos**. Tradução José Manuel Coutinho Castro. 3. Edição. Coimbra: Arménio, Editor, Sucessor, 1980. Coleção Stvdivm.

LACOUTURE, Jean. **Montaigne a Cavallo**. Tradução F. Rangel. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1998.

LA BOÉTIE, Etienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. Brasília: LGE Editora, 2009.

LAURSEN, John Christian. **The Politics of Skepticism in the Ancients, Montaigne, Hume, and Kant.** Leiden: E. J. Brill, 1992.

LESSA, Renato. **Veneno Pirrônico: ensaios sobre o ceticismo.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. Relativismo e Universais: *um argumento não Gellneriano.* In: **Banco Nacional de Ideias: o relativismo enquanto visão do mundo.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

\_\_\_\_\_. **Agonia, aposta e ceticismo.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEVINE, Alan. Skepticism, self, and toleration in Montaigne's political Thought. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Early Modern Skepticism and the Origins of Toleration.** Lanham: Lexington Books, 1999.

LIMA, Luiz Costa. **Limites da voz: Montaigne, Schlegel.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

LOM, Petr. **The limits of doubt: the moral and political implications of skepticism.** Albany: State of New York Press, 2001.

LOQUE, Flavio Fontenelle. **Ceticismo e religião no início da modernidade: a ambivalência do ceticismo cristão.** São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MACHADO DE ASSIS. **Helena/ O Alienista.** São Paulo: Editora Três, 1972. Obras imortais da nossa literatura.

\_\_\_\_\_. **Balas de Estalo & Crítica.** São Paulo: Editora Globo S.A, 1997. Obras Completas.

\_\_\_\_\_. **Dom Casmurro.** 39ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000. Série Bom Livro.

MADISON, James. **Writings. The Federalist No. 49.** New York: The Library of America, 1999.

MAIA NETO, José Raimundo. **O ceticismo na obra de Machado de Assis**. São Paulo: Annablume, 2007.

\_\_\_\_\_. Epoché as perfection. In: POPKIN, Richard H.; \_\_\_\_\_. (Ed.). **Skepticism in Renaissance and Post-Renaissance Thought: new interpretations**. Amherst: Humanity Books, 2004. (JHP Books Series).

\_\_\_\_\_. Panorama historiográfico do ceticismo renascentista: 1997 – 2007. **Revista Sképsis**, Ano I, n. 1, p. 83-97, 2007. Disponível em: <[http://www.revista-skepsis.com/pdf/83\\_01.pdf](http://www.revista-skepsis.com/pdf/83_01.pdf)>. Acessado em: 2010.

MANNHEIM, Karl. **Essays on the sociology of knowledge**. New York: Routledge, 1952. The sociology of Karl Mannheim. Collected works. Volume V.

\_\_\_\_\_. **Ideology and Utopian: an introduction to the sociology of knowledge**. San Bernardino: Forgotten Books, 2012. Originalmente publicado como: New York: Hartcourt, Brace & Kegan Paul LTD, 1954.

\_\_\_\_\_. **Conservatism: a contribution to the sociology of knowledge**. New York: Routledge, 1986. Collected Works. Volume Eleven. *Volume XI*. The Sociology of Karl Mannheim.

MARCELO, Carlos; RODRIGUES, Rosualdo. **O fole roncou!: uma história do forró**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MARCONDES, Danilo. Ceticismo, filosofia cética e linguagem. In: SILVA FILHO, FILHO, Waldomiro (Org.). **Ensaio sobre o ceticismo**. São Paulo: Alameda, 2007.

\_\_\_\_\_. Juízo, suspensão do juízo e filosofia cética. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano 1, n. 1, p. 69-82, 2007. Originalmente publicado em *Kriterion*, volume XXXV, 93, Belo Horizonte: UFMG, junho de 1996, p. 9-21.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eliane Zagury. 37 edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 1967.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tradução de Eric Nepomuceno. 79 edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.



MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. In: \_\_\_\_\_ & Engels. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1961. Volume I.

\_\_\_\_\_. O Manifesto do Partido Comunista. In: \_\_\_\_\_ & Engels. **Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1961. Volume I.

MELO, Carlos Magno Siqueira. **O ceticismo de Michel de Montaigne no Ensaio Da Amizade**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005. 170fls. il. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&o\\_obra=85491](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=85491)>. Acessado em: 2013.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil: contribuição ao estudo da formação brasileira**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks/Univercidade Editora, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Campinas: Boitempo Editorial, 2002.

MILL, J. Stuart. **Sobre a liberdade**. Tradução Ari R. Tank Brito. São Paulo: Hedra, 2010.

MILIBAND, Ralph. **The state in capitalist society**. New York: Basic Books, Inc., Publishers, 1969.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução Waltensir Dutra. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

\*

-MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 3 Volumes. Coleção Os Pensadores.

-MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes. 3 Volumes. Coleção Paidéia.

-MONTAIGNE, Michel de. **The Complete Essays of Montaigne**. Translated by Donald M. Frame. Stanford: Stanford University Press, 1965. Originalmente publicado em 1957 como *The Complete Works of Montaigne*.

-MONTAIGNE, Michel de. **The Essays/ The Works of Michel de Montaigne.** Tradução (francês/inglês) Charles Cotton. [S.l.]: Liberty Fund – Website. Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/>>. Acessado em: 2010.

-MONTAIGNE, Michel de. **Les Essais.** Versão Digital. eBooks France, [S.l.], Maio, 2000. Disponível em: <[www.ebooksfrance.com](http://www.ebooksfrance.com)>. 3 Volumes. Acessado em: 2010.

-MONTAIGNE, Michel de. **The Journal of Montaigne's Travels in Italy by way of Switzerland and Germany in 1580 and 1581.** Translated and Edited with an introduction and notes by W. G. Waters. In three volumes. Vol. I. London: John Murray, Albemarle Street, 1903. Reimpresso por University of Toronto Libraries, Janeiro de 2013.

\*

MULLER, Jerry. **Conservatism: anthology of social and political thought from David Hume to the present.** New Jersey: Princeton University Press, 1997.

MOREAU, Pierre. Montaigne – *o homem e a obra*. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaio 1.** Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Hucitec, 1987. 3v

NISBET, Robert. **The Quest for Community.** Wilmington: ISI Books, 1990.

\_\_\_\_\_. **Conservatism: dream and reality.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

OAKESHOTT, Michael Joseph. **Rationalism in politics and other essays.** Indianapolis: Liberty Fund, 1991.

\_\_\_\_\_. On Being Conservative. In: \_\_\_\_\_. **Rationalism in politics and other essays.** Indianapolis: Liberty Fund, 1991.

\_\_\_\_\_. **The politics of faith & the politics of skepticism.** New Haven & London: Yale University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. **On History and Other Essays.** Indianapolis: Liberty Fund, 1999.

OLASO, Ezequiel. Zétesis. Tradução Waldomiro José da Silva Filho. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 7-35, 2007.

PERIN, Casey. Pyrrhonian Scepticism and the search for truth. **University of Massachusetts**, [S.l.], 2006. Disponível em:  
<<http://www.umass.edu/philosophy/PDF/Perin/Pyrrhonian%20Scepticism.pdf>>. Acessado em: 2007.

PIZA, Daniel. **Machado de Assis: um gênio brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

\_\_\_\_\_. **Diálogos I**: Teeteto (ou Do Conhecimento), Sofista (ou Do Ser), Protágoras (ou Sofista). Tradução, textos complementares e notas Edson Bini. Bauru: Edipro, 2007. (Clássicos Edipro)

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Tradução Fanny Wrobel. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

POPKIN, Richard H.; MAIA NETO, José R. **Skepticism: an anthology**. New York: Prometheus Books, 2007.

POPKIN, Richard H. **História do ceticismo: de Erasmo a Spinoza**. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

\_\_\_\_\_. **Ceticismo**. Organizador: Emílio M. Eigenheer. Niterói: Eduff, 1996

\_\_\_\_\_. **The History of Scepticism: from Savonarola to Bayle**. New York: Oxford University Press, 2003.

PORCHAT PEREIRA, O. Sobre o que aparece. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 195-229, 2007. Originalmente em *Revista Latinoamericana de Filosofia*, vol. XVII, 2, Buenos Aires, 1991.

\_\_\_\_\_. Sobre o que aparece. In: \_\_\_\_\_. **Rumo ao ceticismo**. São Paulo: Unesp, 2006. cap. 6, p. 117-145.

PORTELA, Patrícia de Oliveira. **Apresentação de trabalhos acadêmicos de acordo com as Normas de Documentação da ABNT: informações básicas.** Publicação de circulação interna – Universidade de Uberaba, Uberaba, MG 2004, atualizada em 2005.

PRADO JÚNIOR, Bento. O Relativismo como Contraponto. In: **Banco Nacional de Ideias: o relativismo enquanto visão do mundo.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

QUESNEL, François. Montaigne. **Stanford Encyclopedia of philosophy**, Stanford University, Metaphysics Research Lab, [S.l.], 2009.  
Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/entries/montaigne/>>. Acessado em: 2009.

RENGGER, N. J. **Political Theory, Modernity and Postmodernity: beyond enlightenment and critique.** Oxford/Cambridge: Balckwell, 1995.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Discurso sobre o objeto: uma poética do social.** São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SÁ PEREIRA, Roberto Horácio. Naturalismo e ceticismo. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 2, p. 69-97, 2007.

SCHAEFER, David Lewis. **The Political Philosophy of Montaigne.** Ithaca and London: Cornell University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. Of Cannibals and Kings: Montaigne Egalitarianism. **The Review of Politics**, vol. 43, No. 1 (Jan., 1981), pp. 43-74. Published by Cambridge University Press. Disponível em meio magnético/eletrônico.

\_\_\_\_\_. Montaigne's Political Reformation. **The Review of Politics**, Vol. 42, No. 3 (Aug., 1980), pp. 766-791. Published by Cambridge University Press.

SEVERINO, Antônio Joaquim Severino. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

SEXTUS EMPIRICUS. **Outlines of Pyrrhonism.** Translated by R. G. Bury. Cambridge: Harvard University Press, 1933. Loeb Classical Library.

\_\_\_\_\_. **Against Professors.** Cambridge: Harvard University Press, 1949. Translated by R. G. Bury. Loeb Classical Library.

\_\_\_\_\_. **Against the Ethicists.** Translation, Commentary, and Introduction by Richard Bett. Oxford: Clarendon Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Outlines of Scepticism.** New York: Cambridge University Press, 2000. ANNAS, Julia and BARNES, J (Ed.).

SHEN, K. The revolution builds: 1791 – 1792. **History of Haiti: 1492 - 1805**, Brown University, Department of Africa Studies, [S.I.], 2008. Disponível em: <<http://library.brown.edu/haitihistory/6.html>>. Acessado em: 2012.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues. **Morte e decomposição biográfica em Memórias Póstumas de Brás Cubas.** 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 216fls. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&o\\_obra=123919](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&o_obra=123919)>. Acessado em: 2011.

SINNOTT-ARMSTRONG, Walter. Moral Skepticism. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**, [S.I.], 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/fall2011/entries/skepticism-moral/>>. Acessado em: 2008 e 2011.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno.** Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SMITH, Plínio Junqueira. Terapia e vida comum. **Revista Sképsis**, São Paulo, Ano I, n. 1, p. 69-95, 2007. Originalmente publicado na revista *Discurso*, Departamento de Filosofia da USP, São Paulo: Discurso Editorial, 1995.

\_\_\_\_\_. **Ceticismo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Filosofia Passo a Passo.

\_\_\_\_\_. **Ceticismo Filosófico.** São Paulo: EPU, Curitiba: Editora UFPR, 2000.

SORABJI, Richard. Causation, Laws, and Necessity. In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in hellenistic epistemology.** Oxford: Clarendon Press, 1980. p. 250-282.

SOUZA FILHO, José Alexandrino de Souza. Montaigne, os canibais e a arte do blefe. **Revista Ciência Hoje**. Outubro de 2002.

STAROBINSKI, Jean. **Montaigne em Movimento**. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

STRAWSON, P. F. **Ceticismo e naturalismo**. Tradução Jaimir Conte. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2008. Coleção Ideias.

STRIKER, Gisela. **Essays on Hellenistic epistemology and ethics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Sceptical Strategies. In: Schofield, M.; Burnyeat, M., Barnes, J (Ed.). **Doubt and Dogmatism: studies in hellenistic epistemology**. Oxford: Clarendon Press, 1980. p. 55-83.

SUBER, Peter. **Classical Skepticism: issues and problems**. Site pessoal, Indiana, 1996. Disponível em: <<http://www.earlham.edu/~peters/writing/skept.htm>>. Acessado em: 2008.

TOQUEVILLE, Alexis. **O antigo regime e a revolução**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1989.

TOURNON, André. **Montaigne**. Tradução Edson Querubini. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

THORSRUD, Harold. Ancient Greek Skepticism. **The internet encyclopedia of philosophy**, [S.l.], [2010?]. Disponível em: <<http://philpapers.org/rec/THOAGS>>. Acessado em: 2010.

TUCÍDIDES. **História da guerra do Peloponeso**. Tradução e apresentação Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Texto grego estabelecido por Jacqueline de Romilly. Coleção Clássicos – História.

VOLTAIR. **Tratado sobre a tolerância**. Tradução Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Editora Escala, [199~]. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 24.

\_\_\_\_\_. **O pirronismo da história.** São Paulo: Martins Fontes, 2007. Projeto VOLTAIRE vive.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego.** Tradução Ísis Lana Borges. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.

VILLEY, Pierre. Os Ensaios de Montaigne. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaio 2.** Tradução Sérgio Milliet, precedido de Montaigne – o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Hucitec, 1987. 3v.

WOODRUFF, Paul. Aporetic Pyrrhonism. In: Julia Annas (Ed.). **Oxford Studies in Ancient Philosophy.** Volume VI, p.139-168. Oxford: Clarendon Press, 1988.

WOLIN, Sheldon. Political theory as a vocation. **The American Political Science Review**, Vol LXIII, December, 1969, No. 4, vol. 63. The American Political Science Association.

WEBER, Max. A política como vocação. In: GERTH, H. H & MILLS, C. Wright (Org.). **Ensaio de Sociologia.** Tradução Waltensir Dutra. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2006.

WEILER, Maurice. Para conhecer o pensamento de Montaigne. In: Montaigne, Michel Eyquem de. **Ensaio 3.** Tradução Sérgio Milliet, precedido de Montaigne – o homem e a obra, de Pierre Moreau. 2 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília/ Hucitec, 1987. 3v.

WOLFF, Francis. **Dizer o mundo.** São Paulo: Discurso Editorial, 1999.

ZALLOUA, Zahi. **Montaigne and the ethics of skepticism.** Charlottesville: Rookwood, 2005.